Oferecido ao Centro de Estudos Filológicos
por

[illegible]

REVISTA LUSITANA

Tipografia do «Porto Medico»
Praça da Batalha, 12-A — Porto.

REVISTA LUSITANA

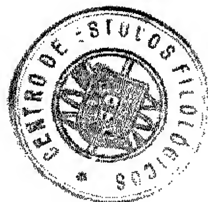
Archivo de estudos philologicos e ethnologicos
relativos a Portugal

DIRIGIDO

POR

J. LEITE DE VASCONCELLOS

Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa
Director do Museu Ethnologico Português



VOL. XIV

LISBOA
LIVRARIA CLASSICA EDITORA
de A. M. Teixeira & C.ta
Praça dos Restauradores, 20

1911

REVISTA LUSITANA

VOL. XIV 1911 N.os 1 A 4

ROMANCES POPULARES

DA

BEIRA-BAIXA [1]

1. Conde d'Allemanha

Já o sol dá no castello,
Já lá vem o claro dia,
Elle o Conde d'Allemanha
Com a Rainha dormia.
Não o sabia El-Rei,
Nem quantos na corte havia;
Sabia-o Dona Infanta,
Dona Infanta, sua filha.
— Se o sabes, minha filha,
Não me queiras descobrir,
Que o Conde é muito rico,
De oiro te ha-de vestir.
— Não quero seus fatos d'oiro,
Tambem os tenho de damasco;
Inda tenho meu pae vivo,
Já me querem dar padrasto!
As mangas d'esta camisa
Eu as não chegue a romper,
Se em meu pae vindo da missa,
Eu lh'o não for a dizer!

— Venha com Deus, ó meu pae,
Mais a sua bizarria!
Elle o Conde d'Allemanha
Comigo brincar queria.

[1] Todos elles são da tradição oral da Rapa, concelho de Celorico da Beira.

— Isso é de ser rapaz,
Sería por zombaria.
— Malo-haja o seu zombar,
Mais a sua zombaria,
Qu'elle pegou-me pela mão,
A' cama levar-me queria!
— Deixa tu dar as tres horas,
Manda-me pôr de jantar;
Deixa tu bater as quatro,
Vê-lo-has ir a degolar.

— Venha ver, ó minha mãe,
Venha ver a fidalguia,
Com a cabeça num prato
E o sangue numa bacia.
— Malo-hajas, minha filha,
Mais o leite que mammaste!
A uma cara tão linda
Que morte lhe tu causaste!
— Cale-se lá, minha mãe,
Não a faça eu calar:
A morte que teve o Conde
Não lh'a faça eu levar,
Que a minha cara sujei
Para a sua lhe limpar.

---

2. **Generardo**

— Generardo, Generardo,
Pagem d'El-Rei mais querido,
Bem pudera Generardo
Tomar amores commigo!
— Estais a zombar, Senhora,
Que eu sou um vosso cativo.
— Não vo-lo digo a zombar,
Que devéras vo-lo digo.
— Diga-me, ó minha Senhora,
A que hora serei servido.
— Lá das nove para as dez,
Quando El-Rei 'stiver dormido.

*

Deu sete voltas ao paço
E outras sete ao postigo;
Lá ao fim das sete voltas,
Deu um ai, deu um suspiro.
— Qual seria o confiado,
Qual seria o atrevido,
Que á porta da Infanta
Se atreva a dar um suspiro?
— Sou Generardo, Senhora,
Que venho ao promettido.
— Se tu eras Generardo,
Entra por esse postigo,
Traz' o calçado da mão,
Que faça menos ruido.

Foram-se deitar na cama
Como mulher e marido.

Lá pela noite adiante
Chama El-Rei o seu criado,
Que lhe desse o seu calçado,
Que lhe desse o seu vestido.
— Ou Generardo é morto
Ou elle está bem dormido!

Foi-se á cama da Infanta
Achou-os rosto com rosto.

— Estoque d'ouro vá no meio,
Que se achem presentidos;
Para matar Generardo,
Criei-o de pequenino...
Para matar a Infanta,
Fica o reinado perdido.

— Generardo, Generardo,
Que assim 'stás de bem dormido!
O estoque de meu pae
Entre nós está mettido!
Vae-te deitar a seus pés
E falla-lhe com sentido,
Que meu pae é mui prudente,
Hade-te casar comigo.

*

— D'onde vens tu, Generardo,
Que assim vens esbaforido?
— Venho da caça, Senhor,
Da caça estruidinho! [1]
— Essa caça, Generardo,
Criei-a eu com meu trigo.
— Aqui estou a vossos pés,
Mandae-me dar o castigo.
— Castigo não vo-lo dou,
Que Deus do Ceu não quer isso;
Quero que vos junteis ambos,
Como mulher e marido.

---

3. **Branca-Flor**

. . . .
— Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae!
Uma mãe que tens
Vae-m'a cá chamar,
Que as dores são tantas
Já não posso estar.

— Levante-se, ó mãe,
D'esse seu dormir,
Que a Branca-Flor
Está para parir.
— Se houver de parir,
Que seja menina,
Que arrebente logo
A mãe mais a filha!

— Conforta-te, ó Rosa,
Co'a Virgem Maria;
Minha mãe não 'stá cá,
Foi p'rá romaria.

---

[1] Por *destruidinho:* estafado, arruinado.

— Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae!
Uma irmã que tens
Vae-m'a cá chamar,
Que as dores são tantas,
Já não posso estar.

— Levanta-te, ó mana,
D'esse teu dormir,
Que a Branca-Flor
Está para parir.
— Se houver de parir,
Que seja varão,
Que arrebente logo
Pelo coração!

— Conforta-te, ó Rosa,
Co'a Virgem Maria;
P'ra onde foi a mãe
P'ra ahi foi a filha.

— Já os gallos cantam,
O' meu amor, vae!
Uma mãe que eu tenho,
Vae-m'a cá chamar,
Que as dores são tantas
Já não posso estar.

— Levante-se, ó mãe,
D'esse seu dormir,
Que a Branca-Flor
Está para parir.
— Se houver de parir,
Que seja menina,
Que seja uma serva
Da Virgem Maria!
Entra cá, ó genro,
Pega no candil,
Lá para o caminho
Me irei a vestir.

*

— O' pastor honrado
Que guardaes o gado,
A que tocam sinos
Naquelle congregado? [1]
— E' á Branca-Flor
Que morreu de parto,
Por causa da sogra
Que lhe deu mau trato.
— Quem tiver as filhas
Case-as na terra,
Que eu tinha só uma,
Fiquei *de* sem ella [2].

---

4. D. Silvana

Indo a D. Silvana
Por um corredor acima,
A tocar numa guitarra,
Oh! que tão bem a tangia!
Acordou seu pae e mãe
C'o estrondo que fazia.
— Que é isso, ó Silvana,
Que é isso, ó minha filha?
— Que ha-de ser, senhor meu pae,
Que ha-de ser, por vida minha?
De sete irmãs que nós eramos,
São casadas, tem familia;
Eu, por ser a mais formosa,
Tambem casada me queria [3].
— Não tenho com quem te case,
Com gente igual á minha,
Só sendo com Conde d'Elvas...
É casado, tem familia.

---

1 Convento?

2 E' considerado grande infortunio para as mães, entre o povo, o casarem-se-lhe as filhas em terra alheia.

3 Ou: «Porque razão ficaria?»

— Com esse, meu pae, com esse,
Com esse é que eu ficaria.
Mande-o chamar, meu pae,
Da sua parte e da minha.

Palavras não eram ditas,
O Conde á porta batia:
— Que é isso, Vossa Alteza,
Que é isso, Senhoria?
— Quero que mates Condessa,
P'ra casares com minha filha.
— Como hei-de eu matar Condessa,
Se ella a morte não merecia?
— Mata, Conde, mata, Conde,
Não me voltes demasia,
E traz-me aqui a cabeça
Nesta dourada bacia.

O Conde foi p'ra palacio
Com tristeza e agonia;
Mandou vestir os criados
De preto, á mouraria;
Fechou portas e janellas,
Cousa que nunca fazia.
— Que tens tu, ó meu bom Conde,
Que tens tu, ó alma minha?
Dá-me da tua tristeza,
Dar-te-hei da minha alegria [1].
— Se t'a eu fôra a contar,
De repente morreria.

Mandou-lhe accender o lume,
Que elle morto de frio vinha;
Mandou-lhe accender o lume,
Elle frio não no tinha.
— Que é isso, ó meu bom Conde,
Que tens tu, ó alma minha?

---

[1] Ou: Conta-me a tua tristeza,
Contar-te-hei minha alegria.

Conta-me a tua tristeza,
Contar-te-hei minha alegria.
Se t'a eu fôra a contar,
De repente morreria.

Mandou-lhe pôr de jantar,
Que elle morto de fome vinha;
Mandou-lhe pôr de jantar,
Elle fome não na tinha.
— Que tens tu, ó meu bom Conde,
Que tens tu, ó vida minha!
Conta-me a tua tristeza,
Contar-te-hei minha alegria.
— Se t'a eu fôra a contar,
De repente morreria.

Mandou-lhe fazer a cama,
Que elle morto de somno vinha;
Mandou-lhe fazer a cama,
Elle dormir não podia.
— Que tens tu, ó meu bom Conde,
Que tens tu, ó vida minha?
Conta-me a tua tristeza,
Contar-te-hei minha alegria.
— Se t'a eu fôra a contar,
De repente morreria.
El-Rei te manda matar,
P'ra casar com sua filha;
Que lhe levasse a cabeça
Nesta maldita bacia.
— Manda-me deitar ao mar,
Que as ondas me encobririam.
— Isso não, Condessa, não,
Que isso El-Rei o saberia.
— Põe-me em casa de meus paes,
Que elles me lá acceitariam.
— Isso não, Condessa, não,
Que isso El-Rei o saberia.
— Deixa-me ir dar um passeio
Da sala para a cozinha:

Adeus, criados e criadas,
Criada a quem tanto queria!
Deixa-me ir dar um passeio
Da sala para o jardim:
Adeus cravos, adeus rosas,
Adeus flor do alecrim!
Anda cá, filho mais velho,
Que te quero ensinar,
Em tendo tua mãe nova
Como lhe deves fallar.
Põe o joelho em terra
E chapeuzinho na mão:
«O' minha madrasta ou tia,
«Deite-me a sua benção».
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite amargurado!
Amanhã por estas horas
Tua mãe 'stará no adro.
Mamma, mamma, meu menino,
Este leite de afflicção!
Amanhã por estas horas
Outra mãe te dará pão.

Tocam os sinos á pressa,
Ai Jesus, quem morreria?
Morreu a D. Silvana
E seu pae ao meio dia.

---

5. Bella Infanta

Estando a Bella Infanta
No seu jardim assentada,
C'um pente d'ouro na mão
Seu cabello penteava.
Deitou os olhos ao mar,
Viu vir uma linda armada,
Capitão que nella vinha
Oh! que tão bem a guiava!

— Vistes vós lá meu marido,
Viste-lo vós lá na armada?
— Nem o vi, nem o conheço,
Dae-me os signaes que levava.
— Levava cavallo branco,
A sobre-sella dourada.
— Pelos signaes que vós daes,
Na armada d'El-Rei ficava,
Ao pé d'uns alamos verdes,
Com a cabeça cortada.
— Ai de mim, triste viuva,
Que será de mim coitada!
De tres filhas que eu tenho
Sem nenhuma ser casada!
— Quanto daes vós, ó senhora,
A quem vo-lo traz aqui?
— Dera ouro, dera prata
E quanto tivera em mim.
— Não quero a vossa prata,
Que me não convem a mim;
Sou soldado, vou p'rá guerra,
Não assisto por aqui.
Quanto dais mais, ó senhora,
A quem vo-lo traz aqui?
— As telhas do meu telhado,
Que são d'oiro e marfim.
— Não quero as vossas telhas,
Que me não convem a mim;
Sou soldado, vou p'rá guerra,
Não assisto por aqui.
Quanto daes mais, ó senhora,
A quem vo-lo traz aqui?
— Os tres moinhos que eu tenho
Todos tres t'os dera a ti:
Um que moe o trigo sacho,
Outro o trigo d'anafil,
Outro que moe a pimenta
Para o Conde de Madrid.
— Não quero vossos moinhos,
Que me não convem a mim;
Sou soldado, vou p'rá guerra,
Não assisto por aqui.

Quanto dareis mais, senhora,
A quem vo-lo traz aqui?
— As tres filhas que eu tenho
Todas tres t'as dera a ti,
Uma para te calçar,
Outra para te vestir,
A mais formosa de todas
Para comtigo dormir [1].
— Não quero as vossas filhas,
Que me não convem a mim;
Sou capitão, vou p'rá guerra,
Não assisto por aqui.
Quanto dareis mais, senhora,
A quem vo-lo traz aqui?
— Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
— Esse corpinho bem feito
Uma noite ao pé de mim.
— Cavalleiro que tal pede,
Que tal se atreve a pedir,
Merecia azorragado
A' roda do meu jardim,
Ala, ala, meus criados!
Ao rabo do meu cavallo,
A' roda do meu jardim.
— Não chameis vossos criados,
Que tambem o são de mim.
Meu annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti?
Mostra-me a tua ametade
Que a minha vede-la aqui.
— Se tu eras meu marido,
Porque fallavas assim?
— E' que eu 'stava a ver se amavas
A outro mais do que a mim.

---

[1] Ou:
Uma para te vestir,
Outra para te calçar,
E a mais formosa de todas
Para comtigo casar.

6. Bernardo Francês

. . . .

— Se tu és Bernardo Francês,
As portas te vou abrir;
Se és outro cavalleiro,
Bem te podes d'ahi ir.
— Mui depressa, mui de pressa,
Vem justiça atrás de mim!
— Deixa tu vir a justiça
Que ella cá não ha de vir.

— Que é isso, Bernardo Francês,
Que é isso, meu cherubim?
Candieiro de sete luzes
Todas sete deram fim.

Pegou-lhe pela mão,
Levou-o para o jardim;
Lavou-lhe os pés e as mãos
Com raminhos de alecrim:
— Que é isso, Bernardo Francês,
Que é isso, meu cherubim?

Levou-o para seus braços,
Deitou-o ao pé de si:
— Que é isso, Bernardo Francês,
Que é isso, meu cherubim?
Já é dada meia noite,
Sem te voltares para mim!
Nestas noites atrás
Não me deixavas dormir,
Os beijinhos e abraços
Eram mais de trinta mil.
Se tens medo a meu marido,
Elle longe está d'aqui;
Cinco mil balas o passem,
A nova me venha a mim!

Se tens medo a meus criados,
Elles não te vêem a ti.
— Não tenho medo aos criados,
Que criados são de mim,
Nem tampouco a teu marido,
Que o tens ao pé de ti.
— Se tu eras meu marido,
Mais te quero eu a ti.
Eram sonhos que sonhava,
O amor é que me levava.
— Cal'-te ahi, falsa, traidora,
Cal'-te, deixa-me dormir!
Deixa tu vir a manhã,
Que negra será p'ra ti!
Vou chamar minhas cunhadas,
Que se despeçam de ti,
Que não façam a seus maridos
O que me fizeste a mim.
Levarás saia de grana
E jaqué de granazil (?),
Gargantilha dolorada,
Que tu o causaste assim.

*

— Onde vaes, Bernardo Francês,
Onde vaes meu serafim?
— Vou a ver a minha amada,
Ha dias que a não vi.
— Tua amada já é morta,
Já morreu, que eu bem a vi.
— Diz'-me os signaes que levava,
Que eu direi se era assim.
— Levava saia de grana
E jaqué de granazil,
Gargantilha dolorada,
Que ella o causou assim.
— Diz-me tu, ó boa velha,
Aonde foi enterrada?
— No convento de S. Gil,
Ao pé do confissionario.

— Abre-te, penha constante,
Serás minha sepultura.
Se nossos ais te não abrandam,
Digo-te, penha, que és dura.

Está muito incompleto. É um dos romances menos conhecidos nesta região. Na minha aldeia só uma pessoa o sabia.

---

7. D. Flores

(Muito incompleto)

. . . .
Deu sete voltas ao muro
Outras tantas ao quintal,
Achava as portas fechadas,
Sem elle poder entrar.
— Anda cá, ó D. Flores,
Que eu te vou pôr de jantar;
Tens alli um menino,
Que é lindo como um crystal.
— Não me importo do menino,
Nem tampouco do jantar,
Quero aqui D. Helena,
Que é o que venho buscar.

— Dêem-me cá o meu fato,
Que me quero ir vestir,
Que vem ahi D. Flores,
Jura que me ha-de partir.
— Deixa-te estar, D. Helena,
Que em vindo D. Flores
Nós o hemos de acommodar,
Mostramos-lhe o teu menino,
Que é lindo como um crystal

— Dêem-me cá o meu fato,
Que me quero apertar,
Vem ahi D. Flores,
Jura que me ha-de matar.
— Deixa-te estar, D. Helena,
Não te podes levantar;

Se vier o D. Flores,
Nós o hemos d'acommodar:
Mostramos-lhe o teu menino,
Que é lindo como um crystal.

— Anda cá, ó D. Flores,
Que te vou pôr de jantar,
Tens alli o teu menino,
Com elle te has-de alegrar.
— Não me importa do menino,
Nem tampouco do jantar,
Quero aqui D. Helena,
Que é o que venho buscar.
. . . .
Sete leguas eram andadas,
Sem um p'ra o outro fallar,
E disse-lhe D. Helena:
— Olha p'ra trás, ó D. Flores,
Olha se queres olhar,
As flores do campo, tão brancas,
Com meu sangue a vermelhar.
— Anda cá mais adiante,
Que te quero ir matar.

— Olha para trás D. Flores,
Olha, se queres olhar;
As flores do campo, tão brancas,
Com meu sangue a vermelhar.
— Anda cá mais adiante,
Inda aqui não has-de ficar.

— Toma lá este menino,
Manda-m'o pôr a criar;
Não m'o dês a tua mãe,
Que é capaz de m'o matar;
Dá-o antes á minha,
Que é capaz de o estimar.

*

D. Flores matou a esposa, e passado algum tempo, voltou de novo á casa da sogra, onde uma cunhada d'elle, chamada Mariana, lhe ministrou um veneno mortal em um pouco de vinho:

— Entra, entra, ó D. Flores,
Entra, se queres entrar;
Abri hoje o nosso vinho,
Quero-t'o dar a provar.

— Mariana, Marianinha,
Que deitaste tu no vinho?
Eu tenho a redea na mão
E já não vejo o cavallinho!
— E pensavas tu, D. Flores,
Que m'as não havias de pagar?
Mataste-me uma irmã,
Que era como um crystal!
— Aqui estou á tua porta,
Manda-me ir a enterrar.

---

8. Santa Catharina

(Incompleto)

— O' Catharina de Jesus,
Conta-me cá tua vida.
— A minha vida, Senhor,
E' triste e amargurada.
. . . .
Inda o sol não era nado,
Seu pae a martyrizava;
Mandou-lhe fazer a roda
De dez mil e onze navalhas.
A roda já estava feita
E a santa preparada:
A santa se ia a sentar,
A roda se escangalhava.
Mandou-lhe fazer um barco
Para andar ao cimo d'agua:
Inda bem o sol não nasce,
O Demonio a tentava.
— Quanto dareis, ó senhora,
A quem vos põe fóra d'agua?
Não quero vossa grandeza,
Só quero a vossa alma.

— Arrenego de ti, Demonio,
Mais da tua má palavra!
A minha alma é para Deus,
Que para Deus foi criada;
O corpo é dos peixinhos,
Que andam n'agua salgada.

A cada verso repete-se, ao cantar-se, o estribilho:

«Ora valha-me Deus
E a Virgem sagrada!»

---

9. D. Anninha

— Levanta-te, Dona Anninha,
Se queres ouvir tocar
O Bernardo caçador
Que comtigo quer casar.

Ouvindo o pae de D. Anninha estas palavras, talvez a alguma aia, ou amiga da sua filha, disse:

— Se eu soubera isso de certo,
Já o mandava chamar;
Ao rabo do meu cavallo
Havia de o arrastar.

Dona Anninha, que isto soube,
Tratou de o avisar.
O Bernardo caçador
A longes terras foi parar.

Passou-se um certo tempo,
Sempre lhe andava a lembrar,
Com saudades tão activas,
Sem lhe querer perpassar.
Tinha tantas saudades,
Que já não podia estar!
Lá ao fim de nove annos
Tratou de o procurar.

Encontrando tres meninas
A coser e a bordar:
— Deus vos salve a todas tres,
Cada uma em seu logar!
O Bernardo caçador
Por aqui não costuma estar?
— O Bernardo caçador
Anda na serra a caçar;
Se isso é de muita pressa,
Nós o mandamos chamar.

Palavras não eram ditas,
Dom Bernardo a chegar.
—Que tens tu, ó Dona Anninha,
Que andas tão triste a chorar?
Quando eu 'stava solteiro,
Não te quiseste casar;
Agora, que estou casado,
E' que me vens procurar.
— Dá-me os teus braços, Bernardo,
Que nelles quero descansar.
— Dera, dera, Dona Anninha,
Se não fôra Guiomar.
— Se tens a mulher bonita,
Deus t'a deixe conservar;
Se tens os filhos pequenos,
Deus t'os deixe bem criar.
Dá-me os teus braços, Benardo,
Que nelles quero descansar.
— Dera, dera, Dona Anninha,
Se elle não fora Guiomar!

*

Morreu um, morreu o outro,
Trataram de os enterrar:
Foi um á porta travéssa,
Outro á porta principal.
Na campa de Dona Anninha
Nasceu uma arvore real;

Na campa de Dom Bernardo
Um pessegueiro molar:
Os ramos que elles deitavam
Bailavam por todo o ar.

Dona Guiomar, que o soube,
Tratou de os degolar:
O sangue que d'elles corria
Caía em rios p'ró mar.

— Não me chameis Dona Anninha,
Nem tampouco Guiomar;
Chamae-me antes carniceiro,
Carniceiro de matar:
Desmanchei um casamento,
Ao ceu se foi a ajuntar.

Vê-se que está incompleto, e muito confundido com outros romances (*Conde Nilo*, *Peregrina*: vide *Romanceiro* de Garrett, I, III, 3.ª ed., p. 15 ss., e 35 ss.) — Cfr. adiante o n.º 20.

---

10. **Frei João**

Frei João se levantou
Um dia de madrugada;
Chegou á porta de Morena,
Por Morena procurava:
— Abre-me a porta, Morena,
Morenita malfadada.
— Como te hei de abrir a porta,
Frei João da minha alma,
Se tenho o filho ao peito,
Meu marido á ilharga?
— O filho deita-o no leito,
A' porta deita-lhe agua,
Que são madeiras de pinho
E fazem muita toada.

— P'ra quem fallas, mulher minha,
P'ra quem dás as tuas fallas?
— Era a filha da forneira,
Que vinha ver se amassava;

Inda o pão não é finto,
Pela poia procurava!
Levanta-te, meu marido,
Chama os perros, vae á caça,
Que não ha melhor coelho
Que é o da madrugada.
— Levanta-te, mulher minha,
Vae reger a tua casa;
A tua filha mais velha
Que côsa numa almofada;
A tua filha mais nova
Que te vá varrer a casa.

Seu marido que saía,
Morena se preparava:
Bom sapato, boa meia,
Que o seu pé lhe arrebentava;
Com boa saia de seda
E por baixo boa anagua.
Foi caminho do convento,
Por frei João procurava.
Frei João, quando a viu,
Deixou de correr, saltava:
Pegando-lhe pela mão,
P'ra sua cella a levava;
Deu-lhe caixinhas de doces
E outras de marmellada.
Lá tanto que se enfadou,
Mandou-a p'ra sua casa.

Lá ao meio do caminho
Seu marido encontrava:
— D'onde vens, ó mulher minha,
Que assim vens tão arraiada?
— Venho de ouvir missa nova,
Que frei João a cantava.
— Que tens tu, ó mulher minha,
Que assim se te mudaste as côres?
Ou tu temestes a morte,
Ou tu tens outros amores.

— Eu a morte não a temo,
Que d'ella hei-de morrer;
Temo a dos meus filhinhos,
Que outra mãe não hão de ter.
— Toma lá esta facada
No centro do coração;
Vae agora descansar
Nos braços de frei João!

---

11. O toureiro

Lá acima, em *Catalona*,
Junto ao pé de *Solfia*,
Correm as moças um touro
Que admirar-se podia.
Puseram por capitão
Um moço da mesma villa;
Calçava meia de seda,
Bom sapato de palmilha.
Ergueu os olhos ao ceu
Ver as horas que seriam;
Puxou pelo seu relogio,
E viu que era meio dia:
— Deitem cá o touro fóra,
Porque já é meio dia.

O touro vinha tão bravo,
Que ninguem o esperaria;
Esperou-o aquelle moço
Por ter grande valentia,
Mas elle espetou-lhe as chaves
Entre a sola e a palmilha.
Não lhe valeu pae nem mãe,
Nem irmãs, que as não tinha,
Mas acudiu-lhe uma moça,
Pelo muito que lhe queria.

— Não me toquem as campanas,
Nem me enterrem em sagrado,
Que digam os passageiros:
«Aqui está um malvado».

Não morreu por ser malvado,
Nem de amores, que os não tinha;
Morreu das chaves d'um touro,
Por querer mostrar valentia.

---

12. A Ermida

(FRAGMENTO

— Venhas embora, marido,
Boa seja a vossa vinda!
Que vos quero perguntar
Que dizem lá pela villa.
— Que te confesses, traidora,
Que te hei-de tirar a vida.
— Quer me mates, quer me deixes,
Eu confessar-me queria.
Se me matares, marido,
Enterra-me na ermida,
Aos pés de Nosso Senhor,
Perto da Virgem Maria.
Vou pejada de oito meses,
Já para os nove corria.

Passados os nove meses
Um lindo cantar se ouvia:
Abriram a sepultura,
Acharam-na lá parida,
C'uma menina nos braços
Que se chamava Maria;
Os anjos foram padrinhos,
Nossa Senhora a madrinha.
— Perdoa-me o que te eu fiz,
Serva da Virgem Maria.
— Como te hei-de eu perdoar,
Se a tua alma está perdida?
A minha está na gloria,
Dos anjos bem assistida.

---

13. **Pastorinha mana**

Um rapaz tinha ido para a guerra; quando de lá voltou, passados annos, soube que uma sua irmã, que elle deixára criança, andava numa serra a guardar ovelhas. Reprehendeu por isso a mãe, que lhe objectou que a sua necessidade a isso a obrigava, e que além d'isso não havia perigo para a honestidade da rapariga, por esta ser muito ajuizada e prudente. O filho apostou então com a mãe em como elle, fingindo-se estranho, se ia encontrar com ella e a persuadia a fugir com elle; a mãe teimava que não: e d'ahi o passo que demonstrou que o rapaz é que tinha razão.

— Pastorinha mana,
Que fazeis aqui?
— Procuro um gadinho
Que eu aqui perdi.
— Andar na montanha
E' um grande perigo;
Digo-lhe, menina,
Se quer vir comigo.
— Não é de homem nobre
O dar tal conselho,
E querer que se perca
O gado alheio.
— O gado alheio
Não quero que se perca,
Quero que tenhamos
Uma hora de sesta.
— Uma hora de sesta
Nem a eu terei;
Que dizem meus amos
Em que me occupei.
— Diga-lhe, menina,
Que se occupou
C'uma nuvem d'agua
Que tudo molhou.
— Dir-lhe-hei a verdade,
Que eu mentir não sei;
Em guardar meu gado
E' que me occupei.
— Escute, menina,
Ouço berrar gado...
— São umas ovelhas
Que me a mim faltaram.

—Quer ella a menina
Que eu lhe vá por ellas,
Antes que ella acabe
Por essas charnecas?
—Como vae briando
De meia de seda!
Olhe não na rompa
Por essa resteva!
—Sapato e meia
Tudo romperei;
Só por lhe dar gôsto,
Eu tudo farei.

—Já vo-las achei,
Aqui vo-las trago.
—O' que bello moço,
Que lindo criado!
—Quer ella a menina
Que demos um brado
A' gente da aldeia
Que acudam ao gado?
«O' gente da aldeia,
«Acudi ao gado,
«Que foge a pastora
«Com seu namorado!»
—O' linda ventura,
O' ventura minha!
Uma pobre pastora
Vir a ser rainha!
—Escute, menina,
Que Deus pode mais:
Pastores e reis
São todos iguaes.
Escute, menina,
Não diga mais nada:
A aposta que eu fiz
Levo-a ganhada.
Digo-lhe, menina,
Do meu coração,
Que venha comigo,
Que eu sou seu irmão.

14. O soldadinho

— Que tens tu, ó soldadinho,
Que andas tão triste na guerra?
Ou te lembra pae, ou mãe,
Ou gente da tua terra.
— Não me lembra pae, nem mãe,
Nem gente da minha terra;
Só me lembra uma menina,
Que é bonita e é donzella.
— Se te lembra uma menina,
Sete annos te darei;
Lá ao fim dos sete annos
A's armas te chamarei.

Palavras não eram ditas,
Soldadinho que marchou:
Lá ao meio do caminho
Seu cavallo se espantou [1].
— Não te espantes, meu cavallo,
Não te espantes agora aqui;
Que eu vou ver a minha amada,
Que ha muito que a não vi.
— Tua amada já é morta,
Já morreu, que eu bem a vi.
— Dá-me os signaes que levava,
Para me eu fiar de ti.
— Os signaes que ella levava
Eu t'os dou agora aqui:
Levava saia de *cramela* (?),
E jaqué de *cramelim* (?);
Levava touca amarella,
Que é cousa que eu nunca vi;
O caixão onde ella ia
Era de prata e marfim.

— Se tu és a minha amada,
Dá-me um beijinho a mim.

---

1 Por sobrevir um borborinho (accrescenta o povo).

— Bocca com que te beijava
Já de terra a eu enchi.
— Se tu és a minha amada,
Dá-me um abraço aqui.
— Braços com que te abraçava
Já os não sinto em mim.
— Venderei o meu cavallo,
Venderei até a mim,
Só para mandar dizer
Missas por alma de ti.
— Não vendas o teu cavallo
E nem te vendas a ti:
Quantas mais missas me dizem,
Mais penas são para mim! [1]
Se te chegares a casar,
Vae-te casar a Sandim,
Que ha lá uma menina
Que se chama coma mim;
Quando por ella chamares,
Lembra-te sempre de mim.
Se chegares a ter filhas,
Leva-as diante de ti,
Que se não percam por homens,
Como eu me perdi por ti.
Adeus, que eu cá vou penando
Por um seculo sem fim!

Supponho-o incompleto, e confundido com o romance do Bernardo-Francês (n.º 6).

---

15. O cego

— Abre-te, porta,
Fecha-te postigo;
Dêem-me um lencinho,
Que eu venho ferido.
— Se você vem ferido,
Venha muito embora,
Que a minha portinha
Não se abre agora.

---

[1] E' superstição seguida entre o povo, pelo menos no d'esta região, que os suffragios e orações aggravam as penas da alma condemnada ao Inferno.

— Acorde, mi madre,
D'esse seu dormir,
Que está ali o cego
Do lindo pedir.
— Pega tu no pão,
Pega tu no vinho,
Vae dar a esmola
A esse ceguinho.
— Não quero o seu pão,
Nem quero o seu vinho,
Quero que a menina
Me ensine o caminho.
— Péga tu na roca,
Péga tu no linho,
Ensina o caminho
A esse ceguinho.

— Espiou-se a roca,
Acabou-se o linho!
Adiante, cego,
Lá vae o caminho.
— Adiante, menina,
Mais um poucochinho,
Sou curto da vista,
Não vejo o caminho.
— Arrume-se, menina,
A' minha capinha!
Entrementes passa
A cavallaria.
— Eu nunca vi cego
De tal bizarria!
Espada de prata
A' cinta cingia!
— A espada é minha,
A cinta é sua;
Acceite, menina,
A quem a procura.
— De condes e duques
Já fui combatida,
Agora d'um cego
Me vejo rendida.

16. O lavrador da arada

Vindo o lavrador da arada,
Encontrou um pobrezinho [1];
O pobrezinho lhe disse:
«Leva-me no teu carrinho».

O lavrador se desceu,
Subia o pobrezinho.
Levou-o p'ra sua casa,
P'rá melhor sala que tinha;
Mandou fazer o jantar
Do melhor manjar que havia:
Elle mandava-o comer,
Elle comer não queria.
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha,
Por cima camelão roxo,
Por baixo cambraia fina.

Lá pela noite adiante
Pobrezinho que gemia:
Levantou-se o lavrador,
Foi ver o que o pobre tinha,
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina.
— Se eu soubera, meu Senhor,
Que em minha casa vos tinha,
Dava-vos a minha alma,
Quanto mais a minha vida!
— Confessa-te, ó peccador,
Confessa bem tua vida,
Tens uma cadeira no ceu
Para ti e tua familia.

A cada verso repete-se, no canto (com melopea muito arrastada), este estribilho:

O' meu Deus!
O' meu Jesus!

[1] Quem m'o dictou, disse: «Pobrezinho encontrou».

17. Santa Ireia

'Stando Santa Ireia
A coser na almofada
Com agulha d'oiro,
Seu dedal de prata,
Chega um cavalleiro,
Pedia pousada.
Se lh'a minha mãe desse,
E' que eu não gostava;
Deu-lh'a meu paezinho,
'Stá muito bem dada!

Lá por noite adiante
A casa roubada:
De sete que eramos,
Só a mim levava.
Ao meio do caminho
Elle me procurava:
— Lá, na tua terra,
Como eras chamada?
— Eu, na minha terra,
Ireia, a fidalga;
Na terra alheia,
Serei desgraçada.
— Por a falla que déste
Serás degolada;
Entre dois penedos
Serás enterrada.

Ao fim de sete annos
Cavalleiro passava:
— Que ermida é aquella
Que tanto alvejava?
— E' Santa Ireia
Bemaventurada;
Entre dois penedos
Se acha enterrada.
— Perdoa-me, Ireia,
Meu amor primeiro;

Se me perdoares
Serei teu romeiro.
—Não, não te perdôo,
Cruel carniceiro,
Que tu me degolaste
Que nem a um cordeiro.

---

18. **Francisquinha**

— Francisquinha á janella,
Parece um ramo de flores;
Oh! quem dormira com ella
Uma noite, sem temores! [1]
. . . .
—Que tens tu, ó Francisquinha,
Que tens tão perdida a côr?
Ou tu temestes a morte,
Ou tu tens novo amor.
—Eu não vos temo a morte,
Nem d'ella tenho temor;
Só acho que perderia
A chave do corredor!
—Não temas tanto a chave,
Nem d'ella tenhas temor;
As chaves eram de prata,
D'ouro lh'as mandarei pôr.
De quem é aquella camisa
Feita com tal perfeição?
—E' vossa, meu marido,
E feita por minha mão.
—De quem é aquelle cavallo
Que na loja relinchou?
—Elle é vosso, meu marido,
Que meu pae vo-lo mandou.

---

[1] E' a falla do amante: cfr. Wolf & Hofmann, *Primavera y flor de romances*, n.º 136 e 136 A. Quanto ao começo, cfr. Th. Braga, *Romanceiro*, 1867, n.º 32. — E vid. o romance seguinte.

—De quem é aquella espada,
Que os copos d'ouro são?
—Matae-me co'ella, marido,
Que me achastes em traição.

---

19. **Filomena**

Estando D. Filomena
No seu jardim assentada,
Deitou seus olhos alem,
Seus olhos alem deitava;
Viu vir um soldadinho,
Muito lhe apertou a mão:
—D'onde vindes, soldadinho?
Vinde em boa occasião!
Meu marido não 'stá cá,
Foi p'rá Serra do Marão.
Se vós quereis que elle cá não volte,
Deitára-lhe a excommunhão:
«O' corvos, tirae-lhe os olhos
«E a raiz ao coração!»
—Que cavallo é aquelle
Que ás Ave-Marias rinchou?
—E' o meu mano mais novo
Que da cama resonou.

Palavras não eram ditas,
O marido que chegou:
—Que espada é aquella,
Que os copos d'oiro são?
—Matae-me co'ella, marido,
Que me achastes em traição.
—Eu a morte não t'a dou,
Dê-t'a Deus, que te criou!
Só quero que teu pae saiba
A mulher que me entregou.

---

20. **O cavalheiro**

Cavalheiro se namorou
Da filha de seu senhor.
. . . .
Deitou-se de terra em terra
E de logar em logar;
Já trazia a bocca secca
Do cavalheiro perguntar:
—Não mora aqui um cavalheiro,
De longes terras natural?
—Elle aqui mora, senhora,
Não está cá, foi caçar;
Se sua pressa é muita,
Nós o mandamos chamar.
—Ella a pressa muita era,
Mas eu sempre hei de esperar.

Palavras não eram ditas,
Cavalheiro a chegar.
—Quem te trouxe aqui, ó Nina,
De longes terras natural?
—Os teus amores, cavalheiro,
Me fizeram aqui chegar.
—Quando eu quis, não quiseste,
Já vos não posso amar:
Tenho minha mulher moça,
Que Deus m'a deixe gozar!
Tenho meninos pequenos,
Que Deus m'os deixe criar!
—Dá-me teus braços cavalheiro,
Que nelles quero expirar.

—Que farei aqui, mulher,
Que farei em tal pesar?
—Eu te dou os meus conselhos,
Se os tu quiseres tomar:
Agarra-a pelo cabello,
E vae-a deitar ao mar.
—Isso não faço, mulher,
Que ella é de sangue real.

—Que farei aqui, mulher,
Que farei em tal pesar?
—Manda-a pelos teus criados
A enterrar no areal.
—Isso não faço, mulher,
Que ella é de sangue real;
Antes faço um monumento,
Todo de pedra-crystal,
Para os que morrem de amor
Nelle se irem a lançar.

Vinham de enterrar a Nina,
Já d'elle faziam signaes.
Um enterraram-no á pia,
Outro ao pé do altar;
De um nasceu uma oliva,
Do outro um lindo craveiral.
A oliva dava azeite
P'ra o Senhor se alumiar;
O craveiro dava cravos
Para o Senhor se enfeitar.
Deram em crescer, crescer,
Ao ceu queriam chegar,
E no mais alto raminho
Lá se foram abraçar.
Vereis aqui o amor firme
No que se vem a acabar.

---

21. **Ricardo**

—O' Ricardo, ó Ricardo,
Retrato da minha alma,
Se tu deves alguma cousa
A alguma moça honrada!
Devo-a a D. Maria,
Áquella triste desgraçada;
Cá lhe deixo mil cruzados
Para ver se ella se casa.

— Mil cruzados não é nada,
Uma honra não se paga.
— Cá lhe deixo outros tantos
Para a mesma desgraçada.

Palavras não eram ditas,
D. Maria chegava;
Descalcinha pelo chão,
Os seus pézinhos mirava.
— Venha cá, ó minha mãe,
Depressa, não devagar,
Mande-me chamar um padre,
Que me quero confessar,
Aqui está D. Maria,
Que sua mão me ha de dar.

---

22. **Oração**

Mais alta vae a lua
Do que o sol ao meio dia;
Mais alta vae a Senhora
Quando para o Ceu subia.
Madanella ia atrás d'ella,
Alcançá-la não podia;
Quando a chegou a alcançar,
'Stava a Senhora parida.
Tanta pobreza lá tinha,
Que nem um panno havia;
Lançou as mãos á cabeça
D'um véuzinho que trazia;
Em quatro quartos o fazia,
E Jesus embrulharia.
Desceu o anjo do ceu á terra
A cantar alleluia;
P'ra lá tornou a subir
E lá lhe procurariam:
«Custodio, como fica là a parida?»
«A parida fica boa
Numa salinha de prata
Forrada de ouro fino».

*

Quem esta oração disser
Sete vezes na quaresma
E outras tantas no carnal,
Lá virá dia de Juizo,
Achará as portas do Ceu abertas
E as do Inferno não as verá.

Escusado seria dizer que os romances precedentes foram colligidos, e são aqui reproduzidos, com toda a fidelidade.

Rapa, Março de 1910.

MARIA ANGELICA FURTADO DE MENDONÇA.

LEXICOLOGIA

Bada, abada; ganda; bicha. Caruma, fôlha

Num excelente artigo, publicado no primeiro fascículo do volume 13.º desta Revista, e que nele ocupa de páginas 46 a 65, diz-nos o snr. Gomes de Brito que a forma *bada* deverá ser simplificação de *abada*, ou *abbada*, a qual seria a primitiva, que os nossos cronistas da Ásia haveriam ali encontrado para designar o «rinoceronte»; seja qual fôr a origem daquela denominação, com a qual êles não quiseram nomear exclusivamente a fêmea, mas sim meramente o indivíduo da espécie, aquele colossal paquiderme, sem diferenciação de secso. Acrescenta o vernáculo escritor que dá a preferência ao género masculino, tanto para *(a)bada*, como para o seu sinónimo *ganda*, igualmente empregado por autores nossos; sem nos dizer porém claramente o motivo dessa preferência, a não ser de relance, ao pôr em confronto *bada*, *ganda* com o *rinoceronte*. Se todavia os houvesse pôsto em paralelo com *fera*, *alimária*, que nos aponta, já o leve vestígio de analogia, em que se estribou, haveria de todo perdido o valor que lhe dá, para sugerir que se deva dizer, contra todas as abonações de escritores nossos, *o abada*, *o ganga*, como nome gramaticalmente masculino em português, só porque em sânscrito *ganda* é masculino, como o é derivado *gandaka*. Vou procurar responder, com a possível brevidade para evitar discussões ociosas, aos dois pontos capitais em que o douto escritor diverge do meu modo de ver. São êles a forma *abada*, que eu julgava ter demonstrado, nas APOSTILAS que cita, não ser a verdadeira, mas sim *bada*, e o género gramatical que se lhe deva atribuir em português, se o femenino, que lhe deram os nossos antigos escritores, se o masculino, que em francês houve quem lhe aplicasse. Sempre o famigerado francês a mandar em nossa casa, até em vocábulos nossos e por nós divulgados!

A forma primitiva dêste nome peregrino em português parece-me ter sido *bada*, que reproduz o termo malaio *bádaq*, como a defendi nas APOSTILAS.

Com efeito, se a origem dêste termo fosse a arábica, hesitantemente preferida por Burnell e Yule, como eu ali dissera, a sua acentuação teria sido *ábada*, recebida, como de certo foi, a palavra auricular-

mente, e dessa forma *ábada* é impossível obter, também de ouvido, e transmitir pela escrita, a redução *bada*, com perda da sílaba predominante, aquele *á* inicial.

É êste o motivo pelo qual eu repudiei a hipótese timorata dos dois doutíssimos indianistas indicados, e dei a preferência ao vocábulo malaio *bádaq*, como origem imediata do termo português; pois, com efeito, no baixo malaio, idioma de geral comunicação no sul da Ásia, *bádaq gádia* é o nome do rinoceronte de um só chifre, *bádaq karbo*, o do rinoceronte de dois chifres, como se pode ver no Dicionário malaio-holandês de C. J. Morel. A outra forma, *abada*, deve de ter provindo de se haver soldado ao termo *bada* o artigo *a*, como aconteceu com *amora*, por *a mora* (cf. *Moreira*, nome próprio), forma ainda vernácula em Portugal (v. REVISTA LUSITANA, XI, 481 e XI, 314).

Esta adjunção do artigo é freqùente, tanto em português como nos mais idiomas neo-latinos, de que citarei, de passagem, aqui as palavras francesas *loriot*, *luette*, *lierre*, por *l'oriot*, *l'uette*, *l'ierre*, de aureólum, uuetta, hedera.

Pelo que respeita ao género gramatical de *bada* em português, independentemente de secso, vemos que para os nossos cronistas, que primeiro fizeram menção do termo, êle era femenino, simplesmente porque terminava em *a*, e não há motivo plausível para lhe irmos, por novidade pretensamente lógica, atribuir o género masculino. Outro tanto acontece com *cuda* nome dado a uma raça de garranos que se procreou em Timor, e é o nome pelo qual em malaio se designa o cavalo (*kuda*), como nome da espécie, sem secso. Se o género gramatical masculino houvesse de ser o preferido para designarmos o indivíduo, sem aludirmos ao secso, teríamos, com o mesmo fundamento com que se pretende dizer *o bada*, de alterar *a pantera*, *a lontra*, *a coruja*, *a sarda*, *a truta* para *o pantera*, *o lontra*, *o coruja*, *o sarda*, *o truta*; *a formiga* passaria a ser *o formiga*; e principalmente deveríamos dizer *o águia*, em vez de *a aguia*, só porque os franceses se lembraram de fazer masculino o nome que lhe dão, *aigle*, apesar de em latim aquila ser femenino, o que, suponho, não passará pela cabeça de ninguêm. É o caso do tam debatido *le choléra*, a que em português corresponde *a cólera*, porque êste vocábulo termina em *a* e não designa indivíduo do secso masculino. E mesmo nesta última condição temos nós *pessoa*, que continua a ser do género gramatical femenino, mesmo quando com êste substantivo mencionamos qualquer homem.

Os géneros gramaticais são cousa tam caprichosa nos idiomas que os distinguem, que em alemão, por exemplo, a mulher, *weib*, não é do género femenino, mas do neutro. Em português *pé* é masculino, *mão* é femenina; em russo ambos os substantivos são femeninos, *nogá*, *ruká*.

Em italiano **flor** é masculino, *fiore;* **sal** em castelhano, femenino, como também **mel**: *la sal, la miel.* Em francês *renard,* masculino, designa em geral o indivíduo da espécie, sem distinção de secso, tal qual como *raposa,* femenino, em português, como *volpe,* em italiano, tambem femenino: E muitas vezes esta predilecção por um ou outro género gramatical não se baseia no género a que o nome pertence na língua de que foi derivado, mesmo evolutivamente.

O argumento de que em sánscrito *ganda* é masculino (GANDA) vemos, pelo que fica exposto, que não é razão para que, adoptado em português, masculino fique. Com *bada,* porém, ainda a alteração de género gramatical, de femenino para masculino, teria menos fundamento.

Em malaio, como em uma infinidade de idiomas, com êle aparentados ou não, o género gramatical é cousa que não existe: *bádaq* designa, indivíduo, ou indivíduos da espécie, por que a noção de número também lhe é estranha, com o rigor com que a expressamos. Para particularizarem o indivíduo teem de lhe antepor o numeral «um», *satu,* abreviado em *sa;* como para lhe ficsar o secso recorrem ás palavras *diántan* «macho», e *betina,* «fêmea»; assim, **um rinoceronte**, dir-se-há *sa bádaq,* porque *bádaq* sómente, tanto pode significar **um** como **muitos**; outro tanto acontece com o *kuda* citado, que quere dizer «gado cavalar»; *cavalo* dir-se-há *sa kuda diántan.* Nem estes colectivos são de todo estranhos às nossas línguas neo-latinas, como se reconhece em *povo, gado, criação, uva, sal, fruta,* etc., em português.

Notarei ainda que a palavra *alimária,* a que já me referi, e que actualmente é sinónima de «animal», deveria ser em tempos antigos um substantivo colectivo, visto proceder do latim animalia, plural de animal, equivalendo portanto ao colectivo mais moderno *bicharia,* em significação.

Nota o snr. Gomes de Brito a escrita *abbada,* com dois *bb* na ARTE DE FURTAR, e na obra de Montecuccolo ISTORICA DESCRITTIONE (N. pag. 47), julgando admissível que a ortografia usual *abbade* em português possa ter influído na escrita da forma portuguesa, *abbada* por *abada;* mas não lhe parece provável que haja tido igual influência na forma italiana usada por Montecuccolo, *abbada,* visto que *abate* em italiano se escreve com um só *b:* poderia acrescentar que assim se pronuncia também. É necessário advertir em que, se modernamente prevalece *abate* a *abbate* em toscano, assim não era antigamente, pois se dizia e escrevia *abbate,* como ainda hoje se diz e se escreve *abbatessa,* e mesmo *abbadia,* por *abadia.* Parece-me portanto que, efectivamente, foi a escrita dêste vocábulo que, tanto em português como em italiano, originou a forma espúria *abbada,* e que não existe o mínimo fundamento para supormos que a forma originária do termo em

qualquer idioma asiático ou africano motivasse a duplicação, como feição ortográfica legítima. Para admitirmos a hipótese, discutindo-a, fôra necessário que quem a estabelece nos indicasse em qualquer idioma vernáculo essa particularidade, o que não fêz, e estou em dizer lhe seria impossível fazer. Geminação efectiva de consoantes não é cousa que se aceite sem prova, nem mesmo como simples expediente ortográfico, mormente se se quere atribuir a idiomas analfabéticos, ou com sistemas peculiares de escrita, muito diferentes do nosso.

Estranha o snr. Gomes de Brito (pag. 52) que o cronista Gaspar Correia, referindo-se á ganda, lhe chame *bicha*, — « E diante dos alifantes oitenta gandas, como uma que foi a Portugal o que chamarão (chamaram) *bicha* ». O texto diz *bichá*, mas tem razão o snr. G. de Brito em o considerar êrro tipográfico ou de cópia,

Ora, êste texto, à parte a correcção de *bichá* em *bicha*, oferece outro objecto de curiosidade. O cronista não dá a entender que *bicha* seja outro nome vernáculo da *ganda*, mas sim que os portugueses (que não sabiam o nome do animal) lhe chamaram *bicha*. Por outra parte o vocábulo *bicha*, que procede do latim bestia, e de que se formou um masculino *bicho* em português e em castelhano, tanto pode designar um animal minúsculo, um verme, ou um réptil, como o maior dos quadrúpedes, um elefante, um rinoceronte, um touro. Como em latim bestia se aplica a um animal qualquer, não é de admirar que em italiano (*biscia*) queira dizer, «cobra», em francês *(biche)* « corça », em inglês *(bitch)* « cadela », e é inútil excogitar-se influência dêsse francês *biche* no português *bicha*, para que êste possa aplicar-se a outro quadrúpede, grande ou pequeno, ou que o autor das LENDAS DA ÍNDIA aproveitasse o termo neste sentido, ao contar-nos que os portugueses assim denominavam o rinoceronte, por lhe não saberem outro nome, naturalmente. É sabido que *bicho* significa um qualquer animal, desde um verme, até o mais alentado touro.

Em castelhano o femenino *bicha* é de raro emprêgo, e o masculino *bicho* tambêm, pela sua parte, poucas vezes se usa na acepção de « verme », na qual é usualmente expresso pela palavra *gusano*. Do masculino *bicho*, para denotar um animal pequeno, usou Camões na última estança do I canto dos Lusíadas:

> Que não se arme e se indigne o céu sereno
> Contra um bicho da terra tam pequeno?

O que temos pois de fazer é acrescentar às várias acepções de *bicha*, admitidas nos dicionários portugueses, mais esta, equivalente a ***bicho***.

Eis o que a leitura atenta do valioso artigo do snr. Gomes de Brito me sugeriu, e que submeto à sua apreciação e à dos leitores da REVISTA.

Aproveito esta ocasião para responder também a um pequeno reparo que em outro artigo publicado no mesmo fascículo se faz a outro passo das APOSTILAS AOS DICIONÁRIOS PORTUGUESES, no qual tratei (pág. 250 do 1.º tomo) do termo *caruma*, atribuindo-lhe valor colectivo. Lembra-me o snr. Cláudio Basto, autor desse artigo («Falas e tradições do distrito de Viana-do-Castelo»), que *fôlha* é semelhantemente um colectivo. Nem eu dissera o contrário, mas sim que o termo *caruma* não designa um nomen unitatis, como *fôlha* o pode designar: confronte-se o que antes aqui digo a respeito de *gado, uva, fructa, sal*, fenómeno de que poderia citar numerosíssimos exemplos em português e noutros idiomas.

São dignos de especial menção no importantíssimo artigo do snr. Cláudio Basto, a que me estou referindo, entre outros termos nele coligidos, aqueles derivados com os suficsos *eira* e *eiro* (nota 2, da pág. 89), como *pingueira, folheirazinha, peleiro, cabeleiro*, nomes de unidade, a par dos colectivos *pinga, folhazinha, pêlo, cabelo*, etc., o último dos quais eu incluíra nas APOSTILAS (pag. 183, 1 vol). Não menos curiosos são no mesmo artigo os numerosos vocábulos, perfeitamente definidos, subordinados à epígrafe **gravalha**, e que trazem ao nosso lécsico vernáculo uma apreciável contribuição, tratada com o maior escrúpulo e rigor.

A. R. Gonçalves Viana.

TRADIÇÕES POPULARES

DO

BAIXO ALEMTEJO

(OURIQUE)

I

ROMANCES

---

1. D. Maria

Indo D. Maria
Pelos seus corredores acima,
Tocando na sua guitarra
Com muito grande alegria,
Acordou el-rei seu pae
Com o estrom [1] qu'ella fazia.
— O que tendes, filha minha?
O que tendes, D. Maria?
— Tres irmãs que nós eramos...
Só eu estou na solteiria.
— Se eu não tenho com quem te case...
Com tamanha phantasia,
Só se o conde conde...
E' casado tem familia.
— Esse mesmo é que eu quero;
Esse mesmo é que eu queria.
Mande o meu pae já chamar
Pelos criados que havia.

— Inda agora chego da côrte,
Já el-rei me manda chamar.
Não sei se será p'ra meu bem,
O' se será p'ra meu mal.

---

1 «Estrondo». Palavra usual.

— Que me quer vossa alteza?
Vossa alteza que me queria?
— Quero que mate a condessa
P'ra casar com D. Maria.
— A condessa não mato eu,
Que ella a morte não merecia:
Mandarei-a para os paes,
Que elles inda a acceitaria.
— Mata conde, mata conde,
Não me tornes demasia.
Traz-me a cabeça
Nesta dourada bacia,
Antes d'uma Ave-Maria.
— Mandarei-a p'ró convento
Onde estão nas recolhidas.
— Isso não quero eu, conde,
Que é deshonra p'rá minha filha.
Mata conde, mata conde,
Não me tornes demasia.
Traz-me a cabeça
Antes d'uma Ave-Maria,
Dentro d'esta bacia.
— Mandarei-a deitar ao mar
Onde os peixes a comeria.
— Isso não quero eu, conde,
Que é deshonra p'rá minha filha.
Mata conde, mata conde,
Não me tornes demasia.
Traz-me a cabeça
Nesta dourada bacia
Antes d'uma Ave-Maria.

Mandou vestir o palacio de luto
E pôr tudo á mouraria;
E mandou pôr a sua mesa
Só p'ra fingir que comia.
Mas as lagrimas eram tantas
Pela toalha corria.

— Conta, conde, da tua agonia,
Assim como contavas da tua alegria.
O' conde, que jà não és

Como d'antes, d'algum dia!
— Se eu te fosse a contar,
Condessa como não ficaria...
El-rei que me mandou chamar
P'ra matar a condessa
E casar com D. Maria.
— Mandarás-me p'rós meus paes,
Que elles ainda me acceitaria.
— Isso lhe disse eu,
E elle disse que não queria,
Que trouxesse a cabeça
Nesta condemnada bacia,
Antes d'uma Ave-Maria.
— Mandarás-me p'ró convento
Onde estão nas recolhidas.
— Tudo isso lh'eu lá disse,
E elle disse que não queria.
Que trouxesse a cabeça
Nesta condemnada bacia,
Antes d'uma Ave-Maria.
— Mandarás-me deitar ao mar,
Onde os peixes me comeria.
— Tudo isso lh'eu lá disse,
E elle disse que não queria.
Que trouxesse a cabeça
Nesta condemnada bacia,
Antes d'uma Ave-Maria.

Razões não eram ditas,
El-rei á porta batia.
Se a condessa não é morta,
Elle já a mataria.
— A condessa não é morta,
Mas já está nessa agonia.
— Deixa-me ir dar um passeio
Da sala até ao jardim:
Adeus cravos, adeus rosas,
Meu raminho d'alecrim.
Deixa-me ir dar um passeio
Do jardim até á cozinha:
Adeus criados e criadas,
O' aias que foram minhas.

Deixa-me ir buscar meu filho
Que lhe quero dar de mamar:
—Mamae filho, mamae filho
Esta pinga de amargura;
Que àmanhã por esta hora
Está tua mãe na sepultura.
Mamae filho, mamae filho
Este pingo de Veneza;
Que ámanhã por estas horas
Já és filho da princesa.
Mamae filho, mamae filho
Este pingo amargurado,
Que amanhã por esta hora
Já teu pae é rei *croado*.

Tocam-se os sinos da Sé,
Ai Jesus quem morreria?

E o menino de nove mezes respondeu:

— Morreu o rei, mais D. Maria,
Que tal offensa fazia:
Queria desapartar um casal,
Era coisa que Deus não queria.

---

2. D. Alberto

— Não cases com a moça, Alberto,
Que ella é filha de seu sior;
Que ella é d'alta linhagem,
Logo te perde o amor.

D. Alberto ouviu aquillo,
Largou terra, foi casar.
A moça, com saudades d'Alberto
A fizeram desterrar,
Indo d'uma terra a uma terra,
D'uma terra a um logar.
— Dar esmola á pelingrina
Que aqui anda a pelingrinar;
Que a pelingrina já foi rica,
Tambem já teve que dar.

Passou por aqui D. Alberto
Moço do meu natural?
— D. Alberto não está ahi,
D. Alberto foi caçar;
Mas se elle é cá muito preciso,
Eu já o mando chamar.
— Deixa ir caçar o homem,
Deixa ir desenfadar.

As razões não eram ditas,
D. Alberto a seus portaes.
— Que fazes aqui, moça
Do meu natural?
— Saudades tuas, Alberto,
Me fizeram desterrar,
Vindo d'uma terra a uma terra,
De uma terra a um logar.
Dar esmola á pelingrina
Que aqui anda a pelingrinar;
Que a pelingrina já foi rica,
Tambem já teve que dar.
Passou por aqui D. Alberto,
Moça do meu natural?
— O que queres tu que eu faça
Neste tão grande pesar,
Se eu tenho iguaes pequeninos,
E a mulher por sustentar?
—Se tens filhos pequeninos,
Deus t'os ajude a criar.
E se tens a mulher moça,
Deus t'a ajude a casar.
Mas dae-me esses teus braços
Que nelles me quero finar.

Ella se fez uma pomba
E elle num pombo real;
Ella cá acima á igreja,
Elle lá abaixo ao altar.

— Meu compadre caçador
Que tambem caça
Se pretende de matar,

Mate-me aquelle casal
Que anda naquelle pombal.
— Comadre, eu sou caçador,
E pretendo de matar;
Mas casal que Deus fez
No ceu se ha-de ajuntar.

---

3. D. Mariana

—O' minha mãe, eu fiz uma aposta,
A' ponta da minha espada
(Ou hei-de perder ou hei-de ganhar),
De enganar D. Mariana
Das Arraiolas do Mar.
— O' meu filho, não apostes
Que não ha-des ganhar;
D. Mariana é muito séria,
Não a hades enganar.

Elle se vestiu em trajo de donzellinha
Pela praia a passear.
Ella bem o viu lá andar.
— Que fazes tu, donzellinha,
Pela praia a passear?
— Seu fiado venho buscar.
— Meu fiado, não está pronto,
Mas já se vae aprontar.
Entre, donzellinha.
— Não, minha senhora.
Tenho medo d'ahi estar:
Alguns dos seus manos
Que de mim queira zombar.
— Entre, donzellinha,
Que no meu quarto estará.
— Tenho medo, ó minha senhora!
Estará ahi algum dos seus criados
Que de mim queira zombar.
— Entre donzellinha,
Que no meu leito dormirá.

(Pela meia noite começa a gritar que tinha um homem na sua cama).

— Cale-se, minha senhora,
Que ninguem ha-de dizer tal.
Que eu fiz uma aposta
A' ponta da minha espada:
Que donzella que enganasse
A não difamasse.

Inda a manhã não vinha rompendo,
Já se elle ia gabando [1]
Que tinha dormido com D. Mariana
Das Arraiolas do Mar.
Os irmãos ouviram aquillo,
O quiseram duvidar;
Mas pelo sim pelo não,
Ó seu pae o foram contar.
— Alto, alto, meus criados!
Por isso estão a meu mandado.
Vão colher lenha
E levem D. Mariana
Das Arraiolas do Mar,
Que é p'rà queimar.

E D. Mariana que isto ouviu
A' sua janella somou.
— Não 'parcer por aqui um rapazinho,
Que de Deus fosse mandado,
Que esta carta fosse levar
A D. Carlos
Da outra banda do Mar,
E meu dinheiro fosse ganhar!
—Ó minha senhora,
Essa carta quero levar
A D. Carlos das bandas do Mar,
E o seu dinheiro quero ganhar.
—Se elle estiver dormindo,
Espera que elle acorde;
Se elle estiver jantando,
Espera qu'elle acabe de jantar;
E se estiver passeando,
Dá-lh'a, que não ha-de acabar.

---

1 Já se elle ia a gabar.

*

Foi em tão boa hora
Que estava a passear.
— Alto, alto meus criados!
Por isso estão a meu mandado.
Peguem-me naquelles cavallos,
Vão-nos ferrar
Com ferraduras de bronze,
Que se não possam gastar;
Que caminho que s'anda em quinze dias
Inda hoje temos de andar.

(Disfarçou-se de frade e abalou.)

Chegando ao pé de D. Mariana
E dos criados que a iam matar:
— Alto, alto, meus senhores!
Já se podem retirar,
Que esse menina que ahi vem
Inda vae por confessar.
—Pode-a ir confessar
Emquanto nós vamos jantar,
E o nosso corpo descansar.

Elle no meio d'isto tudo,
Quando a foi confessar:
—Confesse, menina,
Que bem tem que confessar,
Que no meio da confissão
Um beijinho me ha-de dar.
—Não permitte Deus *dar célos*,
Nem sua paternidade,
Onde D. Carlos não pôs boca,
Menos ha-de pôr um frade.
— Eu D. Carlos sou, menina,
Que da morte te venho livrar.

4. Bernardo Francês

Estando na minha cama
No melhor do meu dormir,
Ouvi cavallos á porta
E espadas a tinir.
— Se é Bernardo Francês,
Minha porta vou abrir;
Se é algum dos seus criados,
Já se póde d'ahi ir.
— Eu Bernardo Francês sou, Senhora,
Um criado p'rá servir.

Ella se levantou da cama
Sua porta veio abrir;
Veio de lá um vento norte
Lhe apagou o seu candil.
Ella lhe pegou p'la mão,
O levou ao seu jardim;
Lavou-o com agua de rosas
E depois com alecrim;
E levou-o p'rá sua cama
E deitou-o ao pé de si.
— Que é isso, Bernardo Francês,
O que é isso agora aqui?
Já a meia noite dava (dada?),
Sem te voltares para mim!
Se tens medo àquellas armas,
Eu as vou tirar d'ali;
E se tens medo a meu marido,
Elle não está agora aqui;
Se tens medo aos meus filhos,
Elles filhos são de ti.
— Não tenho medo àquellas armas,
Que eu mesmo as ali pranti [1];
Não tenho medo ao seu marido,

---

1 *Pranti* «prantei», isto é «colloquei». É vulgar no Sul terminar em *i* a 1.ª pessoa singular do preterito. — Cfr. Leite de Vasconcellos, *Esquisse d'une Dialectologie Portug.*, Paris 1901, pg. 132.

Que elle em par está de si;
Não tenho medo aos seus filhos,
Que enteados são de mim.
— Perdôa-me, ó meu bom conde,
Perdôa-me por tua alma,
Que na manhã do amanhecer
Era sonho que eu sonhava.
— Deixa estar, tirana ingrata,
Deixa vir a madrugada,
Vestirás camisa d'ouro,
Gorlantilha (gargantilha?) acoleirada.

*

— D'onde vens Bernardo Francês
Com tua capa caída?
— Eu vou vêr a minha dama,
Não sei se é morta se é viva.
— Tua dama já é morta,
Por sinal eu a matí [1],
O mesmo que eu fiz a ella
Devia eu fazer a ti.

— Curre, curre, meu cavallo, curre,
Se não pódes correr, anda.
Quero ter a sepultura
Lá ao pé da minha dama.

Chegando ao pé da sepultura
Lhe bradou: «O' Anna», tres vezes.
— Q'queres tu Bernardo Francês?...
O que queres tu de mim?!
Se a boca com que t'eu beijava
Já de terra a enchi;
E os braços com que te abraçava
Já de terra os liguí [2].
Esses filhos que ahi ficam
São filhos meus, mais de ti:

---

[1] Vid. a nota da pag. 49.
[2] Idem.

Dá-lhe melhor criação
Que o meu pae me deu a mim.
Se algum dia chegares a casar,
Casa com Anna com'a mim,
P'ra quando bradares por ella
Te lembrares de mim.

---

5. **Venturina** [1]

— Abra a sua porta,
Feche o seu postigo,
Dê-me cá um lenço,
Que eu venho ferido.
— Pois se vem ferido,
Venha muito embora,
Que a minha portinha
Não se abre agora.
— A sua portinha
P'ra mim se ha-de abrir,
Sou um triste cego:
Cantar e pedir.
— Acorde, minha mãe,
Acorde de dormir.
Venha ouvir o cego [2]
Cantar e pedir.
— Pois se elle canta e pede,
Dá-lhe pão e vinho,
Diz ô triste cego
Que siga o caminho.
— Não quero o seu pão,
Tão pouco o seu vinho.
Quero que a menina
Me ensine o caminho.

---

[1] Este romance é conhecido aqui em Ourique por «Joanninha». A versão que dou é de S. Martinho das Amoreiras.

[2] Na versão d'Ourique:— «Ouça o triste cego».
Desprezei esta, porque está muito estropeada.

— Pega Venturina
Na roca e no linho,
Vae ô triste cego
Ensinar o caminho.

Tiro a minha roca,
Acabei meu linho.
— Siga o triste cego
Pel'aquelle caminho.
— Venha Venturina
Até mais alem,
Sou curto da vista
Já não vejo bem.

— Adeus, minha casa!
Adeus minha terra!
Adeus minha mãe,
Que falsa me era!
— Que tropa é aquella
Que *vinde* d'alem?
— E' infanteria
Que vem de Belem.
— Oh! valha-me Deus,
E a Virgem Sagrada!
Que ainda não vi cego
Com tamanha armada.
— Pois se inda não viu
Vae agora a vêr.
Venha Venturina,
Ajudar-me a vencer.
— Oh! valha-me Deus,
E a Virgem Maria!
Que ainda não vi cego
Com tanta alegria.
— D'aqui d'onde eu estou
Vejo gente minha.
Suba esse palacio
Que ha-de sêr rainha [1].

---

1 A pessoa que me disse este romance, não se lembra bem da ordem porque são ditas estas tres ultimas quadras. Recitou primeiro a 2.ª e depois a 1.ª Dei-lhes esta ordem, por me parecer mais conforme ao sentido. Creio ter resalvado a minha audacia pela notinha. Pois não?

II

CONTOS E LENDAS

1. A comadre rica e a comadre pobre

Era uma vez uma comadre rica e outra pobre. A comadre pobre era muito pobrezinha, muito pobrezinha, e era viuva. Tinha uns poucos de filhos.

Ia todas as semanas peneirar e amassar a casa da comadre rica. Á noite, quando se vinha embora, a comadre dava-lhe sempre dois pães. Na outra semana voltava outra vez, e a comadre rica, quando lhe fallava, dizia-lhe:

— Comadre, como passou?

— Eu bem e a graça de Deus, minha comadre.

Depois a outra começou a dizer:

— Ora esta mulher que passa sempre bem e a graça de Deus!... Com dois pães que leva aqui de casa e sem têr onde ganhe mais nada... e passa sempre bem e a graça de Deus!

Durou isto umas semanas, até que a comadre rica disse:

— Deixa estar (era muito má!) que esta semana não ha-des levar nenhum.

D'ahi, ella, ô despedir-se da comadre rica, quando viu que lhe não davam nada, pediu a agua da massa que ella tinha ajuntado.

Depois a comadre deu-lh'a, mas disse-lhe:

— Então para que quer vocemecêa isso?... isso é p'rôs porcos... Mas emfim, leve-a lá.

Ella levou a agua. E ella coitadinha todos os dias punha uma pinga d'agua ô lume e começava a mexer, a mexer, até que a agua engrossava e fazia umas papinhas que ella comia mais os filhinhos. E assim passava a semana.

Na outra semana foi outra vêz amassar á comadre. Quando chegou, o mesmo:

— Como passou, comadre?

— Eu bem e a graça de Deus.

— Ora esta filha do Diabo que passa sempre bem!... Deixa estar, que esta semana não ha-des levar a agua.

E foi dizer ás criadas que logo que ella acabasse de lavar os alguidares e as taboas, que deitassem a agua aos porcos.

A' noite, quando a comadre se despediu, ella coitadinha já não viu a agua e veio p'ra casa sem nada. Chegou a casa e diz:

— Ora valha-me Deus! que hei-de eu comer mais os meus filhinhos esta semana... se eu não tenho nada!... Olhem, filhos, a gente tem alli uma gallinhita, e eu vou matá-la; e temos alli um pataco, compro um pãozito e 10 rs. de arroz e vou á igreja convidar [1] Nosso Senhor p'ra vir jantar com a gente — que é um jantarinho bom.

E depois, assim fez. Foi á cidade e disse ôs filhos:

— Os meus filhos, não mexam cá em nada, que em a vossa mãe vindo, logo jantam.

E foi. Foi á cidade e foi á igreja fazer oração e convidar Deus Nosso Senhor.

— Ora meu Divino Pae, tenho hoje lá um jantar tão bom, uma gallinha que matei... gostava que o meu Divino Pae fosse lá jantar commigo mais os meus filhinhos.

O Senhor abanou-lhe a cabeça — que sim. E ella foi-se embora p'rô monte.

Depois de estar ô monte, vê vir um pobrezinho. Diz ella:

— Ora coitadinho! Nunca aqui chegam. Parece que advinharam elles.

Mas ha-de haver p'ra todos, se Deus Nosso Senhor quiser.

Foi alem á panella, tirou uma perninha da gallinha, e uns bagozinhos de arroz, e pôs em cima de um bocadinho de pão, e o pobrezinho comeu e foi-se embora.

D'ahi a nada outro. Diz ella:

— Ora coitadinho, já ahi vem outro. Parece que advinham elles. Ha-de haver p'ra todos, se Deus N. S. quiser.

Tirou outra perninha e outro bocadinho de pão e deu ô pobresinho. Elle comeu e foi-se embora.

Aquelle abalado, outro chegado.

— Ora já ahi vem outro. Ha-de haver p'ra todos. Já não ha perninha, mas ha uma azinha.

Foi, fez o mesmo: deu uma azinha e um bocadinho de pão. O pobrezinho comeu e foi-se embora.

D'ahi, esperou, esperou, esperou. Os filhos já todos com fome.

---

[1] Em geral, a gente do povo diz — *convindar*. D'este verbo deriva o substantivo *convindo* o que dá a significacão de dadiva. Verbo e substantivo são muitas vezes empregados ironicamente. Num e noutro sentido empregam tambem o verbo *melindrar* e o substantivo *melindre*.

— Ora valha-me Deus, os meus filhos já têm fome, e o meu Divino Pae sem vir. Fiquem aqui os meus filhos, que a mãe já vem.

E foi outra vez á cidade. Foi, e foi á igreja outra vez.

— Ora meu Divino Pae, tenho estado á espera do meu Divino Pae e não tem ido. Os meus filhinhos têm muita fome.

O Senhor respondeu-lhe:

— Vai, que eu já lá fui. Já lá foi Deus-Padre, Deus-Filho e Deus-Espirito Santo. E vae para tua casa, e come mais os teus filhinhos, que ha-des achar muito de tudo.

E ella veio, chegou a casa, era uma abundancia de tudo: muito mel, muita farinha, muita carne, tudo. — Tinha a casa composta de tudo.

D'ahi p'rô futuro, era uma fartura, via-se crescer a fazenda.

Depois, a comadre rica começou a dizer:

— Pois que é isto! a minha comadre que era tão pobre, e agora tem uma abundancia d'aquellas! Aquillo ou o achou ou o roubou.

Mandou-a chamar a casa d'ella e perguntou-lhe:

— O que é que vocemecêa fez que estava tão pobrezinha, e agora está com tanta fortuna?! Mas que é isso que aconteceu á minha comadre?

— Ora minha comadre, pois que havia d'eu fazer? Eu não fiz nada. Olhe tinha lá uma gallinhita, matei-a e fui á cidade convidar Deus Nosso Senhor p'ra vir jantar mais os meus filhinhos.

D'ahi p'ra cá tem-me crescido tudo na minha casa com abundancia.

E a outra então disse lá com ella:

— Deixa estar, que tu matastes uma gallinha e fôstes convidar Deus Nosso Senhor, e eu hei-de matar perus [1] e gallinhas e capões...

E assim fez. Arranjou um grande banquete e foi convidar Deus Nosso Senhor. E Deus Nosso Senhor disse-lhe que sim.

Veio p'ra casa. D'ahi a bocado, um pobre. Diz ella:

— Ah! já ahi vem? Cheira-lhe a peru! Não o ha-de provar — e pôs-lhe os perros.

Foi o pobrezinho todo esfarrapado dos cães.

D'ahi a nada, outro. Diz ella:

— Ah! já ahi vem outro!... Cheira-lhe a peru!... pois não o ha-de provar — e pôz-lhe os perros.

Aquelle abalado, outro chegado.

Diz ella:

---

1 O povo costuma dizer — *piruns*.

— Ah! já ahi vem outro! Cheira-lhe a peru... pois não o ha-de provar.

Outra vez os cães.

Foi-se o pobrezinho, feito num S. Lazaro.

Depois, esperou, esperou, esperou, e Deus Nosso Senhor não vinha.

Depois ella disse:

— Ora está já ahi tudo frio, e Deus Nosso Senhor sem vir. Eu vou á cidade a ver se elle vem.

Foi. Foi á igreja, e disse-lhe:

— Ora meu Divino Pae, tenho estado á sua espera, e o meu Divino Pae não tem ido.

O Senhor respondeu-lhe:

— Vae, que eu já lá fui. E aqui estou todo mordido dos teus perros. Já lá foi Deus-Padre, Deus-Filho e Deus-Espirito Santo. Vae p'rá tua casa, e come, se achares quê.

Veio p'ra casa, e encontrou tudo reduzido a pô e cinza e nada.

A outra ficou vivendo na abundancia, e ella, na miseria.

---

2. O conto do lobo

Era uma vez um lobo. Um dia saiu da *malhada* e espreguiçou-se. Deu-lhe o rabo tres estalos:

— Bom signal.

Foi por ahi fóra, encontrou uma posta de toucinho. Diz elle:

— Não sujo os dentes por tão pouco.

D'ahi, abalou, foi, foi, foi, encontrou uma egua muito cansada, muito cansada, a comer lá numas vargens.

Diz elle:

— Foje, egua, que te como.

Diz-lhe a egua:

— Ai, compadre lobo, não me coma, que eu estou muito magrinha... ando aqui á engorda. Em eu estando gorda, logo então me come.

Depois elle seguiu para deante, e encontrou uma porca com dez bacorinhos:

— Foje, porca, que te como, disse o lobo.

— Ai, compadre lobo, não me coma a mim nem aos meus filhi-

nhos, que elles ainda estão por batizar. Olhe, vamos batizá-los alem àquella ribeira, logo ô depois os come.

Foram. O lobo pôs-se escarrapachado no meio da ribeira, e d'ahi a porca alcançou-lhe um bacorinho.

O lobo passsou o bacorinho pela veia d'agua e disse:

— Schitòn! num gorniate,
— Disse o lobo al cochino —
Passarás por mi garnate,
Se não tiveres padrinho.

E assim, foi passando os dez bacorinhos p'rô outro lado da ribeira. Assim que acabou de passar o ultimo, a porca dá-lhe uma trombada e o lobo lá se foi pela veia d'agua abaixo.

E a porca lá se foi embora mais os bacorinhos.

Ó depois, elle foi sair lá abaixo a umas grandes vargens onde andava uma vaca pastando.

Diz elle:

— Foge vaca, que te como.

Diz ella:

— Ai compadre lobo, não me coma, que eu estou muito magrinha; ando aqui pastando a vêr se engordo.

— Mas é que tu foges!

— Não fujo, não senhora (sic). Olhe pegue nesta corda e ate-a ahi a si e aqui aos meus chifres e p'rá onde quer que vocemecê fôr, vou eu.

Assim que apanhou o lobo atado e descuidado, rasga em fuga...

O lobo a gritar:

— Segura-te, mãos d'aranha.

E a vaca respondia-lhe:

— Se a corda se não parte e o nó se não desata, vai ter á porta do dono da vaca.

Quando a vaca lá chegou, já o lobo não tinha um farfalho: tinha ficado todo por esses caminhos.

E a vaca lá ficou em casa do dono.

3. O Senhor da caxaquinha berde

Era uma vez um gallego que ia p'rá terra passar a festa com a familia.

Ia por ahi fóra, o que ha-de elle ver? um lagarto morto no meio da estrada. Diz elle:

— O' xenhor da caxaquinha berde! Deixe-me paxar xenhor, que eu vou p'rá minha terra ter a festa com a minha familia.

— O' senhor da caxaquinha berde?... Deixe-me paxar, xenhor! Deixe-me paxar que eu vou p'rá minha terra têr a festa co'a minha familia.

E o lagarto, nada. Não se mexia.

— Estava morto!

Diz o gallego:

— Valha-me Deus! Pois que xará isto? P'ra ser baca, tem pequena papa... P'ra ser obelha tem pequena gadelha [1]... Pois que xará isto?

Nisto vem uma grande trovoada, começa a chover, e o que ha-de elle vêr?—uma grande toca de uma azinheira, e metteu-se dentro d'ella.

Vae de lá uma aranha e faz-lhe uma tea por diante.

Assim que escapou, vae para sair da toca, vê a teia d'aranha e começa a gritar:

— Ai, acudam-me, que eu estou preso em ferros d'el-rei! Acudam-me, que estou preso em ferros d'el-rei!

Nisto passou um pastorinho, e tirou a teia com o cajado; e o gallego lá se atreveu a sair para fóra.

N. — Não estará neste conto a origem da frase popular que tão caracteristicamente desenha a irresolução das pessoas timoratas — *uma teia d'aranha o prende?*

---

4. Da lenda de Santo Antonio

I

Neste tempo ainda não estava descoberto por santo, e namorava uma moça, já se vê. E a mãe da moça, não queria que ella o namorasse. Dava-lhe muita pancada.

---

[1] O povo d'aqui diz — *gadêlha*.

E a moça ia fazer queixa a Santo Antonio.

— Antonio, não sabes? ólha, a minha mãe bate-me muito todos os dias. Que não quer que eu falle comtigo.

— Olha, deixa lá. Diz-lhe assim:

Santo Antonio, leve Antonio,
Antonio me leve a mim,
Se eu já hoje vi Antonio
Ou Antonio me viu a mim.

A mãe julgava que era alguma grande praga [1], e callava-se.

E a moça, continuava a fallar com Santo Antonio.

E a mãe, damnada.

Cortou-lhe o cabello.

A moça, foi a chorar ao Santo Antonio.

— Ai, Antonio, a minha mãe cortou-me o cabello.

Depois lhe disse assim:

— Então aonde o metteu ella?

— Está num buraco.

— Vae lá busca-lo.

Deitou-lhe a abénçoa, ficou a moça com o cabello outra vez.

II

O Santo Antonio, quando era pequenino, o pae mandava-o guardar os passaros.

Veio o tempo de bàtizar seu irmanito, e disse-lhe:

Amanhã, tens de ir guardar os passaros; lá por causa do bàtiso tens de ir.

Elle foi. Abalou p'rà cerca.

E tinha lá um casarão sem porta e sem telhado. Chamou os passaros todos, e metteu-os lá dentro, e pôz-lhes uma grade (de gradear a terra) á porta, e foi p'rô bàtizo.

O pae:

—O' Antonio! então tu estás aqui!... E os passaros não me hão-de comer lá a cevada toda?

— Não comem, não senhora (sic), não comem lá nada. Venha cá.

E o pae foi vêr. Estavam nos passaros todos juntinhos dentro do casarão.

Foi por estas cousas que começaram a saber que elle era santo.

---

1 Porque os versos estão em fórma de praga.

5. A lenda de S. Thomé [1]

(O povo crê ingenuamente na veracidade d'estas narrativas, e por isso assevera que são — casos que se deram).

Era um homem chamado Thomé. Ouvia dizer sempre que os trabalhos dos domingos não serviam de nada.

Um dia diz elle:

— Ora deixa estar, que eu hei-de ver se o trabalho dos dias santos e dos domingos serve ou não serve!

E começa a pôr uma vinha muito grande. Depois, já a vinha estava criada e a dar uvas, diz elle:

— Antão... Diz que o trabalho dos domingos e dos dias santos que não serve de nada! Mas eu que tenho aqui uma vinha que é uma belleza!

D'ahi, perdeu-se.

Um dia S. Pedro e mais o Senhor passou (sic) alli.

E S. Pedro disse assim:

— Olha lá! que vinha que o Thomé aqui tem! E toda disposta aos domingos e dias santos!

E o Senhor respondeu-lhe:

— Mas está perdido. Só se salvava, se a arrancasse toda e fizesse uma fogueira, e em ella estando toda numa ala, se jogasse p'ra dentro Só assim é que será capaz de ganhar a salvação.

S. Pedro disse a Thomé:

— Olha que ha isto...

E depois o Thomé fez isso. Arrancou a vinha e deitou-se dentro da fogueira.

Ao fim de tempo, torna o Senhor e mais S. Pedro a passar por alli. Estava já a vinha queimada, e um monte de cinza muito grande.

E o Senhor, disse a S. Pedro:

— Olha lá, Pedro! péga nesta enxada e vae cavar além naquelle monte de cinza, e vê lá o que achas.

Foi o S. Pedro, e achou uma grande maçã muito cheirosa.

— Metta lá no alforge.

E foram dormir a um *monte* [2] onde estava uma rapariga. Ella começou a dizer:

— Ai, mas que cheiro!... Mas que cheiro!

---

[1] Contou-m'a uma pessoa de S. Martinho das Amoreiras.

[2] Nome que se dá no Alemtejo a uma casa de campo (ou herdade).

E muito gulosa, andou, andou, foi-se ao alforge dos pobres e mamou-lhe a maçã.

Lá por fim de tempos começou a moça, coitadinha, a estar muito cheia, muito grossa: O Senhor assim que lhe pareceu que era tempo, foi lá anoitar outra vez no mesmo *monte*. Assim que viu a moça, disse:

— Thomé! Thomé!

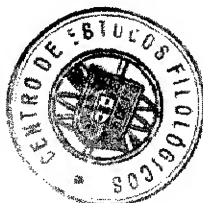
Entremeio de ti e mim, tres dias é.

Thomé: Salta que tempo é.

Sae por onde entrastes.

Ourique.

MARIA DA CONCEIÇÃO DIAS.



NOTAS FILOLÓGICAS

Alugueiro (alugar, aluguer, mister, Almoster). — Nas APOSTILAS AOS DICIONARIOS PORTUGUESES diz o seu autor, o snr. Gonçalves Viana, que «*aluguel*, *alugar* provém do latim *adlocare*, com uma mudança de *o* em *u*, anormal e inexplicada». O snr. J. Cornu propõe, porém, elocare, parecendo atribuir igual proveniencia tanto a *alugar* como a *alquilar* e *alquiar*, visto que engloba os tres vocabulos sob o mesmo étimo latino [1], contra a opinião daquelle distinto glotólogo português que tem por indubitavelmente arabica a palavra *alquilé(r)*, e consequentemente tambem *alquilar* ou *alquiar*. De igual parecer é o snr. F. Adolfo Coelho, que no DICIONARIO ETIMOLOGICO nos diz (s. v. *alquilé* ou *alquiler*) ser o seu étimo o «arabe *alqui-ré*, do verbo *kara*, alugar».

A mim afigura-se-me que o elocare proposto pelo snr. Cornu não pode convir, porque então não se explicaria a persistencia do *-l-* entre vogaes, a não ser pela consciencia, aliás duvidosa, da composição do vocabulo; tambem acho desnecessario recorrer ao hipotético adlocare (chamo-lhe hipotético, porque, embora de formação regular, não o vejo mencionado nos dicionarios); o italiano *locare*, o provençal *logar* ou *loyar* e o francês *louer* levão-me a admitir para o espanhol, galego e português *alugar* tambem o simples locare dado pelo DICIONARIO CONTEMPORANEO e pelo snr. Adolfo Coelho, tanto mais que ele os explica perfeitamente; o prefixo *a-* que as lingoas da peninsula mostrão encontra-se tambem no francês *allouer* que os autores do DICTIONNAIRE GÉNÉRAL DE LA LANGUE FRANÇAISE (s. v.) têm por um composto de *louer*.

Se o *alugar* é de proveniencia latina, tambem o não pode deixar de ser *aluguer*. Efectivamente o latim subministra-nos, além do verbo locare, o substantivo locarium com a mesma significação que tem o nosso *aluguer*, e este vocabulo daria regularmente *logueiro* ou *alogueiro* por analogia com *alugar*. Ora *alogueiro* existiu nas antigas lingoas portuguesa e galega (nesta vive ainda) com a mesma significação, como se vê dos seguintes textos, extraídos da HIST. GEN., tomo II,

[1] Vide a sua *Grammatik der portugiesischen Sprache*, 1906, § 92.

e FRAGMENTO DE UN NUEVO CODICE GALLEGO DE LAS PARTIDAS. Diz o primeiro, citado no DICIONARIO PORTUGUÊS de Domingos Vieira: «E fação pagar peita, finta... e eirádega, alugueiro». Lê-se no segundo: «... todos estes sobreditos estabelesceron in sancta igreia que dessen dezemos... dos alugueyros das casas». Não falta o termo tambem nas lingoas espanhola, provençal e francesa onde lhe correspondem respectivamente *aloguero* [1], *loguier* e *loyer*. Da sua extensão conclue-se que o vocabulo locarium fazia parte do latim popular.

Mas, a par de *aluguero* espanhol e *alugueiro* português e galego, conhecem as duas primeiras lingoas a forma *aluguer* que na portuguesa suplantou o antigo *alugueiro* e em espanhol foi substituido por *alquiler*. Como se ha de explicar a existencia em castelhano da forma *aloguer?* Na minha opinião pela próclise, isto é, o *aloguero*, pelo facto de, na maioria dos casos, ser seguido da palavra a que o termo andava ligado, perdeu a vogal final e ficou *aloguer*. Pelas grandes relações existentes entre Portugal e Espanha o vocabulo passou a raia e, como tantos outros, naturalizou-se cá.

A mudança do *o* originario em *u*, que o snr. G. Viana classifica de anormal, não será devida apenas a errada representação gráfica daquela vogal atona? No mais antigo documento escrito conhecido (o *auto de partilhas de 1192*) acha-se o *o* atóno representado ora por *o*, ora por *u* (cf. *os* e *us*, *Ulveira* e *Olveira*); no mencionado FRAGMENTO vê-se o mesmo (cf. *escumungados* e *escomayon*, *suyan* e *soer*); o DICIONARIO GALEGO-CASTHELHANO de Valladares Nuñez cita, a par de *alugar* e *alugueiro*, *alogar* e *alogueiro*, a que parece dar preferencia; o ESPANHOL-PORTUGUÊS de Mascarenhas Valdês, se por um lado menciona *alugar*, por outro escreve *alogador*, *alogamiento*, *alogar* e *aluguer*, termos estes que classifica de antigos, tendo o segundo e terceiro sido substituidos por *alquiler* e *alquilar*.

No ELUCIDARIO de Viterbo vem mencionada tambem a forma *alugueiro*, mas na acepção de «o que aluga alguma cousa», não cita, porém, texto algum a abonar a significação; o DICIONARIO de Fr. Domingos Vieira dá-lhe o sentido, um pouco divergente, de «o que tomou alguma cousa de aluguer» e remete para as ORDENAÇÕES AFONSINAS Liv. IV, titulo 43; como não tenho á mão este livro, não posso certificar-me da veracidade do asserto; a ser, porém, verdadeiro, teremos de admitir que os dois termos latinos locarium (preço, paga de pousada, cf. DIC. LAT. PORTG. de Saraiva) e locarius (o que aluga loga-

[1] O *Dicionario* de Valdês não traz o vocabulo *aluguero*, mas que elle existe vê-se do *Dic. Gal. Castelhano* onde se traduz pelo castelhano *aloguero* o galego *alogueiro*.

res em espectaculo, id.) se reduziram a uma unica fórma, como não podia deixar de suceder, mas com as significações primitivas de ambos.

A palavra *aluguer* na qual o *-er* corresponde ao latim -arius, me traz á memoria *mister* ou *mester* e *moster*, no nome proprio *Almoster*, em que se dá igual correspondencia. Como os respectivos étimos só poderião dar *mesteiro* (cf. *mesteiral*) e *mosteiro*, resolve o dr. Leite de Vasconcelos a dificuldade, opinando que procedem ambas as formas do caso genitivo, divergindo, quanto á primeira delas, o dr. Cornu [1], «que explica por próclise a queda do *-o* final, deixando sem explicação o nosso *-e-* por *-ei-*. Ora, sendo de regra em espanhol a condensação do ditongo em vogal (cf. *otro*, *cosa*, *amó*, *madera*, *beso*, *caballero*, *queso* etc.), afigura-se-me que, como o estudado *aluguer*, tambem *mester* ou *moster* de *Almoster* evolucionaram em territorio castelhano donde passaram depois para cá [2]; a confirmar esta minha hipótese, a respeito do primeiro dêstes vocabulos, está a existencia em espanhol antigo de *mester*, a par do actual *menester*.

Ignoro se o castelhano arcaico possue algum representante do lat. monasterium [1], pois o actual vocabulo *monasterio* é literario; a existir, a sua forma não podia ser outra senão *monastero* e por proclise *monaster*, proclise que nada teria de anormal, pois o termo devia em muitos casos ser seguido da respectiva designação com ou sem a preposição *de* (cf. o ptg. arc. *cas F.* ou *cas de F*); *monaster* em territorio portugues daria *moaster* e depois *moster* (cf. o arc. *mogo* de *moago* monachus); como, porém, a par dela, a lingoa possuia já *moesteiro* ou *mosteiro*, ficaria aquela forma restringida a denominação de local. Ora ao nosso *Almoster* corresponde o castelhano *Almonaster*. Não ignoro que a toponimia portuguesa oferece muitos nomes que só pelo caso genitivo ou melhor locativo se pódem explicar, mas nos nomes *mester* e *moster*, se a minha hipótese fôr exacta, será então escusado recorrer a uma explicação que oferece algo de excepcional, porquanto está hoje admitido que os nomes comuns nos provieram do acusativo.

Aviinça. Da forma neutra do participio adveniens no plural isto é, de advenientia ou melhor *advenentia, formou-se o sub-

---

1 Vide a sua *Portg. Gram.* § 100, nota. Igual explicação dá o snr. M. Pidal na sua *Gram. Hist. Esp.* 29-2.

2 Nesse numero entrão tambem, além de muitos outros, os ordinaes *primer* e *tercer* que ocorrem na nossa antiga lingoa.

1 O português, como o provençal e francês, supõe uma fórma pop. **monisterium* em vez da classica *monasterium*.

stantivo aveença que deve ter sido precedido por **avēença*. Na nossa lingoa arcaica ocorre o termo com o sentido de concordia, como se vê deste texto (R. L. VIII, 262). «E aveença averám (os bemaventurados) tam grande antre sy que o que hum quiser esso quererám os outros». Mas, além desta acepção, que ainda persiste em *avir* [1] do verbo *desavir*, tinha ele tambem o de pacto, convenção, segundo Viterbo, acepção que ainda subsiste na actual *avença*, fórma resultante de *aveença* pela fusão dos dois *-ee-*. A par desta, cita Viterbo tambem a voz *avinça* com o sentido do concerto, contrato, tal qual vem no citado FRAGMENTO DE UN NUEVO CÓDICE GALLEGO DE LAS PARTIDAS. Com efeito lê-se neste: «Outrossi (non se póde escusar de dezemar) quando moesteyro de algũa orden fezesse aviinça ou postura». Ao passo, porem, que em português o vocabulo *avinça*, resultante da influencia do verbo *avir*, dantes **aveir*, se perdeu, subsistindo só o primeiro, no galego, que parece ter possuido apenas a forma atrás citada, vive ela ainda em *avinza*, pois o *avenenza* contado por Valladares Nuñez, no seu DIC. GAL. CAST. entre os vocabulos galicianos, provém da antiga lingoa de Castella onde hoje sôa *avenencia*. Do exposto vê-se que tanto *avença* como *avinça* têm o mesmo étimo e que, em virtude da antiga forma *avença*, se deve rejeitar a proveniencia do verbo *haver* que se tem dado para a significação de pacto, ajuste; as duas acepções são evoluções naturaes da primitiva ideia, que o verbo advenire tinha, de chegar, donde *vir* a acordo.

Derromper. — Nos mais antigos documentos em latim barbaro fala-se já de terras ruptas vel inruptas [2], isto é, cultivadas ou não. Pertence este participio ruptus, que em português se acha representado por *rôto*, ao verbo rumpere ou *romper* o qual, composto do prefixo *de-*, tomou em galego o sentido especial de desmaninhar, cultivar, como se vê do seguinte passo transcrito do citado FRAGMENTO: «deven dar o dezemo de todalas herdades que ouveren foros ende de aquellas que comezaron (z = ç) a lavrar novamente (isto é, ha pouco; cf. o lat. novissime) derrompendo os montes et arrancando-os et metendo-os en lavor». Em vez de *derromper*, usou a nossa antiga lingoa, juntamente com a castelhana, *arromper*, segundo se lê nas INQUIRIÇÕES DE D. AFONSO III e no ELUCIDARIO de Viterbo; representa ele o rumpere latino, ao qual depois se ajuntou o prefixo *a-* tanto da pre-

1 Tendo o cardeal de Bolonha que andava em Aragão, por avir estes reis... *Chronica de D. Pedro* I de F. Lopes, cap. XXVI, edição de 1895).

2 Cf. *Portugalia Mon. Historica*, Diplomata; passim.

dilecção do nosso povo; da primitiva significação de *quebrar* passou o verbo muito naturalmente a tomar a de destorroar, desbravar, quando aplicado ao tratamento de terras. Do participio *rôto* [1] com o sufixo *-ear* formou-se, já dentro da lingoa, o verbo *rotear* ou *arrotear* que veiu substituir o arcaico *arromper*.

Devesa. «Todos estes sobreditos (os das ordẽs et os mouros et os judeos) estabeleceron en sancta igreia que dessen dezemos... das devesas de que sacan madeyra», lê-se no FRAGMENTO a que me estou referindo. Em harmonia com a origem, aplica-se este termo a uma propriedade cercada ou *defendida* por sebe ou muro. Mas, a par de *devesa*, existe em português e existiu tambem em antigo castelhano *defesa* com identica significação. E' evidente que ambos os termos têm a mesma proveniencia, que é o latim defensa ou melhor defesa, pois o *-n-* tinha cahido antes de *-s-* já na lingoa popular; como, porem, se hão de explicar as duas formas que entrão igualmente no onomástico das duas nações da peninsula? Não padece dúvida que a primeira, *devesa*, que em galego se diz hoje *debesa*, é a mais antiga; demonstra-o, a meu ver, a conversão do *-f-* intervocalico em *-v-* mas a segunda tambem não é moderna e, longe de a considerar com o snr. Menendez Pidal [2] como voz semi-culta, tenho-a tambem por popular, embora de introdução posterior; o dr. Leite de Vasconcellos, in R. L. XI, 354, crê-a proveniente do romanço mozarabico-meridional, fundado na existencia dela como termo de logar apenas no sul, enquanto no norte, em iguaes circunstancias, se encontra *devesa*. Até hoje pouco se tem estudado [3] a influencia que a lingoa arabica exerceria nos dialectos latinos falados na peninsula; talvez que esse estudo, mais aprofundado, venha a demonstrar que, por exemplo, no vocabulo de que estou falando a troca do *-v-* em *-f-* foi devida a essa influencia.

Dezemar. Do lat. decimare nasceu este verbo, que é empregado na acepção de «pagar o dízimo ou o dézemo», como então se dizia, nos

---

[1] Tambem em francês antigo se chamava *roture* á terra arroteada de fresco, e em castelhano chama-se *roturar* ao nosso *arrotear*. De ruptus formou-se tambem, com o suf. latino -iare, o verbo *ruptiare (cf. *molliare, *altiare, *tractiare, etc.) que deu o português *roçar* e o castelhano e galego *rozar*.

[2] *Gram. Hist. Esp.* n.º 42-2.

[3] Que eu saiba, deste estudo têm-se ocupado apenas o distinto prof. do Curso Superior de Letras, snr. Adolfo Coelho, que na revista literaria *Os Serões* (abril 1910) publicou um artigo — *Origens do português do sul* — e o snr. Dr. Leite de Vasconcelos (logar citado acima).

seguintes passos do FRAGMENTO: «macar (os judeos) dezemavam as cousas meudas», etc., ou «lles disso (Jesu Cristo) por que ten que devian dezemar de todo». Tanto esta como *dézemo* erão formas conhecidas tambem da nossa lingoa arcaica, mas, ao passo que o português se aproximou da origem, de certo sob influencia literaria, dizendo *dizimar*, donde *dizimo*, evolucionou o gallego para os actuaes *dezmo* e *dezmar*, tambem escritos *desmo* e *desmar*, pela queda das vogaes postónica e pretónica, fenomeno que se deu tambem em castelhano.

Foras. E' geralmente sabido que uma grande parte dos adverbios latinos são nomes, adjectivos e pronomes, tomados em varios casos, principalmente no acusativo, locativo e ablativo. Está nestas circunstancias o adverbio latim foras que se usava com verbos de movimento, enquanto foris o era com os de quietação [1], e, que, como este, que representa o ablativo, parece ser o acusativo dum substantivo fora, que provem duma base ariana dhura donde, alem daquelle, se originaram os nomes com que em sanscrito, grego, lituano e lingoas teutonicas é designada a *porta duma casa*. A forma latina foras foi usada pelo castelhano, como pelo português e galego no seu periodo arcaico, como se vê deste passo do citado FRAGMENTO: «todalas outras ordees de qual maneyra quer que seian deven dar o dezemo de todalas herdades que ouveren, foras ende de aquellas que comezaron a lavrar novamente». Mais tarde o *-s* perdeu-se e ficou nas tres lingoas a actual forma *fora*.

Gaando, gaanhar (gança, gançar). No alludido FRAGMENTO lê-se: «... todos estes sobreditos... o (dezemo) deven dar et outrossi das egoas et das vacas et das ovellas et de todolos outros gáándos de qual natura quer que sejan, ca deven dezemar os filhos que ouveren de todos estes gáándos». Esta forma que, a par da nossa *gado*, subsiste ainda no actual galego e português do Minho, explica-se pela passagem á vogal imediata da resonancia nasal proveniente do *-n-* intervocalico [2], resonancia que em *gado* desapareceu, e corresponde ao castelhano *ganado*, participio de *ganar*, verbo que, apesar da sua forma, parece pelo sentido estar intimamente conexo com o nosso *ganhar*, que provem dum hipotético germanico *waidanian ao qual

---

[1] Vide Lindlay, *Latin language*, pag. 548 e seguintes.

[2] Deu-se o mesmo nos vocabulos gallegos *gionllo*, *quenlla*, *monllo* (aqui pode tambem ser influencia do *m*), *fionllo*, *avelendo*, *coengo* (Vide *Gram. Hist. Gall.* de Diego., pag. 41), etc.; e nos portugueses *adem* (arc. *ãade*), *painço*, *maunça*, *miunça* (Vidè Cornu, *Ptg. Gr.* § 122).

correspondem no antigo alto allemão *weidenen* e no actual *weiden* [1], e foi precedido pela forma *gaanhar*, comum ao galego, como se vê destes lugares do FRAGMENTO: «dezema é a dezema parte de todolos bees que os omês gaannan dereytamente... Et sennaladamente dou (Abraam) o que gaannou... Outorgou o papa Adriano quanto enas herdades que avian gaannadas ata en aquel míjsmo concello lavradas assi como de suso é dito. mays as que depoys gaannaron [ou] poqualquer maneyra gaannassem». O facto do verbo germanico achar-se representado regularmente em todas as lingoas romanicas leva-me a crer que ele já fazia parte do latim popular sob a fórma *gaidaniare, e que no castelhano tambem teve fórma identica á portuguesa e galega faz-me suspeitar a existencia nele de *gañan* e *gañania*. Mas, se, como conjecturo, o castelhano conheceu a forma *gañar*, donde se originou estoutra *ganar*, que é tanto ou mais antiga do que aquella? A não admitir-se ou que o *-nh-* degenerou em *-n-* ou que aquelle fonema provem deste, [2] o que me parece bem pouco crivel, teremos de supôr que o *gaidaniare latino-germanico tomou tambem a forma gadanare donde resultaria estoutra participia *gadanantia, subsistente no antigo *gananza* e actual *ganancia*. Em português arcaico, se ha formas que provem de *gaidaniare, como são, além de *gainhar* ou *ganhar*, tambem *ganharia* e *ganhadia*, outras ha que acusão proveniencia de *gadanantia; estão nesse mesmo caso *gançae* *gançar*, precedidos por *gaança* e *gaançar*, que estarão por **gãança* e **gãançar*.

Resumindo temos que do germanico provieram as fórmas *gaidaniare e *gadanare, dando a primeira origem ao ptg. *gainhar* ou *ganhar*, *gainharia* ou *ganharia*, *ganhadia*, *ganhança* e *ganhão*, o gal. arc. *gaannar*, *o* cast. *gañan* e *gañania*, o fr. *gagner*, precedido por *gaagnier*, o prov. *gazanhar*, o ital. *guadagnare* e o rt. *gudoignar* (cf. Körting, s. v. *waidanjan) e derivando da segunda o ptg. prehistorico **gãar*, actual *gado*, dantes *gaado* e *gãado*; galego e português do Minho *gando* er castelhano *ganare*, *ganado*, *ganadero*, etc. Do participio do presente de *gadanare, no genero neutro, isto é, *gadanantia nasceram os vocabulos portugueses arc. *gança*, precedido pelas formas **gaãnça* e **gaãança*, ainda representadas pelo castelhano arc. e gal. *gananza*, actual *ganancia* e *gançar*. O snr. dr. Leite de Vasconcelos é de opi-

---

[1] Vide Körting, *Rom. Wörterbuch*, n.º 10337.

[2] Na actual lingoa popular portuguesa dá-se por vezes a troca de *-nh-* por *-n-* e vice-versa, como um *danino*, *malino*, *Bernardinho* por *daninho*, *maninho*, *Bernardino*; tambem a antiga lingoa dizia *meninho* que hoje sôa *menino*, mas sempre sob a influencia de um *i*.

nião [1] que «do radical de que veio *ganhar* (origem germanica) deve ter provindo para as lingoas da peninsula um verbo **ganar* de onde viesse o espanhol *ganar* e o ptg. prehistorico **gãar*», mas nada nos diz de *ganhar* e mais vocabulos com *-nh-*. O snr. Gonçalves Viana supõe [2] que o nosso *ganhar* se originou do *ganar* castelhano; como explicar, porém, o *-nh-* do verbo português com os seus derivados e dos castelhanos *gañan* e *gañania* sem a existencia da semivogal *i* que, segundo o costume, molharia o *n*, com em *viña, señor, estraño, araña, España* etc., pois o som castelhano *ñ* ou *nh* só póde provir dessa semivogal ou do *n* duplo, originario ou resultante de assimilação do *m* (cf. *caña, gruñir, paño, dueño* etc.) que em português passa para simples, ou ainda do grupo *gn* (cf. *seña, tamaño, empeño, desdeñar* arch. *puñar*, etc.)? Representante ainda mais aproximado do germanico *waidanian seria pela sua forma o actual verbo *guadañar* ou *guadañear*, mas, alem da persistencia do *-d-*, a significação que tem de ceifar parece-me exigir etimo diferente, o que não sucede com os vocabulos estudados que todos têm a ideia de *ganho* que facilmente evolucionou da originaria *apascentar*.

Gardar. Provem este verbo do antigo alto allemão *wardon* (hoje *warten*), tornado sem duvida **wardare* na boca do povo, por analogia com os latinos. Quer-me parecer que a sua pronuncia antiga, já em português e galego, já em castelhano, seria *gardar*, pelo menos esta grafia é comum ás tres lingoas. Viterbo cita a fórma *gardante*, e no citado FRAGMENTO lê-se: «X mandamentos que dou nostro señor Deus scriptos a Moysem que mandou gardar et por onde os cristãos gardaron esto sempre» e ainda «que llos (sintidos) garden; et esto foi sempre gardado.» O DICIONARIO CASTELHANO PORTUGUÊS cita tambem *gardar*; no galego actual existe igualmente a forma *gardar* e derivados. A razão da minha opinião, que parece ser tambem a do distinto filólogo, dr. Leite de Vasconcellos [3], está em que nas palavras francesas de origem germanica em que entra o *w* este é sempre representado por simples *g* quando se lhe segue *a* (cf. *garnir, garder, gagner*); o *u* só entra, como não podia deixar de ser, mas sem se fazer ouvir, se ao *w* se lhe segue *e* ou *i* (cf. *guerre, guinder, guise, guider*). Igual grafia é adoptada pelo mencionado FRAGMENTO, onde, ao passo que se escreve *outorgou, leygos, cemigos, gaanar*, escreve-se *guisa*. Tambem nos nossos documentos antigos se lê *garnir* (e deriva-

---

[1] Cf. a sua esplendida edição do *Esopo* a pag. 79, s. v. *gançar*.
[2] Vide *Apostilas*, I, pag., 498
[3] Vide o seu *Esopo* a pag. 80, s. v. *guardar*.

dos), que foi substituido pelo incoativo *gùarnecer*. Donde viria, porém, a actual pronuncia *gùardar?* Não se teria ela originado na grafia que em certa epoca predominou de representar por *gu* o som gutural do *g*, escrevendo-se, por exemplo *augua* em vez de *auga?* [1]

Gràado (Grado). Representa o primeiro destes vocabulos o adjectivo latino granatus, depois do abrandamento do *-t-* intervocalico e ainda com a resonancia nasal que mais tarde perdeu, reduzindo-se a *graado* e depois *grado*. A forma *grãado* encontra-se no citado FRAGMENTO DE UN NUEVO CODICE GALLEGO DE LAS PARTIDAS a que me vou referindo, como se vê do seguinte passo: «Nostro señor Jesu Cristo [2] confirmoo (= confirmou-o) dizendo aos judeos que macar dezemavan as cousas meudas que non deven leyxar de o fazer das grãadas [3]. «As evoluções sofridas pelo latim granatus, que significava — provido ou abundante em grãos —, fizeram que ele se tornasse inteiramente semelhante na forma ao vocabulo *grado*, proveniente do neutro do adjectivo latino gratus, cujo sentido era de — cousa agradavel —, resultando d'aí uma palavra só, *grado*, para duas latinas, o que em filologia tem o nome de *homeótropo* ou *convergente*.

Mas, para em certo modo continuar a distinção primitivamente existente entre os dois termos latinos, o representante de granatus continuou a ser usado como adjectivo, ao passo que o de gratus passou á classe dos substantivos. De cada um destes vocabulos derivaram-se depois outros provavelmente já no romanço. Do adjectivo *grado* originaram-se os verbos *grádar*, *grádecer* ou *engrádecer*, nos quaes o *a* se pronuncia aberto, visto ser a fusão de dois, e o substantivo *gradeza*, cuja fórma anterior foi **grãadez*, á qual se seguiu *graadez* e mais tarde **gradez*, donde resultou a actual pela troca do sufixo *-ez* por *-eza*, sufixos estes que, embora diferentes na origem, costumão alternar entre si (cf. *pequenez*, *sordidez*, etc., [4] ao lado de *pequeneza*, *sordideza*, etc.).

---

[1] Cf. *opus laudatum*, pag. 65, s. v. *auga*.

[2] No texto *ihu xpo* que era a abrevitura usada pelos escreventes medievaes para designar o nome de Cristo.

[3] No texto está escrito *graandas* que no vocabulario o snr. Salasar interpreta por *grandes, principales*, parece-me, porém, que o seu correspondente imediato em castelhano é o adjectivo *granadas*; confirma, creio, este meu modo de vêr o adjectivo *meudas* que precede e fórma antitese com *grãadas*.

[4] Provem os sufixos — *eza* e *-ez* de -itia e -itie, isto é, de nomes de tema em *-a-* ou *-e-*, ou seja da primeira e quinta declinação, os quaes já em latim alternavão, como se vê de barbaria, mollitia e luxuria, ao lado de barbaries, mollities e luxuries. Tambem a palavra *lediça* provem não de laetitia mas de laetities.

Do substantivo *grado* formaram-se no romanço, por um processo já do latim classico — a derivação de adjectivos — (cf. maturare, honestare, maturescere, mitescere, etc.), os verbos gratare e gratescere que deram respectivamente *gradar* ou *agradar* e *gradecer* ou *agradecer* com os seus derivados. Além deste ultimo, conhecia a lingoa arcaica, juntamente com a castelhana, o verbo *gracir*, de significação identica, que de certo foi tomado de provençal, lingoa em que tinha a fórma *grazir*, e, segundo Körting, supõe um hipotetico *gratire [1]. Em Viterbo ocorre, além de *gracir*, tambem *gratir*, que, a meu ver, se deve ter por leitura errada daquele, resultante da confusão proveniente da grande semelhança que na antiga escrita existia entre o *c* e o *t*.

Ao substantivo *grado* juntaram-se os adjectivos *bom* e *mao*, formando-se assim as expressões *bom grado* e *mal grado* que ocorrem já na antiga lingoa, na ultima das quaes conservou-se o *l* em virtude de próclise, a qual, fazendo cair a vogal *o*, tornou aquele de intervocalico em final, como em *mal-dia*, *mal-pecado*, *mal-talam*, locuções muito frequentes principalmente na linguagem dos trovadores. Mas, a par de *mal-grado*, disse-se tambem *mao-grado*, que foi a forma que ficou subsistindo com o valor de locução conjuntiva, como na maioria das lingoas romanicas. É escusado advertir que a ideia primitiva do adjectivo neutro gratum, isto é, cousa agradavel, transluz nos varios sentidos que *grado* tomou em português, desde que entrou a fazer parte da lingoa.

Macar. — É este um vocabulo que, com o valor de conjunção concessiva, não raro ocorre nos escritos mediévicos, quer de proveniencia portuguesa, quer galiciana.

No Fragmento a que tantas vezes me tenho referido lê-se em dois sitios: «depoys, quando vẽo nostro señor Jesu Christo confirmoo (= confirmou-o) dizendo aos judeos que macar dezemavam as cousas meudas, etc.» e «ca, macar elles a[s] lavrassem por suas mãos et por suas despensas (= despesas, isto é, á sua custa) non lles valrria o privilegio.» Na lingua castelhana ocorrem, com o mesmo sentido as formas arcaicas *maguar*, *magüer*, *mahüera*, *magüera* [2]. Evidentemente o *macar* português e galego está com elas relacionado e parece até, a ajuizar pelo *-g-* te-las precedido, mas qual a sua proveniencia? O

[1] Daqui procedem tambem o *gradire* italiano e *gradir* do antigo castelhano.

[2] Assim se achão escritas no *Dic. espanol-português* de Mascarenhas Valdês.

snr. Menendez Pidal dá, para as formas castelhanas, o grego μακάρις [1].

Mêos cabar (mescabar, mascabar, mascavar, mazcabo e **menoscabar).** Na formação de todos estes vocabulos entravam, como se vê, o adverbio *menos* e o substantivo *cabo*. Representa este ultimo o lat. caput que, por seu turno, entrou na composição de varios termos, ou ainda no latim vulgar ou no romanço, com o sentido de extremidade, fim, que já tinha na lingua classica e se derivara de certo do seu primitivo significado. Entre esses figura o verbo *acabar* que ou provem dum hipotetico popular *accapare, segundo o DICTIONNAIRE GÉNÉRALE DE LA LANGUE FRANÇAISE de Darmesteter e Hatzfeld, ou se derivou de *cabo*, como tantos outros (cf. *apear*, *arear* etc.) A *cabar* ajuntou-se depoi os adverbio latino minus que, em português, deu primeiramente *mêos*, em virtude da costumada resonancia comunicada em geral á vogal precedente pelo *-n-* intervocalico, e dessa época é a forma *mẽos cabar* que, entre outros textos, figura no FRAGMENTO onde a sua grafia nos mostra claramente que ainda então havia consciencia dos seus dois elementos, pois diz-se lá: «Pero se as igreias que soen dezemar aquellas herdades ante que ellos a[s] ouvessem se mèos cabassem muyto non sse poden escusar por rrazon do privilegio.» Mais tarde perdeu-se a resonancia nasal e com ella a consciencia da composição, passando a dizer-se *meoscabar* e depois, pela absorpção do *o* pelo *e*, *mescabar* [2] (cf. tambem o prefixo francês *mes* e *me*, de igual proveniencia) pela tendencia do *e* propretónico a passar para *a* (cf. *samear*, *sassenta*, *azinho*, etc), *mascabar* que tomou o sentido de — deteriorar, abater, diminuir, deslustrar (Moraes). De *mascabar*, pelo abrandamento do *-b-* intervocalico, resultou *mascavar*, que ficou com a acepção especial de — apartar o branco e o somenos (falando do açucar, Moraes). Como mais tarde o adverbio *mẽos* foi aproximado do latim. minus, o antigo *mẽos cabar* tornou-se no actual *menoscabar*. Na opinião dos autores do DICTIONAIRE GÉNÉRALE DE LA LANGUE FRANÇAISE é do verbo *meschever*, no qual o prefixo *mes-* tomou a significação pejorativa de *mal*, que provem o substantivo *méchef;* afigura-se-me, porem, o contrario, isto é, que o verbo se formou do substantivo. Desta opinião é tambem o snr. Schultz Gora que no seu ALTPROVENZALISCHES ELEMENTARBUCH, entre a *Bildung aus Substantiven*, enu-

---

[1] Vide a sua *Gram. historica Española*, 2.ª ed., pag. 242.

[2] Em castelhano existe tambem, ao lado de *menoscabar* e *menoscabo*, *mescabar* e *mescabo*.

mera *mescabar*, ao qual dá a significação de *Unglück haben, verlieren*, e considera formado de *cap* e o prefixo minus; do mesmo parecer é igualmente Körting. O lat. hipotetico minus caput sugére-me a frase da lingua classica minor capite que se aplicava áquele a quem havião privado dos direitos civis.

Não se teria perdido entre o povo a distinção dos casos entre minor e capite e, como a forma com que este ultimo vocabulo ficou subsistindo foi caput, e, a par de minor, existia minus, não seria este preferido áquele pela consciencia do genero neutro a que caput pertencia? O sentido que em todas as lingoas romanicas têm os varios representantes deste hipotetico minus caput harmoniza-se perfeitamente com o que na lingua do povo-rei tinha a frase minor capite, pois á ideia da morte civil anda naturalmente ligada a de perda, infelicidade, desprezo, etc.

No ELUCIDARIO ocorre a forma *mazcabo*, na qual, contra o costume, o *s* latino está representado por *z*, letra que na antiga lingoa e aínda hoje em Tras-os-Montes[1] tinha um som muito parecido com o do *c* antes de *e* ou *i*, mas, na actual fala corrente, tem a pronuncia do *s* em fim de silaba, como se vê em *mesquinho* e *mesquita*, que dantes se escrevião *mezquinho* e *mezquita* e soavão *meçquinho*, e *meçquita*, grafia e som que ainda conservão em espanhol. Por isto e porque em castelhano, a par de *mesclar*, tambem ha *mezclar*, que, me parece, é mais usado, inclino-me a crer que o *mazcabo* de Viterbo será alguma forma dialectal.

Padrôadigo. «Titulo que falla do dereyto do padrõadigo que an os omẽes enas igreias» lê-se no FRAGMENTO DE UM NUEVO CODICE GALLEGO DE LAS PARTIDAS. Do substantivo latino patronus tinha-se formado o adjectivo patronalis, a este, porem, preferiu a lingoa vulgar *patronaticus que deu em portuguĉs e galego *padriadigo*, ao passo que em castelhano, pela queda do *i* postonico, essa forma produziu *padronadgo* donde *padronazgo*. A resonancia que ainda acusa o texto acima citado parece tinha já desaparecido em portuguĉs, pois num documento do seculo XII, o mais antigo em data, publicado com todo o rigor pela primeira vez pelo snr. dr. Leite de Vasconcellos[2], fala-se mais duma vez em *padroadigo*, mas pode muito bem ter sucedido que os escribas deixassem de marcar o sinal de nasalização, como

---

1 *Apostilas aos dicionarios portuguêses* de G. Viana, pag. 135 do vol. II.

2 No vol. destinado a festejar o 70.º anniversario natalicio do prof. Adolfo Mussafia.

tantas vezes o fizeram. Em Viterbo cita-se *padronadiga;* inclino-me, porem a crer que ali o *-n-* se deve ter como sinal indicativo da resonancia nasal, que tambem por esse modo era indicada pelos escreventes da idade media. A forma hoje existente *padroado* provem evidentemente não daquela mas de patronatus, como o actual *padroeiro* é representante de patronarius, formado de patronus, á similhança doutros adjectivos (cf. gregarius, agrarius, etc.).

Paraula (paravra, paravoa, palavra). São dois os aspectos sob os quaes se nos apresenta na lingoa arcaica este vocabulo, a saber *paravra* e *paravoa*, aspectos estes que acusão epocas diferentes, sendo talvez o primeiro o mais antigo. Neste o termo grego παραβολή que no lat. vulgar tomára a forma parabola, perdendo a primitiva acepção para tomar a sinonima de verbum, pela queda regular da vogal postónica, convertera-se em **parabra* e depois em *paravra* pelo abrandamento do *b* (cf. *estravo* de *estavro*, *trevas* de *teevras*, etc.). É desta forma que, por dissimilação (r... r l... r) provem a actual *palavra*. Mas em *paravoa* não se formou o grupo *bl* e cada um dos seus fonemas componentes seguiu o tratamento de quando intervocalicos, isto é, o *-b-* abrandou e o *-l-* caiu (cf. *trave*, *fava*, *assoviar*, *anjo*, *candeia*, *vontade*, etc.). O duplo tratamento que se observa em *paravra* e *paravoa* nota-se tambem noutros vocabulos taes como *chanto*, *chama*, *cheia*, etc., ao lado de *pranto*, *frama*, *prea*, etc. Tambem, ao passo que em *agulha*, *abelha*, *molho*, *jogral*, *cobra*, *pobrar*, etc. se formaram os grupos *cl* e *pl*, não sucedeu o mesmo em *perigo*, *artigo*, etc.; provem esta diferença de não terem os vocabulos acabados de citar dado entrado na lingoa ao mesmo tempo, seguindo assim sorte diversa. Mas, alem das formas citadas, existiu, em galego arcaico e quiçá tambem na nossa lingoa, outra, *paraula*, como se vê do FRAGMENTO a que bastas vezes me tenho referido onde se lê: «Nortro Señor Jesu Cristo confirmoo (o pagamento dos dizimos) dizendo aos Judeos que, macar dezemavan as cousas meudas que non deven leyxar de o fazer das grãadas et esta paraula lles disso, porque ten que devian dezemar de todo.» Desta, que ascende provavelmente ao latim vulgar, sendo assim talvez a mais antiga, e se explica pela queda normal da vogal postonica e abrandamento do *-b-* em *-v-* ou melhor *-u-* provêm igualmente as francesa e provençal *parole*, *paraula* [1]. É escu-

[1] Os autores do *Dictionaire générale de la langue française*, no *Traité de la formation de la langue* que o procede são de opinião que o grego latinisado *parabola* se reduziu logo a paraola e paraula. Como o ditongo—*au*—se conserva em provençaı (vide Schutz-Gosa *Altprovenzalisches Elementarbuch*,

sado advertir que o ditongo *-au-* protegeu o *-l-* da forma gallega. São, pois, *paraula*, *paravra* e *palavra* e *paravoa divergentes* ou *alótropos* do grego-latino *parabola*.

Peedença. Do lat. penitentia (por pœnitentia), pela passagem da resonancia nasal proveniente do *-n-* intervocalico para a vogal imediata, que não é sem exemplo (cf. *funcho*, *adem*, *painço*, *maunça* etc.) e abrandamento normal do *-t-* em posição fraca, resultou *peendença*, depois, pela fusão dos dois *ee*, *pendença*, forma muito frequente na nossa antiga lingoa, e ainda, em virtude do desaparecimento da resonancia nasal, que em galego foi mais radical do que em português, *peedença*, que se lê no FRAGMENTO: «enquanto viveren en taes pecados et non quiserem fazer peedenza (z = ç) delles». As formas *peedença* e *pendença* são citadas por Viterbo, como pertencentes ao seculo XV, e pódem vêr-se, por exemplo, nos TEXTOS ANTIGOS por mim publicados nesta REVISTA [1]. Além das duas ultimas formas, menciona o ELUCIDARIO tambem *pendessa* e *pendocença*, como existentes a primeira em um documento de 12e85 e a segunda na CHRONICA DE EL-REI D. JOÃO I, parte I, que suponho ser a de Fernão Lopez. Como não tenho á mão nenhuma edição de confiança desta ultima obra, não posso verificar a veracidade do asserto; quer-me, porém, parecer que taes formas nunca existiram e resultaram de má leitura ou grafia errada dos respectivos textos. De *peendença* havia na antiga lingoa tambem o adjectivo *peendençal* ou *pendençal*, correspondente ao latim penitentialis. Os tradutores do latim, que enxamearam no segundo periodo da nossa literatura, desterraram o antigo *pendença* e, em lugar dele, restabeleceram o latim *penitencia*. De formação popular, como *pendença*, é *arrepender*, que representa o lat. *repenitere, no qual a consciencia do prefixo obstou ao abrandamento do *-p-*. Deste verbo ha o participio irregular ou forte *repêso*, que no povo sôa *arrepêso* e deve provir de repensus, isto é, dum verbo diferente rependere, á similhança de *morto*, que, pertencendo propriamente ao verbo *morrer*, serve de participio ou adjectivo verbal tambem a *matar*.

Preito. Afóra este termo, que, por leve evolução do sentido de «o que agrada» significou primeiro ajuste, convenção, contrato, depois

pag. 22) o que não se dá em gallego, inclino-me a crer que a forma citada no *Fragmento* foi tomada á linguagem da Provença. No actual galego, como em português, existe a forma *parola* (donde *parolar*), mas esta foi de certo importada do francês.

[1] Volumes VIII, pag. 239; X, pag. 177 e XI, pag. 210.

demanda, contenda, como se vê deste passo do FRAGMENTO: «(den o dezemo) os vozeiros daquello que gaannan por razoar os preitos» e resultou da vocalização regular do *-c-* que, pela queda normal do *i*, postónico, ficou em contacto com o *-t-* (cf. *leito*, *noite*, etc.) e passagem do *-ai-* para *-ei-* (cf. *feito*, etc.), acha-se o lat. placitum representado tambem por *prazo*, constituindo os dois vocabulos outros tantos *alótropos* [1]. E' evidente que a epoca da sua formação no português não é a mesma, parecendo-me a segunda fórma a mais antiga pela conservação do *i* postónico que, além de abrandar o *-t-*, contribuiu para a transformação, normal em taes casos, do *-c-* intervocalico em *-z-*, resultando d'ai a forma *prázedo*, a qual, pela queda do *-e-* postónico, produziu **prazdo*, donde, por não ser compativel com a indole da lingoa o grupo *-z'd-* como o *-d'z-* (cf. *onze*, *doze*, *treze*, *quatorze*, etc.), proveio o actual *prazo*. Mas que nem *preito*, que hoje se diz *pleito*, nem *prazo* pertencem ao numero dos vocabulos mais antigos da lingoa mostra o tatamento do *pl-* inicial que nestes não evolucionou para *ch-* (cf. *chaga*, *changer*, *chato*, etc.)

Razõar. Dum latim popular hipotetico *rationare, como admite o DICTIONAIRE GÉNÉRALE DE LA LANGUE FRANÇAISE de Dasmesteter e Hatzfeld, ou do antigo substantivo *razon* formou-se o verbo *razõar* queorre no FRAGMENTO onde se diz que: «os voɔ ozeyros (den o dezemo) daquello que gáannan por razõar os preitos» e tem a significação de *apresentar razões*, *discorrer*, *alegar*, *defender*, *advogar*.

Em Viterbo e no Esopo ocorre já a fórma *razoar* sem a resonancia nasal, na acepção de referir, contar, discorrer, o que me faz suspeitar que a mencionada resonancia tinha já desaparecido, como em muitos outros vocabulos, no seculo XV. Hoje, além de *razoar*, usa-se com mais frequencia *arrazoar*.

Sabendas (a). No citado FRAGMENTO le-se que «os clerigos...et. os que se aconpannan assabendas con los que son escumungados... de nehun destes sobredictos non deven os clerigos a rreceber suas offerendas.» Na nossa lingoa antiga, como na castelhana, ocorre tambem a expressão — *a sabendas* — com a significação de «por acinte, de proposito, com conhecimento de causa». E' evidente que ela provem do gerundivo do verbo ** sapére* que, á semelhança doutros, por exemplo, *fazenda*, passou a ser tido como substantivo, perdendo a significação de — o que se deve saber — para tomar a de conhecimento, sciencia. Como noutras expressões, omitiu-se nesta o artigo; por igual

---

[1] O mesmo em castelhano e gallego.

modo dizia-se na antiga lingoa *a vezes*, em quanto hoje dizemos *ás vezes*.

Seglar, segral, seglal e sagral. Sob as tres ultimas formas acha-se representado na lingoa portuguesa arcaica o adjectivo latino secularis ou saecularis, tendo a ultima, *sagral* [1], resultado de *segral* ou por assimilação ou antes pela troca normal do *-e-* pretonico em *-a-* principalmente quando em contacto mais ou menos proximo com *-r-* (cf. *varrer, rasgar, marmelo, arame*, etc); a primeira *seglar*, que ocorre no FRAGMENTO onde se diz que «estabeleceo (o papa Adriano)... que non comprassen herdades nenhũas daquellas que suyan dezemar das igreias seglares», embora castelhana, não será para estranhar que apareça tambem em documentos portugueses. No ELUCIDARIO de Viterbo vêm citadas as formas *seglal* e *segral*; quanto a *sagral*, póde ella ver-se na VIDA DE TARSIS que faz parte dos TEXTOS ANTIGOS nesta REVISTA [2] publicados, onde se lê que «o abbade Panuncio... filhou panos de sagral». Parece-me, pois, salvo o devido respeito a tão erudita escritora, que se deve conservar a lição *Cantos sagraes do povo* que vem na edição do LEAL CONSELHEIRO de 1843 e a snr.a D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos, propõe, nos seus espléndidos ESTUDOS SOBRE O ROMANCEIRO PENINSULAR, pag. 302 (nota), se corrija em *cantos segraes do povo*. Além das formas apontadas, ocorrem ainda nos CANCIONEIROS estas: *segrel, segrer* ou *segler*, aplicadas ao escudeiro que cavalgava de côrte em côrte, aceitando paga da sua arte de trovar, mas estas foram de certo, como muitos outros vocabulos, poeticos ou não, importadas da Provença, como de lá veiu tambem *segle*, aqui transformado em *segre*, e que a formar-se cá, teria dado *segro* ou *sigro*, como em hespanhol deu *siglo* [3].

Vozeiro. Foi este vocabulo comum ao português, galego e castelhano arcaico, e em todas estas lingoas parece ter tido o significado de — o que no tribunal levanta a voz em favor de alguem ou faz as vezes de advogado, procurador ou solicitador — e ser portanto um sinonimo do antigo *avogado* ou *vogado*. No tantas vezes mencionado FRAGMENTO lê-se que: «os que julgam nas cidades et ennas villas et aynda os meyriños et todolos outros que an poder de fazer justicia por

1 A forma *sagral* é tambem estudada pelo snr. G. Viana nas suas magnificas *Apostilas*, tomo II, pag. 396.

2 Vol. XI, pag. 211. Ocorre tambem frequentemente no Codice n.º 94 da Biblioteca Nacional.

3 Ou antes *selho*, se fosse verdadeiramente popular.

obra que o (dezemo) den de suas sol [da] das [1] et os vozeyros daquello que gaannan por razõar os preitos».

Em Viterbo encontra-se tambem o vocabulo abonado com varios textos. É mais provavel que ele se tenha formado jà no romance do que provenha dum hipotetico latim que só podia ser *vociarius em vez de *vocarius, que seria o verdadeiro derivado de vox; o lat. barbaro vozarius dado por Viterbo deve ser, como tantos outros, latinização do vulgar *vozeiro*. No galego actual existe ainda o termo *voceiro* que, sem duvida corresponde ao arcaico *vozeiro*, mas sem a antiga significação, pois, segundo Valladares Nuñez [2] é hoje empregado no sentido, que tambem conserva na nossa lingoa e deve ter sido o primitivo, de — o que berra ou grita. De vox derivou-se, no latim popular ou talvez com mais probabilidade no romanço hispanico, o verbo *vocear* que deu o *vozear*, comum ao castelhano e português, mas não os vocabulos galicianos *abujar*, *aboujar*, *abroujar*, nem tampouco os portugueses, que me parecem corresponder-lhes, *boscar*, *bousear*, nalguns dicionarios escritos com *z* erradamente, se aquella correspondencia é exacta, e cujo etimo deve estar noutra parte, contra a opinião de Körting [3].

Beja, maio de 1910.

J. J. NUNES.

---

[1] O editor imprimiu *soldas* a que adicionou em parentese o adverbio *sic*, como estranhando a palavra; eu proponho a forma acima, porque no mesmo capitulo ela vem mencionada mais tres vezes.

[2] Vide o seu *Romanisches Worterbuch*, edição de 1901 s. v. *voceo*.

[3] Vide o seu *Dicionario Gallego-Castelhano*, s. v. *voceiro*.

Lendas de Mouras encantadas

I

PEDRAS-MOURAS

«Na *Bouça de Talhós*, da freguezia de Jesufrei, do concelho de Villa Nova de Famalicão, existem, desde o tempo dos Mouros, umas pedras feitas a picão, com riscos fundos, de fórma de cruzes, abertos nas pedras.

Quem nellas se assentar, fica encantado, e se levar alguma para casa morrem-lhe todos os animaes que tiver.

Ha muitos annos já que o Joaquim da Bouça, d'Arnosa, levou uma das *pedras-mouras* para casa e, pouco tempo depois, morreram-lhe os bois, porcos e gallinhas.

Só passou este andaço depois que tornou a levar a pedra moura ao logar d'onde a tinha tirado».

É assim, consoante agora a contamos, que temos ouvido ao povo esta lenda.

Ainda ha dias, um mancebo de Jesufrei nos affirmou que, quando era rapazinho, e andava a pastorear o gado, os amos lhe recommendavam sempre se não assentasse nas pedras-mouras, pois que era tal o medo que tinha, que nem perto d'ellas passava.

Aguilhoado pela curiosidade de ver as pedras mouriscas, que deram origem a esta lenda, fomos procura-las á *Bouça de Talhós*.

Effectivamente lá encontramos entre o mato, em diversos logares, num pequeno montado e pinheiral, vedado por parede, tres pedras feitas a pico e que denotam grande antiguidade, tão apagados e gastos estão as gravuras d'uma.

Na face mais polida d'uma ve-se uma circumferencia, que mede de diametro $0,^{m}38$, com uma cruz do mesmo tamanho, á guisa da dos cavalleiros da ordem de malta. Esta tem de comprimento $0,^{m}80$; de largura $0,^{m}44$ e de grossura $0,^{m}30$. D'um lado, em linha regularmente

distanciadas, têm oito covinhas em que apenas lhes cabe a cabeça do dedo minimo.

Outra é das mesmas dimensões e com egual desenho no lado opposto, em cima e nas bandas.

Foi partida em tres partes, provavelmente por algum supersticioso dos que creem, como é vulgar no povo, que nas *pedras-mouras* estão encantadas riquezas.

Outra pedra mede 1,m36 de comprimento, 0,m45 de largura e 0,m30 de espessura e a circumferencia com a cruz é de 0,m38 de diametro, mas só d'um lado, que está feito a pico.

Ainda outra egual a esta está no *Campo da povoação*, encostada á parede do *Campo da carreira*.

*

Dizem que antigamente houve nesta freguezia de S. Miguel de Jesufrei um convento de frades. Não encontrámos vestigios de tal convento, nem nos souberam dizer o local onde existiu.

Talvez que, em tempos remotos, chamassem convento á antiga casa do Paço d'esta frèguesia, que pertenceu aos Eremitas de Santo Agostinho do convento do Populo de Braga.

As *pedras-mouras* estão num logar bastante longe d'esta casa (convento ?), mas, ainda assim, não poderiam ter pertencido a algum *nicho* mandado fazer pelos Eremitas ou mesmo por algum devoto ?

II

A MOURA DA PRESA DE S. DOMINGOS

D'uma feita, estava uma Moura a lavar uma grade d'ouro na presa de S. Domingos, da frèguesia da Carvalhosa, de Paços de Ferreira.

O dono da presa foi pela sésta soltá-la, para regar um campo de milho a que tinha acabado de dar a segunda sacha.

A Moura, ao ve-lo, parou de *trupar* com a grade na *auga*, e *pidiu*-lhe que a não abrisse para a poder lavar a preceito.

Ao lavrador ainda lhe *deu continuas* de a *s'tifazer*, porque a Moura até riquezas lhe offereceu, mas elle não podia deixar para *oitro* dia, por que os milhos estavam *entalados*.

A primeira sacha tinha sido mal feita; a segunda muito trabalhosa, e era preciso que o lavrador se *chegasse a elles*, porque lá diz o ditado :

Quem mal decrua, ao arrendar a sua.

Então a Moura, para se vingar, rogou-lhe esta praga: — «Nunca mais guiarás a *auga*, nem te chegarà ao campo».

E o caso é que ella teve *revaleste*.

Era que farte, e depois começou a chupar-se, a sumir-se pelo monte, pouco a pouco e nunca mais là chegou.

E, antigamente, até regava uma agra que ficava muito longe, no logar de Peias.

*

Em Penafiel ha uma lenda de uma *Moura encantada*, que estava a lavar umas *meadas d'ouro* (coleccionada a pag. 75 das *Tradições populares de Portugal*, por J. Leite de Vasconcellos), e que na essencia é semelhante a esta inedita, que colhemos da tradição oral em Paços de Ferreira, em 1890, consoante agora a contamos.

ABILIO BRANDÃO.

Costumes e linguagem popular de Murça

Murça é a terra classica da *porca* [1], das *murcellas* e do *toucinho do céu*. É um concelho pequeno, composto apenas de nove freguesias, e situado a nordeste de Villa Real, d'onde dista cerca de 14 leguas, e de cuja linguagem a d'esse concelho se aproxima bastante, tanto na phonologia e morphologia, como no vocabulario.

O pouco que agora publico, foi ouvido ha 10 annos a um alumno do Lyceu de Villa Real, natural da freguesia de Candedo,—com excepção dos *costumes*, que ouvi contar recentemente a outra pessoa, natural da propria villa de Murça.

I

COSTUMES

Enterro do Entrudo. — No ultimo dia do Carnaval, á tarde, quatro homens atravessam as ruas principaes da villa, levando ás costas numa padiola outro que finge de morto; atrás vae terceiro, que faz de padre e que de quando em quando bota os seus latins.

Sempre acompanhados de grande multidão de povo, seguem até ao cemiterio, onde fazem todas as cerimonias, como se tivessem de dar um corpo á sepultura. Chamam a isto o *enterro do Entrudo.*

Domingo da caqueira. — Em certo domingo da quaresma as pessoas vizinhas e conhecidas entram em casa umas das outras e trazem para a rua toda a louça de barro que encontram, e começam depois a jogar e atirar com ella uns contra os outros, até a desfazerem em cacos. Porisso chamam a esse dia *domingo da caqueira.*

---

[1] Ácerca da *porca* (de granito), monumento funerario da epoca lusitanica, vid. Leite de Vasconcellos, *Religiões da Lusitania*, III, 16 ss.

O compasso da Paschoa. — Em Seixo, freguesia annexa a Murça, o abbade ou quem fizer as suas vezes, antes de começar a visita paschal, deve offerecer a todos os fregueses ou freguesas que fôr encontrando massitos de rapé, ainda que não seja senão do *vinagrinho;* e se o não trouxer, obrigam-no a ir busca-lo a qualquer venda, porque sem o dito offerecimento não se póde começar o compasso.

No mesmo dia ha um mordomo encarregado de dar vinho a toda a gente, o qual tem uma pipa deante da porta ou no meio da rua para beberem quantos e quanto quiserem.

No fim do compasso o mordomo entrega o ramo ao abbade, indicando-lhe em segredo a quem o deve passar para ser o mordomo do anno seguinte, que é sempre um dos lavradores mais ricos da freguesia.

Ao fim do dia, depois de terminado o compasso, quando o abbade faz as suas despedidas e vae a retirar-se, é que os fregueses mais primam em divertir-se a jogar as pulhas com elle; mas aquillo em que mais se empenham é obriga-lo a olhar para trás, quando elle ja vae a certa distancia, e porisso começam a dizer-lhe: *ó sr. abbade, leva o casaco sujo! leva um rabo pendurado! leva isto, leva aquillo,* etc.

O abbade tem de rir-se para todos, e mostrar sempre rosto alegre e prazenteiro, não fazer caso das pulhas, nem olhar para trás, pois d'outro modo se expõe a uma gargalhada geral.

II

LINGUAGEM POPULAR

I. PHONOLOGIA

Vogaes oraes:

As vogaes *ô, ó* e *ê* mantem no pl. a accentuação do sing.: ôvo, ôvos; côrpo, côrpos; ôlho, ôlhos (mas tambem ólho, ólhos); formôso, formôsos; teimôso, teimôsos; nôvo, nôvos — ólmo, ólmos; ósso, óssos — êsta, êstas; êssa, êssas; aquêlla, aquêllas.

Tem *e* aberto: cobérto (adj. e subst.). Tem *e* fechado: adega, sêcca (subst., falta d'agua, e pessoa importuna).

Vogaes nasaes:

Os suffixos *-ento, -ente, -onte* sôam como no geral do país e não cómo em Villa Real, onde a vogal da penultima é aberta: gente, pensamento, ponte (e não génte, pensaménto, pónte).

O *o* é fechado no suffixo *-ona*, como trapalhôna, e é aberto nos suffixos *-onho*, *-onha:* Antónho, matrimónho, demónho.

Dizem: Adrianho, vancelho, tamão, àmanhê (e amanhã).

Ditongos:

eu sôa fechado: cêu, chapêu, vêu.

ou e *oi* alternam entre si, mas parece prevalecer o segundo: souto e soito, coive, moira, toiro, oiteiro; outro (não oitro), s'outro dia. Mas lòreiro.

oes pl. dos nomes em *ol* sôa ôes, como: anzôes, sôes, sôes (ao lado de *anzoles*, que tambem se ouve).

Os nomes em *-ario* sôam *-airo:* boticairo, vigairo.

Os em *-avel* sôam *able:* agradable.

Os em *-onio* sôam *ónho:* Antónho, demónho, matrimónho, patrimónho.

A particula inicial *tres-* sôa *str-*: strofogueiro.

Nalguns nomes isolados encontramos troca entre os phenomenos a mesma classe: assim *b* por *m* em *belancia*, *g* por *c* em *gacho*, *l* por *r* em *rèlolicas*, *r* por *l* em *azur*, *nh* por *lh* em *minhafre* e *tanha*.

Assimilação consonantica ou vogal alterada pela consoante vizinha: aradeira (por *eradeira*), arancú (por *orincú* de *ouro-em-cu*), chuminé, jinella.

Reducção de syllabas: cambra, cantro, ctofelo («cotovelo»), gestas, pucro.

Metathese phonetica: redadeiro, dadiva, barôlo (por balôro, de balôr).

Accentos: maniáco, píveda, javalí (e não jàvàli), pessêgos, bençã̃o (ao lado de bénção, que tambem se diz).

2. MORPHOLOGIA

Nomes:

Grão faz *grões*.

São frequentes os suffixos *-êlho*, *-êlha*, *-icho:* cibelho, mentirelha, pequenicho.

Homem faz no aumentativo *homenzalhão.*
Dizem *rudo, -a,* em vez de *rude.*
Nos comparativos dizem: *mais melhor, mais maior,* etc.

Verbos:

A 1.ª p. do pl. dos pret. dos verbos em *-ar* é *-ámos* e não *-êmos*: louvámos, brincámos, etc.

Na 1.ª p. do pl. do conj. pres. dos verbos da 2.ª conjugação mantem-se o accento do sing.: queíramos, tênhamos, fáçamos.

Dizem: ouvisto, pido e peço, cómo (de comer), veio (e não veu), samos e sómos, dixe (-era, -esse, -er), fai (= faz) vas (= vais), jonguir (= jungir), vinhera, (-esse, -er, = viera, -esse, -er).

3. VOCABULARIO

A

abelar, murchar.
abrunhar, o mesmo que *acabrunhar.*
abrunho, fruto de abrunheiro.
acabrunhar, cair doente na cama.
adjunto, ajuntamento, reunião.
Adrianho, Adriano.
aganar, andar com a lingua fóra da boca.
aldeagante, vadio.
almoteriga, almotolia.
alustro, relampago.
àmanhê, àmanhã.
apresigo, conduto, o que se come com o pão, quer seja carne, quer peixe.
asperses, uma variedade de pêssegos. (Devem ser os *alperches*).
aradeira, hera, planta conhecida.
arancú, pyrilampo.
arrebunhar, arranhar ou maguar com as unhas.
asna, burra.
atafal, pano de cobrir cavallos.
auga, agua.
avècido, habil, esperto, entendido.
azur, azul.

B

barôlo, bolôr.
bandoleiro, vadio.
bejuega, bijoga ou bôlha nos pés, produzida pelo calçado.
belancia, melancia.
bêta, zanga. Ex.: estar com beta, estar zangado.
bogar, importar. Ex.: «que boga isto?»
bornal, sacco de couro.
boticairo, boticario.

C

cadête, rapaz bonito.

calço, 1.º) pedra de calçar as panellas na lareira; 2.º) parede de pedra miúda para sustentar
cambalheira, cadeia de ferro.
cambra, camara.
camurra, pessoa de maus modos.
canhôto, pessoa sem um braço.
cantro, cantaro.
capão, mólho de vides.
chibo, bóde.
chiscar, belliscar.
chuminé, chaminé.
coive, couve.
cornipos, pequenos chifres.
ctofelo, cotovelo.

D

daimôso, que tem bom coração.
demônho, demonio.

E

empada, bôlo com carne.
endez, ôvo choco que se põe no ninho das gallinhas para as não escarmentar.
enxambrar, enxugar.
enxamprada, roupa quasi enxuta.
enxido, porção de terreno junto da casa de viver.
enxofrar, arreliar, zangar, encolerizar.
esfandegar, rasgar o fato.
esmichar, ferir, abrir ao sangue.
estámego, estómago.

F

fintar, fiar-se, acreditar em.
folhato, as folhas acamadas que envolvem a espiga do milho.

G

gabella, mólho, feixe.
gacho, cacho.
gaiar, não ir a escola, cabular.
galrito, sacca de coar o vinho.
gambias, pessoa de estatura fóra do natural.
gata, bebedeira.
géstas, giestas.
gôgo, pedra roliça.
guicho, esperto, habil.

I

incanhar, enfeitiçar.
ingalliar, pegar-se com alguem, bulhar.
intourir, inchar.

J

Jidorio, Isidoro.
jonguir, jungir, pôr o jugo aos bois.

L

lagartucha, lagarticha.
larica, 1.º) planta que nasce no meio do trigo; 2.º) fome.
lascarim, desinquieto, grulha.
licreu, lacrau.

M

merongo, pessoa mal arranjada.
merujar, cair chuva miudinha.
missôilo, criança pequena e gorda.
mochões, mosquitos.
mora, fruto, tanto da amoreira, como da silva.
mosquête, bofetada.

N

náduas, nóduas.
nuvias, nuvens.

P

papeles, papeis.
papola, bruto, estupido.
paquête, rapaz de recados.
peccado, demonio.
peneira, fome.
perca, perda.
pessêgos, pessegos.
piadoiro, poedoiro, pano para dobar.
piasca, pião fraco.
pichôrro, cantara pequena, infusa.
pingar com somno, — cair ou cabecear com somno.
pita, gallinha.
píveda, pevíde.
pôcha, moinha de encher os travesseiros.
poldras, alpondras, passadeiras de atravessar os rios.
pote, homem baixo e gordo.
prècurar, procurar.
prêto (adv.), perto.
pró môr de, por causa de.
propóde (com *ó*), para junto de.
prumos, garfos dos enxertos.
pucro, pucaro.

R

rabaceiro, amigo de fruta.
raparigos, rapazes muito pequenos.
ratar, romper, traçar, furar. Diz-se quasi sempre fallando de ratos e da roupa. Ex.: a minha saia esta toda ratada.
repitosca, rapariguita esperta e viva.
responsar, rogar mal, praguejar.
ressa, calôr do sol.
rètólicas, rethoricas.
róca, apparelho de colher a fruta na arvore, para se não pisar.

S

sanôco, pedaço.
sessão, humidade propria d'um terreno.
s'outro dia, ha pouco tempo, ha poucos dias *(s'outro* por *ess'outro)*.
starrincar, ranger os dentes.
strofogueiro, trasfogueiro, pedra ao fundo da lareira.

T

tamão, temão, peça do arado.

V

vacão, preguiçoso, que não trabalha.
vicentes, soccos, tamancos.
vigairo, vigario.
vinhera, vinhesse, vinher = viera, viesse, vier.

Z

zarelho, demonio.
zurrar, dar pancadas.

Porto — Agosto de 1910.

A. GOMES PEREIRA.

Investigações ethnographicas

I

Antigas usanças

Em Outubro de 1829 effectuaram-se na praça publica da cidade d'Elvas pomposas festas em demonstração de regozijo pelo anniversario natalicio de el-rei D. Miguel. A camara municipal, o governador da praça, o corregedor e o provedor da comarca foram os promotores dos festejos, de que uma folha volante, sahida da Imprensa Regia naquelle anno, deu minuciosa descripção. D'esta folha vou extrahir algumas notas curiosas:

. . . .

«Foguetes lançados ao ar pelas duas horas do dia 27 annunciarão o começo dos festejos. Achava-se a Praça circumdada de camarotes, formando amphitheatro, apinhada d'espectadores de ambos os sexos. Fez entrada na mesma em primeiro logar hum mascarado, figurando official engenheiro e 4 soldados trazendo differentes instrumentos mathematicos, de que usão os que exercem tão indispensavel, util, e importante profissão, medío o terreno e collocou bandeirolas. Entrou seguidamente hum correio célebre pelos seus grotescos vestuario e mascara; veio como a annunciar a chegada da grande comitiva, na frente da qual entravão dous Cavalleiros á Turca, e huma banda de musica militar, a que se seguia um Carro Triumphal, e nelle collocado entre rico ornato a Regia Effigie d'El-Rei o senhor D. Miguel I, em cuja frente se vião dous Genios, hum dos quaes lhe offerecia de joelhos huma Corôa e o outro uma Espada. Entre os adornos do carro havia varios emblemas; era tirado por huma Companhia lustrosa por seu rico, e elegante vestuario. Seguia-se outra Companhia de dançantes igualmente bem ves-

tidos; e depois desta huma Guarda de Cavalleiros á Turca, trazendo na frente sete Clarins em Cavallos brancos. Vinha depois outro Carro Triumphal puxado a tres tiros de muares, conduzindo, além de huma banda de musica, a figura da Fama. Immediata a este carro seguia-se a pé uma numerosa Guarda vestida á Turca, e depois dezesseis Lavradores montados em egoas bem ajaizadas, e vestidos com uniformidade. Em seguida vinha huma Companhia de Corcovados uniforme e exoticamente vestidos, com seus cacetes, marchando a toque de pifano e violão. Immediata a esta vinha uma Mata ambulante, que encerrava huma Companhia de Negros bem figurados, com suas tangas e tamboril. Logo depois dezesseis Cavalleiros em Cavallinhos de canastra, com Clarim e Estandartes. A estes seguirão dezesseis Cavalleiros com vestuarios ricos, antigos, grandes catanas, montados em jumentos, e precedidos por um engraçado Timbaleiro. Na retaguarda marchava uma Guarda figurando Tropa Hespanhola, e depois um Pastor Serrano, que pertencia á Farça, que devião representar doze Cavalleiros, que na retaguarda de tudo se vião figurando quatro Guardas e oito Contrabandistas.

N'esta ordem, caminhando gravemente, derão volta em torno da Praça; ao avistar-se o Retrato d'El-rei subindo ao ar muitos foguetes e repicando os sinos da Cathedral e Camara, se desenvolvêo nos immensos espectadores o mais vivo e inexplicavel enthusiasmo; os vivas e acenos de lenços durarão largo espaço, offerecendo huma perspectiva assaz agradavel, e enternecedora. Depois que a Fama recitou com elegancia um discurso, se postarão as Companhias em torno da Praça, tomando assento em bancadas a isso destinadas as de pé, e conservando-se montadas as de Cavallo; o Carro com a Real Effigie se postou em logar proprio para ser reverenciada. Esta tarde foi destinada exclusivamente para as Cavalhadas, que os Lavradores executarão com plena satisfação do Publico, desenvolvendo summa agilidade nas difficultosas e diversas manobras, que executarão.

A igual hora do dia 28 se fez a entrada com a mesma ordem, e luzimento, havendo demais, assim como em outros dias, alguns mascarados, que executavão Farças celebres. Os cavalleiros vestidos á Turca executarão com summa destreza varias evoluções, continencias e manobras, no começo e fim das quaes recitou o seu Director poeticos elogios; e terminou o festejo d'este dia pela Farça dos Guardas, e Tropa Hespanhola com os Contrabandistas, junto á Choupana do Pastor Serrano.

Alem do que houve nas entradas dos dias antecedentes, accrescêo vir na tarde do dia 29 hum Parque d'Artilheria puxado a braços por Artilheiros no ultimo asseio, que ao entrar o Retrato d'El-Rei na

Praça dêo huma Salva Real, e outra quando sahio (e o mesmo se praticou em o dia 31). Veio nesta tarde huma Companhia d'alfaiates, muito bem imitados com tesouras, e cadeiras. Os Cavalleiros á Turca trabalharão por espaço de huma hora; e seguio-se-lhe a Companhia a pé, tambem á Turca, executando vistosas continencias e evoluções, e no fim dellas recitou com energia o seu Director elegantes versos a Sua Magestade. Os cavalleiros em jumentos executarão graciosas Cavalhadas; e fizerão os Negros, e Corcovados suas farças e danças jocosas.

No dia 30 fizerão entrada a pé todas as Companhias; e, tomando assentos se executou com applauso a Farça das Cavalhadas de Cavallinhos de canastra [1]. Dançarão depois sobre hum tablado que a esse fim se construio no meio da Praça as Companhias de danças serias, huma d'Artilheiros, e a outra de Milicianos, que muito recrearão pelo bom desempenho das danças, e pela agradabilissima perspectiva, que formava o matiz dos elegantes vestuarios, nas differentes figuras que formavão. Dançarão, depois os Corcovados [2], que, ao som de violão, cantavão juntamente a seguinte e outras trovas.

Eis aqui vão os Corcundas
Com seus Cacetes alçados
A defenderem o Throno
Das perfidias dos malhados.

e rematou o divertimento com huma graciosa dança de quatro pares com pratilhos, e vestidos antigos; o inesperado, e gracioso d'esta dança divertio sobremaneira.

---

1 *Cavallinhos fuscos*, ou *fustes*, ou *fustos?* Pero Salgado, na comedia *Theatro do Mundo*, impressa em 1645, dá-nos esta ultima fórmula e nos seguintes versos:

Sahiu de Constantinopla
de Marrocos, ou de Argel,
hua frota de mil fustas,
galeotas, ou galés.

Como *cavalinhos fustos*,
estas se vião correr,
quando não voar pola agua
como já Gongora os fés.

2 Ainda não ha muitos annos que em Elvas, pelo Carnaval, apparecia nas ruas o divertimento popular dos *Corcovados*: 13 homens, cada um com o seu cacete e com grande giba, formavam em linha, e, entoando varias cantigas, durante o ritornello de cada uma d'ellas batiam fortemente com os cacetes nas corcovas uns dos outros.

Todos se esmerarão em tornar mais pomposos os festejos do dia 31, em que terminarão. Fizerão entrada a cavallo todas as Companhias: por isso, a que nos mais dias tirava o Carro, em que ia a Real Effigie, foi substituida por Officiaes inferiores d'Artilheria. Feita a Continencia ao Retrato d'El-Rei (como sempre fizerão as Companhias, antes de começarem a trabalhar) fez a Companhia dos Alfaiates a Farça de matarem a aranha [1] e depois trabalharão todas as Companhias de Dançantes, e a dos Negros, que terminou os divertimentos, queimando a Mata».

Acerca dos *cavallinhos fuscos* ou *fustes*, vid. o que diz o snr. F. Adolfo Coelho, numa nota ao *Hyssope*, ed. do snr. Ramos Coelho, Lisboa 1879, pag. 441-442.

II

Bençãos da Igreja contra a Lagosta ou Gafanhota

«Diz José Victorino da Silveira Falcato que nas herdades que cultiva neste termo xamadas Freixial, Emserabodes, Buscavides e Afonso da Gama e outras tem aparecido mt° grande numero de lagosta ou gafanhota; *que elle suplicante tem levado sascrdotes a fim de que pelo meyo das Bemsam da St.ª Igreja sesase aquele Flagelo*, mas recorrendo ao meyos umanos tem mandado todos os seus criados a matala, e como as suas forsas não são bastantes p.ª tal em primeiro lugar pela falta de vertude p.ª fazer sesar este Flagelo pelo meyo da religião, e depois porque des ou vinte homens que lhe são subordinados he numero insofesiente p.ª atacar este Inimigo comum. Pede a V. S.ª Sr. Dr. Juis de Fora e Ill. Senado da Camara que da sua parte detreminem ao povo que acudam a esta caoza comua porque agora que não voa se pode matar facilmente em dias umidos ou de menham bem cedo antes que venham devastar as siaras etc. E. R. Mce. = Despacho: Acordão em Vereação, etc. que asinem esta Petição os mais lavradores do Termo, para se lhe deferir. Elvas 28 de Abril de 1798 — Costa — Mello — Rez — Sequeira — Amorim. — Ill.mo Senado. Fiz a

---

[1] Seria o proloquio — *São sete alfaiates para matar uma aranha* — que daria origem á farça, ou proviria da antiga farça o proloquio? — Acerca d'este proloquio, vid. Adolpho Coelho na *Rev. Lusit.*, I, 256.

presente reprezentação a V.ª S.ª pello que acontese nas erdades que eu cultivo, porque a quantidade de lagosta he tal que chegando ao seu verdadeiro acrescimo devastará tudo; como o despacho de V.ª S.ª determina que eu fassa huma especie de convocação; a V.ª S.ª he a quem compete fazela como cabesa do povo em atenção ao bem comum; eu reprezento a consternação em que estou, e V.ª S.ª mandará o que lhe pareser. = Despacho: Acordão em Vereação, etc. Não deferem ao suplicante visto que todos os mais lavradores impugnão o mesmo que elle pede por evitarem os prejuizos emenentes. Elvas 5 de Mayo de 1798 = Costa = Mello = Rez = Amorim».

(Papel avulso da minha collecção de mss. antigos).

III

Pelle de lobo

«Prouedor da Comarca d'Eluas. Eu El Rey uos enuio m.to saudar. O danno q. em geral e particular recebem dos lobos os pouos e lauradores nas criasóens he tam consideravel q. obriga a q. por todas as vias se trate com gram cuidado, da extrução delles mayorm.te quando o prejuizo he de calidade q. vem a ser m.ta cauza de não multripicar mais a caualr.ª q. mandey criar pelo Reyno, e não hir por diante o augmento della como se esperaua, e quanto não ouuera outro fundam.to pois toca no q. tanto se necessita q. he auer copia de cauallos p.a para a defenção do mesmo Reyno, e offença do enimigo, a razão pedia senão desimulasse a execução do Remedio, pello q. vos encomendo m.to e mando ordeneis as Camaras de vósso districto pagem m.to pontualmente a quem lhe mostrar pelle de lobo o premio q. esta taixado e nas Camaras aonde não ouver renda de q. possa sair a despeza se faça por conta de minha far.da, por os almoxarifes della, avizandomo pr.o p.ª que pella via a q.m toca lhe vaá o despacho. E do q. da mais delig.ca resultar, folgarei me façais rellação p.ª me ser prez.te. Escritta em Lx.a a tres de septembro de seiscentos e sincoenta e dous, Rey. Eu Lourenço Lobo de Vasconcellos, escrivão da Camara o fiz escrever e suiscrivi e consertei. C.do comigo escrivão Lourenço Lobo de Vasconcellos».

(Tombo 1.º, parte 2.ª, do Registo da Camara d'Elvas, fl. 575).

IV

Amuletos

«É curioso observar como entre os Germanos ganhara a mesma superstição relativamente aos *amuletos*, que tanto tinha vogado na Grecia, e em Roma; e que não perdeu ainda hoje de todo o seu poder entre os povos modernos, apesar de esclarecidos pelo christianismo. *O Amuleto*, figura ou caracter, a que se attribue virtude sobrenatural, traz origem dos Chaldeos e dos Egypcios, que traspassaram aos Gregos e aos Romanos, com muitas outras, tambem esta superstição. Plinio a menciona por vezes. S. Jeronimo lamenta que os primeiros christãos não a evitassem, e que, no seu tempo, muitas mulheres trouxessem pendurados do pescoço pedaços de lenho da cruz, e outras reliquias, como verdadeiros amuletos. S. João Chrisostomo condemna formalmente o costume reprovado por S. Jeronimo, e lhe chama idolatria; e o concilio de Laodicea, celebrado no 3.º seculo prohibe aos eclesiasticos usar *phylacteras*, ou amuletos, sob pena de serem degradados das ordens.

E não será fora de proposito observar que a prohibição, feita aos ecclesiasticos em differentes concilios, de usar anneis, teve este mesmo fundamento, como o tinha tido até entre os pagãos, pois tambem vedaram aos sacerdotes trazer anneis, excepto sendo tão singellos, que não podessem de nenhuma sorte conter amuletos. AUL. GELL., Lib. 10, c. 15.

Entretanto a superstição poude mais do que a authoridade da razão e da religião. Na idade media o uso dos amuletos era geral entre os christãos, e entre os sectarios de Mahomed. Conforme ao que já disse, ainda hoje não ha povo aonde não tenha proselitos esta ridicula vaidade, como não duvida chamar-lhe o proprio Plinio Senior, aliás nada inimigo do maravilhoso».

(D. José Maria d'Almeida Correia de Lacerda — *Costumes dos Germanos*, Nota n.º 102.ª).

V

Uma extravagante tradição

«Balthazar Barradas, que dizem foy F.º de Loppo Barradas, (N.º 1), he tradicção que estando Prezo na Torre de Homenagem de

Beja com seu Primo fizeram Azas de Adargas, e se llansaram da Torre, e o Primo se fes em pedassos, e elle escapou fogindo para Castella, aonde cazou, e foy Pay, ou Avou de Francisco Pires Barradas».

(*Memorias Genealogicas da Casa dos Vasconcellos d'Elvas*. (ms.). Titulo dos Barradas, tomo I, fl. 38).

VI

Cantiga popular

Os antigos «Terços», ou Regimentos de 2.ª linha, a que se chamou de Auxiliares, eram compostos, nos meados do seculo XVII, dos filhos unicos de viuvas (repintados sustentaculos das familias), dos lavradores (por necessarios para a cultura das terras), *e dos casados* d'idade valida.

A este privilegio, de *os casados*, não pertencerem á 1.ª linha do exercito, se faz allusão na seguinte cantiga popular, por mim recolhida em Elvas:

Ai Jesus! que estou na lista!
Jesus! que estou alistado!
Bem pudéras tu, menina,
Livrar-me de eu ser soldado!

VII

Como se criavam os donatarios da coroa em Portugal

Documento do seculo XVIII.

«Senhor: Vi o Decreto dos serviços de que requer satisfação Luiz Josè de Vasconcellos. Consta delle haver servido a V. Magestade na guerra por tempo de 10 annos, 6 mezes, e vinte hu' dias, com interpolação de trinta e hu' de Março de 1700 athe 17 de Mayo de 718 em que ficava continuando; a saber: 3 annos: 3 mezes, e 20 dias em praça de soldado; hu' anno: 2 mezes, e 22 dias no posto de Capp.am

de Infantaria, e hu' anno 2 mezes, e tantos dias, no posto de Mestre de Campo de hu' 3.º pago no Algarve; 4 annos: hu' mez, e 20 dias de Governador da praça de Portalegre. O Suppl.e como consta deste decreto se tem achado em boas occazioens, nas quaes procedeo honradamente. Pede a V. Magestade lhe faça mercê conceder-lhe licença, e faculdade para que possa fazer de novo hua' Villa na herdade chamada de Monterico com o senhorio para elle e seos Descendentes, e dos bens, que forão de João Rodrigues o Marques e se sobquestarão a seo sobrinho Luiz Mendes de Vasconcellos, citos no termo de Elvas, que consta de sete olivaes, e hua' horta, cujo maior rendimento nos annos antecedentes foi athe 150 mil reis e no passado renderão 80 mil réis e a horta 30 mil reis e lhe faça mercê para seo filho da comenda de S. Thiago de Miranda, que vagou por D. Alvaro Casto de Mello, e se arrendou este anno por 50 mil réis por conta da promessa de comenda de 400 mil réis com que seo pay foi respondido para elle supplicante. Pareceme que V. Magestade *conceda licença ao supplicante para fazer na sua herdade a villa que pede, não podendo levantar Pelourinho senão depois de ter sincoenta vizinhos*, porque he razão, que passe a seus successores, pois he eregida na terra do supplicante e á sua custa, *e não haver prejuizo em ter a corôa mais hu' Donatario*, e com informação do Provedor da comarca de Elvas lhe faça V. Magestade mercê da horta que pede não excedendo o seu rendimento de 50 mil réis suposto, que a certidão, que apresenta, não he passada por authoridade de justiça. Deus guarde muitos annos a Real Pessoa de V. Magestade. Lisboa Occidental a 23 de Agosto de 1718». (Uma assignatura illegivel).

(Papel avulso da minha collecção de mss. antigos).

VIII

O castanheiro dos amores

(LENDA)

«No angulo da quinta de Fontêllo (paço dos bispos) que faceia a estrada que liga Viseu com o Sattam e o pequeno ramal que leva d'aqui á estrada que se dirige a Mangualde, ergue-se um castanheiro velhissimo no qual o tempo roeu já quasi toda a ramaria, deixando-lhe apenas um como que braço enorme, rigido e musculoso, apontando aos baixos ceus como n'um ameaço constante. Pois em volta d'este tronco,

mais de nove vezes secular, teceu-se a formosa lenda medieval do *castanheiro dos amores*. Amava Martim Affonso, um gentilissimo da *Ala dos Namorados*, a deliciosa Alda, filha de D. Soeiro. Era nos calamitosos tempos de D. João I. Martim Affonso é avisado de que é mister partir sem demora em soccorro do seu senhor... O fidalgo estremeceu. Se no seu coração limpido e nobre se alberga o sentimento de profundo amor pela patria, tambem é certo que junto d'elle fulgura radiante a enthusiastica affeição que vota á sua dama e senhora sua. Mas o dever venceu a paixão. «Vem a meus braços, perola explendida do diadema da humanidade. Vem, que eu parto! A patria reclama-me; mas, se o meu sacrificio por ella não envolver a fatal agonia dos moribundos, crê que, apoz a lucta, serei immediatamente em teus braços!» E partiu logo, negro de angustia, deixando a saudade pungente e cruel na alma da mulher virginal que lhe recolhera os mais ternos affectos. Comtudo, Martim Affonso não mais voltou. O seu sacrificio pela patria fôra completo. Muito tempo depois, a altas horas da noite, quando a estrellas brilhavam no fundo dos espaços ou a lua espalhava uma triste chuva de luares por sobre as encruzilhadas proximas do solar, dizem que se via o espectro do fidalgo dar tres voltas em redor do castanheiro e chamar com lagrimas na voz, pela filha do castellão...»

(A. Campos — *Branco e Negro*, n.º 32 de 8 de Novembro de 1896).

IX

A procissão de «Corpus Christi» em Elvas

(SECULO XVI)

1. Gaiola

«E quanto he ao 10º apontam.to em q. dizeis. q. he grãde mingoa nõ aver nessa villa gayola para a festa do Corpo de D.s nê páleo, a my parece q. nõ pode ser moor, semdo tam honrrada e onde taaes pesoas vivê / aveemos por bem q. loguo mandeis fazer hua que custe ataa dozentos cruzados / E pa o fazim.to della se lançará este anno imposisam e naquella manr.a q. se lançou pa as obras dos muros / ou manday ver huua q. ha ê Beja se serve e gostais della a compreis / se nam façasse a out.a loguo / porê vollo notificamos asy e mandamos q. asy se cumpra a diligencia».

(Carta regia de 18 junho de de 1505. Archivo Municipal d'Elvas. Livro 2.º das *Proprias*, fl. 273 v.º)

2. Castellos e officios

«Vereadores e p^dor. Avemos p^r bem q. os nosos espingard.^ros dessa cidade q. forem oficiaes mecanicos vaão na processam do Corpo de D^s com os castellos de seus oficios sem embargo de alegarem que p.^r seus privylegios sam della escusos p.^r q. nam queremos que nisto ajam lugar / notificamollo asy e vos mãdamos q. pa ello os costramgaes e façæs yr na dita procissam como dito he».

(Alvará de 26 de Maio de 1511. Livro 1.º das *Proprias*, fl. 597. Archivo Municipal d'Elvas).

3. Espingardeiros

«Nos ElRey fazemos saber a vos Juiz e Vereadores da nosa vila deluas que a nós praz e avemos por bem q. os espingardeiros q. nessa vila ha vaão cõ suas espingardas nas p^rcisones q. se nesa vila fazem ordenadas os quaes iraão naq.^le lugar ẽ q. sempre forã / noteficamos volo asy e mandamos por este ao anadel dos ditos espingardr^os da dita vila q. os faça ir nas ditas p^rcisones p.^r qn.^to nós ho avemos asy p.^r bem sem embarguo de seus privilegios p.^rque pa iso os nõ escusa».

(Carta regia de 17 de setembro de 1511 — Livro 2.º das *Proprias*, fl. 215).

4. Questão entre o Bispo e o Senado

«Juiz, vereadores e procurador da cidade deluas. Eu ElRey vos emvio muito saudar. Vista a emformação que mandey tomar sobre a diferença q. se moveo antre vós e o bispo acerca das Ruas por onde avia dir a procisão de Corpus Christi e como pola dita enformação se mostra que as ruas por onde o bispo quer que vá a procisão são pera isso mais descentes que as outras por onde até agora costumava de ir e que vaõ tambem por elas as procisões de dia de Santa Isabel e do Anjo, ouve por bem que a dita procisaõ de Corpus Xpi fose daquy em diante polas ditas ruas que em camara com o bispo asentastes, como vereis pola provisaõ que disso mandei passar, a qual comprireis inteiramente como nella se contem, porque asy o ey por serviço de Nosso S.^r e meu. João da Costa a fez em Lix^a a 12 dagosto de 1576. Jorge da Costa a fez escrever. Rey».

(L.º 3.º das *Proprias*, a fl. 312. Archivo Municipal d'Elvas).

(SECULO XVIII)

5. **Danças, pellas e cavallinhos fuscos**

«Dom João por graça de Deos, Rey de Portugal e dos Algarves daquem e dalem mar em Africa Sñor de Guine &.ª Faço saber a vos Juiz de fora da cid.ᵉ de Elvas que os officiaes da Cam.ʳᵃ dessa cid.ᵉ me representarão por sua petição, que na mesma se costumava fazêr a procissão de Corpo de Deos como antigam.ᵗᵉ compondo-se de variedade de danças, péllas, cavallinhos fuscos, e outras figuras que dispunha o antigo regim.ᵗᵒ, e que eu fora servido mandar tirar nesta corte as dittas figuras, e uzos antigos para mayor solenid.ᵉ e devoção da mesma procissão e elles supp.ᵉˢ a desejavão fazer á imitação. Pedindome lhe fizesse merce de lhes dar novo regim.ᵗᵒ p.ª poderem fazer a d.ª procissão á imitação da desta corte, e visto o que alegarão e constou da vossa informação servindo de Correg.ᵒʳ da Com.ᶜᵃ, e resposta do Procurador da Coroa a que se deu vista Hey por bem dizervos que aos Prelados ordinarios pertence o ordenar as procissões, e á imitação do que se observa na Metropoli de Evora podem os officiaes da Cam.ʳᵃ dispor a dessa cid.ᵉ El-Rey nosso Senhor o mandou pelos Doutores Gregorio Per.ª Fidalgo da Sylvr.ª Antonio Teixr.ª Alv.ˢ ambos do seu conselho e seus Dezr.ᵉˢ do Paço. Chrisostomo dos Santos Marques a fez em Lisboa occ.ᵃˡ aos dous de Janr.ᵒ de mil e sette centos e trinta e dous annos. Balthazar Peles Synel de Cordes a fes escrever. = Gregorio Pr.ª Fidalgo da Silv.ʳᵃ = Antonio Teix.ʳᵃ Alvres.»

(Archivo Municipal d'Elvas. — L.º 7.º das *Proprias*, fl. 431).

6. **Folias, outeiros e touradas**

Na vespera do dia de Corpo de Deus faziam-se (em Elvas), a expensas do senado, grandes festas, folias e outeiros, principalmente famosas touradas, na praça principal da cidade, o que bem se evidencia do livro de receita e despeza do anno de 1738, a fl. 61. Além dos touros e garrochas ordinarias, que eram impostas como propina, se despenderam neste anno 61$095 rs., a saber: num pucaro d'agua 20$090 rs., e o restante nas despezas de armações.

No livro de receita e despeza respectivo ao anno de 1744, a fl. 64, lê-se: «Importa a despeza de touros, em vespera do dia do Corpo de Deus, em 80$170 réis».

Sobre a madrugada juncavam-se as ruas de espadâna — costume que se tem conservado até hoje. Antigamente pertencia ao escrivão da almotaçaria tomar conta aos hortelões das cargas de espadâna, que traziam na vespera do dia de Corpo de Deus, porque os mesmos hortelões pagavam 60 réis por cada carga a quem a espalhava. Hoje já nada pagam em dinheiro, e só trazem a espadâna.

7. **Cera**

DESPESA DE CERA QUE FAZIA O ANTIGO SENADO D'ELVAS NO DIA DE CORPO DE DEUS

	Arrateis
Quatro brandões de oito arrateis cada um, nos quaes se pintavam as armas da camara, e eram levados acêzos em roda do palio pelos quatro camaristas que tinham servido em a ultima vereança	32
Para o Corregedor	2
Provedor	2
Juiz de fora (então presidente do senado)	4
Tres vereadores e procurador do povo	8
Escrivão da camara e thesoureiro	4
Continuo	1
Porteiro	1
Alcaide	1
Escrivão das armas	1
Meirinho da cidade	1
Dois misteres e syndico	3
Escrivão e meirinho da provedoria	2
Escrivão e meirinho da correïção	2
Escrivão da almotaçaria	1
Vinte e dois mesteres, a meio arratel cada um	11 1/2
Relojoeiro do senado	2
Somma	78 1/2

(*O Transtagano*, n.º 11, de 7 de junho de 1860).

(SECULO XIX)

8. **A procissão de «Corpus Christi» em 1860**

«Celebrou-se, no dia 7 do corrente, na forma do costume, a procissão de *Corpus Christi*, n'esta cidade.

Em toda a parte onde ha cavalleiros e commendadores de Christo, costumam estes acompanhar tão solemne procissão, revestidos com os

seus mantos e insignias da ordem. Aqui, aos que comparecem, nem ao menos se lhes consente a honra de pegar ás varas do pallio.

O estado de S. Jorge compunha-se do *alferes*, vestido de casaca preta, calça larga e chapeu armado (horrendo anachronismo!), de dois cavalleiros de capacete de ferro, casacas d'anta e botas de pescador, do pagem decentemente vestido em caracter, e de dezesete cavallos de estado, alguns de boa apparencia e bem ajaezados.

Os criados, que levavam á mão os cavallos, vestiam quasi todos jaqueta e chapeu desabado, o que produzia pessimo effeito.

Os trombeteiros a cavallo, e os tambores a pé, que são dados ao estado de S. Jorge, para maior realce, faltaram completamente.

Os corpos da guarnição — regimentos de artilheria n.º 2 e infanteria n.º 4 — sob o commando do sr. brigadeiro graduado Francisco Jacques da Cunha, formavam uma brigada, que foi postada nas ruas do transito da procissão fazendo alas com distancia de oito passos de fila a fila.

O sr. general Acacio, commandante interino da divisão, seguido dos officiaes do seu estado maior, passou revista á brigada. Os dois corpos rivalisavam em aceio, brilho e boa apparencia militar. Pena é que estejam em tão diminuta força. Artilheria tinha em parada cento setenta e cinco praças, e infanteria 4 trezentas e quatorze praças.

O sr. general Acacio, seguido do governador interino da praça, officiaes que formam o estado maior da mesma, e o dos corpos da guarnição acompanharam a procissão a pé, juntamente com a camara municipal, e empregados.

As ruas por onde passou a procissão estavam semeadas de espadâna, segundo costume antigo, e das janellas pendiam cobertores de seda e damasco de variadas cores».

(*O Transtagano*, n.º 12, de 10 de junho de 1860).

9. A procissão do Corpo de Deus em 1862

«Teve logar na quinta-feira 19 de junho na Santa Sé, pelas onze horas da manhã, a solemne festividade do SS.^mo^ Corpo de Deus.

Pelas 5 horas e meia saio a procissão da Sé, conforme o edital que determinou tivesse logar de tarde. Outra novidade appareceu: em logar dos irmãos da confraria do Santissimo, que era costume pegarem nas varas do pallio, foram este anno convidados os srs. commendadores e cavalleiros para o fazerem, indo divididos em dois turnos; porem parecia-nos mais apropriado, pegarem nas varas do pallio os srs. vereadores da camara municipal, e os srs. commendadores e cavalleiros irem

na procissão e na falta do competente manto, porque não são professos, levarem a opa da confraria do Santissimo, porque unicamente nas villas, segundo nos consta, é que se pratica o uso de irem seis individuos de casaca a pegarem nas varas do pallio.

A brigada formou na praça de armas e era composta da força do 2.º regimento de artilheria, de alguma cavallaria, do batalhão de caçadores n.º 8 e do regimento de infantaria n.º 4, commandada pelo sr. brigadeiro Cunha».

(*A Voz do Alemtejo*, n.º 144, de 21 de junho 1862).

10. A bandeira real na procissão de «Corpus Christi»

Á frente da procissão de *Corpus Christi*, em Elvas, vae a bandeira real conduzida por um paizano, a cavallo. É a persistencia de um antigo costume. Em todas as procissões da obrigação da Camara Municipal ia a bandeira real «deante de todas as Cruzes» como se conhece pelo alvará regio que passo a dar á estampa:

> «Eu ElRey faço saber aos que este aluará virem que sendo Eu informado das duvidas que ha entre o Bispo, e pessoas ecclesiasticas da cidade de Eluas, e o Juiz, e Vereadores della, sobre o lugar, em que ha de hir a minha Bandeira Real, nas procissões da obrigação da Camara e vendo eu as razões por parte do ditto Bispo se me presentarão, e as que tambem presentou a ditta Camara e as informações que de tudo mandey tomar, e o costume que em semelhante caso ha em algũs lugares deste Reino. Ey por bem, e mando que daquy em diante vá nas dittas procissões a minha Bandeira Real, e o Alferez que a leuar diante de todas as Cruzes, e o Juiz, Vereadores, e o mais corpo da Camr.ª com os officiaes de Justiça irão no couce das dittas procissões detras do Palio, nas em que o ouver. E esta ordem se guardará inteiramente sem nisso auer duuida, nem alteração algũa. E este se comprirá como nelle se contem posto que o effecto delle aja de durar mais de hũ anno; sem embargo da ordenação em contrario. E se guardará no Cartorio da ditta Camr.ª e se tresladará no livro della. João Feo o fez em Lisboa a doze de Octubro de mil seiscentos, e seis. Duarte Correa o fez escreuer — Rey».

X

O «apanho» da azeitona no concelho d'Elvas

No *Almanach de Lembranças*, de 1863, publicou Manoel de Castro Sampaio o seguinte artigo, em que minuciosamente descreve os uzos e costumes do *apanho* da azeitona no concelho d'Elvas, artigo a que vou fazer algumas rectificações e ampliações:

«Entre as vetustas usanças, que ainda hoje se notam em alguns cantos de Portugal, ha sempre uma ou outra que prende mais a nossa attenção.

A historia que vamos contar é a d'uma d'essas usanças, e parece-nos que não é de pequena curiosidade.

Tem muita graça o *apanhamento e acabamento da azeitona* no concelho d'Elvas, se bem que não podemos dispensar-nos de dizer, que ha ahi um acto a que ninguem deixará de chamar barbaro.

É o *arrebolar*, do qual adiante trataremos.

Ao aproximar-se o *desejado* dezembro, não ha em Elvas uma rapariga, não ha em todo o concelho uma tricana, que não *salte*, que não *pule* por alistar-se nos ranchos, que, para apanhar a azeitona se formam por essa occasião. As criadas abandonam a casa onde estão servindo, e desde o principio de dezembro até ao fim de janeiro subsequente, ou ainda principio de fevereiro, estão os pobres amos á espera de criadas, pois antes d'este tempo difficilmente o conseguem.

E n'aquelles ranchos que muitas inclinações se despertam, e alli que muitos casamentos se contratam.

No dia em que começa a colheita é eleito um *alferes*, uma *juiza* e uma *mòrdoma* em cada rancho. O fim para que é feita esta eleição não tardará que o saibâmos.

A colheita principia. Os rapazes já taludos occupam-se em varejar a azeitona, e as raparigas em apanhar a que vai caindo.

Durante este serviço reina verdadeira alegria entre esta gente. Os ditos exóticos, as graças amorosas roubam-lhes mais a attenção do que o trabalho.

Ha em cada rancho um *feitor*, homem que, encarregado pelo dono do olival, regula e vigia os trabalhos.

A certas e determinadas horas do dia cada uma das raparigas e cada um dos rapazes se senta por as arvores, abre o seu farnel, a que chamam *pano aviado*, tira d'elle queijo e pão, e começa a comer; pois é esse quasi sempre o alimento d'aquella pobre gente.

Ha duas refeições no dia.

Impertinentes brinquedos dos rapazes, constantes esquivanças das raparigas, eis tudo o que acontece nas horas da refeição.

Mas as travessuras dos rapazes não acabam ainda ahi. Convidam elles as raparigas para *arrebolar;* e se acaso ellas hesitam em acceitar o convite, hão de por força ceder.

Cada um d'aquelles latagões corre para a que lhe *enche o olho*, enlaça-a, lança-se com ella de rôjo, e ai do par que ao acaso se encaminha para algum sitio ladeirento, pois tem de descer aos trambulhões, como se fôra pedra roleira jogada do alto d'algum despenhadeiro!

Mas o que mais é para notar, é que, ainda que a rapariga receba graves contusões, ou mesmo quebre as costellas contra qualquer penedo, como já tem acontecido, nem por isso o maldito a desprende dos seus braços no fim da ladeira.

Tal é a brutalidade!

E n'este viver de *delicias* e *d'encantos* vão atravessando dezembro e janeiro.

No dia em que se deve acabar a colheita, e a que chamam *acabamento da azeitona*, as raparigas levam para o olival, cuidadosamente enfardados, vestidos e fitas de variadas côres, semelhando os fatos d'uma verdadeira mascarada; e os rapazes conduzem para alli um grande numero d'archotes e uma bandeira posta em comprida haste.

Um pouco antes do sol posto a *mòrdoma* e as demais raparigas tratam d'enfeitar umas ás outras, sendo sempre os melhores enfeites privativos da *juiza*, que pela maior parte das vezes deve a sua eleição á circumstancia de ser a mais formosa.

Ao anoutecer, quando tudo se acha disposto, começa a procissão. O *alferes*, rodeado de archotes, e agitando a bandeira, rompe a marcha em direcção á cidade; a *juiza*, trazendo a *mòrdoma* no seu lado esquerdo, segue-o; o rancho vem em descantes caminhando atraz.

Chegando á cidade, dirigem-se á residencia do dono do olival, que saúdam com palmas e vivas; este apparece, manda abrir-lhes as portas, dá-lhes de comer e beber; novas palmas e novos vivas lh'o agradecem, e em seguida, pela mesma fórma em que vieram, partem para a residencia do feitor, onde os espera uma boa ceia.

Depois de cear ha baile. N'aquella noute não deixam a casa do feitor; cantam e dançam ao som dos pandeiros, e chegando o dia, retiram-se saudosos do melhor tempo que passam em todo o anno».

*

Rectificações e ampliações: — Não é termo corrente no concelho d'Elvas a palavra *tricana*, que o auctor emprega em vez de *camponeza;*

e ha muita exaggeração quando se refere ás difficuldades de se arranjar creada no tempo do *apanho*, e quando conta os pormenores do *arrebolar*. São os melhores vestidos que as raparigas teem os que levam entrouxados para se vestirem de gala no dia do *acabamento;* os archotes são feitos de palha encerada, e a bandeira de fitas de seda, trazendo pendentes da cruz d'ella dois ramos de laranjas; o *alferes* vestido d'ordinario *á moura*, isto é, com calçotas largas brancas, e jaqueta da mesma côr, pondo a tiracollo uma cinta encarnada, e na cabeça um turbante de papelão; a *juiza* e a *manageira* tambem trajam de branco, com duas tranças cahidas pelas costas, e laços de fitas nos remates; o feitor e as velhas do rancho tomam logar na trazeira, trazendo as raparigas ramos de flores ou de laranjas na mão; a hora da partida do olival é regulada por fórma a chegarem ás portas da cidade ao toque de trindades, acudindo então muitos curiosos a ver entrar a alegre companhia; e finalmente, por todo o caminho, a certos intervallos, o rancho, levanta vivas ao *alferes*, ao feitor, á *manageira*, ao amo, á ama, á *juiza*, e á *mòrdoma*, acompanhando-se nos descantes com os pandeiros que trazem algumas das raparigas.

XI

Mãos atadas, terras abrasadas

Sobre este adagio, lê-se a p. 151 do livro *Noticias reconditas do modo de proceder da Inquisição de Portugal com os seus presos*, do Padre Antonio Vieira:

«Tres sortes de diminutos podemos considerar. Os primeiros os que confessam logo em os prendendo, ou depois de carregados de testemunhas, antes de serem sentenciados. E estes tem largo tempo para no tormento purgarem as ditas diminuições. Os segundos são aquelles que confessam depois de lhes ser notificada a sentença de relaxação. Estes tem tormento para purgarem as diminuições até sexta-feira, em que lhes atam as mãos. Os terceiros são os que confessam *de mãos atadas*, estando já entregues aos padres; e d'estes é o estado mais perigoso, porque já não hão de purgar por tormento as diminuições; são obrigados a acertarem com todos os que juraram contra elles, sem lhes faltar um, e por isso é o adagio «*mãos atadas, terras abrasadas*».

XII

Obrada

«Cobrey este anno de 1714 de Ignes Mendes 1100 q̄. tanto paga de foro de humas cazas, que tem na rua de Alcamim deste dinheyro tirei trinta quartilhos de vinho e 30 panis e 30 palmos de candeyo, q. he o que se tira de oferta de hum responso, q. se cantou p.[r] m.[tos] defuntos...»

(*Livro das Capellas da Igreja d'Alcaçova d'Elvas do anno de 1714*, fl. 19 v.).

XIII

Festas religiosas e profanas

(a

«...Porque, senão, digão-me, que outro nome merecem as inquietaçoens, empenhos, e faltas de observancia regular, que passão em hum Convento de Religiosas para se fazer huma Procissão de Corpus, lustrosa, e afamada, senão o de *Stercus solemnitatium vestrarum?* Que outro nome merecem... o cantarem na Missa entre a Palavra Evangelica, e Sacrosantos mysterios, modilhos, e sarabandas proprias da Comedia?... O levarem nas Procissões, e introduzirem nos Templos danças de Siganas, e mulherinhas impudicas. O quererem honrar os Santos com touros, e comedias, e romarias, onde não ha mais que comezainas, brigas, e descomposturas, e perigosa communicação das idades, e sexos, em que os demonios armão as suas feiras, e terão os seus lucros. O empenharem-se os parentes, e devotos para que hum Sepulchro de Quinta-feira Santa, saya mais ostentoso que outros, e que se diga por toda Cidade, que nunca se fez melhor, que no tempo da Madre Fulana. O disfarçarem-se as Esposas de Christo em trajo de Anjos, com roupas como de gloria, e com cabeleiras, que competem com a fingida de Apollo, ou com a verdadeira de Abrahão; e com tochas acezas nas mãos, a titulo de se acompanharem e mostrarem algum Passo da Paixão; mas na verdade, para se mostrarem a si mesmas aos curiosos, que assistem na grade ao Coro? O comerem, e

beberem nas Igrejas, e venderem-se golosinas á porta dellas, e deixarem nos cantos das Capellas os vestigios da sua gula? Estes e outros muitos abusos, e indecencias semelhantes, que nome merecem, senão o de immundicias das nossas solemnidades?»

(Padre Manoel Bernardes: *Estimulo pratico para seguir o bem, e fugir o mal*, fol. 143, Lisboa, 1730).

(b

«...Emende-se pois o abuso de fazermos, ou permittir se fação vigilias, e serões á Cruz, ou aos Altares, que se armão nas ruas, cô aquellas profanidades, que só podem ser aceitas a Bacco, e Venus, e não ao verdadeiro Deos, e a seus Santos. Emende-se o celebrarmos as noites de Natal nas Igrejas (como eu vi celebrar em huma) com pandeiros, adufes, castanhetas, foguetes, tiros de pistola, e risadas descompostas... Emende-se o introduzir nos Coros sagrados as chulas, sarabandas e outros tonilhos do theatro profano.. Emende-se levar nas procissões diante do Santissimo Sacramento danças de siganas, e de mulheres de ruím fama... Emende-se o querermos honrar os Santos com touros, jogo que os Summos Pontifices não approvão, e de si está mostrando ser de barbaros... Emende-se o consentirem os senhores, que seus escravos, e escravas, aos dias Santos pondo diante hum paynel de N. Senhora, festejem publicamente a Virgem das Virgens, com bayles, gestos e meneyos arriscados até para a imaginação, quanto mais para vista».

(P.e Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, tomo II, p. 17).

XIV

As tres missas no dia de S. João

«Poucas festas ha mais antigas e solemnes do que a do nascimento do Baptista, e o mais é que não só os christãos de todos os ritos a celebram, mas até os mahometanos.

Na igreja catholica não ha memoria da sua origem, que parece datar dos tempos apostolicos, conservando-se pela tradição não interrompida.

Nos primeiros tempos distinguiu-se esta festividade de todas as outras por se celebrarem em sua honra tres missas, á semelhança do

que se faz no Natal de Jesus Christo. Em 1072 Alexandre II, regulando o numero de missas que cada sacerdote poderia dizer diariamente, determina que seja uma por dia, excepto nos dias de Natal e de S. João, em que dirão tres».

(*A Voz do Alemtejo* [periodico elvense] n.º 450, de 25 de Junho de 1865).

XV

Troca de umas casas por trinta cabeças de porcos

(DOCUMENTO DO SECULO XV)

Saibam qũtos esta c.ta de troca virẽ q̃. eu affonso y año collaço e eu tareja l.co sua molher moradores em esta villa deluas conhecemos e outorgamos q̃. ẽ esta villa na rua dalagoa teemos hũa casa q̃. p.te cõ outa de johã lianes e da out.a cõ casa de v.co pallovares e cõ rua pp.ca e cõ out.as cõ q̃. de d.to pte a q̃ll faz foro aa capella de m̃tim domĩgos põobo ẽ cada hũu año çinqº solldos da moeda antygua aa q̃ll damos ẽ troco a uos dioguo y añs q̃. prsente estades e a c.na l.co uossa molher ẽ esta villa moradores por trinta cabeças de porcos antre machos e ffemeas bõons e recebondos das q̃aas trinta cabeças de porcos nos somos bem paagos e ẽtgues por ẽ ajades uos a dtta casa deste dia por todo sempre... etç., etç., ẽ tt.mo disto uos outºgamos esta c.ta q̃. foy outºgada nas pousadas de mj t.am adiante espto aos vinte e çinqº dias do mes de mço año da era do naçim.to de noso S.or Jhu xpto de myl e quacentos e trinta e tres años, etç., etç.

(Pergaminho da Igreja de Santa Maria d'Alcaçovas d'Elvas).

XVI

Na Procissão de Corpus

«Uma imitação sua (da dança Rey David diante da Arca do Testamento) viamos nesta Cidade todos os annos no Veneravel Frey João Peccador, Religioso Capuchino da Familia de Santo Antonio, o qual na procissão de *Corpus* hia diante do Senhor baylando, e tangendo huma frauta, ou charamelinha; eu a tive na mão, e venerey como instrumento do louvor Divino...»

(P.e Manoel Bernardes, *Nova Floresta*, Tomo II, fol. 6).

XVII

Antigo costume

«... que assim como onde se crião bichos da seda, costumão, para que estes não morrão quando ha trovões, e relampagos, tanger-lhe instrumentos musicos na casa onde estão; assim o diabo nos leva ás comedias, e musicas para que nos não espantem os trovoens, e rayos da ira de Deos».

(*Ibidem*, fol. 42).

XVIII

Luzes nas sepulturas

«A Igreja introduziu o rito pio de benzer as sepulturas, para que estes máos inquilinos (os demonios) cedão e despegem aquella habitação, para deposito do corpo, que se enterra; e esta por ventura he tambem a causa de accendermos luzes ao redor do tumulo dos defuntos, que dalli como inimigo da luz fuja o demonio...»

(*Ibidem*, fol. 247).

XIX

Adagio

«Havia entre os Romanos honras sagradas, que davão ás fontes, e poços coroando-os com flores, em agradecimento do beneficio publico da agua, que perennemente estão ministrando. Donde nasceu o Adagio: *Si aquam hauris, puteam corona:* Enrama o poço, já que bebes delle».

(*Ibidem*, fol. 161).

XX

Magia

Dizem, que a cabeça, ou a cauda do lobo pendurada em casa, afugenta as moscas».

«Nem a esta foi necessaria alli a industria da vara de Aveleira, que por occulta physica (se cremos a varões doutos) mostra com se inclinar, ou torcer, as minas que se escondem nas entranhas dos montes».

(*Ibidem*, fol. 26 e 222).

XXI

Braços dos defunctos

«Que os Artemagicos, e as bruxas, e feiticeiras se aproveitão dos braços dos defuntos, veja-se Delrio allegando a Remigio *(Delrio lib. 3. Disquis. Magicar. q. 10. n. 6.)*: o qual diz que lhes serve de cirio ardendo, em quanto de noite fazem o seu maleficio nas pessoas que estão dormindo...»

(*Ibidem*, fol. 242).

XXII

Excerptos do Inventario a que se procedeu na cidade d'Elvas, no anno de 1794, por fallecimento de João Antonio de Sequeira, morador que foi na mesma cidade

«Sinco cadeiras, com costas de grade e assento de moscovia, avalliadas em quatro mil reis.

Tres cadeiras com costas de grade e assento de coiro, avalliadas em mil oitocentos réis.

Huma meza de xá quadrada, avalliada em mil e duzentos réis.

Huma meza de xá baxanha, de pés torneados, avalliada em quinhentos réis.

Hum bofete de páo de fora, avalliado em mil e oitocentos réis.

Seis cadeiras de coluna nas costas, avalliadas em seis mil réis.

Dezaceis cadeiras de braços com assentos e costas de damasco carmezim, avalliadas em sessenta e quatro mil réis.

Huma meza de pés de cabra, avalliada em mil e oitocentos réis.

Hum leito axaroado, avalliado em catorze mil e quatrocentos réis.

Uma forma de fazer cobras, que pezou hum arrate, emportou em cento e vinte réis.

Huma bacia e um gomil de cobre de Macao, avalliado em dois mil réis.

Hum portamontó bordado de oiro em veludo carmezim, avalliado em catorze mil réis.

Seis lansóes de pano de Pobres com suas ruturas de seis varas e quarta cada hum a mil e duzentos réis cada um que importão em cete mil e duzentos réis.

Dois lansóes de Esguião de dois ramos com renda arroda a dois mil e quatro centos réis cada hum.

Dois lansóes de pano Florete já rotos, avalliados a mil réis cada hum.

Vinte e hum lansóes de Esguião com folhos de caça listada e ramos, a nove mil réis cada hum.

Huma coberta de cadarso forrada de panico em bom uzo, avalliada em tres mil e duzentos réis.

Huma coberta de pano de linho, bordada de seda muito uzada, avalliada em mil e quinhentos réis.

Hum cobertor de Castor de Selezia fio de seda picado, avalliado em mil e quinhentos réis.

Hum cobertor de Selezia fio de seda picado, avalliado em mil e quinhentos réis.

Huma coberta branca com ramos de cor feitos no thear, avalliada em outocentos réis.

Huma coberta de pano de linho acolxoada com franja e bolras, avalliada em quatro mil réis.

Hum cobertor de Raxa carmezim debruado de nastro, avalliado em mil e duzentos réis.

Hum tapete de Tripe pintado, avalliado em dois mil e cettecentos réis.

Huma Armação de caza de pano de Rás avalliada em vinte e quatro mil réis.

Huma colxa de setim carmezim bordada de seda de cores forrada de tafetá furta cores avalliada em vinte e quatro mil réis.

Huma Armação de caza de Estrado de Tafetá carmezim com o seo forro, avalliada em trinta e outo mil réis.

Hum Agulheiro com Topazio e Diamantes avalliado em seis mil e quatrocentos réis.

Outo Alfinetes de toucar, duas flores esmaltadas de purpura e huma Barboreta, tudo avalliado em outo mil e seiscentos réis.

Hum Lacinho de Diamantes em forma de flor, e hum Sino Saimanco, avalliados em outo mil réis.

Hum Andrenço de Cravos com Brincos, avalliado em nove mil e seiscentos réis.

Hum Anel de Coração todo de oiro com cete Diamantes, avalliado em vinte e dois mil réis.

Huma caixa de Tampaque, avalliada em dois mil réis».

(Da minha collecção de mss. antigos).

XXIII

Jogar a mulher

Como aditamento ao que, sob este titulo, publiquei a pag. 265 do volume 8.º desta *Revista*, traslado de fl. 240 da obra do Padre Manuel Bernardes *Estimulo pratico para seguir o bem e fugir o mal*, o seguinte:

«E aqui em Lisboa foy bem publico e extravagante o caso de hum Fidalgo, que jugou sua propria mulher; supposto, que ella abominando a acção com a demonstração de sentimento que era justa, se foy para hum Mosteiro a buscar melhor esposo».

XXIV

Superstições alemtejanas

Para se não sonhar com bruxas, é bom comer queijo fresco á noite, antes de deitar.

Para livrar a creança da sarna, deve-se-lhe vestir uma camisa nova no domingo de Paschoa.

Para curar o vicio da embriaguez, deve-se tomar uma chinita de vinho, contendo nove pingas de sangue de burro preto, isto durante nove dias.

Uma prenda de ouro do tempo de solteira, ou uma moeda de prata, no seio deve levar a noiva á igreja, para ser feliz no casamento.

Quando se é convidada para madrinha do baptismo de creança ainda não nascida, experimenta-se a sorte: se a creança vem do sexo feminino, a madrinha será infeliz, se do sexo masculino, será venturosa.

Nas terças e sextas feiras não se deve *deitar* a gallinha nos ovos para os chocar, o melhor dia para isso é o de sabbado. O numero de ovos deve ser sempre impar: 13, 15 ou 17.

Quem empresta o choco de uma gallinha tem direito a um casal dos pintos que nascerem.

Talher duplicado á mêsa, é signal de casamento.

Quem toma caldos em casa alheia, quer-se avesar á casa.

XXV

Proverbios alemtejanos

Ao fim de um anno, manda mais o criado que o amo.
Pulga na mão, palavra no coração.
Quem tem uma filha, tem uma amiga.
Pelas vesperas, as festas.
Boa romaria faz quem em sua casa fica em paz.
Olha que muito ferve, o sabor perde.
Quem não dá para os gastos não pede contas.

XXVI

Medidas de imagens

(a

«... ahi remeto huma midida p.ª o Senhor Luis deitar ao pescoço, que he do Senhor dos Aflitos, que he moderno na egreja de Sam Paulo e de muitos milagres...»

(b

«... e loguo fui ao convento de Sam Paulo ahonde loguo mandei dizer huma missa ao Senhor dos Aflitos, que he de tantos milagres, pelas boas milhoras da Senhora D. Anna e da Senhora sua filha, e em sinal de todo o rifirido e p.ª o devinisimo Senhor se lembrar da saude das ditas Senhoras lhe remeto á dita Sr.ª D. Anna huma midida do Senhor, verde, e a Sr.ª sua filha uma midida gemada, prendas do mesmo Senhor e da sua midida...»

Elvas.

(*Cartas* de Domingos Pinheiro, dirigidas, da cidade de Elvas, para Lisboa, a André José de Vasconcellos, no anno de 1752).

A. THOMAZ PIRES.

DA IMPORTANCIA DO LATIM

Lição inaugural na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa no dia 6 de Novembro de 1911

SUMMÁRIO

Palavras prévias — Philologia classica — Latim e romanço — A litteratura romana espelha a vida antiga — Utilidade esthetica, moral, e pedagogica do estudo da lingoa e litteratura do Lacio — Influencia d'essa lingoa e litteratura nos povos medievaes e modernos: litteratura portuguesa, e latino-nacional — Cultivo da lingoa materna — Resumo — Considerações finaes.

Meus senhores:

Chamado a fazer parte do corpo docente d'esta casa, por extrema benevolencia, a que sempre me confessarei grato, do Conselho da Faculdade de Letras, que me propôs ao Govêrno, da Direcção Geral de Instrucção Secundaria, Superior e Especial, que deu parecer favoravel á proposta, e do Ex.mo Ministro do Interior, que se dignou nomear-me Professor extraordinario do grupo de Philologia classica, principio hoje a desempenhar-me das funcções do meu cargo, — senão com aquella segurança que só póde resultar de profundo saber, que eu não tenho, ao menos com esperança de acertar, e decidido ao trabalho: *plenus spei bonae atque animi.*

A Philologia classica tem por objecto as lingoas e litteraturas respectivamente gregas e romanas, e estuda: I) essas lingoas, já em si mesmas como organismos [1], já como instrumentos litterarios [2]; II) as

[1] Glottologia, Grammatica.

[2] Estilo, Rhetorica etc., — por isso que ellas revestem fórmas especiaes (oratoria, epistolar, dialogada, narrativa). — Podem mencionar-se aqui tambem a Epigraphia e a Numismatica por causa das inscripções, mas ambas estas sciencias tem independencia propria.

obras dos autores, discutindo a sua authenticidade, em caso de dúvida, e procurando restitui-las á fórma primitiva, quando ellas nos chegaram deturpadas pelos copistas, ou mutiladas [1], interpretando-as [2], commentando-as com tamanha amplitude [3], que se entendam o melhor possivel [4], e definindo os seus meritos [5], e a sua génese e evolução [6]. Como introducção temos a Bibliographia (manuscritos e obras impressas), e a Historia da Philologia.

Visto que á minha conta fica este anno um curso de latim, julgo conveniente destinar a primeira lição a expor de modo summário as vantagens que, maiormente para nós Portugueses, resultam do conhecimento da lingoa de Cicero, ao mesmo tempo tão majestosa e tão disciplinada, — lingoa em que se moldou o pensamento e o sentimento de um povo que pelas qualidades do seu genio, e pela sua boa fortuna, dominou em toda a volta do Mediterraneo e nas costas do Atlantico, ladeou o Mar Negro, o Mar Caspio e o Mar Vermelho, se internou pelas florestas germanicas, e attingiu a Britannia, ora recebendo e assimilando os elementos de civilização que encontrava superiores aos da sua, ou lhe eram uteis, por exemplo na Grecia, ora propagando firmemente os da d'elle, por exemplo nos Barbaros.

Da propagação do latim no Imperio romano originou-se o romanço, ou lingoas romanicas, cujos principaes membros são o português, o hespanhol, o francês, o provençal, o italiano, o rumeno, para omittir outros, como o ladino, o franco-provençal, o sardo, o dálmata. Taes lingoas scindem-se em infinitos dialectos e sub-dialectos, e estendem-se por grande parte do orbe, aqui cultivadas por escritores de fama universal, como Dante Alighieri, alli falladas por gentes humillimas, como os indigenas de Cabo Verde. Entre romanço e latim não ha propriamente interrupção, pois aquelle não passa de latim modificado por muitas bocas, e durante muitos seculos: é fase d'elle. Consideradas assim as coisas, comprehende-se que não possamos denominar morta a lingoa dos Romanos, com a mesma exactidão com que denominamos,

[1] Critica geral, e Critica dos textos ou Arte critica; Paleographia (esta disciplina tem tambem independencia propria).

[2] Hermeneutica.

[3] Isto obtem-se de todas as disciplinas que concorrem para o conhecimento da vida antiga: Historia politica, Geographia, Chronologia, Historia das instituições, Archeologia, Metrologia, Numismatica, Mythologia, Religião, Philosophia, Historia das sciencias, da Arte, do Direito, etc.

[4] Intuito principal de quem lê.

[5] Critica litteraria.

[6] Historia da litteratura, com as biographias dos auctores.

v. g., a dos Hebreus e a dos Godos: estas cessaram de existir, aquella continuou, transformando-se insensivelmente. Os mais antigos documentos latinos datam do seculo VI, antes de Christo. Vida tão longa, área geographica tão extensa, e alem d'isso o podermos fazer ascender á sua unidade primordial, estabelecida pela litteratura, um grupo consideravel de lingoas, contrariamente ao que succede a outros não menos consideraveis, por exemplo, o germanico e o eslavico, convertem o latim em um thesouro inexhaurivel de factos para o investigador que pretenda averiguar como é que uma lingoa que começa modesta, e circunscrita num territorio bem determinado pela Geographia e pela Historia, se desenvolve, decae, readquire alento, floresce, e se decompõe, voltando a vegetar em pobres condições. Que outra cousa se nos antolha na evolução do latim? No inicio a simplicidade dos pastores do Lacio; depois a epoca dourada; em seguida a argentea, a enea, e a férrea; logo a formação dos idiomas romanicos, e o uso litterario d'elles em muitas nações; por fim os crioulos, extrema fragmentação de um collosso potente. — Eis aqui uma amostra da importancia do estudo do latim, importancia verdadeiramente scientifica, que, não direi já o glottologo de profissão, mas nem o philosopho, nem o historiador devem deixar de reconhecer.

Quem diz *lingoa latina*, diz concomitantemente litteratura romana. Com esta penetramos na vida antiga: no interior da casa, no campo, na escola, no templo, no *forum*, no senado, no tribunal, no arraial militar. Ouvimos os clangores das trombetas de guerra, inflammadas sempre pelo patriotismo, nas páginas eloquentes de Tito Livio; com Tacito e Sallustio sondamos o caracter dos politicos; Plauto diverte-nos com a lingoagem zombeteira da plebe; nas odes de Horacio debuxam-se-nos lindos quadros das festas agrarias em honra das Nymphas; nas elegias de Tibullo adivinhamos a felicidade do amor, — *me retinent vinctum formosae vincla puellae:* Plinio franqueia-nos os repositorios da sua erudição desmedida; Quintiliano lega-nos em particular as regras da oratoria, Varrão as da lavoura, Vitruvio as da architectura. *Ipso facto* habilitamo-nos para julgar a civilização de que na maxima parte proveio a medieval, e provém a moderna: artes, industrias, sciencias, direito, instituições. Ainda que o homem trabalha sempre, e progride, e a cada passo augmenta portanto o cabedal que vae herdando, não ha dúvida que a base assenta no passado, e que sem se informar d'este, não aprecia de modo completo o seu tempo. As ideias, cuja totalidade fórma a riqueza intellectual de um povo, parecem-se com os rios, que acceitam affluentes, engrossam, e se alastram pelas varzeas: elles quasi se transmudam ás vezes em mares, porém não negam as origens, mesmo quando mingoadas. Pelo que nos toca, ninguem

ignora que Portugal, se, como nação, se organizou nos seculos XI-XII, depois que D. Henrique tomou posse do condado portucalense, tem as suas raizes na Lusitania. Da combinação dos textos de varios auctores classicos conclue-se que se designou por *Lusitania* a zona occidental da Peninsula Iberica que comprehende a Galliza, quasi todo o Portugal, e parte de Lião, de Castella, e da Extremadura Hespanhola. Neste territorio habitaram povos desde os tempos prehistoricos, como se verifica dos seus espolios funerarios, monumentos megalithicos, grutas, ossadas. Logo que a Historia começa a espalhar alvores, a principio tenues, depois successivamente mais vivazes, aprendemos a soletrar os nomes de muitas tribus: Cynetes ou Cunetes no Algarve, Turdetanos e Celticos ahi e no Alentejo, Turdulos entre o Tejo e o Douro, Grovios e Bracaros entre o Douro e o Minho, Seurros em Tras-os-Montes. Com a conquista romana, que termina pelos fins do sec. I a. C., essas e as demais tribus deixaram de ter existencia autonoma, com quanto algumas d'ellas continuem a figurar nas inscripções lapidares, — e arroteia-se o terreno para que se implante entre nós a civilização do povo-rei. Os Barbaros desamparam então os «castros» ou povoações guerreiras pousadas nas montanhas, e vêm para as baixas aprender a lingoa, os costumes e a religião de Roma, lidar em descanso nas hortas, habitar as *villas* ou «quintas», d'onde directa ou indirectamente nasceram muitas das povoações actuaes, viver no bulicio das cidades, dos municipios e das colonias: brilha *Ebora* ou *Liberalitas Iulia*, hoje Evora, com um templo, ainda agora admiravel nas suas columnas corinthias; *Olisipo* ou *Felicitas Iulia*, hoje Lisboa, com um theatro, cuja *orchestra* e *proscenium* Caio Heio dedicou a Nero em 57; *Pax Iulia*, hoje Beja, com arcos e estatuas; *Conimbriga*, hoje Condeixa-a-Velha, *Bracara Augusta*, hoje Braga», *Aquae Flaviae*, hoje Chaves, umas com edificações grandiosas, como a ponte do Tamega, outras com santuarios consagrados a divindades imperiaes e orientaes, outras com obras de arte de vária especie. Muitas d'estas noticias, e analogas, emanam de fontes litterarias e epigraphicas, isto é, de documentos latinos. Com o soccorro da litteratura romana ampliamos ou completamos o que colhemos da inspecção dos monumentos: quando estes se calam, ou dizem pouco, vem um polygrapho, um historiador, um poeta inteirar-nos do que falta saber, por exemplo, Cornelio Boccho, Justino, Silio Italico, acerca de certos actos da vida religiosa. Sem umas noções de latim, como se poderia illustrar a historia de uma localidade com a decifração da legenda de uma lapide, de uma placa, de uma moeda, que por acaso emergissem d'um muro derruido, ou apparecessem enterradas num campo? Assim, ha nomes ethnico-geographicos do nosso territorio, como *Narelia* (Tras-os-Montes), *Arcuce* (Beira), que chegaram até nós

unicamente por intermedio de inscripções da época lusitano-romana. As duas tabulas de bronze de Aljustrel, providas de letreiros coevos do imperador Hadriano, descrevem-nos a organização de um dos districtos mineiros mais notaveis da Lusitania; o achado de denarios romanos em Pragança, concelho do Cadaval, pertencentes ao sec. II a. C., permitte-nos assinalar uma data, um *terminus ad quem*, na duração d'este *oppidum*. Tambem, sem latim, de que modo se resolveria um problema archeologico suscitado pela mutilação de um monumento, como acontece com a palavra *laciculis*, que figurava num penedo de Panoias de Villa-Real, a qual palavra esclarece a significação de insculpturas que ahi se vêem? Se da Archeologia passamos á Ethnographia, e examinamos as superstições, os adagios, as lendas, e assistimos ás solemnidades e aos jogos, quantas memorias não descobriremos de Roma, guiados pela mão dos poetas, dos romancistas, de todos, emfim, que reflectem em seus escritos a alma das multidões? *Cão que ladra não morde*, é rifão nosso: lá está o protótypo em Ennio, — *canis sine dentibus latrat*. No Natal, quando as crianças brincam com os pinhões, e dizem *par ou pernão*, traduzem uma frase classica, — *ludere par impar*. A historieta, muito em voga nas provincias, de que umas imagens de santos, descobertas num sitio, fugiam para o mesmo, se as levavam para santuarios distantes, conta-no-la Valerio Maximo nos *Factos e ditos memoraveis*, applicando-a aos Penates de Lavinio. Nas procissões continuam as *pompae*. As parturientes, no concelho de Obidos, apégam-se ao *Senhor Jesus da boa hora*, como, segundo Horacio, as matronas do Tibre se apegavam a Diana: *ter vocata*, «invocada por tres vezes». — Não se me esconde que uma boa traducção das obras antigas serve de muito, e não raro é sufficiente para o intuito: todavia a plena consciencia da investigação, só a dá o uso directo da lingoa. Fica pois explicita outra vantagem do estudo do latim.

Afóra ser elemento principalissimo de informação historica, a litteratura romana é bella por si mesma. Entregue aos proprios recursos nos primeiros tempos da sua existencia, isto é, nos primeiros seculos de Roma, ganha fôrças, movimenta-se, cresce, e consegue mesmo a perfeição esthetica, depois que se aquenta ao divino sol da Grecia. Tanto na poesia, como na prosa, os Romanos, sem abdicarem o seu genio natural, imitaram geralmente os Gregos:

Aesopus auctor quam materiam repperit,
Hanc ego polivi versibus senariis.

confessa Phedro (*Fabulae*, liv. I, prologo); . . *antiquissimi doctorum* . . *nihil amplius quam graeca interpretabantur*, declara Suetonio (*De illustribus grammaticis*, I). Que mais artistico do que um periodo

ciceroniano? Não poderá gabar-se de haver saboreado todos os primores da litteratura universal quem não passou pela vista, no original, certos capitulos de Tito Livio, ou certos versos da *Eneida*. A meditação das melhores obras dos auctores romanos apura o gôsto litterario: isto sentem todos os que se occupam do assunto, antigos e modernos, — o que não significa que nos ponhamos a copiar cegamente os classicos, pois a lingoa e a litteratura evolucionam como os outros factores da civilização, e seria anachronismo fechar os olhos á luz do presente, para só os abrir ante as visões do passado; mas *ne quid nimis*, em tudo convem moderação. Parallelamente ao cultivo do gôsto litterario, já que os auctores latinos manejaram com grande destreza a lingoa, adaptando-a com rigor mathematico a todas as exigencias do seu espirito ponderado, alcançaremos do trato com elles peculio não escasso de excellentes ideias moraes e philosophicas, que nos alumiam ácerca das épocas que as produziram, e ainda hoje nos aproveitam em diversas circumstancias, pelo contraste com o que naquellas épocas ha mau. — Temos por tanto uma vantagem esthetica e moral. Accrescentarei mais: e uma intellectual; a causa é, porque os pedagogistas com razão concordam em que o exercicio das lettras latinas aviva o engenho do estudante, o que resulta da natureza da lingoa, essencialmente logica, e de terem de se revestir de trajo moderno pensamentos que concernem a modos de existir muito differentes dos actuaes. Tudo isto obriga a reflectir e a raciocinar: ora reflexão e raciocinio são gymnastica do espirito, o qual com ella se aperfeiçoa.

Quando ha poucos momentos me referi á influencia que a civilização romana exerceu na sociedade medieval e na presente, poderia, pela indole do meu assunto, lembrar, e agora o faço, que muito deve a essa influencia a litteratura geral. Fossem outras as condições em que fallo, e não faltaria que dizer, visto como por toda a parte Roma nos deslumbra; mas preciso de me circumscrever no nosso país, e de mesmo ahi me não demorar. Nos começos da nacionalidade portuguesa, era nos claustros e nos paços dos senhores que ás lettras se concedia acolheita: se por um lado os poetas se inspiravam nas cantilenas que soavam da Provença, por outro os monges voltavam-se para o latim, e vertiam em vernaculo as lendas dos santos, a historia biblica, as relações piedosas. A bibliotheca de Alcobaça exuberava em traducções portuguesas dos seculos XIII e XIV, muitas das quaes ainda se conservam. Ninguem nos tempos d'agora procura já edificar-se com a serafica leitura d'essas obras; ellas porém muito importam ao historiador e ao philologo, por serem preciosos testemunhos, tanto do estado mental da sociedade que as elaborou, como dos aspectos que ia tomando a lingoa materna. No sec. XV a *Vita Christi* é ao mesmo tempo o mais

notavel producto da nossa imprensa, e a obra mais volumosa da nossa litteratura; D. Duarte no *Leal Conselheiro* formúla regras de como deve traduzir-se de latim em português. Dos grandes escritores dos seculos subseqùentes nenhum se furtou a tomar por modêlo a litteratura latina, na ideia ou na fórma: viriam ao mundo os *Lusiadas*, a não existir a *Eneida?* dar-nos-hia Rodriguez Lobo as suas arredondadas páginas, sem se encostar a Cicero? não enthusiasmou o bucolismo romano aos Arcades? não cabe ao Lacio algum quinhão no polimento da elocução de Castilho?

A par com a litteratura portuguesa propriamente dita possuimos uma litteratura latino-nacional bastante curiosa, que convém aqui especificar: obras escritas em latim por individuos que nasceram ou viveram no nosso solo. Sem haver de convocar auctores que ainda pertencem á Lusitania, quer pagã, como Cornelio Boccho, sec. I, quer christã, como o Abbade Biclarense, natural de *Scallabis* «Santarem», sec. VI-VII, Apringio, bispo de *Pax Iulia*, seculo VI, nem de folhear textos redigidos no latim barbaro dos seculos IX a XII e seguintes, os quaes não são em rigor litteratura, mencionarei já nos seculos XII-XIII os auctores anonymos dos Chronicões, trabalhos que na sua telegrammatica singeleza fundam a Historiographia em que ulteriormente colhem palmas de gloria Fernão Lopez, Damião de Goes, Herculano. O sec. XIII apresenta-se-nos com os Sermões de S. Antonio de Lisboa, o austero estigmatizador dos vicios dos seus coetaneos, e com as *Summulae logicales* e o *Thesaurus pauperum* de Pedro Julião, tambem Lisbonense, propagandista da Philosophia aristotelica e da Medicina galenico-arabica. Dos seculos XIV-XV remanecem do mosteiro de Alcobaça muitos in-folios manuscritos, de caracter religioso. Os seculos XVI a XVIII são os mais fecundos da litteratura latino-nacional. Nella estão representadas as multigéneres fórmas da actividade esthetica e scientifica, as diversissimas especulações da mente: a Poesia, a Oratoria, a Epistolographia, o Theatro, a Philosophia, a Physica, a Medicina, a Mathematica, a Philologia, a Historia, a Archeologia, a Geographia, a Jurisprudencia, a Theologia. Se ahi se exhibe muita farragem, orgulhamo-nos tambem com escritores de grande notoriedade, como, no circuito dos nossos estudos, Achilles Estaço, o sapiente commentador de Catullo, e Manoel Alvarez, que compôs uma optima Grammatica, — latinistas sempre citados, e ainda hoje por vezes reproduzidos. Com o predominio das lingoas modernas, resultante dos sentimentos de solidariedade que no presente aproximam mais os homens entre si, do que outr'ora, o uso scientifico e litterario do latim vae decahindo: apenas em casos especiaes, como em commentarios humanisticos e epigraphicos, em dissertações escolares de feição historico-archeologica,

nas descripções botanicas, em documentos e obras ecclesiasticas, ou então por mero entretenimento, ou por tradição de habitos archaicos, se emprega actualmente o latim, sendo a Allemanha, por de lá irradiar hoje em dia toda a erudição classica, e a Italia, como séde papal, onde isso de preferencia acontece. Por conseqùencia não nos maravilhemos, se no sec. XIX a nossa Bibliographia é modica neste ramo, postoque o nome de Antonio José Viale, insigne latinista e hellenista, que durante longos annos honrou com seu ensino o antigo Curso Superior de Lettras, elle sózinho, valha por muitos.

Do que deixo dito, a respeito da litteratura portuguesa, e da latino-nacional, salta aos olhos a necessidade que da posse do latim tem o historiador, o critico, ou o simples curioso, que nos devidos termos tentar proceder ao julgamento de uma ou de outra. Quanto á última, direi que ella, não obstante a cópia de materiaes archivados na *Bibliotheca Lusitana* de Barbosa Machado, no *Index* dos codices de Alcobaça, e em algumas obras de Historiographia scientifica, nunca foi estudada, nem no conjunto, nem de modo synthetico, nem mesmo com relação a auctores avulsos. Como mereceria a pena que alguem tomasse a empresa nos ombros, e nos désse, por exemplo, uma bibliographia completa, uma resenha dos caracteres d'essa litteratura, uma monographia do latim de André de Rèsende, de Diogo de Teive, e assim por diante! A tarefa poderia alargar-se, e virmos a obter uma historia do *latim em Portugal:* não só o emprêgo litterario, senão tambem menção das edições e commentos, quer em latim, quer em português, que entre nós se fizeram de auctores antigos; noticia das traducções, das obras didacticas (grammaticas, diccionarios, selectas), do ensino escolar; a influencia geral, — tudo explicado, analysado, e submettido á fieira da crítica.

Provindo do latim, como sabemos, o português, o hespanhol, o italiano, o francês, etc., está claro que quem senhorear a lingoa-mãe, melhor falla, escreve, adquire, ou ensina aquellas lingoas. Tem pois aqui o latim importancia prática. A lingua portuguesa (é nella que insistirei) acha-se na actualidade em grave crise: combatida pela francesa, e sem arrimo classico, perde gradualmente a correcção e riqueza originarias. Os escritores esquecem-se de ordinario que escrever para o público é uma arte, que precisa de aprendizagem. O talento cria-o a Natureza, mas se elle não se cultivar, pruduzirá obras informes. O instrumento de uma litteratura é a lingoa; sabê-la bem, constitue por conseguinte a primeira condição para bem escrever. Alcança-se na mór parte o conhecimento da lingoa portuguesa com a lição circumspecta dos bons livros dos seculos XVI e XVII, os quaes, por seu turno, devem no campo esthetico á litteratura da antiguidade

o prestigio de que gozam, pois que, além de nos sons, fórmas, vocabulos, syntaxe, ser o português uma das transformações populares do latim, recebeu, desde muito cedo, e parallelamente, influencia d'elle por intermedio dos livros, e continuou a recebê-la até agora. Esta influencia modificou muito o lexico, o estilo, e um tanto a grammatica: d'ahi depende a differença que notamos, por exemplo, entre uma cantiga aldeã e uma oitava de Antonio Ferreira, entre um adagio ouvido a uma velha e uma sentença de Amador Arrâiz, entre um recado que um servo nos transmitte e um discurso de Garrett. Á primeira vista parecerá estranho que em pleno seculo XX, na prelecção inaugural de uma cadeira da Universidade de Lisboa, eu aconselhe a rapazes, possuidos de todo o nervosismo da vida moderna, a consulta de auctores a quem os que menos os frequentam põem facilmente e sem pejo a alcunha de sèdiços, mofentos, embolorecidos. Longe de ir contra a corrente, acompanho-a; o que pretendo é que não se estrague a nossa lingoa, que fórma um dos mais vigorosos vinculos da nacionalidade. Compulsar os quinhentistas e os seiscentistas, para nelles colhêr o que tiver valor, e o que não contrariar, e pelo contrário dirigir, a evolução actual da lingoa, não é de modo algum andar para trás, é progredir: a civilização de cada epoca, segundo ponderei ha pouco, resulta sempre da das anteriores; utilizando-se os bens d'esta, amplia-se aquella. Profundaremos as lettras antigas, em quanto simultaneamente nos dedicamos á Chimica, á Historia natural, á Sociologia; será com o amor convicto do nosso esplendor de outras eras, que mais firmemente propugnaremos a defensão da patria no momento do perigo: não se contradizem uma á outra a cultura da intelligencia e a educação do sentimento, antes se harmonizam, como duas rodas de uma mesma machina. Os lucros que advem da convivencia com os prosadores e poetas dos seculos de quinhentos e seiscentos engrossam-se ou multiplicam-se, quando se sobe ás fontes em que elles beberam. Já Filinto Elysio o observou:

Se querêmos achar abértas veyas
Do custoso metal que as fallas doura,
Visitemos as minas encetadas
Pelos nossos antigos escriptores
No Lacio e Achaia, que ainda nos convidão
C'o largo abérto seyo a ser riccaços.
E se a ruim perguiça vos atalha
Mover o passo a longes territorios,
Tendes em casa, e a vossas mãos disposto,
O producto das minas já cavado,
Limpo de fezes, chrysolado e puro,
Nos Payvas, nos Lucenas, Brittos, Barros:

vid. *Obras*, I (1797), 62. Mesmo a quem não sonhe remontar-se ás nuvens, empapoilado de galas de estilo, e se contente de fallar e escrever com segurança, importa muito que assimile alguma instrucção latina. Com tanta maior afoiteza e gôsto nos serviremos de um termo, quanto melhor conhecermos a sua accepção primitiva. Supponhamos *urbanidade* e *rusticidade*. Qualquer pessoa, sem latim, attribue ao primeiro a significação de «civilidade», «cortesia», e ao segundo a de «rudeza». Muito bem. Mas sabendo que, por uma parte, *urbanidade* vem do latim urbanitas, que quer dizer «vida na cidade (de Roma)», «maneiras de quem habita a cidade», e que urbanitas deriva de urbanus, que significa «da cidade», por vir de urbs «cidade», e sabendo, por outra parte, que *rusticidade* vem do latim rusticitas, que quer dizer «cousa do campo», «gente do campo», e que rusticitas deriva de rusticus, que significa «do campo», por vir de rus «campo»: sem dúvida o espirito d'essa pessoa se compraz da inteira certeza lexicologica. Os Romanos contrapunham no fallar diario urbanitas e rusticitas, porque as pessoas da cidade ostentam um «verniz» contrário ao «cascão» das do campo. Em identica ordem de ideias nós contrapomos *Lisboeta* a *Saloio*. Os phenomenos lingùisticos, cada um no seu ambito, são na essencia sempre os mesmos, como mesma e una é a mente humana. O comesinho exemplo aqui exposto mostra-nos que a Philologia não trata de meras palavras; por de trás das palavras estão as ideias, os homens, as sociedades, isto é, a vida com todas as qualidades e costumes. Não se me objecte, que, consoante ao princípio enunciado, teriamos de, para bem fallar e escrever, averiguar a origem immediata de quantos vocabulos usamos, e além d'isso a origem das origens: eu responderei que devemos ir até onde for necessario e possivel. Isto, pelo que compete ao Diccionario. Na Grammatica deparar-se-nos-hão constantemente casos semelhantes de necessidade de latim, na Prosodia, na Orthographia, na Morphologia, na Syntaxe.

Parece-me redundancia desenvolver por agora mais o assunto que tomei para thema. Podendo estudar-se o latim litterariamente no decurso de uns 26 seculos, ou pelo menos no de uns 24; havendo servido de espelho em que se reflectiu uma civilização com a qual tão intimamente a nossa se relaciona, e de orgão ás sciencias e lettras durante a idade-media, e ainda em epocas subseqùentes; sendo a lingoa da Igreja ha 20 seculos, e um manancial sempre limpido e permanente de que os povos da Romania se alimentam todos os dias: vê-se que não podemos de modo algum recusar-lhe attenção.

De facto, o latim figura nos programmas lyceaes; quão pouco porém se estuda! Os nossos avós tinham-no noutra conta. A litteratura

latina era o seu encanto; em muitas casas particulares guardam-se ainda hoje collecções de livros antigos onde ella abunda, — prova de que a estimavam. Para os cargos officiaes de categoria litteraria, v. g. bibliothecario, exigia-se latim: nos *Estatutos da Universidade de Coimbra*, confirmados em 1591, lê-se, livro II, tit. 46, fl. 62 v.: «Averá » na Universidade hũa livreria publica.. & a pessoa que tiver cargo da » dita casa, & chave della, será bom latino». Num dos seus romances colloca Eça de Queiroz, se não me engano (pois cito de cór), a seguinte frase na bôca de um personagem: *latim é base*; o grande romancista, embora falle ironicamente, expressa um conceito antigo, e muito verdadeiro com relação a epocas em que aos estudos escolares se concedia menor largueza do que na actualidade. Quem criou os nossos classicos senão o latim? Nem nós entenderemos cabalmente ás vezes os dizeres de Camões, de Fr. Heitor Pinto, de Fr. Luis de Sousa, do P.e Manoel Bernardes, e de outros, senão conhecermos as correspondentes dicções latinas.

Bem sei que as condições sociaes do presente divergem muito das de outros tempos. Não precisamos do latim, como d'antes, nem para a acquisição dos mais urgentes conhecimentos quotidianos, nem para a manifestação corrente do pensamento, — substituido, como está, em ambos os casos, pelas lingoas vivas. Comtudo, elle continuará a ser imprescindivel mantimento do intellecto, como componente da cultura geral. O historiador, para ler um documento medieval; o numismata, para organizar um catalogo de moedas antigas; o litterato, para em momentos especiaes imprimir emphase no que escreve, fortificando-se com um dito de um auctor de pêso; o leitor ordinario, para comprehender melhor uma citação classica, pois nem sempre basta a *Flore Latine* de Larousse, e congéneres espicilegios; numa palavra, todo aquelle que retirado das lutas sociaes, paixões, embates, quiser achar remanso litterario onde os seus gritos encontrem eco, por ahi estar o amago da civilização de que nasceu, deve dirigir-se a essa nobre

..Roma,
Urbium mater et domina,

— como disse, com enthusiasmo e com verdade, embora a outro proposito, muito alheio do meu, um chronista peninsular que viveu no seculo VIII [1].

---

[1] Isidoro Pacense, *Chronica*, ed. de Tailhan, Paris, 1885, vv. 251-252.— Tailhan pretende provar que o auctor do livro não era Isidoro Pacense (ob. cit., p. VIII), mas as suas razões não são convincentes.

*

Por isso recommendo aos meus alumnos muita applicação á lingoa e litteratura cujo estudo nos vae occupar. Não intento torná-los latinistas. Eu proprio, que lhes estou aqui fazendo tantas recommendações, o não sou, nem de longe. Apesar de tudo, considerar-me-hei muito feliz, se conseguir que num ou noutro cale com efficacia quanto affirmei em prol do latim. E bem haja o Govêrno, que, entendendo, e com razão, que o policiamento do espirito é o principal esteio das aspirações democraticas, reformou a pública instrucção, com o que outorgou novos titulos de nobreza á Philologia classica.

Lisboa, 6 de Novembro de 1911.

J. Leite de Vasconcellos.

TRADIÇÕES POPULARES DO PORTO

1. ROMANCES

A nau Cathrinêta

Lá vem a nau Cathrinêta
Que tem muito que contar:
Ouvide agora, senhores,
Uma historia de pasmar.
Passava mais d'anno e dia
Que iam na volta do mar:
Já não tinham que comer,
Já não tinham que manjar.
Deitaram sola de molho
P'ra no outro dia jantar,
Mas a sola era tão rija
Que a não puderam rilhar.
Deitaram sortes á ventura
Qual se havia de matar:
Logo foi cair a sorte
Ao capitão general!
— Sobe, sobe, marujinho,
Áquelle mastro real:
Vê se vês terras de Hespanha
Ou terras de Portugal.
— Não vejo terras de Hespanha,
Nem terras de Portugal:
Vejo sete espadas nuas
Que estão para te matar.
— Acima, acima, gageiro,
Acima ao tope real:
Vê se vês terras de Hespanha,
Arêas de Portugal.
— *Alvices*, meu capitão, *alvices*,
Meu capitão general:
Já vejo terras de Hespanha,
Arêas de Portugal.

Tambem vejo tres meninas
Debaixo dum laranjal:
Uma sentada a coser,
Outra na roca a fiar;
A mais linda dellas todas
Está no meio a chorar.
— Todas tres são minhas filhas,
Oh! quem mas dera abraçar!
A mais linda dellas todas
Contigo a hei de casar.
— Não quero a vossa filha
Que vos custou a criar.
— Dou-te o meu cavallo branco
Como não ha outro igual.
— Não quero o vosso cavallo
Que vos custou a ensinar.
— Darei-te tanto dinheiro
Que o não possas contar.
— Não quero o vosso dinheiro
Pois vos custou a ganhar.
— Darei-te a nau Cathrinêta
Para nella navegar.
— Não quero a nau Cathrinêta
Que a não sei governar.
— Que queres tu, meu gageiro,
Que *alvices* te hei de dar?
— Capitão, quero a tua alma
Para comigo a levar.
— Renego de ti, Demonio,
Que me estavas átentar;
A minha alma dou-à Deus
E o corpo dou ao mar.

Arrebentou o Demonio,
Acalmou o vento e o mar:
A' noite a nau Cathrinêta
Estava em terra a varar.

Ouvido a uma mulher de Villa Nova de Gaya.

Jesus pobrezinho

Vindo um lavrador da lavra,
Encontrou um pobrezinho:
Pobrezinho lhe pediu
Se o deixava ir no carrinho.
  Deu-lhe a mão o lavrador
E no seu carro o mettia:
Levou-o para a sua casa,
P'rá melhor sala que tinha.
  Mandou-lhe fazer a cêa
Do melhor manjar que havia;
Sentou-o na sua mesa,
Mas pobrezinho não comia.
  As lagrimas eram tantas,
Que pela mesa corriam:
Os suspiros eram tantos,
Que até a mesa estremecia.
  Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha:
Por cima damasco rôxo,
Por baixo cambraia fina.
  Quando era meia noite,
O pobrezinho gemia:
Levantou-se o lavrador
P'ra ver o que o pobre tinha.
Deu-lhe o coração um baque
Como elle não ficaria!
Achou-o crucificado
N'uma cruz de prata fina.
  — Meu Jesus, se eu soubera
Que em minha casa vos tinha,
Mandava fazer preparos
Do melhor que encontraria.
  — Calla lá, ó lavrador,
Não falles com phantasia,
No Ceu te tenho guardada
Cadeira de prata fina,
Tua mulher a teu lado
Que tambem o merecia.

Ouvido á mesma.

Jesus pobrezinho

(Outra versão)

Indo um lavrador pr'á lavra,
Encontrou um pobrezinho:
O pobrezinho lhe pediu
Se o levava no carrinho.
O lavrador respondeu
Que sim, que o levaria:
Levou-o p'ra sua casa,
P'rá melhor sala que tinha.
O pobre foi para a mesa,
Pôs-se a fazer que comia:
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que tinha.
O pobre foi para a cama,
Pôs-se a fazer que dormia:
Por essa noite adiante
O pobresinho gemia.
Levantou-se o lavrador
P'ra ver o que o pobre tinha:
Achou-o crucificado
Numa cruz de prata fina,
Por baixo de sêda rôxa
Por cima cambraia tinha.

O lavrador deslumbrado
Estas palavras dizia:
«Se eu soubesse, ó meu Jesus,
Quem na minha casa tinha,
Dera-vos corpo e alma,
Coração vos entregaria».

Ditado por uma senhora do Porto, que o aprendeu d'uma criada antiga.

Jesus pobrezinho

(Outra versão)

Vindo o lavrador da lavra,
Encontrou um pobrezinho:
O pobrezinho lhe pediu:
—Deixe-me ir no seu carrinho.
— Sim, senhor, eu deixarei.
Desceu o lavrador
E subiu o pobrezinho.
. . . . (?)
Levou-o p'rá sua casa,
P'rá melhor sala que tinha,
Mandou-lhe fazer a ceia
Do melhor manjar que havia.
Foi o pobre para a mesa,
O pobrezinho não comia:
Os suspiros eram tantos,
Que *intê* a mesa tremia.
As lagrimas eram tantas
Que *intê* os pratos *enchia*:
Mandou-lhe fazer a cama
Da melhor roupa que havia.
Foi o pobre para a cama,
O pobrezinho não dormia:
Lá por essa noite dentro
O pobrezinho gemeria.
Levantou-se o lavrador,
Veio ver o que o pobre tinha:
Achou um Deus crucificado
Numa cruz de prata fina.
— Se eu soubera, meu Jesus,
Quem na minha casa tinha,
Outro trato vos daria
Que a minha casa não tinha.
— Prepara-te, ó lavrador,
A mai la tua familia:
A'manhã ás nove horas
A tua alma será minha.

Ouvido a uma criada no Porto.

O conde Nino

Eis o conde, o conde Nino,
Seu cavallo vai banhar;
Emquanto o cavallo bebe,
Cantou um lindo cantar.
— Bebe, bebe, meu cavallo,
Que Deus te ha de livrar
Dos trabalhos deste mundo
E das areias do mar.
— Desperta, bella princesa,
Ouvindo o lindo cantar:
Ou são os anjos do ceu,
Ou a serêa do mar.
— Não são os anjos no ceu,
Nem a serêa no mar:
É o conde, o conde Nino,
Que comigo quer casar.
— Se elle quer casar comtigo,
Eu o mandarei matar:
— Quando o matardes a elle
Mandai-me a mim degolar,
Enterrai-me a mim á porta
A elle ao pé do altar.

Morreu um e morreu outro,
Já lá vão a enterrar.
Dum nasceu um pinheirinho
Doutro um pinheiral:
Cresceu um e cresceu outro,
As pontas foram juntar.
Quando o rei ia para a missa
Não o deixavam passar:
O rei enfurecido
Mandava-os logo cortar.
Dum corria leite puro
E doutro sangue real:
Fugiu dum uma pomba
Do outro um pombo trocal.
Quando o rei estava á mesa,
No hombro lhe iam pousar:

E o rei em vista disto
Não deixava de exclamar:
— Mal haja tanto querer,
Mal haja tanto amar:
Nem na vida nem na morte
Nunca os pude separar.

Idem.

D. Francisco

— Quem bate á minha porta?
Quem bate? quem está ahi?
É D. Francisco, senhor?
A porta lhe vou abrir.
Ao subir da minha escada
Lhe caiu o seu chapim:
Ao abrir da minha porta
Me apagou o meu candim.
Levei-o p'rá minha sala,
Da sala para o jardim:
Lá lhe lavei pés e mãos
Com agua de alecrim.
Conforme o lavei a elle
Tambem me lavei a mim:
Levei-o p'rá minha sala
Deitei-o ao pé de mim.
— Que é isto, D. Francisco,
Que é isto agora aqui?
A meia noite está dada
Sem te virares para mim.
Não temas os meus cunhados,
Porque elles manos são de ti:
Nem temas o meu marido
Que elle longe está d'aqui.
Maus bichos o comam
E novas me venham a mim:
— Deixa vir a manhã
Que eu te darei que vestir.
Darei-te vestido de gala
Camisão de carmezim:
Gargantilha do cutello
Por tu o causares assi.

— Mal hajas tu, ó Anna,
Na hora em que nasceste:
Stavas ao pé do marido
Nem nas mãos o conheceste.
Mata, mata, D. Francisco,
Eu bem sei que to mereci:
(Enterra-me na capella de Germin)
Dois filhos que lá ficaram
Estima-os bem, que são de ti.
Um põe-no a cavalleiro
A cavalleiro com'a ti.
O outro põe-no a padre
A dizer missas por mi.
— Onde vai, senhor D. Francisco,
Onde vai agora aqui?
Sua amada é morta,
É morta, que eu bem a vi.
O trajo que ella levava
Eu lho digo agora aqui:
Levava vestido de gala,
Camisão de carmezim,
Gargantilha de cutello
Por ella o causar assim.
— Vira-te para alli, cavallo,
Vamos ver se será assim.
Abre-te, campa de rosas,
Que me quero enterrar!
Tem-te, tem-te, ó D. Francisco,
Que eu por mim já morri.
Dois filhinhos que lá ficaram,
Estima-os bem que são de ti:
Um põe-no a cavalleiro,
Cavalleiro com'a ti
E a menina que lá ficou
Estima-a bem que é de ti:
Não a deixes perder por homens
Como m'eu perdi por ti.

Idem.

Canario lindo

Esta manhã fui á caça,
Lindo canario agarrei (*var.* acacei) :
Fui levá-lo de presente
Á filha do nosso rei.
A filha do nosso rei,
Como é rica e brazileira,
Mandou fazer-lhe a gaiola
Da mais bonita (*var.* fininha) madeira.
Depois da gaiola feita,
Meteu o canario dentro:
E quer de noite quer de dia
(*var.* E todo o dia e toda a noite).
Era o seu devertimento.
O canario saiu fora,
(*var.* O canario adoeceu).
Teve uma constipação:
(*var.* Com uma canaria).
Foi-se chamar uma junta
(*var.* Mandou fazer uma junta).
De vinte e um cirurgião.
Os cirurgiões eram velhos
Do tempo dos *affonsinhos*:
Trazião calção e meia,
Fivela nos sapatinhos.
Lá vem o snr. doutor
(*var.* Vem então um dos doutores).
Com a lanceta na mão,
P'ra lancetar o canario
Na vêa do coração.
A primeira lancetada
Inda o canario soffreu:
A' segunda e á terceira
Bateu as asas, morreu.
(*var.* Fechou os olhos e morreu).

Ouvido a duas criadas de servir no Porto.
As variantes vão notadas ao lado.

Romance do parto da Virgem

Tão alta vae a lua
Como o sol ao meio dia,
Tão alta ia a Senhora
Quando pró ceu assubia.
Magdalena ia atrás,
Alcançá-la não podia:
Quando a chegou a alcançar,
Já a Senhora tinha parido.
Tamanha era a desgraça
Que nem um panal havia,
Desceu um anjo do ceu á terra,
Panairos d'ouro trazia.
Tornou a subir ao ceu
Cantando *alleluia:*
Os anjos lhe perguntavam
«Como ficou a Maria».
A Maria ficou boa
Numa salinha mettida;
As paredes eram d'ouro
As portas de prata fina.
Quem seria o lavrador
Que tão bem *n*as lavraria?
Foi o nosso Redemptor.
Filho da Virgem Maria.
Gloria seja dada a Deus
E ao nosso Redemptor:
Amanhã cá tornaremos,
Assim o permitta o Senhor.

Ouvido a uma rapariga.

Romance da Paixão

Repenica no Calvario...
Magdalena, que seria?
Crucificaram a Christo,
Filho da Virgem Maria.

Já está o sacrario aberto,
Já lá está o Senhor dentro,
Que nós havemos d'adorar
O divino Sacramento.

Ó divino Sacramento,
Que lá estaes nessas alturas,
Dae-nos luz ás nossas almas,
Não nos deixeis ás escuras.

Não nos deixeis ás escuras,
Em tamanho desamparo:
Estamos cobertos de nuvens,
Falta o sol mais claro.

A rua de Jerusalem
Já está cercada de cravos:
Isto são passos de Christo
Dados por nossos peccados.

Quinta feira d'endoenças
Foi meu Deus crucificado,
Pra tirar do captiveiro
Quem estava em peccado.

Tambem lavastes os pés
Áquelle judeu malvado:
Se vos podessem vencer,
Já vos tinham entregado.

Logo ao primeiro passo
Por terra caiu meu Deus:
Olhae com que crueldade
O trataram os Judeus.

Logo ao segundo passo
Encontrou o S. Simão:
S. Simão pegou á cruz
P'ra ganhar a salvação.

Logo ao terceiro passo
Encontrou N. Senhora:
N. Senhora lhe disse:
Filho meu, dá-me esse crôa.

Esta crôa não é minha,
Ma poseram os Judeus,
P'ramôr dos peccadores...
Isto são martyrios meus.

Logo ao quarto passo
Sobe meu Deus á varanda,
Com a santa cruz aos hombros
Na mão a verde canna.

Na mão a verde canna,
Lá vae andando com ella
Para o lugar da justiça,
Para ser pregado nella.

Logo ao quinto passo
Já meu Deus não via nada:
A santa mulher Veronica
Á toalha o alimpava.

Logo ao sexto passo
Pelas ruas d'amargura
Corriam rios de sangue,
Já chorava a Virgem pura.

Logo ao setimo passo
Sobe Deus ao Calvario,
Com a santa cruz aos hombros
E na mão o santo sudario.

Entre Pedro e Tiago
Que a dormir estaes descançados...
Acordae, discipulos meus,
Acordae, tende cuidado.

Que já lá vejo vir a Judas,
Judas vem acompanhado:
Judas me vem prender
E eu não me vejo culpado.

Hoje aqui neste auditorio
Dae as esmolas que puderdes,
Que as almas do purgatorio
Não vos pedem as fazendas,

Só vos pedem as migalhinhas
Que sobram das vossas mesas.

Quem esta oração disser
Um anno dia a dia
Achará o ceu aberto
E o inferno nunca o veria.

Quem a souber que a diga,
Quem a ouvir que a aprenda,
Que lá no dia do juizo
Não terá que se arrependa.

Idem.

O cego

— Acorde, minha mãe acorde de dormir,
Que ahi vem o triste cego a tocar e a pedir.
— Se elle toca e pede, dá-lhe pão e vinho
E diz ao triste cego que siga o caminho.
— Não quero o vosso pão, nem quero o vosso vinho,
Só quero que Anninhas m'ensine o caminho.
— Levanta-te, ó Anna, pega na roca e linho
E vae ao triste cego ensinar o caminho.

— Já espiei a roca, já acabei o linho...
Adeante cego, lá vae o caminho.
— Sou curto de vista, não vejo o caminho,
Anda, ó Anninhas, mais um bocadinho.
— Já espiei a roca, já acabei o linho,
Adeante, cego, lá vae o caminho.
— Sou curto de vista, não vejo nada,
Anda ó Anninhas, siga a jornada.
De condes e duques fui pretendida,
Agora dum cego me vejo vencida.
Adeus, minha casa, adeus, minha terra,
Adeus, minha mãe, que tão falsa me era.

Ouvida a uma mulher de Gaya.

O conde d'Alamar

Dá o sol na vidraça,
Lá vem o claro dia;
É segredo encoberto
Ainda o rei o não sabia,
Sabia-o D. Bernarda,
Que era filha da rainha.

Estando eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Veio o conde d'Alamar,
Tres fios tirou d'ella.
Deixe vir meu pae de fora
Que logo lho vou dizer:
Palavras não eram ditas
O rei á porta a bater.

— Venha, venha, meu pae, venha,
Estimarei sua vinda,
Tenho para lhe contar
Uma nova maravilha.
— Conta, minha filha, conta,
Conta o que tens a contar.
— Estando eu no meu tear
Tecendo seda amarella,
Veio o conde d'Alamar,
Tres fios me tirou d'ella.
— Cala-te lá, minha filha,
Anda-me dar de jantar:
O conde é rapaz novo,
Fez-te isso a brincar.
— O demo leve tal modo,
Tal modo de brincar:
Ó meu pae, dê-lhe o castigo,
Senão eu lho mando dar.
— Cala-te lá, minha filha,
Anda-me dar de jantar:
Ámanhã ás quatro horas
Irá o conde a queimar.

—Venha, venha, minha mãe,
Á janella do meio,

Venha ver o conde arder,
Arder com todo o aceio.
—T'arrenego, minha filha,
E ó leite que mamaste:
A um rapaz de quinze annos
Olha a morte que causaste.
—Cale-se lá minha mãe,
Ponha-se no meio da rua,
Que a morte que foi do conde
Estava para ser a sua.

Idem.

A Clara linda

Estando D. Clara linda
No seu jardim sentada,
Com pente d'ouro na mão
Seus cabellos penteava.
Botou os olhos ao mar,
Lá viu uma linda armada:
Capitão que nella vinha
Muito bem a governava.
—Dizei-me, ó capitão,
Dizei-me por vossa alma
Se os amores que tinha
Vem nessa linda armada.
—Dizei-me vós, senhora,
Os sinaes que elle levava:
—Levava cavallo branco
Com sua sella amarella,
Na ponta da sua lança
Uma bandeira de guerra.
—Esse homem, senhora,
Lá ficou morto na guerra
Com vinte e cinco facadas
E mais uma cutelada.
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.
—Ai de mim, triste viuva,
Ai de mim, triste coitada,
De tres filhas que tenho
De nenhuma ser casada.
—Quanto darieis vós, senhora,

A quem vo-lo trouxer aqui?
— De tres filhas que tenho
Todas tres eram para si,
Uma para vos vestir,
Outra para vos calçar,
A mais linda dellas todas
Para comvosco casar.
— Eu não quero vossas filhas
Que ellas não pertencem a mim.
Quanto darieis vós senhora,
A quem vo-lo trouxer aqui?
— De tres moinhos que eu tenho
Todos tres são para si,
Um de moer canella,
Outro de moer jasmin,
Outro d'aguas correntes
Com que eu rego o meu jardim.
— Eu não quero os vossos moinhos,
Que elles não pertencem a mim:
Quanto darieis vós, senhora,
A quem vo-lo trouxer aqui?
— Não tenho mais que vos dar
Nem vós mais que me pedir.
— Dareis-me vós, senhora,
O vosso corpo gentil?
— Cavalleiro que tal diz,
Que tal se atreve a dizer,
A' cauda do meu cavallo
Arrastado deve ser.
— O annel de sete pedras
Que eu comtigo reparti,
Mostra-me a tua metade,
Que a minha ei-la aqui. Idem.

---

2. ORAÇÕES

Padre nosso pequenino

Padre nosso pequenino,
Sete anjinhos vão comigo,
Sete candeias a allumiar,
Sete livros a rezar,

N. Senhora é minha madrinha,
N. Senhor é meu padrinho,
Que me pôs a cruz na testa,
P'ró demonio não me impeça
Nem de noite, nem de dia,
Nem ao pino do meio dia.
Já os gallos cantam, cantam,
Já os sinos se alevantam,
Já o Senhor subiu á cruz
Com tres cravos encravados,
Com tres espinhos coroados;
Já se quebraram as amarras
Com que prenderam Jesus.

Gaya.

O ramo ou a palma de N. Senhora

Levantei-me de madrugada
Em faxinha e manteu,
Fui correr a via-sacra
Pelo caminho do ceu.
Encontrei N. Senhora
Com uma palma na mão:
Eu pedi-lhe um bocadinho,
Ella disse-me que não.
Eu tornei-lhe a pedir,
Ella deu-me o seu cordão,
Que lhe desse sete voltas
A' roda do coração,
E que lhe desse outras sete
Que chegasse até ao chão.
Ó compadre S. Francisco,
Ó compadre S. João,
Acceitae este cordão
Que me deu N. Senhora
Sexta-feira da Paixão,
Sabbado d'Alleluia,
Domingo da Resurreição.

Idem.

A barca bella

Quem quer ver a barca bella,
Que se vae deitar ao mar?
A N. Senhora vae dentro
E os anjinhos a remar,

S. João vae por piloto,
S. José por general:
Arreae essa bandeira,
Viva o rei de Portugal.

Idem.

Santa Barbara

Santa Barbara se vestiu,
Santa Barbara se calçou,
Seu caminho caminhou.
Lá no meio do caminho
Jesus Christo encontrou
E elle lhe perguntou:
— Aonde vaes Barbara virgem?
— Vou abrandar a trovoada,
Que anda *desostinada*
Sobre o mar e sobre a terra.
— Ora vae, Barbara virgem,
Deita-a lá para um cantinho,
Aonde não haja pão nem vinho.
Nem *báfego* de menino,
Nem raminho, nem rameira,
Nem folhinha d'oliveira.

Idem.

Anjo da guarda

Anjo da guarda bemdito,
Semelhança do Senhor,
Que do ceu foste mandado
Para nosso guardador,
No poder que em vós mora,
Que me não deixeis nem uma hora.
Se dormisse, se eu fallasse,
Que sempre me acompanhasse
Minha alma com alegria.
Ó meu Deus, ó meu Jesus,
Dae-me nesta vida paz
E na outra quietação;
Perdoai-me os meus peccados,
Que sabeis quaes elles são,
Pela vossa morte e paixão.

Idem.

Responso de S. Romão

Entrego-me a Deus e á luz,
A' Santissima bella-cruz.
Ao corpo inteiro,
Que é o Deus verdadeiro,
A' SS. Trindade,
Que é mãe da verdade,
E a S. Romão de Roma,
Que tem o corpo em Roma,
E a cabeça em Portugal,
Que nos livre de cães danados.
E por danar,
Bichos achados
E por achar,
Homem morto,
Mau encontro,
Homem vivo
Grande perigo.
S. Romão seja comigo
E toda a minha companhia,
Padre Nosso e Ave Maria.

Idem.

---

3. ENSALMOS

Para a erysipela

Pedro Paulo foi a Roma,
Jesus Christo encontrou,
E elle lhe perguntou:
—Pedro Paulo que vai lá?
—Senhor, morre muita gente
De erysipela, erysipelão.
—Torna a trás, Pedro Paulo,
Talha-a com agua, azeite e oliveira
E a erysipela seccará.

Variante

Erysipela vai á fonte,
Erysipela vai ó monte,
Despejar e andar;
Deixa o corpo de F.,
Que ella é pobre não tem que dar.

Para a inflammação

Sempre-verde bemaventurado,
Sem ser exposto nem semeado.
Do vento abanado,
Da chuva regado,
Tirae este fogo,
Este afogueado:
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
O fogo aqui seccaria.

Para as inguas

Estrellinha, a minha ingua
Diz que seques tu,
Mas eu digo que seque ella
E medres tu.

Para as aphtas

Luzinha da banda d'alem,
Talha-me esta aphta
Que a minha bocca, tem.

Para as dores de cabeça occasionadas pelo sol

Deus é o sol, Deus é lua,
Deus é toda a claridade:
Assim como estas palavras são verdade
Saia d'aqui esta enfermidade.

Para o azagre

Eu talho o azagre
Com folha de silva
Na agua corredia:
Pelo poder de Deus
E da Virgem Maria
O azagre seccaria.

Porto—Agosto de 1910. A. GOMES PEREIRA.



LINGUAGEM MINHOTA

De um vocabulario que pacientemente tenho coligido na linguagem das nossas províncias retiro uma série de termos e locuções do distrito de Viana-do-Castelo que não ocorrem nos nossos lexicos ou que encontrei com significação diferente da que nêles lhes é atribuida. É essa série que a seguir se inicia e se oferece á consideração dos competentes como desvalioso material para o estudo complexo da lexicologia portuguesa, estudo por certo interessantissimo e de comprovada utilidade, que vae felizmente prendendo as atenções e excitando a actividade inteligente dos investigadores.

Facilmente se compreende que não me foi possivel achar para todos os vocábulos a documentação sempre proveitosa e nunca desnecessária que se me deparou para alguns, mas procurei ser escrupuloso na exactidão de cada registo, substituindo assim, por uma cuidadosa observação, a autenticidade insuspeita colhida em publicações locais, geralmente. Se, apesar de tudo, em alguns pontos houver motivo para duvidas ou reparos, solicito e de boa vontade aceito as correcções inteligentes que me forem dadas, tendentes a desfazerem qualquer erro de observação ou de ignorancia.

Entendo que, congraçando-se todas as vontades, todas as energias e todas as inteligências, por modestas que sejam — como no caso presente —, e dirigindo-as sabiamente no trilho destas investigações, alguma coisa muito útil se terá conseguido, quando se tentar lançar as bases de um *Dicionario Completo da Lingua Portuguesa*.

VOCABULARIO

abècer, apetecer; em Paredes-de-Coura.

abrancaçado, alvacento, esbranquiçado, de côr clara; no falar de Viana. No n.º 705, pag. 10, da *Gazêta das Aldeias* encontra-se abonação do vocábulo em uma pergunta de um consulente de Viana: «Examinando.. as folhas, vêem-se pequenos insectos abrancaçados..»

açambarcadeira, é, em Viana, a contratadeira, mulher que açambarca os géneros trazidos ao mercado para os revender «..foi multada a *açambarcadeira* Joaquina Miranda pelo zelador n.º 8» — *Vida Nova* (Viana), Julho de 1907.

adoçar, tem o sentido especial de «passar por água limpa (a roupa)». «*Adoçar* uma criança» é lava-la, de-

pois de lhe tirar as fraldas molhadas ou sujas.

A primeira acepção deduz-se do sentido de «abrandar» = tornar flexivel, tambem dado ao verbo, o qual se evoca tambem na expressão: «assar em *doce*», isto é: «assar em fogo brando, de forma que recoza e não queime».

agulha, é o mesmo que «acidez», relativamente ao vinho.

A pag. 117 do n.º 688 da *Gazeta das Aldeias* vem a seguinte consulta de um assinante, cuja localidade se não menciona: «A um vinho da ultima colheita.. desejava dar-lhe mais *agulha* (acidez).»

Está por *agudêz* ou *agudêza* = acidêz. (V. *Diccionário* de Moraes). *Agudo* por «ácido» encontra-se no *Leal Conselheiro*, pag. 483: «... e tambem das muyto frias e *agudas*, assy como vynagre e lymon e semelhantes...»

alambazado, vaidoso, casquilho; orgulhoso. É a acepção corrente em Paredes-de-Coura.

alboio, além de «alpendre» significa tambem «casa grande mas desprezada», por informação do Dr. Luís Figueiredo da Guerra (*Vida Nova*, 7 de Setembro de 1906).

alfinête, broche de senhora.

almoçadeira, chávena grande, usada ao almoço, geralmente. Em Viana.

aloque, o mesmo que «rolha» = boneca de pão e açúcar em que chucham as crianças.

aluir, nota o erudito filólogo snr. Júlio Moreira nos *Estudos da Lingua Portuguesa*, pag. 175 (vocabulário) que em Trás-os-Montes «pipa *aluida* é aquella cujas aduellas não estão sufficientemente apertadas». Presumo que o termo pertence a tecnologia geral da arte de tanoeiro, e não é privativo de um lugar ou região, visto que é empregado com o mesmo sentido no Minho e tambem em Lisboa. Por ext. diz-se que os arcos de uma vasilha *aluem* ou estão *aluidos*, quando não dão aperto ás aduelas.

alveiro, na linguagem familiar em Paredes-de-Coura emprega-se a locução «fazer *alveiro*», geralmente em prática com as crianças, querendo significar o mesmo que «fazer garotice, tratantada, maldade».

amado, é o período da amamentação, exercido pela ama de leite.

amarelão, nódoa ou mancha amarelada, na roupa, por exemplo.

amartelar, entre os vários significados dêste verbo registados nos dicionários não figura a acepção especial em que é tomado no Minho: — «amolgar».

Refere-se geralmente a coisas resistentes: «panela *amartelada*».

amelado, côr de mel. «Esta interessantissima abelha... é de um pardo *amellado* escuro..» — *Gazêta das Aldeias* n.º (?) pag. 54.

amolatar, o mesmo que «amolgar» e *amartelar* (q. v.)

amoncalhar, em Paredes-de-Coura: «amarrotar, amarfanhar». — «Arre diabo, que mãos as tuas! *Amoncalhas* tudo!»

V. *Moncalho*.

aninhar-se, agachar-se; acocorar-se; sentar-se, cruzando as pernas.

ante-bem, refeiçãozinha de pão e vinho que, nos dias de trabalho, no campo, precede o jantar; em Paredes-de-Coura.

apastorar, apascentar, em Parédes-de-Coura. É tambem açoriano: «Vinha de *apastorar* quando ella saiu pela cancela do Cazado.. » — Nunes da Rosa, *Pastoraes do Mosteiro*, pag. 80.

apoleirar-se, o mesmo que «empoleirar-se»; em Viana.

aquela, aquelar, aqueloutrar

aquêle ou **aquela** substituem, na linguagem popular em quási todo o país, o termo próprio, quando este não ocorre. «Uma *aquela*» pode significar «uma tesoura, uma cadeira, uma festa, etc.» *Aquela* ou *aquêle* tambem podem substituir nos vocativos o nome da pes-

sôa ou antecedê-lo quando este não acode immediatamente á memória. «Ó *aquela*, anda cá!» — «Veio hoje cá a *aquela*... a Maria José.»

Tambem pode significar: «vogar, tempo, ocasião» — «Se lhe digo a V. Ex.ª que não tem havido *aquela* para coisissima nenhuma..» — Caiel, *Amor á Antiga* — II — pag. 22.

Por influência da extensão de significado que se pode atribuir ao pronome, criou-se espontaneamente a forma verbal *aquelar*, de notavel variedade de acepções, — no falar de Ponte-do-Lima, pelo menos, — e *aqueloutrar* que me parece ser usado só em Paredes-de-Coura.

«Que pena! A gente *aquelar* tão bem as coisas!..» — Delfim Guimarães. *O Rosquêdo*, pag. 292.

arjão, arjoar *arjão* é uma vara ordinariamente de carvalho ou salgueiro que se espeta no solo para amparar ervilhas, feijão ou vinha. A operação de as colocar na terra chama-se *arjoar*; de *arjão*. Cp. *serão*, *seroar*.

arrebite, criança esperta, espevitada; em Viana.

arreguilar, o mesmo que «arregalar».

Ha a exclamação *arreguila-lho!* que exprime: dúvida, protesto, recusa. Empregou-a Bento Moreno na *Comédia do Campo*, pag. 178: «Tu ias agora lá casar com ella! *Arreguila-lh'o!*»

arrumar, *arrumar-se:* corresponde a «casar» = tomar assento ou tomar estado: «..e (a rapariga) assim *se arrumou.*» — Júlio de Lemos, *Campesinas*, pag. 18.

Arrumou! é uma exclamativa equivalente a *acabou!* etc., servindo para firmar uma opinião e reforçar a autoridade de uma intimativa. «Quero que me deem a minha filha e *arrumou!*» — Bento Moreno. *Comedia do Campo*, pag. 117.

assapar, assapado, (açapar) assapar, não occorre nos dicionários da língua, embora o *Nôvo Diccionário* registe o participio *assapado*, no *Suplemento*, dando-o como grafia adoptada por D. Carolina Michaëlis. Ignoro como e em que sentido esta ilustre senhora empregou o vocábulo. No Minho *assapar* é «atirar, cair de chapa; ficar espalmado» talvez como um *sapo*, quando cae, depois de ser atirado muito alto, como é barbaro costume das nossas aldeias.

São vulgares frases como esta: «Olha que eu *assapo-te* as mãos na cara!» — «Quando ia a correr, tropeçou e ficou *assapado* (ou *assapou-se*) na lama».

Por outro lado uma acepção diversa autoriza-nos a supôr a existência de um verbo consoante, formado de um têma diferente. Assim *açapar* significa encolher, agachar, «*aninhar*», provavelmente forma contraída de *acaçapar*, de *caçapo*, como quere o snr. Cândido de Figueirêdo.

assòlhar, o mesmo que *assoalhar* = pôr ao sol, seccar ao sol». Por condensação das duas vogaes átonas em uma só aberta.

«...as duas moças andavam na eira a *assolhar* o milho..» — Camillo, *Seroens de S. Mig. de Seide* — V —.

«É preciso podar as arvores para as arejar e *assolhar* por dentro...» — *Gazêta das Aldeias* n.º 679 — pag. 9.

atimar, este verbo é assim definido no *Nôvo Diccionário:* «(açor[iano] e ant[iquado]) o mesmo que *ultimar;* levar a cabo; emprehender.»

É usado em Paredes-de-Coura e conjecturo que em outros pontos do Minho. Como *aquelar*, possue ali a propriedade de substituir o termo próprio quando este não occorre, adquirindo por isso grande variedade de significados.

«*Atima* as batatas; *atima* esse botão; vae *atimar* a mêsa; *atimar* as galinhas, etc.»

Encontra-se nos mais antigos documentos da língua. V. a *nota* 1, a pag. 21 do *Leal Conselheiro*, edição de Paris.

atolambado, foi registado nos *Subsídios para um Dicionário Completo da Lingua Portuguesa* com o significado do «atoleimado», que não traduz exactamente o sentido em que Camillo o empregou no *Assassino de Macário*, pag. 14, de que se faz citação. Geralmente a acepção de *atoleimado* é a de «vaidoso, importante, afectado» e *atolambado*, no Minho, aplica-se ás pessôas que dão mostras de desequilíbrio das faculdades mentaes. Assim o empregou Camillo tambem na *Brazileira de Prazins*, pag. 9: «... está assim a modos de *atolambado* ha muito tempo...»

atravessado, mau, travêsso, desinquieto, brincalhão; na linguagem familiar de Viana.

atrungalhar, V. *Tangalho*.

avagar, clarear, limpar, desobscurecer (o ceu); em Paredes de Coura.

aziùmar, aziùmado, de *aziúme*, por queda da consoante intervocálica de *azedume*. «O leite *aziúmou*.»

«... revessava ao caminho público golfos *aziumados* de vinhaça.» — Camillo *Braz. de Prazins*, pag. 53.

baço, bacilento. *Baço* é uma mancha na cara, por semelhança com a côr do «baço.»

Bacilento é o mesmo que «embaciado, descòrado.» De *baço* = «fôsco» por influência de «macilento,» ou talvez este mesmo termo com substituição vulgar do *m* por *b*. Cp. *bilhafre*, *belancia*.

banca, môcho pequeno de três pernas, em que se assentam os lavradores á hora das refeições. Em Paredes-de-Coura.

barba, barbar (=abarbar), como termos de apicultura não os regista nenhum dicionário, apesar de serem usados entre «abelheiros» de norte a sul do país. Farei as seguintes transcrições que por completo os definem:

Na *Gazeta das Aldeias*, n.º 777, pag. 248 um consulente da Praia-de-Ancora emprega o termo *barbar* com uma pergunta, e o ilustre naturalista snr. Eduardo Sequeira repete-o na sua resposta explicando-o: «Um dos signaes de que a colmeia se prepara para dar um enxame é a aglomeração de abelhas na base externa do cortiço, a que se lhe dá o nome de *barbar*.»

E a seguir: «Basta que a temperatura se eleve demasiadamente no interior do cortiço para uma parte das abelhas obreiras sair, fazendo o que se chama *barba*.» No n.º 748, pag. 212, emprega-se *abarbar*, que é mais usado no centro do país, como eu próprio tenho empregado e ouvido empregar nas minhas tentativas em apicultura.

bardo, nos *Estudos da Lingua Portuguesa* regista o snr. Júlio Moreira o significado trasmontano deste termo, que vem a ser: «renques de vides ligadas por varas, canas ou arame», formando «uma espécie de ramada com disposição vertical e pouco elevada.» Neste mesmo sentido é o termo empregado no Minho. É vulgar ali o *bardo* ou «vinha em *bardo*.»

Calculo que seja o mesmo o *bardo* do Douro por este trecho de pergunta de um consulente do Juncal no n.º 727 da *Gazêta das Aldeias*, pag. 273: «Queria fazer este anno alguns *bardos* de videiras, de arame e esteios; mas dizem que a póda dellas nos *bardos* é differente da de ramadas e que produzem menos, caso não se saiba podá-las...»

Sobre o *bardo* do Minho vidè *Aurora do Lima* de 14 de Outubro de 1907.

barrêno, é o estampido de um morteiro de foguête; em Viana.

basta, crescença, prega que se faz na roupa, especialmente nas saias, para as tornar mais curtas. Viana.

Cp. o ital. *basta* = alinhavo.

bate, o snr. Gonç. Viana nota nas *Apostilas* que em Caminha chamam *bate*, ao «pão-de-ló.» No mesmo sentido se usa o termo em Viana e outros pontos do Minho.

Parece-me ser substantivo verbal rizotónico de *bater*, por allusão á operação preparatória da iguaria que se torna tanto melhor e mais fôfa quanto mais *batida* fôr a massa. «Bater um *bate*» é frase vulgar na linguagem familiar, quando se trata da preparação de um «pão-de-ló.»

Cp. *frito*, «um *frito*.»

Alguma analogia de derivação se nota tambem no seguinte cantar estremenho:

Bate, padeirinha,
Bate pão-de-ló.
Duma banda tu,
Doutra banda eu só.

berrêgo, barrêgo, qualquer dêstes vocábulos quere dizer o mesmo que «grito, berro, berreiro.» O primeiro é usado em Carvalhos (Douro), o segundo em Parêdes-de-Coura. De *barregar*—*berregar*.

birbantão, respondão, malcriado, insultador; em Viana.

blandina, em Paredes-de-Coura usa-se a locução *andar numa blandina* para significar o mesmo que «andar numa dobadoira.» Não encontro vestígios de um étimo provável, dado que *blandina* só por si nada significa ou pelo menos perdeu o significado próprio. Alguma relação poderá ter com o verbo espânico *blandearse* = «mover-se de alguma parte á otra» (Rodriguez-Navas), provavelmente de *blando* = frouxo [1].

bocanho, bocanhinho, além da acepção em que o *Nôvo Diccionário* toma este vocábulo — «o mesmo que *aberta* em dias de chuva» — *bocanho* quere dizer tambem em Paredes-de-Coura: «instante, momento.»

«Vae num *bocanho*» o mesmo é que dizer: «Vae depressa, num momento, sem demora nenhuma.» Do radical de *boca*. *Bocado* = pedaço. Cp. *abocanhar*. A primeira acepção será uma extensão desta, já de si figurada.

[1] [Cfr. *andar em bolandas*].

O diminutivo *bocadinho* exprime intensidade. Cp. *instantinho*.

borbêto, (em)borbetar, é forma popular em Viana; por *borbôto* de *borbotar*. Designa em geral qualquer objecto que tome a aparência de um carôço. *Emborbetar* é a forma verbal. Significa «encaroçar, cobrir-se de *borbêtos*. «A farinha *emborbetou* no caldo.»

Por dissimilação do segundo *o* de *borbotar*, e daí o subs. verbal rizotónico *borbêto*.

borracha, é a vasilha feita de uma cabaça, que serve geralmente para vinho; nos arredores de Viana.

bouça, nas *Apostilas*, o snr. Gonçalvez Viana, firmando-se em um trecho de *As Villas do Norte de Portugal*, deduz para a palavra *bouça* acepção mais lata que a que lhe dão os diccionários.

Efectivamente, *bouça* não é apenas o «terreno inculto», como define o *Nôvo Diccionário*, nem o «terreno onde se cria mato para adubo por não ser próprio para cultura» do *Contemporâneo*. A *bouça*, no Minho, é uma certa extensão de terreno delimitado por um muro de pedra sobreposta ou por simples marcação de pedras e montes de terra, aonde se cria mato para todas as aplicações usuaes e pinheiros ou carvalhos.

Vem na *Aurora do Lima* de 6 de Abril de 1908 os seguintes trechos de um anúncio judicial: «Uma *bouça* de matto e pinheiros no sitio do Barroso...» — «Uma *bouça* de matto com pinheiros e carvalhos...»

brincazão, é a forma minhota de *brincalhão*. Cp. *folgazão*.

brôlho, é o «bagaço da uva», no districto de Viana.

bruar, acontecer; em Paredes-de-Coura. Usam a frase: «Deixar *bruar*» equivalente a «deixar correr, deixar que os fados se cumpram»

bujêgo, o mesmo que «empôla»; nas notas do saudoso prof. Miguel Lemos.

Bojêgo, de *bójo?*

bugio, remate de um caes ou marachão, segundo o Dr. L. Figueiredo da Guerra.

buzaranhos, indivíduo corpulento, alentado. Cp. *búzara*=barriga.

cabeleiro. Nota o snr. Gonçalvez Viana nas *Apostilas* que em vários pontos do Minho se usa *cabeleiro* num sentido de unidade, correspondente ao francês *cheveu*. Creio que é de um uso geral em todo o Minho, estendendo-se a alguns lugares da Beira, S. Pedro do Sul, por exemplo.

É de notar que no Minho acontece algumas vezes que o sufixo *-eiro*, ligado a palavras que em geral exprimem colectivos, como *cabêlo*, *pêlo*, *palha*, *milho*, *centeio*, *feijão*, etc., designa unidade. Assim é vulgar dizer-se ali: *cabeleiro*, *peleiro*, *palheiro*, *milheiro*, *centeeiro*, *feijoeiro*, etc., para diferenciação dos colectivos.

De algum modo tambem os vocábulos minhotos: *escaleira*=degrau de escada, e *perneira*=cada uma das partes da calça por onde se enfiam as pernas, exprimem esta idea de unidade.

O lat. *granariu-* como étimo de *graeiro* no sentido de grão de chumbo ou de cereaes, não abonaria melhor um colectivo?

cabrita, *pregar uma cabrita* é loc. usada em Paredes-de-Coura, pelo menos. Diz-se que *prega uma cabrita* á parte contrária a fila de batedores de espigas que, nas malhadas do milho, vence em destrêza e esfôrço a fila dos contrários, deixando-os despeitados.

cachar, arrotear, escalrachar, desbravar, arrancar com a enxada o mato ou erva de um terreno inculto. No n.º 682 da *Gazêta das Aldeias* vem esta definição do verbo: «*Caxar*, no Minho, quer dizer desbravar, arrotear...»

cacho, só por si este vocábulo, no Minho e em outras regiões, quere dizer o mesmo que «cacho de uvas».

Empregou-o assim Camillo na *Braz. de Prazins*, pag. 88: «Apanhou-a hoje d'aquella casta! Como um *cacho*!»

Emprega-se aqui a locução corrente em todo o país: «Bêbedo como um *cacho*» (e não «como um carro») em que se observa a mesma restricção de significado.

Apparece tambem no seguinte trecho da *Gazêta das Aldeias* n.º 703, pag. 297: «Pelo mau estado em que os *cachos* chegaram não posso sem pôr os *cachos* em observação distinguir se se trata de um caso de grey-rot (míldio)...»

cadilho, *cadilhos* são os primeiros e últimos fios do urdume, que não levam trama. O singular — *cadilho* — não occorre em nenhum dicionário mas usa-se no Minho na acepção de «amarrilho» = fio para prender ou amarrar qualquer coisa.

É este o sentido em que o termo entra no provérbio: «Quem tem filhos tem *cadilhos*;» isto é: «prisões, peias, cuidados.»

caibro, caibrada, caibrar: caibros se chamam no Minho os barrotes que formam a latada e assentam sobre os esteios.

De *caibro* veio *caibrada* que é vulgaríssimo na acepção de «pancada com caibro» = cacetada. Por extensão: «pancadaria, sova» e ainda: «descomponenda» de lingua ou por escrito.

«Pregos de *caibrar*» são uns pregos grandes de arame que servem para pregar caibros, barrotes, vigotas ou pranchões. O mesmo que «prego caibral.»

caixota, caixão, caixeiro: a forma *caixota* como diminutivo de caixa é usada no Minho (Viana), no seguinte caso pelo menos: «uma *caixota* de chapeus.»

Caixão é um equivalente de «caixa,» sem implicar o sentido convencional de féretro, em que é mais usado em Lisboa.

Caixota e *caixão* tornaram-se termos

independentes tomando, pelo uso constante, foros de primitivos, susceptiveis de aumento ou diminuição. Este facto dá-se em circunstancias idênticas com várias derivadas que formam termos de acepção especial independentes das primitivas, como: *caixote*, *escadote*, etc.

Um *caixãozinho* é uma caixa pequena, por ex: «um guarda-joias, um mealheiro de madeira, uma caixa de charão.» Em um curioso «*Rol do Movel que tenho o pr.º de Janeiro de 1757*»[1] vem, a par de «huma arquinha de charão pardo» e de «hum baúzinho de charão embutidos» um *cachãozinho* de charão encarnado.»

calcanheira, é a parte da meia que se adapta ao calcanhar.

Na Beira (S. Pedro) assim chamam tambem á «ferida ou esfoladura de pele no calcanhar.»

cale, caleiro: *cale* é um barco de fundo chato para navegação fluvial. Em oposição a «marítimo», *caleiro* é o pescador do rio.

V. *Vida Nova* (Viana-do-Castelo) de 7 de Setembro de 1906.

camboeira, que se refere ou pertence á *cambôa*. Mais especialmente é a «rêde empregada na pesca da *cambôa*.»

Informação do Dr. Luis Figueirêdo da Guerra.

canastro, na acepção de «espigueiro, caniço» regista-o o *Nôvo Diccionário* como termo do Minho. Em Viana e arredores não é conhecido e apenas tenho noticia de ser usado em Paredes-de-Coura.

É mais frequente no Douro (Marco-de-Canavêzes, Penha Longa) e Beira Alta (S. Pedro-do-Sul, etc.).

canhôto, canhota: no *Nôvo Diccionário* (Suplemento) regista-se como desusada a acepção de «acha pequena» referida a *canhôto*.

Em Viana chamam-se *canhôtos* ou *canhotas* os «pedaços de lenha toscamente partidos». A estes se refere Camillo na *Brazileira de Prazins* «volveu iracundo o architecto dando com o olho do machado num *canhôto*...»

Por extensão *canhôto* ou *canhota* significam «qualquer objecto de madeira mal trabalhada.»

V. *Aurora do Lima*, de 4 de Outubro de 1907.

Moraes registou *canhôto* = «pedaço de páo nodoso, irregular.»

Cp. o it. *canhôto* = «pezzo di legno storto e nodoso» (Raqueni — De la Fayette).

capoeiro, o mesmo que «capoeira». Cp. *gaiólo*.

carcaio, mulher feia, desajeitada, suja. Meretriz. Em Viana.

caroça. Por «coroça» = capa de palha. Assim chamam tambem ironicamente á «bebedeira».

carro, é medida convencional, equivalente á quantidade de qualquer coisa que um carro pode transportar. «*Carro* de milho = carro de pão. — Esta propriedade rende vinte *carros* de pão.» Muitas vezes só o quantitativo dispensa a designação de espécie atendendo a que o milho é a cultura mais geral da região. Assim usou Camillo nas *Novelas do Minho*, vol. III, pag. 47: «Ó moça aproveita antes que o rapaz se arrependa. Olha que elle colhe trinta *carros* e é um bonacheirão!»

Diz-se: «*carro* de cebolas, *carro* de lenha, *carro* de palha, etc.» Na *Aurora do Lima*, de 9 de Dezembro de 1910, lê-se: «De uma enorme meda de mais de 30 *carros* de palha, voou pelo ar a maior parte.»

Cp. *pipa*: *pipa* de vinho, *pipa* de azeite.»

casota. Casa pequena, casinhola, barraca.

«As chapas metálicas que cobriam umas pequenas *casólas* foram arrancadas...» — *Aurora do Lima*, de 9 de Dezembro de 1910.

---

[1] *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 194.

catalana. É um vaso de barro escuro, de feitio oblongo, próprio para ir ao lume. Vem geralmente das olarias de Braga.

Em Ílhavo chamam *cataplana* a um vaso de uso culinário de que não tenho mais informação.

cativa! (=**catiba**), **catixa!** Em quási toda a região do Minho e Douro se usa qualquer destas exclamativas para exprimir «receio, repulsa, nojo, desprezo»: Empregou-as Camillo na *Brazileira de Prazins*: «E Custodia que não gostava de homens gordos cuspia para o lado—*cativa!*—«Tárrenego! *Catixa!* Cruzes canhoto!»

Cativa! é talvez a forma abreviada da fraze: *cativo fosse* ou *seja eu!* que ainda subsiste na linguagem moderna alterada na expressão: *negro seja eu! Negro* equivale aqui a «escravo» ou «cativo.»

O terror da escravatura, e principalmente do comércio dos cativos, gerou a fraze como símbolo da maior desaventura, servindo para assegurar a sinceridade e firmeza de uma decisão ou dar intensidade a uma afirmativa.

Esta idêa, a que dá relêvo uma fantasia de mais infeliz desdita, encontra-se na *Ulissipo*, pag. 70 (1787): «pois inda que eu cuidasse ser cadela de quantos negros ha no mundo!»

Extensivamente, do sentido de «terror, receio, mêdo» veio o de «repulsa, nojo, desprêzo.» É ainda no primitivo sentido que se deve interpretar a exclamação no *Auto Pastoril Português*, de Gil Vicente (*Obras*, 1852, —vol. I, pag. 139), quando as pastoras pretendem saber o que Margarida traz escondido no feixe da lenha:

— Elle não ha de ser cão
— Nem ave, nem cousa viva
Nem morta.
O'cativa!
E tem pés e mãos e olhos?

cerdoeira, cerdoeiro (sardoeira): em Viana é um quintal murado, no pendôr da serra de Santa Luzia, «chegando um d'elles a declarar que [a bomba] se encontrava a uso numa *cerdoeira* que o snr. João do Porto possue em S. João d'Arga.»—*Vida Nova* (Viana), de 27 de Julho de 1908.

O Dr. Luís Figueiredo da Guerra, em uma curiosa lista de vocábulos minhôtos que deu a lume na *Vida Nova* de 7 de Setembro de 1906, inseriu *cerdoeiro* e *sardoeira* com a mesma acepção de *cerdoeira*. O segundo explica-se por corruptela fonética, e o primeiro é uma variante comparável a *capoeiro*.

Cerdoeira ou *cerdoeiro* são fórmas exactas, de *cerdo*, porque era nesses recintos que os proprietários de Viana criavam antigamente os *cerdos*.

cherêlo, V. *Surêlo*.

Chião, boneca. Por ext.: criança de peito.

Em um romancinho de costumes minhôtos, *Praça da Rainha*, de D. Francisca Teixeira da Fonseca, lê-se o seguinte diálogo:

«— Como vae o seu namorado?...
— É um *chião!*
— Um *chião?*
— Sim, um boneco muito branco e corado.»

chieira, chieirento: nas *Apostilas aos Diccionários Portugueses*, o snr. Gonçalvez Viana regista *chieira* como voc. do Porto, significativo de «vaidade, basófia.» É tambem usado no Minho. *Chieirento*, diz-se em Viana do indivíduo «vaidoso, casquilho, *embonecado*.» Cp. *Chião*.

chiquitinho, estreito, apertado, curto; em Paredes-de-Coura. «Que casaco tão *chiquitinho!*»

Informação de Júlio de Lemos.

Cp. o esp. *chiquitin*, dim. de *chico*.

chisnar, é verbo minhôto com formação de caracter onomatopaico. «Carne *chisnada*» é a carne assada em excesso, tostada, torrada pelo fogo.

Os elementos *chi*, e intensivo *chis*, onomatopaicos, entram na formação de

vários vocábulos populares. Cp. *rechinar; chião, chieira* (de *chiar*); *chi-coração;* etc.

Feição análoga, embora mais complexa, se encontra no *Auto da Ave-Maria*, de Prestes (pag. 28 das *Obras*): «Isto me *chibrasa* á pelle.»

choncalho, chocalho; em Viana.

Na *Bruxa do Monte Cordova*, pag. 113 empregou-o Camillo: «Frei Jacintho de Deus, encavalgado num macho de almocreve com *choncalhos*...»

Cp. *trampalho (Nôvo Diccionário)* e *trampicalho* (neste vocabulário).

chorreira, enxurrada; o mesmo que «aguas bravas;» em Paredes-de-Coura. Inf. de Júlio de Lemos.

Por *jorreira*, de *jôrro*. Cp. *chôrro*. Deverá escrever-se com *x*?

cobêrto, alpendre, thelheiro. «...que se compõe de casas altas e baixas, *cobêrtos*, córtes de gado...—casas, torre á entrada do portal junto ao *cobêrto*...»—*Aurora do Lima*, de 6 de Abril de 1908.

cachofêlho e **cachopêlho,** loja ou casa pequena e acanhada; em Paredes-de-Coura.

Inf. de Júlio de Lemos.

côdea, côdeas, a segunda fórma é mais geralmente usada para indicar o «individuo boçal, rude, lorpa, e ainda: sujo e immundo no vestuário.»—«E' um *côdeas!*»

Côdea é a «immundície do corpo ou da roupa.»—«Num vêijo frescura, é tudo *côdea!*»

V. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 322.

colada, os intestinos da rês; o mesmo que «fressura»; todos os órgãos que se desligam quando se arranca a tracheia.

Do têma coll, de collum.

comedeiro, interesseiro, *comedôr*. Em Viana.

conductor, jarro ou regador de lavatório.

conico (=conico), **conicar:** *conico* é o arrepanhado ou refêgo na costura, por impericia. Na forma verbal—*enconicar*—corresponde ao *enconapar*, da Beira. (V. *Nôvo Diccionário*, Supl.)

Usado tambem com significação análoga na linguágem de Vila-Real. V. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 94.

copa, «*copa* de palha» é o mesmo que «feixe ou môlho de palha de milho». No sentido figurado corresponde a «panal de palha.»

«Não quero saber de historias. Eu sou aqui alguma «*copa*-de-palha?»—Bento Moreno. *Comedia do Campo*, pag. 94.

cortação, dôr, aflição, mágua. «E' uma *cortação!*» o mesmo que «uma dôr de coração ou de alma!», «corta o coração!»

De *cortar*, no sentido de «confranger, afligir.»

corucho, coroça com capuz, usada pelos lavradores dos arredores de Viana.

côsco, é a casca do grão de centeio ou trigo; em Paredes-de-Coura.

Inf. de J. Lemos.

cozinha: nas *Apostilas aos Diccionários Portuguêses* registou o snr. Gonçalvez Viana este vocábulo na acepção de «fogão de cozinha»; «em Caminha e outras partes do Minho».

Em Viana dizem geralmente «cozinha-de-ferro». Na *Aurora do Lima*, de 28 de Abril de 1911 vem o seguinte anúncio: «Vende-se uma cozinha de ferro e perfeito estado.»

crioulo, criança de colo, recemnascida ou de poucos mêses.

De *criar*.

crôsca, crosta; postêma.

cursar, defecar.

Custódio, nome que em Viana dão ás crianças antes de baptizadas.

decrua, sova, tareia; em Ponte-do-Lima.

degoladoiro, «posta do *degoladoiro*» é, em Viana, a primeira posta que se tira do peixe, depois de «degolado».

O vocábulo encontra-se figuradamente empregado no *Auto do Desembarga-*

dor, de António Prestes, a pag. 209 dos *Autos* (1871):

«Rapou-me o *degoladouro!*»

delgadicho, delgadichinho, diminutivos de *delgado*, na linguagem familiar de Viana.

desamartelar, desamolatar, qualquer dos verbos significa o mesmo que «desamolgar, endireitar um objecto que está *amartelado* ou *amolatado*» (V. estes voc.).

destravado, desbocado; linguareiro; insolente.

dez, a locução *como um dez!* = *como dez!* exprime certeza absoluta, incontestavel. Empregou-a Camillo na *Brazileira de Prazins* (1898), pag. 128: «... malhava abaixo da burra *como um dez!*»

Noutras terras de Portugal, *estar como um dez* significa «estar ebrio».

dia, empregam-se correntemente em Viana as expressões: «com de dia» «já é de dia», frases elípticas, subentendendo-se outras: «com luz ou ar de dia» «já é luz de dia».

Egual construção sintática se encontra em Gil Vicente, na *Farça de quem tem farellos:*

«Isto vae sendo *de dia*,
Eu quero, mãe, almoçar.»

Na versão trasmontana do romance D. Anna, a pag. 481 do vol. III do *Romanceiro Geral Portuguez*, de Teófilo Braga, observa-se o segundo caso:

— «Oh quem bate á minha porta
Olhe que inda num é *de dia*...»

disparateiro, engraçado, espirituoso, que diz disparates para agradar. Em Lisboa usa-se um vocábulo que corresponde a este: *reinadio*.

emborbetar, de *borbetar*, dissimilação de *borbotar* = expelir borbotões.

Emborbetar, na ling. familiar de Viana significa «encaroçar». «O polme *emborbetou*, está *emborbetado*».

De *borbetar* formou-se o subs. verbal *borbêto* para designar tudo o que toma a forma de carôço, borbulha, grumo, etc.

Cp. *borbôto*.

emprègádo, entrèvádo. Não é apenas um provincianismo beirão, como quere o *Nôvo Diccionário*. É vulgar no Minho e tambem o ouvi em Bragança. Com egual acepção vem registado na *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 94, como pertencendo ao falar de Vila-Real.

Em Paredes-de-Coura usam no mesmo sentido: *engamiado*.

encutinhar-se, encolher-se, acocorar-se.

enfeirar, feirar; feira: não registam os dicionários a acepção em que estes dois verbos são tomados no Minho. *Enfeirar* é «expôr na feira ou fazer feira de quaesquer géneros.»

No vol. I dos *Seroens de S. Miguel de Seide*, pag. 16, escreveu Camillo: «Encontravam-no então no interior, por mercados sertanejos, a *enfeirar* os seus géneros como um reles mascate...»

V. tambem no *Anatomico Jocoso* a descrição da *Feira da Ladra*.

Feirar significa «comprar, fazer compras, trocar,» em geral. Assim vem no *Diccionario da Lingua Portuguesa*, de Moraes e assim se usava antigamente.

No sentido de «trocar» encontra-se em Gil Vicente, *Auto da Feira*, na prática de dois lavradores que se propõem trocar as respectivas consortes:

«— Pardeos! Tanto me farás
Que *feire* a minha comtigo.
— Se queres *feirar* comigo
Vejamos que me darás.»

A locução «meter *feira*» quere dizer o mesmo que «meter vista, fazer aparato.»

enfolipar, «... a egua... de vez em quando tossia a sua pulmoeira, com os ilhaes *enfollipados*...» — Camillo. *Brazileira de Pranzins* (1898), pag. 292.

enfuar, o mesmo que «enfiar» = vestir.

Usado com egual acepção em Vila-Real. V. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 94.

engarampar, intrujar, iludir. Por *engarapar*, de *garapo* ou *engrampar*, de *grampo*, com vogal anaptética.

ensarranhar, mascarrar, çujar, enodoar. De *sarranho* (V. este voc.).

entruzilhado, raquitico, magro, franzino. Em Paredes-de-Coura.

No vale do Coina dizem que está *entrufilhado* o animal que, na opinião dos lavradores, absorveu com o pasto grande porção de terra. O remédio é pronto: cebôla picada com azeite...

Outra variante: *entrefolhado* usada em Benavente vem no n.º 725 da *Gazeta das Aldeias*: «morreram dois (carneiros) dizendo-me o maioral que um de canceira e outro *entrefolhado*.»

Corrupções fonéticas de *atrofiado* (?)

enxêbre, bruto, estúpido; em Ponte-do-Lima. «o *enxêbre* obrigava-o a passar noites e noites á beira das sementeiras.» — Júlio de Lemos. *Campesinas*, pag. 15.

enxertado, vacinado.

êrmo, crôsta escamosa que aparece na pele do crânio das crianças.

Parece que em Lisboa se usa na mesma acepção, como se lê em um artigo do Dr. Jorge Cid no *Seculo* de 2 de Março de 1908: «Não deixem criar aquella crôsta negra — o *êrmo* — que muitas crianças teem na cabeça.»

esbardar, espalhar; em Paredes-de-Coura.

Por *desbardar*, de *barda*.

escadraçar, escadrilhar: *escadraçar* é o mesmo que «partir, desfazer, esboroar, rasgar,» qualquer coisa. *Escadrilhar* tem, em Paredes-de-Coura, um significado análogo mas aplicado mais especialmente a qualquer objecto de loiça.

Escadraçar é metátese e assimilação de «escarduçar» = cardar com a carduça (a lã); por extensão: desfazer, desfiar, partir, despedaçar.

Escadrilhar é tambem metátese de *escardilhar* = limpar com o escardilho que é um instrumento de tirar cardos ou outras ervas daninhas. Do esp. *escardillar* = «separar lo malo de lo bueno» (Rodriguez-Navas).

De Melres, no Douro, recolho um vocábulo, forma alterada de *escadraçar*, pseudo-erudita: *esquadraçar*.

No n.º 694 da *Gazêta das Aldeias*, pag. 188, um indivíduo desta terra emprega em uma pergunta o adj. *esquadraçoso*: «esta terra ao lavrar está muito desfeita e *esquadraçosa*... Provavelmente deu-se a influência de *quadro* a menos que não represente uma pretenciosa correcção individual.

escaganitar-se, na ling. familiar de Viana o mesmo que: «esganiçar-se; mostrar-se afectado, pretencioso, espevitado.»

escozipar, desfazer (os alimentos) por excesso de cozedura; recozer. «A carne *escozipou-se*, ficou *escozipada*.»

escrivão, *escrivão da rapa* ou *rapão* é em Viana o individuo que se ocupa na apanha de imundícies e dejectos de animaes pelas ruas. Andam com um cêsto e uma enxada e percorrem a cidade com uma indiferença estoica pelos doestos e vaias da garotada.

Tambem lhes chamam «*escrivães* de Perre» porque de lá vem geralmente; e com maior ironia e mordacidade... «*escrivães* de fazenda.»

V. o romancinho de costumes vianenses: *Praça da Rainha* de D. Francisca F. Fonseca.

escurecer, na antiga acepção de «esquecer» usa-se ainda na ling. familiar de Viana. «*Escurece* essas lembranças, mulher». «Tudo *escurece* com o tempo!»

Assim é tambem nos Açores, segundo informação. «A rapariga observou que aquellas coisas se deviam *escurecer*». Nunes da Rosa. *Pastoraes do Mosteiro*, pag. 104.

esfrandelhar, rasgar, esfarrapar, reduzir a tiras (a roupa); em Paredes-de-Coura.

Inf. de Júlio de Lemos.

Por *esfendrelhar*, de *fendrêlho* (v. este voc.)

espadelada, é a operação de espadelar o linho. Juntam-se vários rapazes e raparigas em local próprio, geralmente de noite, e amenisam galhofeiramente o trabalho com folguêdos de velha usança, entrando tambem mascaradas e descantes.

Assim escreveu Camillo na *Bruxa do Monte Cordova:* «Vocês bem sabem que ella não vae a *espadeladas* nem a festas de ninguem.»

A *espadelada* é uma diversão a que acorrem os rapazes das aldeias vizinhas com as suas tocatas e a sua alegria esfosiante, fazendo estalar com a ironia mordaz dos seus ditos o riso franco das raparigas, entre as goladas do *bierde* espumôso que passa de mão em mão em malgas brancas de Barcellos.

Ás vezes os ditos fortes, pesados, de rudêza inconveniente, provocam desordens e distúrbios graves. Assim acaba em tragédia a farça. Em uma correspondência de Paredes-de-Coura para a *Aurora do Lima*, de 7 de Outubro de 1908, dá-se conta de um destes casos:

«Numa *espadelada* que na noite de 26 de Setembro houve no logar de Penim, freguezia de Cunha, deste concelho, foi espancado Hilario José Fernandes, de 20 annos de edade, por tres individuos mascarados. O infeliz falleceu pouco depois...»

espalho, espalhar, *espalhar* ou «dar um espalho»=passear, distrair-se.

espardalhar, é um curioso verbo de formação espontânea, usado em Paredes-de-Coura. Significa: «espalhar a esmo, desordenadamente.» Provavelmente forma intensiva de «espalhar,» por influência de «escadrilhar.»

Espardalhar a semente é lançá-la á terra e dá idêa do gesto largo do semeadôr.

esparrela, pessôa magra, raquítica, enfèzada.

espelho, parte do vestuário (camisa, blusa, babeiro) que assenta nas espáduas ou no peito.

espinha, parte interna da chila a que se ligam as sementes.

esquerdote, canhôto.

estardalho, pessôa bulhenta, travêssa, irriquieta.

estêrco, estercada, termos de linguagem chula, significando o mesmo que: «barulho, desordem, vozearia.»

estrêla, V. *Habito-de-Cristo*.

estreme, estrêma, em acepção especial, falando-se de alimentos, *estreme* quere dizer que elles se tomam singelos, sem conducto ou preparo. «Comia p(a)on *estreme* porque num habia mais nada.» Neste sentido o empregou Camillo no *Eusébio Macario*, pag. 65 (1897): «Felicia... comia muito toucinho *estreme*, ás talhadas, com garfo de ferro.»

Estrêma é a linha de divisão dos cabelos, o mesmo que «risca.»

fachina, segmento de toro de pinheiro rachado longitudinalmente, de comprimento aproximado a meia-braça. Tambem lhe chamam «canhota» ou «rachão.»

Emprega-se ás vezes como colectivo.

fanico, fanicar, faniqueiro; fanichar; fanucho, *fanico*, segundo o *Nôvo Diccionário*, quere dizer: «fragmento; migalha; pequenos lucros; cigalho.»

A fórma verbal *fanicar* creio que é conhecida em quási todo o país no sentido de «andar ao *fanico*,» isto é, procurar pequenos lucros eventuaes, servindo ás vezes em variados misteres, e dai o chamar-se *faniqueiro* ao que procura áquem e álem pequenos ganhos.

Faniqueiro é tambem em Viana-do-Castelo o mesmo que *carro-do-fanico* = carro que aceita passageiros em todos os pontos por que passa, geralmente por preços mínimos. O *Nôvo*

Diccionário (Supl.) regista *carro-do-fanico* como termo privativo de Lisboa.

Ha tambem a locução «fazer em *fanicos*» que significa «reduzir a cacos, escangalhar, quebrar em pequenos pedaços.» Não sei se é só na ling. fam. de Lisboa.

Em Viana-do-Castelo dizem *fanichar* significando «esborcinar, partir um pedaço» — «um jarro, um pires *fanichado*.» Tambem dizem *fanar* na mesma acepção.

Fanucho, em Paredes-de-Coura quere dizer «estreito, apertado.» «uma manga *fanucha*.»

farfantão, respondão, insolente.

farinhôto, *farinhôtos* são uns mòlhinhos de tripa de porco que se atam com cordéis embrulhando-se em farinha e fregindo-os depois em banha. É uma especialidade... para quem gosta.

farola, farolice; faroleiro, *farola* ou *farolice* é o dito sem importância, enxacôco; palavreado ás vezes néscio. Talvez por *parola* e *parolice*.

Faroleiro é o falador de ofício que se não cansa de dizer tolices, palavras sem importância nem idêas.

farpa, farpão: *farpa*, no Minho como em quasi todo o país, é uma «lasca pequenina de madeira que acidentalmente se introduz sob a pele.»

Farpão é, em Viana-do-Castelo, o mesmo que «rasgão.»

fatia, é a «fatia de pão torrado» ou «tosta», em Viana-do-Castelo.

feirar, o *Nôvo Diccionário* regista este verbo na mesma acepção de *enfeirar*, que define: «comprar ou fazer compras na feira.»

No Minho tem acepção mais ampla, pois que *feirar* significa «comprar, fazer compras, trocar» em geral.

Moraes assim o regista, e assim vem no *Auto da Feira* de Gil Vicente, (vol. III, p. 170):

> « — Pardeos tanto me farás
> que *feire* a minha comtego.
> — Se queres *feirar* comego
> Vejamos que me darás.»

«Meter feira» significa o mesmo que «meter vista.» Ouvi-o em Viana a uma senhora de Fontão.

felga, desordem, desarranjo; em Paredes-de-Coura.

felistreco é a pessôa sem importância, ridicula, mal vestida.

No Brasil dizem no mesmo sentido *fulustreco* que vem registado a pag. 145 das *Frazes Feitas*, vol. I, de João Ribeiro. O autôr opina por uma formação do radical de *fulano* com terminação extraida talvez da geringonça castelhana na pessôa indefenida: *tereco*.

Nas *Infermidades da Lingua* (ed. 1759) pag. 123, encontra-se *fistrecula* a par de *fulanejo* que ainda hoje se ouve na ling. fam. de Lisboa.

fendrêlho, fendrelheira, fendrelhar: *fendrêlho* significa «pedaço, farrapo; pelanca,» e assim *fendrelhar* (pr. *fendrilhar*) é «reduzir a farrapos, rasgar, partir»; talvez por *fendelhar*, de *fender*. Cp. o esp. *hendrija*.

Fendrelheira é a «mulher desajeitada, que tudo escangalha e faz mal feito.»

fôgo, chapeu-alto; em ling. picarêsca.

folega, cansaço.

fôrma: o snr. Gonçalvez Viana diz nas suas *Apostilas aos Dicionários Portuguêses* (I, pag. 469) que em S. Miguel dos Açores chamam *fôrma* ao «botão de calça.»

Em Viana-do-Castelo *fôrma* é o «botão de osso usado na roupa branca.»

formigos (= mexidos): como prato tradicional nas festas do Natal e Ano-Bom usa-se no Minho uma iguaria preparada com pão, mel, vinho, manteiga, ovos e açucar a que dão o nome de *formigos* ou «mexidos.»

O snr. Eduardo Sequeira no seu tratado *As abelhas*, diz a pag. 128: «os *formigos*, a que tambem dão o nome de mexidos...» Ai se informa que os *formigos* são usados em Taboaço e Pesqueira.

A pag. 260 do n.º 804 da *Gazêta das*

Aldeias, lê-se: «Os *formigos* ou *mexidos*, doce largamente usado no norte do país, na noite e dia de Natal...»

fraguear, defecar; em líng. popular.

freicha, cachão, cascata, no rio Lima.

frêsco, frescura, *fresco* é o mesmo que «limpo, asseado, lavado.» Daí *frescura* que é a «limpeza, asseio.»

Costumam dizer em forma de ditado: «A *frescurinha* Deus a amou...»

frigideiras: um bolo redondo recheado de carne picada, especialidade de Braga.

Na *Vida Nova* (Viana-do-Castelo) de 8 Abril de 1908, vem este anúncio: *Frigideiras* ás quartas-feiras e sabados na Confeitaria Viannense».

Camilo referiu-se a elas a pag. 23 da *Bruxa do Monte Cordova*: «Uma canastra recheada... de fiambre de Melgaço, de *frigideiras* bracharenses...»

fritir, *frigir*.

fulineiro, funileiro; por metátese.

fundal, campo baixo, de semeadura, com água de rega; em Paredes-de-Coura.

funel: o *Nôvo Diccionário* insere *funéu* como termo do Porto, significando: «cordão ou corda que passa por dentro de uma bainha permitindo que se franza ou se desfranza.»

No Minho usa-se no mesmo sentido *funel*.

«Colêtes de *funel*» são os que fazem parte dos trajos caracteristicos das lavradeiras, os quaes franzem na parte superior do seio.

gamela, gamelório: *gamela* é o «individuo boçal, rude, lôrpa,» figuradamente.

Gamelório dizem por lá no mesmo sentido de «comezaina.»

gandulo, garôto, vàdio, madraço. (Tambem é usado neste sentido no Doiro e em Aveiro).

«Se a policia lhes deitasse a mão e lhes desse uma boa doze de palmatuadas... talvez os pequenos *gandulos* tivessem mais respeito...» *Vida Nova* (Viana-do-Castelo), de 2 de Setembro de 1908.

gás, é o «petróleo»; em Viana, pelo menos.

gimbrar, o mesmo que «figurar, salientar-se, procurar impôr-se á consideração»; em Paredes-de-Coura.

gramada, o mesmo que «espadelada.» De *gramar* (o linho).

hábito-de-Cristo, é um objecto de adorno, geralmente de oiro, em forma de cruz-de-malta, que as camponêzas trazem ao peito, pendente de um «cordão» ou fio-de-contas.

Tambem lhe chamam «estrela.»

herdo: em Paredes-de-Coura dizem *herdo* por «herança, legado.»

É um subs. verbal de *herdar*.

Cp. *arrendo*= «arrendamento.» no fallar de Vila-Real (in *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 321).

hòminho, homem sem importância, fraca figura. Tambem assim chamam a qualquer homem desconhecido ou como tratamento familiar. «Que libro *hòminho?*» — Bento Morêno. *Comedia do Campo*, pag. 59.

imprir, poupar, economizar, capitalizar: em Paredes-de-Coura.

ingrime, nas *Apostilas*, o snr. Gonçalvez Viana, referindo-se a definição de «alho *ingrime*» dada por Bluteau: «aquelle que não tem dentes, mas uma rayz, a modo de cebola pequena», diz ignorar se esta acepção subsiste.

O *Nôvo Diccionário* registando *ingrime* com a mesma significação dá-o como termo de Famalicão.

Assim o ouvi tambem em Viana-do-Castelo e creio que é usado em todo o Minho.

ingronhado, entorpecido, encolhido pelo frio.

janêlo, postigo, pequena janela.

Pertence tambem ao dialecto de Vila-Real e ouvi-o a duas pessôas de Ílhavo e a outras de S. Pedro do Sul.

É o masculino de *janela*. Cp. *panêlo*, *cancêlo*, *estrêlo* (*sete-estrêlo*), etc.

Dizem mais vulgarmente *jinêlo*.

jemica, jelica, jeremica, são vários nômes-de-guerra da «aguardente.»

jerra, almotolia; em Paredes-de-Coura.

joêlho-queimado, a pag. 78 do vol. XIII da *Revista Lusitana* registou o snr. Cláudio Basto a expressão minhôta *joêlho-queimado*, que, popularmente, designa o «*homem casado*».

Por citação de um n.º da *Aurora do Lima* de 1876 nota o mesmo estudioso investigador que equivalia a esta, em significado, a expressão *de joêlho-queimado*: «... um grupo de mancebos... quasi todos *de joêlho-queimado*.»

O caso provoca-me uma leve observação.

A locução de *joêlho-queimado* veio provavelmente de outra mais antiga: *de joêlho furado* (*giolho*) que se empregava na mesma acepção facêta, equivalendo *furado* a *quebrado*, pois era este o antigo sentido do adjectivo.

De *quebrado*, facilmente por corruptela popular ou intensidade irónica, se passou a *queimado*, e a expressão *de joêlho-queimado* que indicava, por facécia, a caracteristica do estado de um individuo, passou a designar o próprio individuo: «*um joêlho-queimado*.»

É licito perguntar como se originou a locução.

Dispensa-nos de mais pesquisas o Dr. J. de Barros no seu *Espelho de Casados*, fol. II, v.:

«D'aqui dizem as moças solteiras quando motejam dos casados: que teem os *giolhos furados* porque por mais forte e robusto que um homem seja tanto que é casado quebra toda sua condiçon.»

Modernamente, da expressão *joêlho-queimado*, vem o dizer-se que os homens casados *cheiram a chamusco*, como nota Cláudio Basto. Por este mesmo motivo tambem lhes chamam *chamuscados*.

jola, jorra, vinho; na giria de Viana.

jouça (= joiça), bosta.

(Tem a mesma acepção no Alemtejo-Font'Alva).

laboeira: em Paredes-de-Coura *laboeiras* são as terras altas, de lavradio, em oposição a *fundais*.

Por *laboira*, Cp. *lavoeira*, no dialecto de Penedono (in *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 314).

laça, o mesmo que «laçada» ou «asélha.»

lamagem, lamageiro: *lamageiros* são, em Viana-do-Castelo os maritimos que auxiliam os pilotos da barra. Esse serviço de auxilio é a *lamagem*. Qualquer dos termos se acha abonado nos seguintes trechos da *Aurora do Lima* de 4 Nov. 1908: «... cujo presidente, sempre que lhe fosse entregue qualquer quantia proveniente do serviço de *lamagens*, passaria um recibo.» — «Era acceitavel o alvitre do illustre capitão do porto, e elle posto em pratica, os *lamageiros* só tinham a lucrar.»

lambeta, guloseima, lambisco. Por ext. diz-se de qualquer coisa que dura pouco ou que depressa se estraga.

larecer, falar muito, «falar as estopinhas»; em Paredes-de-Coura.

larpar, comer; em giria dos pedreiros de Paredes-de-Coura.

lei, «Ter *lei*» é, em Paredes-de-Coura o mesmo que «estimar» ou «ter amôr» em expressões como esta: «Tenho *lei* á vida.»

leivanco, leivão, rato do monte; em Viana-do-Castelo.

lerca, lerquinhas: qualquer dêstes termos se emprega no Minho para designar picarescamente a «mulher magra.» A pag. 49 da *Engeitada* escreveu Camillo: «...e então aquella que era mesmo uma *lerquinhas*, está ali está ida...»

Provavelmente é contracção de *laverca*.

lézaro, paralítico, entrèvado.

Por *lazaro*, do b. lat. *lazarus*. Diss. do *a*.

liga, o mesmo que «ligadura.» «Chinelos de liga» são em Viana os «chinelos de trança.»

limpêza, roupa de casa, bragal; em Viana-do-Castelo.

lismo, lismar, *lismo* é a matéria viscosa que recobre o corpo dos peixes. *Lismar* = «tirar o *lismo*» (ás enguias, etc.)

livro, *livro das quarênta folhas* é em ling. pic. o «baralho de cartas.» No tomo IV pag. 29 dos *Seroens de S. Mig. de Seide* escreveu Camillo: «... se não preferir folhear *o livro das 40 folhas* na taberna.»

malhar: *malhar* ou *malhar abaixo* é o mesmo que «cair,» não só no Minho mas tambem na ling. popular de quasi todo o país: «que era de um homem *malhar* de costas naquelle chão a rir.» — Camillo. *Brazileira de Prazins*, pag. 135. «que o primeiro que mostrasse os calcanhares ia *malhar* da ponte *abaixo*.» — *Ibidem* pag. 67.

manada, manadinha: *manadinha*, diz o snr. Gonçalvez Viana nas *Apostilas* (II, pag. 103) significa no Minho «mancheia.»

O que significa «mancheia,» em Viana-do-Castelo, é *manada*. O diminutivo *manadinha* emprega-se para uma quantidade menor que a que se possa conter em uma mão-cheia. Está em relação directa com «manchinha».

maneira: no sentido de «abertura lateral num vestuário, por onde se mete a mão na algibeira» regista o *Nôvo Diccionário* este vocábulo como «(ant)iquado.» Assim se encontra no *Filodemo*, de Camões:

> «Se vêdes minha canseira,
> Porque lhe não dais maneira?
>
> SOLINA
>
> Que maneira?
>
> DURIANO
>
> *A da saia*.»

Com este sentido é ainda usado o vocábulo para os lados de Ovar, e uma rapariga dos arredores de S. Pedro-do-Sul disse-me que na sua terra tambem era conhecido, não por o usarem lá, mas por o ouvirem ás ovarinas que ali vão vender o peixe.

Tambem se usa com um sentido mais extensivo em Viana-do-Castelo, onde *maneira* quere dizer: «a abertura da saia no lugar em que se aperta o cós.»

Em um romancezinho de costumes vianenses, *Praça da Rainha*, de D. Francisca Teixeira da Fonseca, diz uma criada para a senhora: «— A menina vai com a *maneira* desapertada.» E como ella ficasse perplexa uma amiga explica-lhe: «— É a aberra da saia.»

manga: *em mangas* (estar *em mangas*) o mesmo é que «em mangas de camisa» = sem casaco.

mangeira, o mesmo que «diabo», servindo para indicar «contrariedade, decepção; transtorno.» Como a vogal nasalada é sempre aberta na provincia do Minho, *mangeira* será o mesmo que *má-geira* que o *Nôvo Diccionário* registou como prov. beirão: ambas correspondem, no sentido, a ambas de *má-hora* ou *hora-má*, antiga expressão adverbial já adulterada por tantas fórmas em Gil Vicente.

marchante, por extensão do significado próprio é, em Viana, «o dono ou empregado de talho.»

Lê-se no extrato da sessão camarária de 20 de Dezembro de 1910, em Viana, inserto em *O Povo* de 1 de janeiro de 1911:

«— O snr. presidente lembra em seguida a conveniencia de se saber se os marchantes de fóra teem vindo abater as rezes ao matadouro municipal...

Caso os referidos marchantes não tenham comparecido... officiar-se-ha aos regedores das freguezias onde haja talhos, para que os seus donos sejam obrigados a cumprir aquella determinação...»

Na *Peregrinação*, de Fernão Mendes, pag. 146 do vol. II (edição de Brito Rebello): «Afirmaram-nos tambem estes chins que tem esta cidade cento e sessenta casas de açougues ordinarios, em cada uma das quaes havia cem talhos de todas as carnes... E alem do peso que tem cada *marchante*, por onde pesa, estão mais a cada porta outras balanças da cidade em que se torna a repesar, para ver se levam as partes seu peso certo...»

marrã, corcunda; em Viana.

marúlo, indivíduo baixo e gordo; em Paredes-de-Coura.

masgar, metátese de «esmagar», ou por **esmasgar*.

Cp. *misgalhar*, no Val-do-Côina.

Na *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 314, regista-se o mesmo vocábulo como pertencendo ao dialecto de Penedono.

masseira, nos arredores de Viana-do-Castelo: é uma cuba de madeira que substitue o cêsto nas vindimas.

matador, matadeira = toucinheira: *matador*: em Viana, é o indivíduo encarregado de matar porcos.

Matadeira é a mulher que prepara e vende as carnes dos suinos, reunindo geralmente a este mister a venda de vinhos e comedorias na mesma casa. Tambem lhe chamam *toucinheira*.

mêda, nos arredores de Viana-do-Castelo: «uma *mêda* de palha»: é um agrupamento de copas de palha-de-milho dispostas em volta de uma vara alta que se enterra no chão, e forma um cilindro que termina em cone. Difere do *palheiro* por este ser formado de palha-do-centeio e em forma quadrangular e baixa.

melado, meladinho: *melado* diz-se do «indivíduo enfésado, raquítico»; o diminutivo *meladinho* exprime intensidade.

Diz-se tambem de qualquer vegetal falto de vigor.

melão: *melões-ao-pé-do-muro* é designação que em ling. chula se dá em Viana ao «excremento humano». No *Anatomico Jocoso*, pag. 60 (ed. da Bibl. Univ.) vem uma forma paralela: *requeijões de pé de muro*.

melgueira, tratantada, patifaria, conluio, tramados a ocultas. Na *Eufrosina* (ed. de 1787), pag. 99, emprega-se o termo no mesmo sentido: «quero chegar a lanço para os ouvir, que aqui jaz *melgueira*, daquelle canto os ouvirei».

Está nas *Infermidades da Lingua* (ed. 1759) pag. 135.

mendrulho, pessoa suja ou desajeitada; em Paredes-de-Coura.

mexidos, V. *formigos*.

micunco, é o indivíduo ridículo pela sua fealdade ou velhice.

mingas, o mesmo que *migas*; em Viana.

môia, em Parêdes-de-Coura, *môia* é a «tareia, côça.» De *moer* por conjug. pop. defeituosa.

Cp. *coça*, *esfrega*.

moncalho, farrapo; amontoado de trapos sujos; qualquer peça de roupa amarfanhada. Assim chamam tambem a uma mulher suja, mal vestida ou desajeitada.

V. a forma verbal *amoncalhar*.

neto, é o rebento lateral no troço da couve galêga, o mesmo que *pòlinha*; em Paredes-de-Coura.

Em Viana-do-Castelo *netos* são os grêlos de couve.

Na *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 112, inclue-se *netos* com a significação de «segunda rodada de grêlos ou rebentos que produzem as couves», no dialecto de Vila-Real.

(Na minha infância ouvia chamar *netos* em ling. fam. aos pedacinhos de pão que ficavão na mesa depois das refeições. Em Lisboa).

olhar: na ling. fam. de Viana diz-se que *olha para a sombra* a rapariga que começa a envaidecer-se ou que pretende namorar.

opado = upado: o *Nôvo Diccionário*

define *opado:* «grosso intumescido, balôfo». No Minho dizem tambem *upado* no mesmo sentido e mais especialmente «inchado».

No *Dicionario de Brazileirismos*, publicado no vol. I da *Revista da Academia Brazileira de Letras* (Rio 1910) pag. 396, regista-se *hupado* com a significação de «inchado, tumido».

panasco, em alguns lugares do Minho é o terreno onde cresce herva, de ordinário sempre alagado. Cultivamno de verão e de inverno. «Uma vez que a topara a segar erva para os animaes, sózinha, num *panasco* distante...»—Julio de Lemos, *Campesinas*, pag. 16.

Em Viana, *panasco* é propriamente o indivíduo boçal, lorpa, apalermado. Cp. *panaça*, in *Nôvo Diccionario (Supl.)*.

panela, panêlo: *panela*, na ling. fam. de Viana, são os «roncos» ou «fervôres» da ling. médica.

Panêlo é um masculino anómalo que significa em vários pontos «panela de barro». Dizem *panêlo-de-barro* ou só *panêlo*.

panhão, mostrengo.

panquear, comer; em ling. chula.

parrôlo, dinheiro; em Monção.

patilado, patilau: qualquer destes vocábulos se emprega no litoral (Viana e povoações proximas, pelo menos) para designar o mesmo que «mexoalho» = amontoado de caranguejos para adubação das terras.

paula, moeda de prata de quinhentos-reis; em Monção.

pêco, pequice, pequear: *pêco* é o individuo maçador pelos seus escrúpulos ou pelos seus cuidados; meticuloso ou perguntador; rabugento, etc.

Pequice é o mesmo que «maçada; cuidado extremo, paciência,» e coisas equivalentes. «É um trabalho de muita *pequice* para ficar bem feito». «Aborrecem-me as tuas *pequices*».

Daí, *pequear* é «trabalhar sem desembaraço, com muitas *pequices*»: implicar, mandriar».

pedraço: junte-se aos derivados de *pedra* mais este vocábulo que no Minho quere dizer o mesmo que «granizo, saraiva». Na *Aurora do Lima*, do dia 10 de Março de 1909 vem esta notícia de uma trovoada:

«Ás 7 horas da manhã ainda se ouvia, muito ao longe, o ribombar do trovão, vendo-se o firmamento, a suéste, turvado de nuvens pesadas, prenuncio de que a trovoada seguia aquelle rumo. Mas pelas 8 ½ o *pedraço* começou a cahir e o trovão continuou a retumbar violentamente».

E na *Vida Nova*, do dia 6 de Dezembro de 1910:

«A noite passada esteve de verdadeiro temporal, ribombando o trovão e fusilando o relampago, ao mesmo tempo que fortes cargas de *pedraço* cahiam sobre a cidade, produzindo nas claraboias dos predios um barulho enorme.»

pêdro, é o chouriço-de-sangue ou «chouriça-de-verde, feito da tripa mais larga do porco, no dia do *sarrabulho:* em Viana.

pegão, pequeno rasgão na roupa.

peleira, em Paredes-de-Coura significa «doença», e ás vezes tambem coça, tareia».

perneira, na acepção de «cada uma das peças das calças por onde se enfiam as pernas», diz o *Nôvo Diccionario* que é termo da Bairrada. Tem a mesma significação em Viana.

perrilha: o meu amigo Júlio de Lemos, que encontrara este vocábulo em um jornal de Monção, enviou-mo solicitamente, enquanto pedia para aquela vila minhota ao poeta João Verde a significação do termo. Tenho presente a resposta: «Vento da *perrilha* — vento frio e cortante do nordeste (nas freguesias montesinas do meu concelho)», escreve João Verde.

Não será desacerto cuidar que *perrilha*, ou talvez a forma galiziana *perrilla*,

corresponda ao castelhano *perreria*, = «multidão de pessoas malvadas, de sicários», referido ás povoações gallegas vizinhas. Estas amabilidades reciprocas são vulgares entre Portuguêses e Hespanhoes, louvado Deus.

petar, pêto, petão, peteiro, petilhar: *petar* significa no Minho: «picar, migar, cortar em pedacinhos» e é, segundo o snr. Gonç. Viana (V. *pitança*, in *Apostilas* — II, pag. 278), uma alteração dialecta de um presuposto verbo *pitar* = «comer aos poucos» que existe em provençal e em genovês (= «debicar, picar». V. Stappers, n.º 6:058).

Peteiro, que em Vianna quer dizer «mealheiro» (como vem no jornal *O Povo*, de 1 de Janeiro de 1911: «uma nota [de vinte-mil-reis] appareceu num *peteiro* da matriz»). Pressupõe um termo *pêto* = «pedacinho, particula», talvez do th. celt. pett-, «porção», por «coisa pequêna, insignificante».

petão, é, em Viana, uma pedra redonda, insulada, submarina, em qualquer ponto da praia. Talvez do mesmo hip. *pêto* com formação idêntica á de *leixão* por *seixão* de *seixo*. V. *Subs. para um Dicc. Completo*, de Cortesão.

Um supôsto diminutivo *petilho* explicaria o verbo *petilhar* = «reduzir a bocadinhos muito miudos», por ext.: «maçar, moer; questionar, embirrar, teimar» tambem usado no Minho. Cp. *peguilhar*.

A locução minhota: *calado como um pêto*, equivale a *calado como um rato;* onde *calado* não significará «silencioso», mas por ventura «occulto, escondido».

petim, pão sobre o comprido, torcido depois de amassado. É o que se chama em Lisboa «rôsca».

V. *Revista Lusitana*, vol. XIII, pag. 74.

picante, salgado; na ling. fam. de Viana-do-Castelo.

Cf. *doce* em oposição a salgado.

picho, picheiro, pichela, pichêlo. *Picho*, é o mesmo que *porrão*, potezinho de barro. Em alguns pontos. Noutros é o mesmo que «chocolateira ou cafeteira».

Picheiro é um porrão de barro, de pôr ao lume, em Paredes-de-Coura.

Pichela ou *pichêlo*, dizem as minhas notas, ser o mesmo que «caçola» ou «caçarola de barro». Calcúlo haver aqui um equivoco, mas não posso agora averiguar.

pingadeira, vaso de barro, de fórma oblonga, de ir ao forno.

piócho, môcho; em Paredes-de-Coura.

pirilampo, lamparina, lampadazinha ou candeia de quarto; em Viana-do-Castelo.

pisão, moinho ou engenho movido pela água, que amacía o burel, pisando-o.

De uma correspondencia de Miranda-do-Douro inserta em *O Seculo* de 15 de Dezembro de 1910 parece depreender-se que ali o *pisão* é o proprio tear do burel ou a azenha que o aciona, o que provavelmente representa equívoco ou talvez ignorância do correspondente: «Consta que em Villa Chã... a ribeira levou na corrente outro moinho e um pisão, nome que os Mirandeses dão ás construcções onde é tecido o pardo ou o burel que costumam usar».

Note-se tambem o *pardo* como equivalente de *burel*.

A informação acima, referente ao Minho, foi-me ministrada pelo meu ilustre amigo Dr. Luis Figueirêdo da Guerra.

pisquêta, coça, tareia; em Paredes-de-Coura.

placa, palmatoria para vela. Camillo empregou o vocábulo nêste sentido na *Brazileira de Prazins*, pag. 199: «á luz mortiça de uma vela de cebo numa *placa* de lata».

plicuecas, em Paredes-de-Coura: «dificuldades».

poisadeira, *poisadeiras*, *poisadeiro*, *poiseiro* (=*pouseiro*).

O *Nôvo Diccionário* inclue o primeiro,

terceiro e quarto destes termos com o significado de «nádegas», abonando o primeiro com uma cita de Castilho *(D. Quichote)*.

Em quási todo o Minho é vulgar o plural *poisadeiras* no mesmo sentido. *Poisadeiro* vem em Gil Vicente na *Farça dos Físicos*:

«Formae ora um suadouro
De bosta de porco velho,
E com unto de coelho
Esfregae o *pousadeiro*,
E crede-me de conselho».

pouseiro, é, pelo menos em Viana, o indivíduo mole, indolente. «E enquanto os novos, com o sangue na guelra, pandegavam, os *pouseiros* acolhiam-se em grupos sob a fresca deliciosa das arvores».—Júlio de Lemos, *Campesinas*, pag. 208.

pojar, *pojadura*, *pojadoiro*.— *Pojadura* por *apojadura* = «afluência de leite no seio» é usado no Minho. Camillo empregou *pojar* no sentido de «entumecer, elevar» a pag. 28 do *Eusebio Macario*: «...e um collete de chita amarella, com atacadores vermelhos que *pojavam* para cima os seios muito intumescentes...» (Es-t'outro significado: «irromper» deduz-se do subs. *pojadoiro* que no Ribatejo é o canal conductor da água, dos moinhos ou azenhas, no ponto mais estreito onde ella golfa despenhando-se sobre as palhetas da roda. Por ext. é a porta que fecha essa abertura.

Este último significado é provavelmente o mesmo aplicado ao termo *pejadoiro* = «aparelho de fazer parar o moinho» do dialecto de Vila Real (in *Revista Lusitana*, vol XII, pag. 114).

pola, pòlinha: *pola* é o mesmo que «rebento, estaca». «*Pola* de cravo».

Tambem significa o mesmo que «empôla».

Pòlinha é o rebento lateral na haste da couve. V. *Nelo*.

Cp. *pôla* = «ramo de árvore, pernada». *Nôvo Diccionário*.

ponilha, o mesmo que «traça». É mais propriamente o pó deixado em qualquer objecto roido pela traça. Dissimilação de *polilha*.

Na *Aurora do Lima*, de 29 de Julho de 1909, escreveu o Dr. Luís Figueirêdo da Guerra: «Os queijos idosos e seccos são frequentemente atacados pela *traça* ou *ponilha* (Tyroglyphus siro) o qual abre no queijo excavações onde fica um pó muito fino, constituido pelos ovos e excrementos».

Em Parêdes-de-Coura *ponilha* é o nome que dão a uma lagarta de borboleta que ataca as colmeias. Provavelmente a *galéria cerella*, ou outra semelhante, a que em Lisboa e Porto chamam *traça*.

V. *Traça*.

porrão: nas *Apostilas* (II, pag. 292) o snr. Gonçalvez Viana, notando que o *Dicionario Contemporaneo* e o *Nôvo Diccionário* registam este vocábulo na acepção de *moringue*, diz parecer-lhe que estão ambos errados, pois «no Minho *porrão* é um boião com duas asas».

As fórmas do *porrão* divergem no Minho. O que eu conheço (Viana) é um vaso de barro de pequeno diâmetro na base, alargando no bojo e seguidamente estreitando na bôca, que é larga e circundada de um pequeno verdugo ou rebordo. Nos extremos do diametro da bôca, um pouco abaixo do rebordo, tem duas pegas ou esbôços das asas.

O Dr. Figueirêdo da Guerra informa-me: «*porrão* = vaso de louça de forma cylindrica, mas baixo e grôsso; d'ahi a homem atarracado e gordo chamarem-lhe um porrão, pote, etc.».

O *porrão* ou *boião*, como tambem lhe chamam em Viana, fabrica-se e vende-se sem tampa.

Eis uma abonação de termo extraída de *O Povo* (Viana) de 8 de Dezembro de 1910:

«Em um armario do «Asylo de meninas orphãs e desamparadas», entre um

porrão de chila e umas malgas de marmelada, acharam-se dous frascos preciosos».

A pronúncia geral em Viana é *porrõu*.

postiço: nas suas *Apostilas* (II, pag. 293) apresenta o snr. Gonç. Viana este termo como adjectivo e que «no litoral da província do Minho quere dizer, «de adopção», que não é da casa».

Recolhi-o em Viana-do-Castelo como substantivo ou substantivado, significando «criança desamparada pelos pais». Assím o ouvi frequentes vezes e ainda ás vezes o ouço a minha mulher que é de Viana: «É um *postiço; parece um posticinho*».

Por ternura costumam as mães dizer aos filhos pequeninos quando os vêem tristes, cheios de sôno ou mal vestidos: «Coitadinho, pareces um *posticinho!*»

prosa, prosas, *prosas* é o «indíviduo janota, casquilho, pedante».

À «vaidade, presunção, prôa» chamam *prosa*.

O *Nôvo Diccionário* insere *prosa*, usado na Bairrada na acepção em que aqui se regista *prosas*.

pulmão, tumor, excrescência, tumefacção em qualquer parte do corpo.

Cf. *prumão* (metát. de *purmão* = *pulmão*), que em Baião tem o mesmo significado. (V. *Revista Lusitana*, vol. XI, pag. 203).

punho, na linguágem fam. de Viana *punho* não é só a tira de vestuário que cerca o pulso, mas tambem o collar ou gola de certas peças de vestuário que cercam o pescoço: «punho da camisa, do babeiro, etc.». *Punho* é tambem o «collarinho de goma»: «... palmas ao senhor letrado que vinha deveras esganado num descomunal punho...» — *O Povo* (Vianna-do-Castello) — 20 Set. 1908.

purgar, diz-se da videira quando começa a largar a flôr. Tambem dizem limpar. Corresponde a *escarumar*.

racha, rachão, chamam *racha* à «lasca de bacalhau.»

Rachão é um segmento de tronco rachado longitudinalmente, de comprimento aproximado a meia-braça. Tambem lhe chamam «fachina» ou «canhoto».

rajo, o mesmo que «raio», no sentido não registado nos diccionários, de «estria, laivo, risco». — «*Rajos* de sangue nos olhos» «Tecido que mostra uns *rajos* brilhantes».

Em Caminha chamam *rajos* aos tentáculos do polvo.

ranha, quéda, desnivelamento no rio Minho.

rapôso, é um pauzinho enfeitado de flores e ginjas qne fazem o encanto das crianças.

Aqui para o centro do país chamam-lhe *ramalhête-de-ginjó*. Os dicionários não registam isto.

Em Parêdes-de-Coura.

rastinhar, marcar com pégadas, o terrêno.

recadeira, descompostura.

redenho, membrana que reveste e liga os intestinos do porco. Figuradamente é a «barriga».

«E declarou que ia anavalhar o *redenho* do cego». — Camillo, *Cego de Landim*, pag. 27.

relfa, o mesmo que «trêta, palavreado». «Dar *relfa*» = dar confiança, conversa; derriçar.

rêlho, pequena peça de madeira que servindo de fivela para unir as extremidades de uma corda que ata qualquer coisa: feixe de erva, carga de animal, etc. Tem a fórma aproximada de um oito.

(Usado tambem em S. Pedro do Sul).

residência: nas aldeias minhôtas tem o significado expecial de «morada ou casa de habitação do pároco da freguesia». Ainda no anno passado na alcantilada aldeia de S. Lourenço da Montaria, nas faldas da serra d'Arga, me dizia um companheiro de jornada: — Você sabe que jantamos

na *residência?* — Dispensou-se o meu amigo de mais explicações, e eu, conhecedor do convencionalismo do termo, fiquei ciente, como se, por exemplo, em Lisboa, noutros tempos, e no correr duma cavaqueira, algum palaciano enfatuado me informasse solicito: — Você sabe que janto no Paço?

Na obra de Camillo encontram-se amiudo textos abonatorios do facto, como este, a pag. 133 da *Brazileira de Prazins*: «O Torquato, antes de entrar em casa, foi á *residência*...» E na *Comedia do Campo*, de Bento Moreno, pag. 40: «Os dous frades ficavam na *residência*, não gostavam de etiquetas...».

resumir, por «resumar» = resudar, pingar.

O *s* conserva o seu valor intervocálico.

revolta, curva ou volta de um rio.

Na *Brazileira de Prazins*, pag. 40: «atravessara com elles o Ave, na *revolta* do rio, sem ser visto».

rodabalho, rodovalho.

Nas *Côrtes de Jupiter*, de Gil Vicente:

> «E tambem até Cascaes
> irão os vereadores
> Feitos *rodavalhos* taes...»

Cf. o hesp. *rodabalho*

rojão, rijão: o *Nôvo Diccionario* parece preferir a primeira á segunda destas fórmas, no significado de *torrêsmo*. Em todo o norte do pais é porém corrente a fórma *rijão* e resta averiguar se será a mais exata.

Rojão presupõe o étimo castelhano *rojo*, que não tem nessa lingua significado algum especial que se equipare a esta acepção. O voc. hesp. correspondente é *torrezno*. *Rijão*, pelo contrário, poderia admittir a suposição de uma derivação de *rija* equivalente o tostado, torrado, sêco (pelo fogo).

Menos admissível é a hipótese de se ligar a *rôxo* pela côr ou pelo sentido de «rubro, incandescente», que dá a ideia de um calôr excessivo.

Não é porém ainda segura esta derivação.

Em Aveiro, e no Minho *rijar* significa o mesmo que *fregir*. Carne *rijada* é a carne frita. É necessariamente um termo onomatopáico correspondente ao castelhano *richinar* que alude ao ruido produzido pelo azeite a ferver.

De *rijar* se formou *rijão* que, no Minho, Douro e Alta Extremadura, é um pedaço de carne de porco frita, e não torrêsmo. *Torrêsmo* nestas regiões tem o mesmo significado que em Lisboa.

roldear, dividir a água baldia a eito pelos campos, isto é, pelos consortes do rêgo ou levada. Em Paredes-de-Coura.

saim, graxa, gordura da sardinha, usada geralmente nas candeias.

samessuga, corrupção de «sanguesuga». *Samessugas* quere dizer «sinapismos».

Samessuga é fórma tambem usada no dialecto de Penedono (V. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 315). Em Vila-Real dizem *semessuga* (*Ibidem*, pag. 124).

sanco, não é só a «perna da ave», como diz o *Nôvo Diccionário*. Em Viana chamam *sanco* á perna de qualquer animal de talho (boi, carneiro, vitela). É o que em Lisboa se denomina *mão*.

sanguinha, é uma variedade de chouriços que se prepara com pedaços de carne e gorduras embrulhadas em sangue.

sarrabulho, é a matança do porco e todos os trabalhos sequentes, incluindo o jantar final.

sarranho, mascarra, mancha de sugidade.

V. *Ensarranhar*.

servidor, bacia de cama. O *Nôvo Diccionário* regista o vocábulo nesta acepção como termo da Bairrada.

soca, chinela; «pedia socas de ponteira de verniz...» — Camillo. *Eusébio Macário*, pag. 17.

sôga: o *Nôvo Diccionário* inserindo «*soga* = tira de coiro cujas extremi-

dades se prendem ás pontas dos bois e pela qual elles são guiados», dá a entender, pela falta de acentuação propria, a pronúncia *sóga* que não é usada no Minho. Sempre ouvi ali dizer *sôga*, e assim vem acentuado na 2.ª edição da *Brazileira de Prazins*, pag. 198: «O caseiro abandonou os *sôgas* dos bois...»

V. *Revista Lusitana*, vol. XII, pag. 125 e 315.

sôlha, chinelo velho, na ling. fam. de Viana-do-Castelo.

sólheira, o mesmo que «soalheira» = calôr intenso da reverberação solar. «As casinhas palhaças tisnadas das solheiras...» — Camilo, *Eusebio Macário*, pag. 27.

suã: «ossos da *suã*» são os ossos da espinha dorsal dos porcos. Nalguns pontos pronunciam *suão*.

Nos Arcos-do-Val-de-Vez dizem como aforismo: «Ósso da *suão*», || barba untada barriga em vão».

V. *suã* na *Revista Lusitana*, vol. XI, pag. 206.

súcia: «a Camara Municipal de Monsão... dará um premio de 10$000 réis á melhor *súcia* ou grupo de tocadores que se apresentar...» — *Jornal de Viana*, de 30 de Setembro de 1911.

sudrar, sudro: *sudrar* emprega-se no sentido de «manchar, sujar, geralmente com matérias gordurosas». *Sudro* é subst. verbal e significa mais especialmente «laivo, mancha de sujidade», como a que pode produzir a pressão ou passagem de um dêdo ou da mão suada sobre qualquer coisa.

Nos Arcos-do-Val-de-Vez, como me informa o snr. P.e Himalaia, *sudro* é mais propriamente a matéria sebácea segregada pelos animais e que se deposita sobre qualquer parte. Tambem é a sujidade que, na lavagem, se tira da roupa e que sai dissolvida no sabão.

surêlo—sorêlo—cherêlo: em Viana-do-Castelo chamam *surêlo* a um peixinho de lombo esverdeado, muito parecido com a sarda, e de sabor lodôso. Os pescadores desta cidade dizem *cherêlo*.

O *Nôvo Diccionario* insere «*sorêlo* (prov. minh.), o mesmo que *carapau*».

Nas *Apostilas* (I, pag. 290) o snr. Gonçalvez Viana diz que no Minho se chama *cherêlo* a «um peixe pequeno que parece corresponder ao que no sul se chama *carapau*.»

Estas definições são insuficiêntes e carecem de fundamento, sem prejuizo das autoridades que as subscrevem.

O *surêlo* de Viana difere do *carapau* de Lisboa (*caranx trachurus*) não só no sabôr insipido, mas tambem por lhe faltar a *serrilha*.

No *Estado actual das Pescas em Portugal*, pag. 39 e 512 e no Vocabulário, Baldaque da Silva diz que *sorêlo* é o nome que dão no Minho ao «carapau». A pag. 122 vem uma estampa que reproduz nitidamente o *carapau* de Lisboa, que difere contudo do *surêlo*.

tabulão, teimoso; em Paredes-de-Coura.

taburnar, urinar. Por ext.: «mexer, bolir»; em Paredes-de-Coura.

tendal, é o recinto adjunto á casa de habitação, aonde se põe a lenha e se fazem as mêdas. Tambem lhe chamam *rocio*. «Mungiu a vaca, quedou por instantes no *tendal*, a respirar no ar a frescura do orvalho...» — Julio de Lemos. *Instituto*, pag. 565 do vol. de 1905.

Em Paredes-de-Coura.

tibar, misturar água quente e água fria.

tinto, medida do bragal ou pano grosso usado no Minho, igual a seis varas de comprimento ou 6,m60.

V. *Vida Nova* (Viana), de 7 de Setembro de 1906.

tolaria, o mesmo que «impostura, vaidade; disparate, patétice; loucura amorosa».

tônho, pateta, palerma, e tambem «preguiçoso, indolênte».
Usa-se mais no feminino, em Arcos-do-Val-de-Vez.

tornada, banco de areia no fim dos cabedêlos.
V. *Vida Nova* (Viana) 7 de Set. 1906.

traço, traçar: traço é uma parte de qualquer cortada em sentido transversal. Dizem «traço de pescada, de carne, de madeira, etc.».
Traçar é cortar, separando em dois ou mais pedaços.

tranchos: os pescadores de Viana-do-Castelo costumam pôr em lote separado as sardinhas partidas pela rêde de pesca ou em virtude das condições de transporte. Estas sardinhas é que se vendem pela cidade com o nôme de *tranchos*.

treçôlho, é o último bácoro de uma ninhada (Tem a mesma acepção, pelo menos, no sul do Tejo).
Extensivamente em Paredes-de-Coura é o filho mais nôvo.

treicha, treichada: *treicha* é o mesmo que «chuvada, bátega-de-água»; em Paredes-de-Coura.
Em Monção dizem no mesmo sentido *treichada*.

troços, é uma variedade de couve de pé alto, muito abundante, que se vai desfolhando á medida que vai crescendo.
Troços-de-couve são as últimas folhagens desta couve, que por fim se arrancam quando a planta atinge o máximo do desenvolvimento.

varanda, recinto adjunto á casa de habitação onde dormem os criados e os hóspedes; em Paredes-de-Coura.

varolas, mentirôso, gabarola.

velho: «gôsto ao *velho*» é o gôsto pronunciado a bafio ou bolôr que tomam as iguarias ou bebidas que não são frescas.
(No n.º 803, pag. 247 da *Gazêta das Aldeias* escreve um assinante de Vila-Nova-de-Gaia: «Tenho alguns barris e meias pipas que deixaram no vinho verde que continham, um pouco de *gosto a velho*». Em Coimbra dizem no mesmo sentido *gosto ao coveiro*).
Deixar ou *ficar de velho*, em Parêdes-de-Coura é deixar de cultivar um ano qualquer campo ou panasco».

venerar, sustentar, alimentar. «O hòminho *venera-se* bem!»

vêrde, *chouriça-de-vêrde* é o que em Lisboa se chama «chouriço-de-sangue», mas no Minho juntam á massa algumas gorduras e cebôla picada.

verniz, cabedal de polimento, «socas de ponteiras de *verniz*... —«Camilo, *Eusebio Macario*, pag. 17.

viveiro, o mesmo que «criação, gado»; em Paredes-de-Coura.

volanta, arte de pesca no mar alto.

zarpar, explorar, abusar da boa fé em proveito próprio. É termo de gíria.

O autôr aceita e agradece qualquer observação ou esclarecimento que os estudiosos possam enviar-lhe tendente a corrigir ou ampliar estas investigações.

Azinheira—Barreiro.

OSCAR DE PRATT.

DICTADOS AGRICOLAS

Depois de eu haver publicado, no anno de 1893, em folheto (da *Collecção do "Correio Elvense"*) e sob o titulo de *Calendario rural*, 307 dictados portugueses, relativos aos meses, comparados com dictados similares de varios países romanicos, recolhi alguns outros, assim como as variantes e comparações, que passo a dar á estampa.

I

MÊS DE JANEIRO

Janeiro,
Geadeiro.

Em França:

Gelée en Janvier,
Blé au grenier.

A 20 de Janeiro
S. Sebastião primeiro.

Em Hespanha:

A beinte d'Enero
San Sebastian primero;
Detente, baron,
Que primero és San Anton.

O azeite em Janeiro
Recolhe ao madeiro.

O bom tempo de Janeiro
Faz o anno galhofeiro.

Mês de Janeiro ou Fevereiro
Ou enche ou vasa celleiro.

Em França:

Janvier et Febvrier
Comblent ou vuident le grenier.

II

MÊS DE FEVEREIRO

Quando as Candeias choram
O Inverno vae fora;
E quando riem
O Inverno está p'ra vir.

Em França:

Soleil de Chandeleur
Annonce hiver et malheur.

Variante:

Quand se soleil à la Chandeleur fait lanterne,
Quarante jours après il hiverne.

Chuva de Fevereiro
Vale um estrumeiro.

Em Fevereiro
Larga a fonte e vae ao ribeiro.

Neve de Fevereiro
Derrete-a a velha.

III

MÊS DE MARÇO

Agua de Março
Pior é que nodoa no pano.

Em França:

Mars pluvieux
An disetteux.

Março, Marcegão,
Cura meadas, esteiras não.

Quando troveja em Março,
Apparelha os cubos e o baraço.

Em França:

Quand Mars mouillé sera
Bien du vin tu recolteras.

Quem não podar em Março
Vindima no regaço.

Março, garço,
A noite com o dia
E o pão com o sargaço.

O Março virado de rabo
É pior que o diabo.

Se o cuco não vem
Entre Março e Abril,
Ou o cuco é morto,
Ou não 'stá p'ra vir.

Março ventoso,
Abril chuvoso,
Maio amoroso,
Fazem o anno formoso.

Em França:

Mars venteux
Vergers pommeux.

Variante:

Poussière de Mars
Poussière d'or.

Quando Março sae ventoso,
O Abril sae-nos chuvoso.

Em França:

Mars aride,
Avril humide.

Quando troveja em Março,
Semeia no alto e no baixo.

Bosta de Março
Tira nodoas quatro;
Bosta de Abril
Tira nodoas mil.

Neve de Março
Leva-a a velha no regaço.

IV

MÊS DE ABRIL

Altas ou baixas,
Em Abril vem as Paschoas.

Em França:

Pâques ou Quasimodo en Avril
Ne font défaut.

Ramos molhados,
Annos melhorados.

Variante:

Ramos molhados,
São louvados.

Abril frio e molhado
Enche a tulha e farta o gado.

Em França:

Avril et Mai secs,
Année maigre.

Entre Abril e Maio
Moenda para todo o anno.

Em Hespanha:

Entre Abril y Mayo
Haz harina para todo el año.

Por S. Marcos [1]
Bogas em sacos.

Se os passarinhos soubessem
Quando é a Ascensão,
Não poriam pé no ninho
Nem o biquinho no chão.

Em Abril,
Pelos favaes
Vereis o mais.

Em Abril
Mil,
Em Maio
Apanhae-o,
Em S. João
Apanhae-o ou não (o enxame).

Abril,
Cheio o covil [2].

Se não tem geada Abril,
Não será mês gentil.

Abril e Maio
São as chaves de todo o anno.

---

[1] . 25 d'Abril.
[2] Está, ordinariamente, concluida a postura das perdizes no fim deste mês.

Em Hespanha:

Abril y Mayo
Llave de todo el año.

V

MÊS DE MAIO

Primeiro de Maio
Corre o lobo e o veado.

A melhor cepa
Para Maio a deixa.

Maio pardo,
Junho chuvoso.

Maio faz o pão,
E Agosto o milhão.

Maio que seja de gota
E não de mosca;
E debaixo da beira
Perde o preguiçoso a sementeira.

Do mês de Maio o calor
De todo o anno faz o valor.

A velha em Maio
Come as castanhas ao borralho.

Em Maio
Penna de gaio [1].

O trigo,
Quer serodio, quer temporão,
Fica em Maio como grão.

Maio que não der trovoada
Não dá coisa estimada.

---

1 Refere-se aos perdigotos, que no fim d'este mês já estão em parte emplumados.

VI

MÊS DE JUNHO

Em Junho
Dorme-se sobre o punho.

Chuva em Junho
Peçonha no mundo.

Agua no mês de S. João
Tira vinho, azeite e não dá pão.

Em França:

Eau de Saint Jean
Peu de vin et peu de pain.

Dia de S. João
Deita a cegonha o filho ao chão.

Pelo S. Pedro
Cuco quedo.

VII

MÊS DE JULHO

Nos dias de Julho
Eu ceifo e debulho,
Se o vento vae dando
Vou logo ensacando.

Junho, Julho e Agosto,
Senhora, não sou vosso.

Em França:

Juin, Juillet, Août,
Ni femme ni chou.

Em Julho
Fazer vasculho.

VIII

MÊS DE AGOSTO

Agua de Agosto
Açafrão, mel e mosto.

Em França:

Tonnerre d'Août
Grosses grappes et bon mout.

Em Agosto,
Palhas ao palheiro,
Meninas ao candeeiro.

Agosto,
Candeeiro posto.

Quem dormir ao sol d'Agosto
Terá desgosto.

Por S. Bernardo [1]
Secca-se a palha pelo pé.

Tira a fruta o mês de Agosto,
Lança-se ao Setembro em rosto.

IX

MÊS DE SETEMBRO

Setembro,
Ou secca as fontes,
Ou leva açudes e pontes.

Em França:

Septembre
Emport le pont
Ou tarit les fontaines.

---

[1] 20 d'Agosto.

No pó semeia
Que Setembro t'o pagará.

Se acaso em Setembro
A cigarra cantar,
Trigo não compres
P'ró vir a guardar.

Quem se acommoda pelo S. Miguel,
Não se assenta cada vez que quer.

X

MÊS DE OUTUBRO

Em Outubro
Centeio ruivo.

Em Outubro
Treme o vinheiro.

Vindima em Outubro,
Que S. Martinho t'o dirá.

Por S. Simão [1]
Semear sim,
Navegar não.

Por S. Simão
Fava na mão.

XI

MÊS DE NOVEMBRO

Pelo S. Martinho
Prova o teu vinho.

Em França:

A la Saint Martin
Tire ton vin.

Tudo se quer a seu tempo,
E os nabos pelo Advento.

---

1 20 de Outubro.

Em Hespanha:

Cada cosa en su tiempo,
Y los nabos en Adviento.

XII

MÊS DE DEZEMBRO

Dezembro quer lenha no lar
E pichel a andar.

Santa Luzia
Tira da noite
E põe no dia.

Pelo Natal
Que tenha o alho
Bico de pardal.

Pelo Natal,
Neve no monte,
Agua na ponte.

Descansa em Dezembro,
Mas não durmas.

No inverno forneira,
No verão taverneira.

Em França:

C'est l'estat d'un Gautier,
D'estre en hiver fournier,
Et en esté tavernier.

Nem no inverno sem capa,
Nem no verão sem cabaça.

Em Italia:

Nè di state, nè d'inverno
Non andar senza mantello.

APPENDICE AO ARTIGO PRECEDENTE

NOVOS DICTADOS AGRICOLAS [1]

I

O MÊS DE JANEIRO

Em Janeiro
Procura a lebre no lameiro,
E o coelho á borda do regueiro.

Janeiro,
Apartadeiro [2].

A pescada em Janeiro
Vale carne de carneiro.

Em Janeiro,
Nem galgo lebreiro,
Nem açor perdigueiro.

II

O MÊS DE FEVEREIRO

Não chovendo em Fevereiro,
Nem bom prado, nem bom lameiro,
Nem bom corno no carneiro.

Fevereiro
Recoqueiro [3].

---

1 Já colligidos depois de organizada a collecção que a cima se imprime.
2 Isto é: as perdizes começam a apartar-se dos casaes.
3 Porque neste mês a perdiz e perdigão se confundem no canto.

III

O MÊS DE MARÇO

Se o cuco não vem
Entre Março e Abril,
Ou o cuco é morto,
Ou não quer vir.

IV

O MÊS D'ABRIL

Por todo Abril
Mau é descobrir.

Em Italia:

Per tutto Aprile
Non te scoprire.

As manhãs d'Abril
São doces de dormir.

Em Italia:

Aprile
Dolce dormire.

Em Abril aguas mil,
Em Maio tres e quatro.

Em Italia:

Aprile piovoso
Maggio veneroso (cioè bello e gaio)
Anno fruttuoso.

V

O MÊS DE MAIO

Em Maio
Onde quer eu caio *(diz a velha)*
Guarda pão para Maio,
E lenha para Abril,

E o melhor tição
Para o mês de S. João.

Em Hespanha:

Guarda pan para Mayo,
Y leña para Abril,
Que no sabes el tiempo
Que ha de venir.

VI

O MÊS DE JUNHO

No mês de Junho
Toma a fouce no punho.

Em Italia:

Giugno
La falce in pugno.

Junho chuvoso,
Anno perigoso.

Dia de S. Pedro
Vê teu olivêdo,
E se vires um bago
Espera por cento.

VII

O MÊS DE JULHO

Junho, Julho e Agosto,
Senhora, não sou vosso.

Em Italia:

Giugno, Luglio e Agosto,
Né acqua, nè donna, nè mosto.

VIII

O MÊS DE AGOSTO

Agua de Agosto
Açafrão, mel e mosto.

Em Italia:

Quando piove d'Agosto,
Piove miele e piove mosto.

Em Agosto
Aguilhôa o preguiçoso.

Em Italia:

Chi dorme d'Agosto
Dorme a su costo.

IX

O MÊS DE SETEMBRO

Em Setembro
Ardem os montes
E seccam as fontes.

Setembro molhado,
Figo estragado.

No pó semêa
Que Setembro t'o pagará.

X

O MÊS DE OUTUBRO

Vindima em Outubro,
Que S. Martinho t'o dirá.

Por S. Simão
Fava na mão [1].

Com a vinha em Outubro
Come a cabra,
Engorda o boi,
E ganha o dono.

---

[1] 20 de Outubro.

Quando Outubro for herveiro,
Guarda para Março palheiro.

Quem planta no outono
Leva um anno de abono.

Outubro sisudo,
Recolhe tudo.

XI

O MÊS DE NOVEMBRO

Pelo S. Martinho
Barra o vinho [1].

Queres pasmar teu vizinho?
Lavra, sacha, monda o campo,
E estreia-o no S. Martinho.

P'la escusa da Conceição
Entram mais de um quarteirão [2].

XII

O MÊS DE DEZEMBRO

Dia de Santa Luzia
Cresce um palmo o dia.

Em Italia:

Santa Lucia
Il più corto di che sia.

Dezembro,
Quer lenha no lar,
E o pichel a andar.

Elvas. A. THOMAZ PIRES.

---

1 Isto é: abatoca os cascos em que elle está, e barra os batoques com uma pasta de greda.

2 Dictado referente ás gallinholas.

"Dizer de alguem cobras e lagartos,,"[1]

III

(Vid. Revista Lusitana, VII, 230-239)

Em o n.º 3 do vol. VII desta *Revista* (pag. 230) publicou-se um artigo do meu patricio sr. Eugenio Pacheco, relativo ao anexim português, *dizer cobras e lagartos*. A hypothese emittida pelo illustrado michaelense foi ampliada e reforçada pela snr.ª D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos.

Libelou o snr. Pacheco, mas nem a discussão do seu thema, nem os argumentos deduzidos pela eruditissima escriptora, lograram convencer-me das conclusões a que chegaram.

Provaram effectivamente que pela serie de derivações naturaes do idioma de *copula* em latim proveio — *cobra* — em português, o que é bem conhecido, pelos trechos citados; mas é tambem certo que essa forma arcaica veio a converter-se em *copla*, ultima que ficou, e já era usada no principio do seculo XVI. A *cobra*, *copra* ou *copla* era, porem, um ramo da *trova*, designação generica, como accentúa a snr.ª D. Carolina, e por isso não era commum, nem seria regular chamar a qualquer poesia satirica — *cobras* ou *coplas de maldizer*, mas sim *trovas*, *motu* ou *pasquins*, como ainda leio em duas cartas de perdão del-rei D. Sebastião.

No *Cancioneiro* de Resende e nos outros lê-se sempre *trova* e *trovar*, e se no primeiro aparece uma ou outra vez a palavra *cobra*, por *copra* ou *copla*, que já era corrente no tempo de Resende, não podemos ter a certeza, se essa fórma não será um erro typographico, como

---

1 [Os artigos que com este titulo foram publicados na *Revista Lusitana*, VII, 230-239, vieram na secção de «Miscellanea», embora, pela sua extensão, pudessem vir entre os artigos desenvolvidos, como agora vem a continuação d'elles. Devo declarar que o n.º III está em meu poder desde 1903, e que o n.º IV está escrito tambem desde a mesma data. Saem tardiamente a lume, porque se me extraviaram no *mare magnum* dos meus papeis, e só agora os encontrei. Desculpe-me da demora o sr. General Brito Rebello; e ella não seja motivo para que a *Revista Lusitana* deixe de continuar a honrar-se com a collaboração de tão erudito escritor. — *J. L. de V.*]

muitos outros, por quanto já no tempo da publicação d'aquelle monumento litterario ella era obsoleta. Nem obste a esta nossa timida hypothese o poder afirmar-se que a rima assim o pedia na *copla* citada pelo snr. Pacheco, e em outra que se encontra a fl. 142 v. do mesmo *Cancioneiro*, porque os antigos não eram escrupulosos na perfeição della. A fl. 61 temos *acabadas* rimando com *palavras* e *braguas*, a fl. 64 lê-se

notay esta *copra*
e sabey como vay
a molher de meu pay
tomaya por *sogra*.

e não cito mais exemplos, para não alongar.

É facto, porem, certo que na maior parte dos casos se vê no referido *Cancioneiro* a fórma *copra*, como, alem desta ultima, a fl. 5, 112 v., 140 etc., e até já com a ultima fórma a fl. 76

«Canta santa musa em *coplas* e versos»

e aqui não havia rima que necessitasse esta ou aquella fórma; era a já corrente.

Mas nada disto serve para nos explicar o motivo porque se diz — *cobras e lagartos*.

Os rifões, proverbios, anexins etc. não se fizeram ao acaso, com arredondamento de phrases, são um producto de philosophia popular, muito mais sensata e menos nebulosa que a das escolas; nenhum dos seus ramos ou membros entra nelles por capricho, antes por uma razão determinante. Se o anexim português podesse irmanar-se á phrase castelhana — *echar coplas*, que bem lembra a snr.ª D. Carolina, porque havia de adquirir uma segunda parte e tão disparatada da primeira? porque se perdera a noção do que significava alli a palavra cobra? não, porque teria ido sofrendo as suas naturaes modificações, que como vemos no monumento litterario de Garcia de Resende, já eram usuaes. No tempo de Jorge Ferreira ainda se dizia — *mais valle um áveche que dois te darei, quem muitas estacas tancha alguma lhe pega;* mais algum tempo depois já se substituia — *toma* — e *ávache* — e *planta* ou *mete*, a *tancha*, posto que este ultimo verbo ainda se use em algumas localidades.

Sem segunda parte temos immensos anexins, por ex.: *chuchar no dedo, assobiar ás botas, quebra-cabeça, estar a ferros, doer o cabello, fallar de cadeira, fazer a cama, fazer casa, á capucha, dar o cavaco, dar á sola, fazer, dizer o diabo, favas contadas, dar manteiga* &, que nunca ninguem se lembrou de arredondar, apesar de se comporem

apenas de duas ou tres palavras. Portanto parece-me que no anexim de que se trata, tudo deve estar no seu logar e por verdadeiro motivo.

É sabido que vulgarmente se acredita na inimizade entre a *cobra* e o *lagarto*. Refere uma lenda que vindo um homem cansado do caminho se deitara na terra para repousar, descansando a cabeça sobre um tronco roliço e extenso que alli se lhe deparára; mal porém se havia deitado e ia a começar de adormecer, sentiu uma picada na mão ou pé, sacudiu e tornou ao seu descanso. Passados poucos momentos, sentiu-se de novo picar com mais força, ergueu-se um tanto e viu um lagarto que retirava e parava a distancia, como que a espreitá-lo; dispunha-se a ir dar-lhe com o cajado, quando percebeu certo movimento no que julgára tronco de arvore, e viu que era uma enorme cobra, que matou logo, reconhecendo então que o lagarto o advertia do perigo que corria.—Tenha a origem que tiver, prova esta lenda que no espirito popular existe a crença da *contrariedade*, *indisposição*, *inimizade* ou *animosidade* que se dá entre os dois reptis, e é esta a idea, que, segundo o meu modo de ver, deu origem ao anexim, por uma especie de metonymia em que se toma a origem pelo resultado ou effeito.

D. Carolina lembrou-se da *lingua viperina*, e esta especie de anexim podia ter feito desconfiar de que alguma relação podesse haver entre um e outro. Ha porem mais alguma coisa do que este singelo anexim. Na paremiologia popular existem ou empregam-se outros dois perfeitamente parallelos ao de que se trata. A um faz referencia a snr.ª D. Carolina, mas um tanto alterado da fórma porque sempre o ouvi nas localidades onde me achei na antiga Beira maritima, e é *sapos e salamantigas*, em que se reflete a mesma idea de *opposição*, pois como se sabe, tambem é crença popular a *indisposição* entre o *sapo* e a *doninha*, *e salamantiga*, quer por esta designação se intenda a *lagartixa* ou *sardanisca*, como nalgumas partes lhe chamam, quer a *salamandra*. O outro anexim correlativo é *pretos e brancos*, onde transluz tambem a mesma idea de opposição, pelo menos de côr.

Assim quando se quer explicar que alguns individuos se descompuzeram, tanto faz dizer que *disseram cobras e lagartos*, como que *soltaram* ou *disseram sapos e salamantigas*, ou *deitaram*, ou *vieram para alli pretos e brancos*. Sempre a mesma idea de *opposição*, *indisposição* e *animosidade* resalta dos tres anexins correlativos. Portanto *cobras* está no anexim no seu unico sentido actual, e *lagarto* tambem perfeitamente, para completar a idea de *opposição* e *indisposição*.

Profano e insciente ouso apresentar a minha insignificante contrariedade, com o maximo respeito e consideração que tributo a quem tão altamente labora no campo das lettras.

BRITO REBELLO.

IV

Apesar das notas importantes que os Srs. Eugenio Pacheco, D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, e Brito Rebello consagraram ao estudo da expressão *dizer de alguem cobras e lagartos*, não me parece que o problema se possa dizer resolvido, e por isso vou pela minha parte fazer ainda sobre o assunto algumas considerações.

Resumirei, para maior clareza da discussão, o que cada um disse. O Sr. Eugenio Pacheco suppõe que *cobras* significava nesta frase primeiramente «coplas», sendo pois «dizer cobras» o mesmo que «dizer coplas» ou melhor «dizer satiras»; como porém o povo perdeu aquella noção de *cobras*, e só conserva a de «reptis», expressa pela palavra homophona *cobras*, arredondou a frase com a juncção de *lagartos*, animal inimigo da cobra. A S.ª D. Carolina acceita este raciocinio, e junta documentos para a historia do uso de *cobras* «coplas» e *cobras* «reptis», em português. O Sr. Brito Rebello rejeita a hypothese do arredondamento da frase [1], diz que *cobras* teve sempre nella os sentido de reptis, e compara com a expressão citada outras em que entram *sapos* e *salamantigas*.

Quanto á interpretação de *cobras* por *coplas*, não estou de accordo, e pelo contrário penso com o Sr. Brito Rebello que a palavra *cobras*

---

[1] Diz o Sr. Brito Rebello: «Os rifões, proverbios, anexins etc. não se fizeram ao acaso, com arredondamento de phrases, são um producto da philosophia popular, muito mais sensata e menos nebulosa que a das escholas; nenhum dos seus ramos ou membros entra nelles por capricho, antes por uma razão determinada». Dada a hypothese que *lagartos* servisse para arredondar a frase, isto não era capricho, era razão determinada (sentimento do ritmo). Mas ha realmente na paremiographia muitos adagios cujos elementos são por vezes meramente ritmicos, isto é, destinados a arredondarem as phrases principaes, por ex.:

Quê horas
Para colhêr amoras!

que Bento Pereira, na *Prosodia*, Evora 1723, p. 235, traduz em latim por *sero venisti*; e tambem:

— Eu bem te dizia!
— Papas á noite
Faziam azia!

Ir a Braga
A cavallo numa cabra...

e ainda: *José-Carrapé, Luis Carrachis*. — Em qualquer d'estes dictados o sentido fundamental exprime-se na 1.ª parte; a 2.ª parte serve apenas para encher o ouvido, e, se póde ter alguma significação, como nos tres primeiros que apresentei, póde tambem não ter nenhuma, e não passar de som vazio, como nos dois ultimos.

teve sempre na frase a significação de reptil; mas este Sr. não tentou explicar a origem da expressão.

Entendo que a explicação da frase se deve fazer, não no campo da historia litteraria, mas no do *folk-lore;* e é nelle que me collocarei.

Com a addição do Sr. Brito Rebello, são quatro os animaes que entram em scena: cobras, lagartos, salamandras ou salamántigas, e sapos: *dizer cobras e lagartos, dizer sapos e salamántigas.*

Porque é que o vulgo associou estes quatro animaes? Que qualidade commum reconheceu nelles para os considerar uns ao lado dos outros?

A qualidade commum que o povo reconheceu nelles é o veneno, e por esse motivo pô-los a par [1].

Aqui darei algumas provas de como o povo acredita que os referidos animaes são venenosos. Os exemplos, para terem mais valor, são colhidos tanto no nosso *folk-lore,* como no de outros paises.

a) *Cobra.*

Em Portugal: «Diz-se que as cobras, quando vão beber, deixam a *peçonha* sobre uma pedra; se alguem puder tirar a tal pedra, ellas, quando vem de beber, ficam muito arrenegadas por não poderem tornar a ser peçonhentas» [2]. Nas Asturias: «La culebra es animal venenoso, y su mordedura es mala» [3]. Da cobra na Alta-Bretanha diz Sébillot: «sa morsure passe pour être aussi dangereuse que celle de la vipère» [4]. O mesmo auctor transcreve um conto em que a cobra deita peçonha sobre os selvagens que atacavam certo navio, e os faz morrer a todos [5]. Da Persia diz Guberutis: «Le serpent.. empoisonne tout ce qu'il voit et tout ce qu'il touche» [6].

b) *Lagarto.*

«Le lézard .., diz Rolland, passe pour être très venimeux» [7]. O mesmo auctor escreve noutro logar: «Au XVI[e] siècle, en France, on disait d'une personne calomnieuse qu'elle avait une *langue de lézard,*

---

[1] Cfr. o que, a outro respeito, diz Guarnerio da confusão que o povo na Italia faz entre a *tarantola* e o *scorpione,* isto é, entre um reptil e um arachnideo, e entre a *lucciola,* a *salamandra* e a *cecilia,* isto é, entre reptis: vid. *Romania,* XXXIII, 62.

[2] *Trad. pop. de Portugal,* p. 143-144.

[3] *Biblioteca de las trad. pop. españolas,* VIII, 253.

[4] *Trad. de la Haute-Bretagne,* II, 1882, p. 223-224.

[5] *Ibid.,* p. 225.

[6] *Mythologie zoologique,* II, 437.

[7] *Faune populaire,* III, 15.

une *langue lézarde»* [1]. Littré cita a este proposito um passo de J. Marot: «Faux detracteur à la langue de lezars, Vostre langue lezarde Veuillez donc reprimer» [2]. Segundo affirma Sébillot, o lagarto em alguns paises é tão temido como a vibora [3]. Na Inglaterra tambem as lagartixas *(newts)* tem caracter venenoso [4]. Em Portugal não me occorre nenhuma superstição semelhante, a não ser que se possa citar neste sentido o que Gil Vicente põe na boca de uma feiticeira: .. *Bafo de drago, tudo vos trago* [5].

c) *Salamandra.*

Os antigos attribuiam á salamandra temiveis qualidades venenosas; Plinio o confirma: «Inter omnia venenata salamandrae scelus est» [6]. Segundo o mesmo auctor, a baba da salamandra, quando respinga em qualquer parte do corpo, faz que elle pele todo [7]. É a esta superstição que allude Petronio: «Quae salamandra supercilia tua excussit? cui deo crinem vovisti?» [8]. E Marcial: «Hoc [caput] salamandra notet vel saeva novacula nudet» [9]. Nas fabulas medievaes: «Salamandra, animal venenosum, cum semel esset in igne.. Salamandra, vivens in igne, est spiritus malignus, quia in malo igne positus est» (interpretação christã) [10]. Por se suppor que a salamandra vivia no fogo (superstição já vinda dos Romanos), foi que Francisco I a adoptou como emblema, com a divisa *nutrisco et extinguo* [11]. Essa tradição seguiu-a o nosso Sá de Miranda nos seguintes versos:

Deixemos mil outros jogos
. . . .
Salamandras nos seus fogos
De Herodes para Pilatos [12].

---

1 *Ob cit.*, III, 11.

2 *Dict. de la lang. fr.* s. v. «lézard».

3 *Trad. de la Haute-Bretagne*, II. 238.

4 *Remains of Gentilism*, by Hubrey, annot. by Britten, Londres 1881, p. 249.

5 *Obras*, III, 98 (Auto das Fadas).

6 *Nat. Hist.*, ed. de Detlefsen (1871), XXIX, § 74 (e cfr. XXIX, § 116; e X, § 188).

7 *Loc. citato.*

8 *Satiricon*, ed. de Burmann (1709), cap. 107.

9 *Epigram.*, ed. de Friedlaender (1886), II, 66.

10 Hervieux, *Les fabulistes latins*, IV, 302 e 406.

11 *Revue des langues romanes*, XLVII, 391.

12 *Poesias*, ed. de D. Carolina Michaëlis, p. 244, vv. 181-185, lugar que a illustre editora deixou sem annotação.

Dos tempos modernos diz Rolland: «La salamandre possède un venin terrible dont les sorciers se servent pour perdre les gens» [1]. Bem perto de nós, na Galliza, tambem se julga que a salamandra *(pinta)* é venenosa [2]. Em Portugal não conheço nenhuma superstição a respeito do veneno da salamandra, embora seja provavel que se pense o mesmo; Bluteau diz que a salamandra é venenosa [3], mas o que elle traz é tirado de Plinio e de outros.

d) *Sapo.*

O sapo não desempenha papel inferior ao dos animaes mencionados. Entre nós tem-se-lhe muito terror, porque se cuida que elle é venenoso; e é preciso, ao vê-lo, cuspir fóra tres vezes, para não nascerem *sapinhos* na boca [4]. Bluteau diz no *Vocabulario* s. v. «sapo», que este «lança com a ourina o seu veneno.. & ainda que não tenha dentes, morde com a boca, que he muy aspera y peçonhenta». Com isto deve relacionar-se o adagio:

Ora ha hum anno me mordeo o sapo,
E agora me inchou o papo [5].

Da França diz Sébillot: «Vers Bécherel, on prétend qu'il est mortel pour l'homme. A Plévenon, on raconte qu'une femme ayant baratté du lait dans lequel se trouvait un crapaud, tous ceux qui en mangèrent moururent» [6]. E Rolland: «Les gens de la campagne attribuent aux crapauds certaines élevures, qu'ils nomment sapures qui se manifestent parfois sur quelques parties du corps» [7]. O mesmo auctor continúa: «L'haleine empestée du crapaud fait périr les petits oiseaux» [8]. Gubernatis tambem falla do veneno do sapo, perigoso, segundo a crença, tanto para o homem, como para as plantas [9]. Na Escocia suppõe-se que o sapo vomita fogo venenoso [10]. E já Shakespeare, no acto IV de

---

1 *Faune populaire*, III, 80.

2 Valladares y Nuñez, *Dicc. gallego*, s. v. «pinta».

3 *Vocabulario port.*, s. v. «salamandra».

4 *Trad. pop. de Portugal*, p. 142. Os *sapinhos* são uma doença parasitaria chamada tambem «farfalho».

5 *Adagios, proverbios, rifões e anexins da ling. port.* por F. R., Lisboa 1780, p. 261; e Bluteau, *Vocabulario*, s. v. «sapo».

6 *Tradit. de la Haute-Bretagne*, II, 227.

7 *Faune pop.*, III, 50. — Supponho que *sapure* é um derivado do vb. *saper.*

8 *Loc. citato.*

9 *Mythologie zoologique*, II, 406.

10 W. Gregor, *Folk-lore of Scotland*, Londres, 1881, p. 144.

Macbeth, scena 1.ª, faz que uma das tres feiticeiras que estão no subterraneo em cujo centro se vê uma caldeira a ferver, diga:

Round about the couldron go;
In the poison'd entrails throw.

(they march round the cauldron, and throw in the several ingredients as for the preparation of thein charm).

Toad that under the cold stone
Days and nights has thirty-one
Swelter'd venom sleeping got,
Boil thou first i'th'charmed pot [1].

*

Fica pois assente que o povo attribue caracter venenoso aos referidos animaes; como é que isto porém se relaciona com as expressões que estou estudando?

Começarei, como acima, pelas cobras. «On sait, escreve E. Rolland, que le serpent est le symbole de la méchanceté et de la médisance» [2]. O primeiro symbolo, evidentemente de origem biblica (serpente que enganou Eva), e a que corresponde entre nós o dictado *mau como as cobras*, não nos importa agora, e só o segundo. Para provar a realidade d'elle, diz o referido auctor: «Les Wolofs (Sénégal) emploient la locution suivante: *Personne ne coupe le filet* [«trave da lingoa»] *au serpent*, c'est-à-dire: On ne peut empêcher les langues médisantes d'aller leur train» [3]. Isto mostra que na expressão *dizer de alguem cobras e lagartos* a palavra *cobras* póde estar no sentido de reptil: effectivamente ha paridade entre as duas expressões; comquanto uma nada tenha com a outra historicamente, pois a nossa não provém da do Senegal, nem vice-versa, a concepção é semelhante em ambas. Temos alem d'isso a seguinte frase hespanhola: *echar sapos y culebras por la boca* «decir desatinos y disparates», «proferir con ira denuestos» [4]. Como *culebra* em hespanhol não é, contrariamente ao português *cobra*, palavra homophona com outra que signifique «copla», bastava o exame d'esta frase para fazer pôr de parte a explicação dada pelo Sr. Pacheco, e acceite pela Sr.ª D. Carolina

[1] Londres 1770, p. 43.
[2] *Faune populaire de la France*, III, 35.
[3] *Loc. citato.*
[4] *Dicc. de la Academia*, 12.ª ed., s. v. «sapo».

Michaëlis [1]. — No meu pensar, *echar culebras por la boca* é a fórma primitiva do dictado; *dizer cobras* é já fórma derivada. A consideração de que a cobra era venenosa explica perfeitamente a frase. *Deitar cobras pela boca* é o mesmo que deitar não só peçonha, por a cobra ser peçonhenta, mas a causa d'ella. Outras expressões temos correlativas: *lingoa peçonhenta, lingoa viperina*. Ha mesmo uma cantiga popular que diz:

Foste dizer mal de mim,
Lingoa de vib'ra danada;
Não te era melhor dizeres:
— D'essa moça não sei nada? [2]

E expressões analogas se encontram noutras lingoas: hesp. *lengua de vibora, de sierpe, de escorpión* [3], fr. *une langue de vipère*, all. *Natterzunge*. Sem dúvida estas expressões são metaphoricas, mas as metaphoras baseiam-se num facto real, que é a crença no veneno das cobras (ou das viboras). Se a boca da cobra é peçonhenta, mais peçonhenta será, por maioria de razão, uma boca humana que deite cobras e tudo. —Da ideia de *deitar pela boca* «echar por la boca» passou-se muito

---

1 Não se me objecte, dizendo-se que a frase póde ter ido de Portugal para a Hespanha, e que *cobra* «coplas» foi traduzido por *culebra*. Na epoca em que o adagio podia ter ido, o reptil chamava-se *coobra* ou *coovra* em português, ao passo que «copla» se dizia assim mesmo, ou *copra* ou *cobra;* não podiam pois os Hespanhoes interpretar qualquer d'estas ultimas palavras por *culebra*, dado o caso que a expressão tivesse a origem em «copla». — A propria fórma do dictado hespanhol, em que entra a palavra *sapos* em vez de *lagartos*, e em que *culebras* vem depois, mostra que os dois dictados são independentes um do outro. — A proposito direi que a frase hespanhola *dar culebra*, como me indica D. Ramón Menéndez Pidal, significa «dar algun chasco pesado»: vid. *Dicc. de la Acad.*, t. II (1729). O mesmo preclaro philologo me diz em carta de 5 de Dez. de 1903, em resposta a outra minha: «En favor de la antigüedad de la frase *echar, arrojar, vomi-*»*lar, lanzar sapos y culebras*, puede alegarse que ambas especies de bichos se »asocian para denotar cualquier cosa de repugnante y fea:

»Ah! si pudiera usted ver
»mi corazon,
»—oh! veria
»*sapos y culebras*

»(Breton de los Herreros, — *Que hombre tan amable!*, acto III, escena 15).
»*De amarguras decepciones y de sapos y culebras ofrecen* .. (Bretón de los »Herreros, *Poesias*, tomo V, p. 539). En este sentido la metáfora es antigua: »*Quijote*, II[a], 55.º: alli vió el visiones hermosas y apacibles, y yó veré aqui, a lo »que creo, *sapos y culebras*».

2 A. Th. Pires, *Cantos pop. port.*, vol. II, n.º 3751.

3 *Dicc. de la Acad. Hesp.*, s. v. «lengua».

naturalmente á de *dizer*, porque *dizer* é de facto *deitar pela boca* palavras.

O que deixo estabelecido com relação a *cobras*, vale tambem com relação a *lagartos*, *salamandras* e *sapos*. Deitar qualquer d'estes animaes pela bôca é igualmente deitar veneno e fontes de veneno; é dizer expressões temiveis.

*

Parallela ás supraditas expressões é est'outra: *dizer raios e coriscos*,—já assinalada por M. J. de Paiva nas *Infermidades da lingoa*, Lisboa 1759, p. 116. Os Hespanhoes ainda dizem: *echar rayos* «manifestar grande ira ó enojo com aciones ó palabras» [1], e em bom sentido diziam os Romanos *verborum fulmen* «o raio da eloquencia». No concelho de Obidos é corrente: *dizer trapos e farrapos de alguem*, ou *trapos e frangalhos*,—por «fallar mal de alguem», isto é: dizer cousas vis ou ordinarias, como são os trapos; cfr., no fallar commum, *lingoa de trapos*, «lingoagem de quem se expressa mal». *Dizer cobras*, *dizer lagartos*, *dizer salamantigas*, *dizer sapos*, e *dizer trapos*, são frases que não devem causar maior estranheza que *dizer raios* e *dizer coriscos*; qualquer das sete é metaphorica, e *dizer* traduz nellas «expellir da boca». Vemos ao mesmo tempo que as frases estão arredondadas com a repetição de synonymos ou de antonymos: *cobras & lagartos*, *raios & coriscos*, *trapos & farrapos* (aqui, de mais a mais, com rima), *sapos & salamantigas*. Tudo isto nos leva muito longe de *cobras* = *coplas*.

Ha um conto popular valão em que a metaphora foi tomada tanto á lettra, que se diz ahi que uma rapariga, quando abria a boca para fallar, deixava, em virtude da maldição de uma fada, cahir della um sapo; este conto, de um cyclo bem conhecido, foi publicado por E. Monseur, *Le Foklore wallon*, Bruxellas s. d., p. 48-55.

*

Da qualidade commum aos quatro animaes,—o veneno—, que, como vimos, o povo reconheceu nelles, resultou que este os equiparou uns aos outros, e os associou. A associação nos nossos dictados fez-se por grupos de dois. Indicarei agora as razões d'estes agrupamentos parciaes.

---

1 *Dicc. de la Academia*, s. v. «rayo».

Na expressão *dizer cobras e lagartos* a cobra está associada ao lagarto, como bem viu o Sr. Brito Rebello, em virtude da opposição que nas tradições populares se estabelece entre os dois animaes. O *caso* que o Sr. Brito Rebello narra, combina com outro que eu tinha já publicado na *Trad. popul. de Portugal*, § 283-a. Conheço varios parallelos estrangeiros deste mesmo *caso*, em França, na Italia, na Hespanha; vid.: E. Rolland, *Faune populaire*, III, 11; Paul Sébillot, *Trad. de la Haute-Bretagne*, II, 239-260; A. de Gubernatis, *Mythologie Zoologique*, II, 409. Quanto á Hespanha, ouvi dizer a um andaluz que o apparecer uma cobra numa casa é signal de desgraça; para evitar a desgraça diz-se: *lagarto! lagarto!*, ao mesmo tempo que magicamente se faz um movimento, para a direita e para a esquerda, com os dedos indicador e medio estendidos para diante, — porque o lagarto é opposto á cobra. A associação da cobra e do lagarto estabelece-se não só no dictado que estou estudando, e nos *casos* que referi, mas numa cantiga popular:

O *lagarto*, mais a *cobra*
Foram passear ao Jordão;
O lagarto de casaca,
A cobrinha de balão [1].

A associação do sapo com a cobra fez-se tambem, ou em virtude de superstições, ou por outras circumstancias. Segundo uma crença popular portuguesa, «a cobra é inimiga do sapo; encanta-o» [2]. Os Franceses associam na sua phraseologia igualmente os dois animaes: *avaler des couleuvres*, «éprouver des mortifications, des dégouts», *avaler un crapaud*, «faire quelque chose de désagréable, qui coute beaucoup» [3]. Os Valões dizem do mesmo modo: *avaler une couleuvre* [4]. A estas expressões corresponde a seguinte nossa: *comerá sapos e lagartos*, que vem em Bento Pereira [5].

Para a associação de sapos e salamántigas deve ter concorrido não só o caracter asqueroso dos dois animaes, mas a allitteração, pois ambas essas palavras começam por *s*: «dizer *s*apos e *s*alamantigas». Como se sabe, a allitteração goza de muito favor nos dictados e proverbios: *dar por paus e por pedras, ter mão na manta, caro custa o que bem sabe, o bom e o bonito, boa te vai (bai), ter tento, sobre quéda coice, fê-lo em fanicos, fallar franco, segredos queres saber — busca-os no pe-*

---

1 *Cantos pop. portug.* de A. Th. Pires, vol. II, n.º 3748.

2 F. A. Coelho na *Rev. Scientifica*, Porto (1883), p. 524.

3 Littré, *Dict. de la lang. fr.*, s. v. Ahi se citam muitos exemplos.

4 *Dict. des spots ou proverbes wallons* por Dejardin & Defrecheux, Liége 1891-1892, § 794.

5 *Prosodia*, Evora 1723, pag. 219.

sar e no prazer, quem póde ser seu — em ser d'outrem é sandeu, deitar sopas e sorver — não póde tudo ser, são e salvo [1]; por isso a ligação de *sapos* e *salamantigas* tambem se justifica bem, quanto ao ritmo.

É curioso que já num poema francês da idade-media, *Moniage Guillaume*, se associem tres dos animaes mencionados:

Quar des serpenz i ot à grant plenté,
Laisardes grans et grans crapoz enflés [2]...

associação que de certo se baseia, como nos nossos dictados, na qualidade de peçonha que sempre se reconheceu nos animaes de que me estou occupando.

Em resumo: *dizer cobras e lagartos* e dizer *sapos e salamântigas* são expressões que, no meu modo de ver, estão em vez de *deitar* (pela boca) respectivamente *cobras e lagartos*, e *sapos e salamântigas*, por esses animaes serem tidos por venenosos. Fallar mal corresponde a proferir palavras envenenadas; e se o veneno que acompanha a dicção é terrivel, mais terrivel será, se com o veneno se expellir a causa d'elle, isto é, os quatro animaes repellentes. Neste caso: *quod abundat nocet!*

*

Para terminar, notarei que a par das frases acima estudadas existe uma contrária: *comerá sapos e lagartos*, como se lê no *Florilegio* de Bento Pereira, Lisboa, 1655, pag. 100 (obra reproduzida na *Prosodia*). Temos aqui patente a mesma ideia de «asquerosidade» que deu origem ás outras frases.

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

---

1 Cf. sobre este assunto *Rev. Lusit.*, I, 277 e 350.
2 Apud Littré, *Dict. de la langue fr.*, s. v. «crapaud».

TRADIÇÕES POPULARES

I

Lendas religiosas

1. PROCISSÃO DOS FINADOS

Acêrca da procissão dos finados, que segundo a crença popular usa organizar-se durante a noite que precede o dia dos Fieis Defuntos, recolhi na Figueira da Fós, e em Verride, concelho de Montemór-o-Velho, respectivamente da bôca dum trabalhador do campo e duma octogenaria, as duas lendas que seguem, uma das quaes é variante da outra:

I

Certa mulherzinha estava deitada na noite de finados, e de repente acordou ao dobre duns sinos. Levantou-se, foi á janella, e viu passar na rua uma grande procissão de vélas acêsas. Como era muito devota, lembrou-se de a ir acompanhando, e nesse proposito desceu á rua, mas ouviu uma voz que lhe disse:

— Vai-te embora, F., e tórna-te a deitar, que não duras senão tres dias.

A mulherzinha obedeceu cheia de mêdo. Effectivamente assim succedeu, pois se finou passado aquelle prazo.

II

Outra mulher estava na cama, e sentiu tambem o dóbre de sinos; chamou muitas vezes o marido, que dormia ao lado, mas elle não acordou. Então desceu á rua, e viu uma grande procissão de muitas pessoas amortalhadas e com vélas accesas. Um dos defuntos, ao passar

por ella, entregou-lhe uma véla, que ella acceitou e teve na mão enquanto desfilava a procissão. Quis depois restituir a véla, mas como não tinha a quem, resolveu-se a guardá-la, o que fez numa grande arca cheia de roupa.

Ao outro dia foi ter com um padre a quem contou tudo, perguntando o que na opinião delle devia fazer. Aconselhou-a o padre a que guardasse a véla, e dahi a um anno, em igual noite, esperasse a tal procissão, e quando visse passar alguem sem véla, lh'a entregasse. A mulher assim fez, e tudo lhe succedeu como o padre tinha dito, mas depois disso só durou tres dias.

2. O SANTO MARTYR

Na citada villa de Verride é muito venerado o martyr S. Sebastião, de quem o povo conta que foi «um grande capitão que ganhou muitas guerras» [1].

Parece que quando veio para Verride a sua imagem, a collocaram na igreja matriz, mas todas as manhãs ella aparecia da banda de fóra da porta. Tornavam a mettê-la na igreja, e ella no outro dia repetia o mesmo milagre. Não se sabe como, correu entre o povo que o que o santo queria era uma capella só para elle.

Foi então que lhe fizeram a capellinha que ainda hoje existe sobranceira aos campos de Montemór-o-Velho, onde todos os annos se celebra a sua festa a 20 de Janeiro.

Mas nos annos em que não lhe faziam festa o Santo dava mostras do seu desgôsto por uma fórma muito especial. O caminho que vai da villa á capellinha, e o adro em redór, enchiam-se naquelle dia de grande bicharia, — sardões, sapos, cóbras, etc.

---

[1] Uma quadra popular diz:

Martyr Santo de Verride,
que já vencêste-la guerra;
aonde vão passear
os *manatas* desta terra.

Manatas, o mesmo que «janótas».

Um individuo da Beira informou-me que na terra delle (Figueiró-da-Serra) cantavam as mulheres que levavam offrendas á capella do Santo:

Martyr de Christo S. Sebastião,
Toda a vida fostes nosso capitão.

II

Duas canções coreográphicas

São talvez do seculo XVIII, senão mais antigas, estas duas canções. A pessôa que m'as recitou, de 74 annos de idade, ouvira-as na sua infancia á avó. A primeira dellas é evidentemente de origem litteraria, mas popularizada, pois fui informado que antigamente a cantavam nas festas populares de Verride, concelho de Montemór-o-Velho, onde as recolhi.

1.ª

Cupido vai pela serra
vestido á caçadora;
vai dizendo: viva, viva! *(bis)*
morra quem não tem amores!

Nesta cadeia
as mãos daremos;
em ternos laços } *bis*
nos abracemos. }

Passa que passa, } *bis*
ó meu pensamento, }
tu é'la causa } *bis na 2.ª*
do meu tormento }

Ó meu amor dalgum dia,
queres-me tu inda bem?
essa pergunta está bôa: *(bis)*
isso duvida-o alguem?

Nesta cadeia, etc.

Passa que passa, etc.

DANÇA

Juntam-se os pares; abrem róda e começam cantando a 1.ª quadra de mãos dadas, e andando lentamente á roda no compasso da musica.

Nos dois primeiros versos da 2.ª quadra balançam de vagar as mãos travadas, para dentro e fóra da roda, e nos dois ultimos, segundo a lettra, simulam abraçar-se o homem de cada par á mulher do seguinte, e vice-versa. Na terceira quadra passam ràpidamente uns pe-

los outros, dando-se as mãos, os homens em direcção opposta á das mulheres, até encontrar cada um de novo o seu par. Depois recomeçam pela mesma ordem.

2.ª

Ai ai, o velho
da penca tórta
caiu no chão
quebrou as costas. } *bis*

Ai, ai, ai,
o velho grazina! } *bis*
enganar o velho
é papa fina! } *bis na 2.ª*

Ai, ai, o velho,
o velho então,
quebrou as costas,
caiu no chão. } *bis*

Ai, ai, ai, etc.

A informadora não conseguiu lembrar-se da fórma como se dançava esta canção.

III

Uma oração popular

Para a minha collecção de estampas religiosas, ou *registos*, adquiri ha dias um Santo Onofre, toscamente desenhado e aberto em aço, representativo de Christo crucificado, que tem a seus pés, de joelhos, o Santo; junto deste ha uma cabeça de leão, uma corôa régia, e por cima duma gruta, rente a uma phantasiosa palmeira, um não menos phantasioso passaro (talvez corvo), que sustenta no bico um objecto que suspeito seja um pão. Na base da estampa lê-se a oração seguinte, com a orthographia que lhe conservo:

Ó meu gloriozo S. Onofre, que ao | monte tabor sobiste, de hera verde | te cobriste, pela Santissima Trindade | bradastes, e Jesus Christo, nos apare | ceu, e nos dice, q̃ quereis a mado seruo | meu, Pessouos Pão p.ª comer, Casas para | asistir, e Dinheiro p.ª dar, atodas as | infelizes q̃ demim selembrar.

Este santo estava exposto á veneração dos fieis no Convento da SS. Trindade de Lisboa.

A. CARDOSO MARTA.

A ORTOGRAFIA NACIONAL

(Carta ao Dr. JOAQUIM COSTA)

Cumpro afinal a minha promessa de ha semanas. Nas páginas seguintes tento responder sumáriamente ás perguntas que V. Ex.ª formulou a respeito da ortografia portuguesa, de cuja reforma foi ha pouco incumbida uma comissão de letrados, entre os quaes figuro eu.

Repito o que oralmente lhe expliquei: que tinha em muito aprêço a honrosa distinção, mas que ainda não recebêra convite para tomar parte nos trabalhos. Nem sabia se, acaso me viesse, poderia ir a Lisboa, porque compromissos em que entrei, e numerosos trabalhos literários que desejo concluir, me prendem aqui, e não permitem que me dedique á util missão ortográfica tam desveladamente como era para desejar. Consola-me a certeza de que não faço falta, porque entendo que dois dos ilustres consócios são muito suficientes para realizar a reforma: Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana, que se ocupa do assunto ha muito tempo, com vasto e profundo saber e perseverante enerjia; e Cándido de Figueiredo, que tem posto ao serviço da causa o seu inegável talento de vulgarização. E para desempate em casos duvidosos lá tem a eminente educador F. A. Coelho, benemérito introdutor da ciência romanística em Portugal.

J. Leite de Vasconcelos, o mais activo e fecundo de todos nós, filólogo e arqueólogo, redactor de duas Revistas de grande alcance, bibliotecário, professor de cursos lingüísticos, e director do Museu Etnográfico, que criou, escusava de gastar tempo e forças numa empresa que, salvo erro, não o entusiasma muito. É pelo menos o que me parece, porque vejo que, embora dê aos colaboradores da REVISTA LUSITANA *e do* ARCHEOLOGO *plena liberdade quanto á ortografia dos seus artigos, pessoalmente não alterou ainda o traje habitual da sua própria escrita (que é a tradicional, expurgada de todos os erros que em regra a deturpam, até ser rigorosamente histórica e verdadeiramente etimolójica).*

Eu estou, pelo contrário, persuadida da necessidade de uma reforma, por amor aos humildes e pequeninos, que vi e vejo lutar árduamente (e quantas vezes sem resultado!) com as dificuldades, incongruências, e contradições da ortografia reinante, por demais erudita, complicada e desconecsa. Reforma regularizadora e simplificadora, bem se vê, como a de Gonçálvez Viana, a qual adoptei, com leves alterações, ha já bastante tempo. E não me neguei a expôr as minhas ideias e a fazer propaganda, no «Primeiro de Janeiro» (que sempre se mostrou partidário de reformas e simplificações) para preparar o terreno, ajudando assim, de lonje, a comissão nomeada, porque acho vantajoso que a convicção da necessidade da reforma arraigue no espírito de muitos, antes que ela se promulgue por lei.

I

1 — Existe, ou não, ortografia portuguesa, oficial e uniforme?

Em Portugal não ha, nem houve nunca, ortografia oficial, uniforme. Só ortografias variadas, mais ou menos sensatamente regradas pelo costume e exemplo de bons autores, ou mais ou menos inçadas de erros, contradições, dislates, caprichos e idiosincrasias pessoaes. Esse estado anormal foi tomando proporções de verdadeira calamidade nos últimos decénios do século passado: desde que os romanistas que *ex-officio* estudaram científicamente a literatura e a lingua nacional — glotólogos, gramáticos, lecsicógrafos, etimolojistas como F. A. Coelho, J. Leite de Vasconcelos, o já falecido Vasconcelos Abreu, Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana, Julio Moreira, Epifánio Diaz, Cándido de Figueiredo, J. J. Núnez — começaram a expurgar a escrita de defeitos inveterados, regularizando-a e simplificando-a pouco a pouco metódicamente, processo que levou uns a adoptar algumas das emendas e inovações, rejeitando aquelas que menos lhe agradavam; e outros a complicar a sua, cada vez mais, por espírito de oposição ou tendências conservadoras, com exajeros pretensamente etimolójicos.

Houve e ha escritores que na mesma estrofe de um poema, na mesma pájina de uma novela nos apresentam formas híbridas e contraditórias, não reformadas, meio reformadas ou inteiramente reformadas, como *mytho* e *rythmo; melancólico* e *eccho; aflito* e *fructo; próximo* e *proprio; seria* (isto é *séria*) e *Maria; quiz* e *mês; allucinante* e *captivante; outomnal* e *insónia*. Uma confusão magna.

II — Seria conveniente que a ortografia fosse oficialmente regularizada e simplificada?

Conveniente e urjente, tanto sob o aspecto científico, como sob o estético, e sobretudo o pedagójico.

Num país, atrasadíssimo quanto á instrução e educação, em que quatro milhões estão á espera dos benefícios da luz espiritual, o que importa é facilitar o ensino da leitura e escrita; acabar com todas as complicações desnecessárias; eliminar todos os artifícios eruditos: abreviar a aprendizajem, de sorte que os mestre-escolas ganhem tempo para realmente fertilizarem as almas com noções sólidas de saber e com as boas doutrinas cívicas da solidariedade social, do pacifismo e do altruismo. Porque (será preciso lembrá-lo?) o ensino elementar da leitura e escrita não é *fim*, mas apenas *meio*, indispensável para o desenvolvimento da faculdade de pensar, raciocinar, julgar, protestar e emendar o que encontramos de imperfeito e obnócsio no nosso caminho: faculdades, sem as quaes não pode haver verdadeira liberdade.

Quanto aos estranjeiros, tambem lucrarão com a reforma. A enfadonha anarquia ortográfica tornou até hoje pouco apetecido o estudo do português, já em si muito mais espinhoso do que o das outras línguas neo-latinas, por causa das delicadezas ou mesmo subtilezas da sua pronúncia e da sua morfolojia. De ciência certa sei, por quanto tempo a falta de regras seguras sobre recta pronúncia e escrita correcta, e a falta de boas edições de textos impediu por completo, ou embaraçou inútilmente, a publicação de manuscritos importantes e de estudos aliás notáveis, relativos á admiravel língua de Camões.

Com relação á estética e á ética, bastará preguntar, se a ordem e a disciplina é, ou não, mais bela do que a desordem e a anarquia? A coerência, preferível á incoerência? A simplicidade, superior a enfeites e arrebiques supérfluos? Se é verdade, ou não, que as deficiências gráficas do português lhe dão ares de inculto; em especial, se o compararmos com outras línguas? A ortografia francesa é incomparávelmente mais complicada e mais defeituosa do que a portuguesa; mas pelo menos está (como a inglesa e a alemã) ficsada com rigor; tem sistema, pelo qual todos se regulam. A castelhana e a italiana, pelo contrário, — os idiomas portanto que são mais íntimamente aparentados com o português — possuem, ha mais de um século, ortografias excelentes, simplificadas racionalmente pelas respectivas Academias.

Equiparar a nossa a essas duas, seguindo *mutatis mutandis* os mesmos princípios que nelas deram ótimo resultado, regularizar e, simplificar, baseando-nos na história científicamente estudada do vocabulário nacional — eis o que convêm fazer.

III — Qual é a causa das anomalias da escrita portuguesa?

Causadora das anomalias que deturpam a escrita portuguesa é (se abstraírmos das dificuldades resultantes da complicada fonolojia da lingua, com seus sons nasaes, ditongos puros e nasaes, cinco *ee*, quatro *aa*, tres *oo*, de valor ora aberto, ora fechado, ora ensurdecido) a tendência etimolójica, erudita, artificial, conservadora — em oposição aberta á natural, popular e progressiva tendência fonética das verdadeiras ortografias, como transcrição dos sons realmente proferidos na pronúncia normal das classes cultas.

Tentarei explicar em poucas palavras, de onde provêm, históricamente.

A principal fonte da língua portuguesa é o latim, como todos sabem. Não o latim literário. O latim vulgar, tal como o pronunciavam no território lusitano, já alijado de certas demasias atávicas ou aristocráticas.

Os numerosíssimos vocábulos que constituíam o lécsico primitivo dos Luso-romanos passaram por evoluções sucessivas que, quanto á forma, os modificaram mais ou menos, segundo leis naturaes, uma das quaes é a do mínimo esforço. Sobrepostas a esta larga e espessa camada popular, que constitue a parte principal, verdadeiramente nacional e modelar da língua, ha (além de vocábulos de orijem germánica e arábica, etc.), diversas camadas de palavras, tiradas pouco a pouco por especialistas doutos, consciente e directamente do lécsico literário greco-latino, em pelo menos tres épocas diversas: idade-média, época do Renascimento, e tempos modernos. Termos técnicos, científicos, e termos poéticos altissoantes; mas tambêm termos triviaes; novos, em muitíssimos casos, e em outros casos idénticos aos que já existiam, alterados, no núcleo popular; p. ex. *palácio* a par de *paço*; *lejítimo*, a par de *lindo*. Fórmas diverjentes, ou alotrópicas, na terminolojia dos Romanistas.

Nas palavras populares, herdadas, de orijem evolutiva, houve sempre, e ha em regra ortografia fonética, quer elas se afastem sensívelmente dos padrões orijinaes, quer não se afastem nada ou quási nada, em virtude da sua estrutura sinjela *(rosa, casa; mesa, mês)*. Escreve-se o que se profere, tam perfeita ou imperfeitamente como o admitem os vinte e cinco caracteres do alfabeto tambêm herdado.

Nos primeiros monumentos artísticos da literatura — nas cantigas de amor e de escarnho dos trovadores (de 1200 a 1350) — em que mal ha vocábulos eruditos (apenas alguns provençalismos e galeguismos), não ha, por isso mesmo (no códice membranáceo da Ajuda) senão gra-

fias fonéticas como *ome oge aver sono dano santo pronto meter falar calar decer*. Quanto a *sc* medial de *nascer crescer, nacer crecer* etc. ha todavia oscilações, provávelmente por haver oscilações na pronúncia.

As palavras eruditas, extraídas do dicionário latino e helénico, não-alteradas na boca do vulgo, nem quanto ao sentido, nem quanto á fórma, ou apenas levemente aportuguesadas, de índole conservativa, essas entraram, quasi estacionárias, com todas as letras dos orijinaes na prosa de notários, eclesiásticos, arqueólogos, historiadores e especialistas (do tempo de D. Denis em diante), e tambem nos versos dos poetas áulicos do século XV, até com letras que em Portugal nunca tiveram função privativamente sua, e com grupos de letras que não se encontram em dições herdadas, a não ser abusivamente.

Nelas é que figuram os sinaes exóticos: *y th ph rh gh;* muitos *hh;* os grupos *mn gm gn ct pt cç pç sc; pp bb gg cq* e outras consoantes dobradas, supérfluas. Mesmo em bastantes das que deceram ao domínio do vulgo, e foram assimiladas ás de feições populares na pronúncia (p. ex. pela eliminação de *c*, antes de consoante e ensurdecimento das vogaes átonas), a grafia conservou-se inalterada; p. ex. em *víctima, victória, tractar, práctica, satisfacção.*

A par d'esses termos, de introdução artificial, mas antiga, ha muitos outros mais modernos, de significado mais erudito em que p. ex. a pronúncia alfabética dos grupos de consoantes, não toleradas no património verdadeiramente nacional, se tornou facultativa. V. g. em *significado, consignar, diccionario, occidente, espectáculo, respectivo, técnica, facto, secção; tranqüilo, eqüidade, eqüivaler, bilingüe.*

Finalmente ha uma última camada de vocábulos, de introdução recente e sentido científico tam restrito, que nunca serão familiares á maioria dos que falam,—em que por ora é praxe jeral proferir todas as letras, consoantes e vogaes, com os seus valores alfabéticos: *aerhemotoxia glyptognosia*, etc., etc.

Pois bem: o costume de encontrar símbolos exóticos *(ph rh y)* e letras supérfluas em dições relativas a ciências e artes, empregadas de preferência pelos mais ilustres da nação, levou todos quantos tinham pretensões de cultos—e onde está escritor que não as tenha?—não só a conservar cuidadosamente esses vestíjios de orijens nobres, mas tambêm a reintroduzir símbolos exóticos e letras supérfluas em dições vulgares, de onde sempre estiveram banidos, durante séculos de vida literária. P. ex. *somno damno; signal; dicto sancto poncto fructo; escripto prompto; cysne lagryma; golphinho; exgottar exforço sexto extrangeiro; sciente.*

Em algumas palavras alteraram mesmo a pronúncia, segundo o tipo latino: ora sensatamente como em *menos menor feno pena* (em

vez de *mẽos mẽor fẽo pẽa), magno* (para evitar confusão com *mano*); ora inútilmente como em *digno*.

Por falsa analogia, letras mudas entraram mesmo em palavras onde elas não tem razão alguma de figurar, v. g. em *thesoura* (por causa de *thesouro*) *ensignar* (por causa do alatinado *signal*); *occeano*, como se tivesse relações de parentesco com *occaso occidente*, eivando-se assim a parte vernácula do idioma com fórmas fantasiosas, como *theudo mantheudo, Santhiago*, e a parte alatinada e helezinada com barbarismos, como *ethymologia lythographia phothographia physyognomia phylosophia phylharmonica, dymnastia dymnastica* (por causa de *gymnastica*).

Caturrices como *cognoscer* por *conhecer, quomo* por *como, ochlos* por *olhos, hacte* por *até, haghora* por *agora, ipso* por *isso* — obras do benemérito antiquário André de Résende! — não vingaram felizmente. Nem tam pouco a proposta de se substituir *é* aberto por *æ*, ao modo latino.

Tudo isso — repito — com o pretexto de conservar vestíjios visiveis de ilustres prosápias ou, conforme é uso dizer «para sujerir etimolojias». Por mera ostentação, por pedantismo, por espírito de reacção. Ou em virtude da preocupação mórbida que a queda de um *h*, a substituição de um *y* por *i* possa dissimular a orijem de uma palavra, e a sua conservação incutir ciência etimolójica aos iletrados.

Como se o escasso milhão de Portugueses que lêem e escrevem fosse capaz de analisar, interpretar e historiar as evoluções e orijens de *homem hoje hontem* (!) *bocca*, melhor do que as de *ora onra falar filosofia*.

Quanto a erros e irregularidades provêm em grande parte, evidentemente, da pouca sabedoria filolójica dos próprios autores, que não tinham (até ha muito pouco) meios de se informar rápidamente. Em parte, da ignorância dos *escribas*. Os medievaes estavam acostumados a trasladar e redijir documentos em latim bárbaro; e os do tempo dos Humanistas a copiar epístolas ciceronianas, e poemas virjilianos, em estilo clássico.

Depois da invenção civilisadora de *Guttenberg* muitos arcaismos e pedantismos provieram da intervenção de oficiaes de tipografias e de correctores que, julgando-se habilitados, e não podendo alterar a bel-prazer o estilo dos textos que compunham e corrijiam, lhes retocavam pelo menos a ortografia, nem sempre exemplar, já o disse, e piamente o creio.

Poucas imprensas dispunham de artistas habilitados, e os preceitos da Mesa Censória não permitiam (salvo erro) que o próprio autor lesse provas e alterasse os dizeres de manuscritos aprovados.

Lembro que logo nos alvores da arte de imprimir, o Conde de

Alcoutim advertia o impressor Valentim de Morávia de que as obras saídas dos seus prelos seriam melhores *se não confiasse tanto nos seus oficiaes* — sentença que confirmará quem leu na edição-príncipe a *Historia de Vespasiano* ou qualquer outra das obras que devemos a esse impressor.

Quanto á introdução de vocábulos correctamente alatinados e helenizados, tenho-a, em si, em conta de obra meritória; obra de poetas e escritores exímios, impulsionados pelo louvável empenho de enriquecer e enobrecer a língua e altear o nível da cultura pátria com elementos da civilização da antiguidade. — Só Luis de Camões contribuiu com mais de um cento.

Com respeito á grafia, lamento, isso sim, que os Humanistas não se resolvessem logo, decididamente, a tirar aos neolojismos que patrocinavam as caudas roçagantes e os enfeites excessivos, assemelhando-os, o mais possível, aos vocábulos antigos, verdadeiramente nacionaes.

Ainda assim, não vou tam lonje como Gonçálvez Viana que condena em absoluto as grafias eruditas d'eles como mera superstição, mero alardo de cultismo, ou galicismo, porque me lembro de que, ocupando um lugar àparte na economia da linguajem, não era de estranhar que lho quisessem dar tambem quanto á escrita. E *compreender* equivale a *perdoar*, tambem no campo filolójico. De mais a mais sei que houve, da parte dos escritores e impressores quinhentistas numerosas tentativas de nacionalizar os latinismos e grecismos.

Nas duas edições primeiras dos *Lusiadas* (de 1572) temos p. ex. *hemispherio emispherio emisperio* e *emisferio; nymphas nimphas nimfas* e *ninfas; phantasia* e *fantasia* (com *fantesia*); *estylo estillo* e *estilo;* e de mistura com despautérios, como *occeano*, formas bem aportuguesadas como *linfa vitima diáfano sulfúreo grandiloco.*

Hesitavam.

Os pósteros é que deveriam ter escolhido e entronizado as grafias mais sensatas, como fizeram em Espanha e na Itália.

Como ainda não o fizeram, façamo-lo nós. — Mais vale tarde do que nunca.

II

IV — A quem compete reformar a ortografia?

Evidentemente *aos profissionaes* que se ocupam cientificamente de linguas, sobretudo das neo-latinas, e em especial do idioma pátrio — quer pertençam á Academia, quer não. Particularmente a quem, sem se descuidar de investigações históricas e etimolójicas estudou a fundo

a ortoépia — (nome técnico, grego, da recta pronúncia) — e a fonolojia portuguesa, e deu provas de que é mestre nesse ramo, em valiosos trabalhos que já frutificaram lá fóra: Aniceto dos Reis Gonçálvez Viana, que é consultado como autoridade por todos os especialistas, e citado com altos louvores [1].

Já o expus a V. Ex.a neste meu gabinete, onde, indignada por ele ser tam pouco conhecido dentro do país, em especial no Norte, lhe mostrei os livros principaes com que, de 1883 em diante, ele brindou os estudiosos. Aqui restrinjir-me-hei naturalmente aos que dizem respeito directamente á questão ortográfica, excluindo os dialectolójicos e etimolójicos [2].

Só depois de haver ficsado com rigor e argúcia e exposto minuciosamente a pronúncia normal das classes educadas (tocando de passajem em corrutelas vulgares) em opúsculos eruditos, acolhidos com aplausos e gratidão pelos entendedores [3], tratou de lançar as *Bases da Ortografia Portugueza (sic)* (1885) [4], no mesmo ano portanto em que Cándido de Figueiredo, outro amador da sua terra, da sua jente e da sua lingua, sem ser filólogo encartado, propunha á Academia das Ciéncias, encarregasse uma comissão da reforma (ou *revisão*) da ortografia, antes que se começasse o famijerado *Diccionario* (*in-spe*), de que era director Latino Coelho.

De balde. Ninguem fez caso do opúsculo (14 pag.)

Sem desanimar, Gonçálvez Viana, que logo fizera tentativas de propaganda prática, imprimindo o *Werther* de Goethe na nova ortografia [5], ampliou e aperfeiçoou o trabalho inicial, elaborando um *Questio-*

---

[1] Póde-se dizer que ele foi de 1883 em diante e é ainda colaborador de todos os romanistas estranjeiros que se ocupam do nosso idioma: do eximio Jules Cornu (outr'ora de Prag, hoje de Gratz, mas infelizmente só até fim do semestre), autor da primeira fonolojia portuguesa destinada aos discipulos de Diez; seu continuador, Gustavo Rolin, que acaba de publicar no *Archiv* (CXXV p. 373) um estudo minucioso sobre a pronúncia das átonas em português: e a benemérita lusófila D. Luisa Ey, cujo Dicionario Manual (*Taschenwoerterbuch*, Berlin 1904) e cuja Gramatica de Conversação (Heidelberg 1908 e 1910) será em breve completada por outra Epistolar (*Unterrichts--Briefe*), segundo o sistema Langenscheidt.

[2] Ainda assim mencionarei *Apostilas aos Diccionarios Portugueses* (1906) e *Palestras filológicas* (1910).

[3] 1883 *Essai de Phonétique et de Phonologie de la Langue Portugaise*, (Paris).

1892 *Exposição da Pronúncia Normal Portuguesa* (Lisboa).

1903 *Portugais, phonologie, morphologie, textes* (Leipzig).

[4] Auxiliado por Guilherme de Vasconcelos Abreu.

[5] Vasconcelos Abreu imprimia pela sua parte um estudo a respeito da *Literatura e Religião dos Árias na India* (Lisb., Aillaud & C.a).

nário (de 115 parágrafos), afim de facilitar a discussão e decisão aos Académicos (1900) [1].

Sem resultado.

Em seguida publicou com o título de *Ortografias Portuguesas* (1902) as suas próprias respostas que equivalem a uma análise complecsa das anomalias da escrita usual e dos meios de lhes obstar.

Novamente sem ajitar a mole.

Alargando então a parte histórica deu-lhe, ao cabo de dois anos, fórma muito mais desenvolvida e documentada, num volume de 454 pájinas, ortografadas segundo os princípios expostos: *Ortografia Nacional. Simplificação e unificação sistemática das Ortografias Portuguesas* (1904) [2].

Desde então algumas vozes começaram a responder-lhe. Vários escritores e alguns periódicos como a *Educação Nacional* puseram em prática as correcções e simplificações principaes por ele defendidas — abstendo-se todavia das que julgaram inoportunas ou dispensáveis, ou ultrapassando ainda as suas propostas.

Alêm d'isso houve adesões parciaes, só a essa ou aqueloutra medida: um escritor suprimia apóstrofos e tremas; outro as consoantes jeminadas; outro os *yy*, outro os *th ph*, etc; muitos aceitaram a acentuação gráfica, embora sem rigor.

De alêm-mar é que vieram ha pouco os ecos mais fortes, em grande parte concordantes; discordantes em pormenores de peso — ecos que merecem séria atenção, porque importa naturalmente que não se verifique o cisma ortográfico, de que estamos ameaçados, chegando-se, pelo contrário, sem tardança, a um acordo.

Importa que Portugal e o Brasil realizem simultáneamente e de modo idêntico a reforma planeada, escrevendo de aqui em diante da mesma maneira, racionalmente simplificada, todos os vocábulos da sua língua comum [3], apesar do timbre diverso com que cá e lá se pronunciam as vogaes tónicas e as átonas.

---

1 Com o mesmo fim redijiu aínda outro tratado: *Bases da transcrição portuguesa de nomes estranjeiros* (1900) que não foi exposto ao público.

2 No meio-tempo saíra em Coimbra um opúsculo importante, de A. L. Gonçálvez Guimarães: *Algumas Reflecsões sobre a Ortografia Portuguesa* (1903), no qual ha ideias muito sensatas, quási sempre em harmonia com as ideias de Gonçálvez Viana.

Creio todavia que ele vae lonje demais. P. ex. a proposta de distinguir com novos sinaes convencionaes, diacríticos, subpostos aos diversos *aa oo ee* do português, não encontrou, nem encontrará, a meu ver, maior número de amigos do que a acentuação gráfica (com agudos, circunflecsos e graves).

3 Com exclusão talvez do famoso *si* brasileiro? se não o quiserem proscrever heróicamente.

O caso é este. Em Abril de 1907 foi apresentado á recentíssima *Academia Brasileira de Letras* o plano de uma ampla remodelação ortográfica [1], plano que logo foi alterado num anti-projecto substitutivo [2]. Ambos foram discutidos calorosamente em sessões consecutivas, sendo finalmente aprovado o inicial, e adoptado sem grande demora nas publicações da douta corporação.

Com surprendente rapidez [3].

Nos seus lineamentos jeraes a nova ortografia còincide com a de Gonçálvez Viana. Afasta-se todavia em diversos pontos, entre os quaes os mais importantes são: a acentuação gráfica, moderada; a regularização dos vocábulos eruditos que contenham *cç ct pç pt;* e sobretudo a substituição de *s* intervocálico *(Brasil-rosa-casa)* e *s* final de vocábulos agudos *(quis pôs após atrás português)* por *z*.

Os dois pontos primeiros admitem discussão. A última medida, comtudo, recomendável apenas sob o ponto de vista prático, já empregada de resto pelos escritores do século XVIII, que ainda têm numerosos imitadores, é inaceitavel do ponto de vista científico (histórico e etimolójico).

Urje portanto que em discussão serena, comquanto enérjica, se dirima esta contenda entre os Reformadores de Portugal e os do Brasil, podendo ser por mútua condescendência.— Se cá cedessem quanto aos dois primeiros pontos, deviam conseguir que lá, criteriosamente, se conformassem com relação ao *s*, aplaudidos de todo o mundo científico.

José Veríssimo, João Ribeiro, Medeiros e Albuquerque devem convencer-se de que, atendendo sempre ás exijências práticas da grande massa que importa instruir e educar, nem por isso devem desatender, em caso algum, a unidade e continuidade do idioma comum, como vernáculo literário. Todas as simplificações e regularizações devem assentar na base sólida de factos históricos, evoluções reaes, orijens verdadeiras.— Eliminando-se tudo quanto é erróneo e supérfluo, conservar-se-hão todos os distintivos que expliquem estádios antigos da língua, muita vez perpetuados em arcaísmos dialectaes.

---

1 O projecto é assinado Medeiros e Albuquerque, personagem, que (claro) tinha atrás de si um grupo pequeno, mas valente, de partidários que depois o secundaram. Sobretudo José Veríssimo.

2 Este anti-projecto é de Ruy Barbosa, Salvador de Mendonça e Sílvio Romero.

3 Os dois projectos, discursos de João Ribeiro, José Veríssimo e outros, assim como as resoluções da Academia e mais documentos, publicados primeiro em jornaes fluminenses, já saíram na *Revista da Academia Brazileira* (com z! *hélas!*) *de Letras* (1911 p. 77 a 133).

A ortografia simplificada ha de servir não só para obras modernas de ambas as nações, mas tambem para a vulgarização de quanto ha de belo e de útil e de bom na literatura antiga. *S* e *z* como *ss* e *ç* foram outr'ora em toda a peninsula símbolos de sons diversos, e ainda o são hoje em algumas províncias, sobretudo na de Tras-os-Montes (sem falar do reino vizinho). É pois de boa lei mantermos a diferenciação e não confundir formas que, tendo orijens diversas, têm tambem significados diversos; p. ex. *paço* e *passo: poço* e *posso; coser* e *cozer*.

Alterações arbitrárias, não fundadas em factos lingüísticos, afastariam o português, sem proveito, da tradição sete vezes secular, e das línguas-irmans, e provocariam necessáriamente críticas azedas, — como em tempos aconteceu aos radicalismos exajerados da *Ortografia Sónica*, de Barbosa Leão (1878), que não vingou por causa d'esses e de outros defeitos.

A campanha elucidativa e conciliadora foi imediatamente começada. Gonçálvez Viana continuou nos trabalhos preparatórios da reforma, com um *Vocabúlario Ortográfico e Ortoépico da Lingua Portuguesa* (1910; 943 pp.); e na *Advertência Preliminar* em que resume as leis fundamentaes da reforma, combate com argumentos decisivos as objecções dos Brasileiros — *Advertência* que, segundo se diz, foi publicada em separata. Actualmente trabalha em outro *Vocabulário Brasileiro-Português;* e nele ha de instar, sem dúvida, de novo, na necessidade de uma acção lójicamente combinada das duas nações, para que se vença em toda a linha.

Cándido de Figueiredo, pela sua vez, que igualmente combate de 1885 em diante, conforme já deixei dicto, a favor de simplificações dentro do actual sistema misto, fazendo no seu popular *Consultório Prático de Enfermidades da Lingua* propaganda activíssima [1], adiantou-se mesmo a Gonçálvez Viana com um volume interessante, entitulado (2.º vol.) *Ortografia do Brasil* (1908), que seguramente ha de contribuir a harmonizar as opiniões.

Resumindo: a reforma compete aos profissionaes que estudaram a língua históricamente. Em particular a Gonçálvez Viana, autoridade reconhecida dentro e fóra do país, e que já lançou as suas bases e ergueu o edificio ao qual só falta a corôa do reconhecimento jeral; em

---

[1] Nas centenas de artigos soltos, subordinados no *Diário de Notícias* á epigrafe *Falar e Escrever*, e que posteriormente costuma publicar em volume, ha muitos que se referem a problemas ortográficos e sua solução. Vejam: *Lições Praticas* (3 vol.); *Falar e Escrever* (3.º vol.) — *Problemas da linguagem*.

segundo lugar a Cándido de Figueiredo como vulgarizador excelente; e para dirimir contendas segundo as exijências pedagójicas, ao eminente educador F. A. Coelho.

Leite de Vasconcelos e eu, se não quiserem dispensar os nossos serviços, contribuiremos (penso eu) ficsando a etimolojia e traçando a história de vocábulos obscuros.

III

V — Ha quanto tempo me ocupo de problemas ortográficos?

Como ao espírito disciplinado de Prussianos e Prussianas repugnem naturalmente todas as incoerências, desordens e caprichos ilójicos, sofri com as contradições e incertezas na maneira de ortografar dos Portugueses, e com a falta de livros que me ensinassem a recta pronúncia, desde que comecei a aprender a língua de Camões, autodidácticamente; sobretudo desde que, para exercitar-me, corrijia provas das obras de Herculano, Júlio Dinís, Gonçálvez Diaz, Camões, publicadas na *Collecção de Autores Portuguezes* de Brockhaus, tendo ao mesmo tempo de traduzir documentos modernos e antigos como intérprete ajuramentada nos Tribunaes e Ministérios de Berlim.

E sofri mais quando principiei a escrever português e a editar textos vernáculos.

Convencida de que uma reforma simplificadora, em sentido fonético, como a do país vizinho e da Itália, havia de realizar-se mais cedo ou mais tarde, esforcei-me a purificar pouco a pouco a minha escrita, de erros e incongrùências, elucidando tambem em pesquisas etimolójicas as origens e a história de bastantes termos mal-explicados até então v. g. *sossegar*, *pêssego*, *assaimar*, *pintassilgo*.

Declaradamente tratei de assuntos ortográficos, de passagem, em artigos relativos á nunca assaz louvada *Cartilha Maternal* de João de Deus; na Introdução (infantil) que precede as *Poesias* do primeiro poeta clássico da nação, o homem de alto e heróico entendimento que se chamava Sá de Miranda. Passei a empregar a grafia simplificada de Gonçálvez Viana, — não sem hesitações diversas — no *Prólogo* do vol. I do *Cancioneiro da Ajuda* (1904); no *Ensaio* com que ilustrei a minha edição dos *Lusíadas*; no Preâmbulo das *Cem Melhores Poesias de Poetas Portugueses (Mortos)* (1910); no *Ensaio* sobre Trindade Coelho,

de saudosíssima memória (1910) [1] e em tudo o mais que publiquei posteriormente [2].

Do propósito de escrever a história documentada das ortografias portuguesas, e de a acompanhar de um plano de reforma, desistira logo que vi surjir Gonçálvez Viana na arena, armado *de pied en cap*, propugnador de ideias que julguei aptas para nos valerem na guerra santa contra a praga do analfabetismo.

VI — Qual a forma de ortografia que eu prefiro? A «sónica» ou a etimolójica?
VII — Deverá repudiar-se em absoluto a etimolójica?

Do que deixei dito e das grafias que emprego aqui, bem se vê, que a que prefiro e defendo, não é a erudita, que é costume só até certo ponto justificado, chamar etimolójica, corrijida dos erros que usualmente a desfiguram.

Nem é, de modo algum, a *sónica* no sentido que Barbosa Leão deu a este qualificativo da sua mal-lograda tentativa, pondo o arbítrio pessoal acima dos factos históricos e deturpando as feições tradicionaes do idioma com radicalismos exajerados, a ponto de escrever *noça, eçe, açim, Xina*.

A que emprego é a comum, regularizada e simplificada segundo normas e princípios ficsos, fundados na história da língua, estudada com critério, por mim pessoalmente, e pelos ilustres sábios que nomeei.

É, mais uma vez o declaro, a de Gonçálvez Viana. Isto é, a tradicional, livre de elementos etimolójicos inúteis, quer sejam mero disfarce (como *y th ph rh*, etc.), quer sejam nulos, mudos, mortos. Mas só d'estes. Tudo quanto se justifica á face da ciência, tudo quanto está vivo e de acordo com a pronúncia normal da sociedade culta, e mesmo tudo quanto só evolucionou com relação ao timbre, conservemo'-lo afim de não desformarmos nem interrompermos a unidade e continuidade de sete séculos de vida literária; ou por outra para vindicarmos para o idioma de Camões o lugar honroso que lhe pertence, ao lado das línguas-irmans.

Transcrições como *roza Brazil* não são melhores do que *noça eçe*,

---

1 Confessarei agora que ainda não imprimi as *Cem Melhores Poesias de Poetas Vivos* por não haver solicitado, na circular que distribuí, licença para regularizar de leve as ortografias variadas de Guerra Junqueiro, Afonso López Vieira, Antonio Correia de Oliveira, e os restantes deuses menores. De leve, já se vê, tirando-lhes apenas erros inveterados, como *portuguez*, *n'um*, *amal-o*, etc.!

2 *Romances Velhos — Mestre Giraldo — Sonetos e Sonetistas — Contribuições aos Diccionários etimológicos peninsulares.*

e dar-lhe-iam feições de dialecto inculto. Nunca poderemos ir tam lonje como os Galizianos, que procedem com soberana liberdade a respeito de neolojismos, dizendo e escrevendo *coleutividade ispeicion deceucion esceucion* etc. *(colectividade, inspecção, decepção excepção)* [1].

VIII — A adopção da forma sónica é aconselhada, ou não, pelo estudo das fontes vernáculas da língua?

Ponhamos: a adopção da *ortografia simplificada*, pois este é o nome que teremos de lhe dar. Eu ia responder que as fontes mais vernáculas da língua são os próprios vocábulos, estudados nas suas orijens e nas evoluções por que passaram: os vocábulos realmente nacionaes, de orijem popular, que tiveram sempre, segundo estabeleci, ortografia fonética, desde D. Sancho I, não a tendo hoje em alguns casos por aberração. Mas como V. Ex.ª tem na mente, com certeza, obras-primas da literatura (do século áureo e do resurjimento de 1820), repletas de vozes eruditas com a sua apregoada ortografia greco-latina, responderei completando o que indiquei nos capítulos anteriores.

Não ha autor algum, clássico ou neo-clássico, que nos possa servir de modelo quanto a questões ortográficas. Nem mesmo engenhos privilejiados como Luis de Camões, Herculano e Almeida-Garrett, porque eram leigos no assunto. Se acertaram em muitos pontos, desacertaram em outros. Acresce que do autor dos *Lusíadas*, nem mesmo possuimos autógrafo algum. Nas poucas poesias, impressas em sua vida, incluindo a epopeia (da qual, a meu ver, não leu provas), ha oscilações constantes entre a escrita fonética e a erudita (já dei exemplos). As mesmas oscilações, que caracterizam em jeral os impressos da época do Renascimento, encontro-as, embora em muito menor escala, num precioso autógrafo de Sá de Miranda, descoberto ha pouco na Biblioteca Nacional. As poesias nele contidas sairão breve, com um estudo meu, no *Boletim* da 2.ª Classe da Academia das Ciências. — Sóbrio, disciplinado e reflectido em todos os seus actos, o poeta emprega aí grafias muito superiores ás desordenadas que lhe são atribuidas nas impressões de 1595 e 1614, e nos apógrafos que tive o gosto de utilizar: mais sinjelas, mais próssimas da fonética [2]. Sem ser modelar todavia.

Isto confirma o que já apontei: a influência nefasta exercida pelos

---

[1] A raridade das reformas nas ortografias tem valido e val ás línguas de barreira impeditiva contra tendências revolucionárias, destinadas a introduzir na escrita as mais leves evoluções fonéticas.

[2] A das poesias castelhanas é excelente por causa da sinjeleza fonética do idioma.

copistas e pelos compositores das tipografias, culpados (como alguns antiquários ferrenhos) na corrente reaccionária nímiamente conservadora da ortografia. Modelares eram apenas (em *teoria*, porque na prática dependiam tambem dos impressores) [1] os profissionaes de então: João de Barros e Fernam de Oliveira, os primeiros que se ocuparam de problemas ortográficos.

Ouçam como o grande historiador da *Asia* define a ortografia: como «ciencia de escrever direitamente todalas dições, com tantas letras (ele dizia: *leteras*) com quantas as pronunciamos, sem pôr consoantes ociosas. Mesmo dado que a dição seja latina, logo que a derivamos a nós, e ela perder sua pureza, logo a devemos escrever ao mesmo modo» [2].

Fernam de Oliveira pela sua vez havia decretado pouco antes a mesma regra: «As dições que trazemos d'outras línguas, escreve-las-hemos com as nossas letras que nelas soam, como *ditongo*, *filósofo*, *gramática*, porque todo o mais é empedimento aos que não sabem essas linguas donde elas vieram» [3].

Não se pode dizer melhor.

Decênios depois Francisco Rodrígues Lobo queixava-se de que o erudito «por levar o português arrastro até o fazer latim, falla por *seple*, *docto*, *scripto*, *benigno*» [4]. Falta *damno*. E em lugar de *falla* creio que deveria estar *escreve*?

Com relação ao mais antigo manuscrito artístico que possuimos, repito que (apesar dos senões da escrita gótica, na qual ainda não distinguiam entre *i* e *j*, *v* e *u* e utilizavam numerosíssimas abreviaturas) a sua ortografia é decididamente fonética. Mas por estar isenta de palavras doutas, não pode servir de guia e modelo [5].

Bem examinadas e avaliadas, as fontes vernáculas aconselham a reforma simplificadora e uniformizadora. Umas, directamente; outras, pela caótica anarquia que nelas reina.

---

[1] Claro que tambem erraram por sua própria conta nos seus estudos da lingua patria.

[2] Ele exemplifica com *ortografia*. Mas o impressor pôs *ortographia*, e pouco depois *orthographia* (NB na edição de 1785, que consultei; é todavia muito possivel que na de 1540 fizessem o mesmo).

[3] Claro que o Gramático ensinava tambem a inutilidade de letras dobradas: «duas letras de uma mesma natureza em uma silaba, juntas ambas em uma parte, não são necessárias na nossa lingua»; e exemplifica com *officio* e *peccado*.

[4] *Obras* p. 124.

[5] As mais antigas novelas — a *Demanda do Graal* e o *Josep ab Arimatia* — parece que se cinjiram á ortografia dos trovadores. Nos apógrafos do século XV e XVI, que subsistem, ha todavia muitas modernizações morfolójicas e ortográficas. Com relação ao *Vespasiano*, impresso em 1496, vale a mesma observação.

IV

IX — Quaes são as modificações mais importantes que deverão ser introduzidas?

Sem tratar de miudezas e de excepções a algumas das regras, eis a lista a) das principaes simplificações; b) das regularizações.

I Proscrição incondicional dos grupos exóticos *th ph rh*, e *ch* com valor de *k*, que tanto incomodam e perturbam a pequenada. Eles serão substituidos por *t f r c* (respectivamente *qu*) como já o foram no latim vulgar, em castelhano, em italiano e no português dos filólogos de 1500; tanto em palavras onde entraram abusivamente (*categoria sistema autor, sacristão, tesoura, teor, teudo, conteudo* e os nomes-próprios *Santiago, Tomar, Temudo, Ataíde*), como em todos os termos doutos que na Grécia, sua pátria, eram proferidos e por isso escritos com os ditongos consonantados *theta phi, chi, rho* (para os quaes havia naturalmente caracteres especiaes: ϑ, φ, χ, ῥ, ditongos que faltavam aos Latinos e foram por eles transcritos imperfeitamente com *th ph ch rh*. — V. g. *telégrafo, telefone, teolojia, teatro, filosofia, fantasia, reumatismo, retórica, arras, trono, éco, época, pároco, cólera, monarca, máquina, mecanismo, mecánico*.

II Proscrição do *y-grego*, com valor da vogal *i*. V. g. *lagrima, cisne, tipo, ninfa, cristal, fisico, fisiolojia, tipografia*; (*lynfa sylva* são escritas latinas erradas), assim como de *k* e *w* em palavras portuguesas. — Talvez com excepção de *kilo*.

III Redução das consoantes jeminadas a sinjelas. V. g. *abade boca adido dificil agravar falar goma chama pano aparecer sete meter*. Exceptuam-se naturalmente *rr ss*, porque tem valores peculiares. Vid. *caro e carro, casa e cassa, presente e pressente*.

Lójicamente duplicaremos *r* e *s* depois dos preficsos *a, de pre, re, pro*. V. g. *assisado derrogar pressentir prosseguir ressaltar prorrogar*, (a não ser que se escreva *pre-sentir*, etc.) e compostos como *monossílabo hendecassílabo*.

IV Eliminação das consoantes nulas *m g* nos grupos *mn gm gn gd*. V. g. em *dano sono aluno aumentar Inês Madalena*.

V Eliminação de *s* no grupo *sc* quando inicial, como em *ciencia*. No interior das palavras — p. ex. em *consciencia nascimento*, etc. — não se suprime *s*, por ser uso de Lisboa pronunciar ambos os sons.

VI Eliminação de *c p* nos grupos *cç ct pç pt*, precedidos ou não de nasal como em *santo pronto distinto*, sempre que na pronúncia normal sejam efectivamente nulas, o que em regra acontece depois de *i u*

(dito escrito discrição produto escultura); ou quando (depois de *a o u*) não tenham influído no valor d'essas vogaes, abrindo-as:

Conservam-se, pelo contrário, nos numerosíssimos casos em que *c p*, não-proferidos, influíram na vogal átona precedente abrindo-a, como em *a(c)ção abstra(c)ção reda(c)ção; exce(p)ção dire(c)ção; exa(c)to re(c)to corre(c)to; dire(c)tor prece(p)tor; adó(p)ção adó(p)tar*, e tambem nos casos, igualmente numerosos, em que a pronúncia de *c* é facultativa, como em *efectivo respectivo facto pacto* [1].

VII *H*, sempre nulo, deveria suprimir-se em todos os casos, tanto no meio de palavras, onde na escrita comum servia para desunir vogaes que em regra formam ditongo *(sahimento cahir)* como no princípio de palavra, e depois de preficsos *(aderir desonesto coerente)*, sobretudo depois de *n (inerente inibir inábil)*. Onde for etimolójico *(historia homem hospede haver)* será todavia mantido provisóriamente.

As regularizações resumem-se no seguinte:

VIII Simbolização do som *j* por essa mesma letra, banindo-se o *g* diante de *e* e *i*, de sorte que *g* exerceria unicamente as funções que tem em *gato golpe gula guerra guita*.—Mas tambem neste caso recomenda-se contemporização com o uso vijente (sobretudo em princípio de palavras).

IX *X* fica com dois valores: o que tem em *caixa*, e o vário que tem no preficso *ex-* (pronunciado ora *eis-*, ora *is-*).

Em todos os restantes casos é suprido pelas letras que a pronúncia normal exije: *s* em *misto*; *ss* em *próssimo aussílio*; e *cs* em *ficso perplecso*, etc.

X Normalização dos ditongos de sorte que nos verdadeiros decrescentes, o segundo elemento seja semivogal: *i* ou *u (ai ei oi ui; au eu iu ou)*. Nunca *e o*. Nenhuma alteração se fará naturalmente nas palavras em que *io* não constitue ditongo, como em *fio rio tio*, etc.

XI Nasaes internas, antes de consoante, serão simbolizadas por *n*; por *m* apenas antes de *b p*. *Ao (ãos ães)* e *ã (ans)* no fim de palavras *(amanhã maçans)*, servirão em sílabas tónicas (como em *pavão, amarão* (fut.), reservando-se *am* para as átonas: *amam amáram* (perf.) e monossílabos átonos como *tam quam sam gram*. (Por excepção escrever-se-ha *sótão órgão orfão orégão* por causa dos pluraes em *ãos*).

XII Com respeito á acentuação gráfica, Gonçálvez Viana quer que seja completa de sorte que nunca fique dúvida com relação á sílaba tónica de um vocábulo, nem tampouco a respeito do valor aberto ou fechado da tónica ou de átonas não-enfraquecidas. Isto consegue-se

---

[1] Nem se suprimem em *Eji(p)to* por ser uso proferir o *p* em *ejípcio* (isto é numa dição evidentemente aparentada).

tácitamente, sem acentuação expressa na maioria dos casos, pelas duas leis fundamentaes conhecidíssimas [1], e quanto a esdrúxulos por meio de acentos gráficos.

Se até aqui era praxe marcar com agudo ou circunflecso só ocsítonos *(pá fé só será sofá)* e alguns graves para os distinguir de homógrafos *(fóra fôra; sede sêde; côrte gôsto)*, d'oravante serão acentuados tambem os esdrúxulos, *(pêssego, plácido)*. O acento grave, pouco usado, servirá para átonas abertas *(pàdeiro pòveiro sègeiro)* e tambem para marcar diérese de vogaes que usualmente formam ditongo *(rèunir argùir; pròibir, còerente)*.

XIII O trema desaparece, substituido pelo acento grave *(freqùente)*; o apóstrofo quási sempre: não só onde era costume empregá-lo erróneamente (como em *num neste naquele*) mas tambem onde realmente se elide a vogal da preposição *de (dêste dêsse daí*, por analojia com *do da dos das)*.

*

Segui estes preceitos aqui e alhures.

Desejaria comtudo afastar-me d'eles em alguns pontos. A nímia acentuação gráfica é incómoda e um luxo. Leva tempo e embaraça o trabalho de quem escreve.

Absolutamente indispensável em livros escolares e livros de consulta — (Dicionários, Cartilhas, Gramáticas e *Compéndios)* — parece-me dispensável em obras literárias.

Bastaria distinguir, como até aqui, alêm dos ocsítonos, os homógrafos, incluindo *vária varía; solícito solicito; dúvida duvída*. Os Italianos, cuja língua não é menos rica em esdrúxulos do que a portuguesa, seguem o sistema que recomendo.

As simplificações propostas, aceito-as todas, votando mesmo pela supressão de *h* e substituição de *ge gi* por *je ji*. Sómente hesito a respeito dos grupos *ct pt cç pç*. Aparentemente a regra que se eliminem *c p* onde a maioria culta os não profere, (marcando-se, ou não se marcando, o valor aberto que comunicaram ás vogaes *a e o*) — regra que a Academia Brasileira *adoptou* (*adòtou* ou *adotou*) tambem para os casos de pronúncia facultativa—é mais lójica do que a conservação recomendada por Gonçálvez Viana.

---

[1] Vocábulos que terminam em vogal são graves; vocábulos que acabam em consoante são agudos, exceptuando-se *m* e *s*.

Este ponto precisa ainda de exame maduro.

Com relação aos ditongos achava melhor mantivessemos *ae oe ue*, onde são *flécsionaes*, isto é na 2.ª e 3.ª pessoa singular dos verbos; e nos pluraes de nomes, por analojia com as formas regulares (*vae doe conclue; saes soes azues*, por causa de *vende vezes funções mães* etc.).

Em palavras compostas e que todo o mundo reconhece como taes — *Alemtejo comtudo comtanto emquanto emtanto* — eu conservo *m*.

Não suprimo o apóstrofo após *d*. *D'esse d'este* agrada-me mais que *dêsse dêste*. Mas sujeitar-me-hei, se a comissão quiser bani-lo.

Reconhecendo a necessidade teórica de separar *i-nad-ver-tên-cia*, *i-ne-fi-caz*, práticamente não a realizarei (ensinando sempre que evitem taes despropósitos anti-etimolójicos), como nunca direi *quáse* em lugar de *quási*; nem *quere*, em vez de *quer*.

Prefiro conservar inalterados nomes-próprios estranjeiros, tanto pessoaes como jeográficos.

Mas isto já não é questão ortográfica.

Das letras *k* e *w* mal vale a pena falar. Não é o vocábulo *kilo*, nem o nome *Wagner* que dificultam a aprendizajem da arte de ler e escrever.

Quanto a *h* e *y*, desejei muita vez aproveitá-los: *y* como segundo elemento de ditongos decrescentes. D'esse modo *saya* distinguia-se de *saía* sem que fosse preciso o acento. E *h* para desunir vogaes nunca me pareceu feio. Os antigos usavam d'este processo; e os críticos estranjeiros costumam elojiá-lo e empregá-lo. Mas de lá á substituição de *s* por *z* não seria lonje. Por isso desisti e desisto.

X — A reforma removerá, ou não, todas as dificuldades da escrita portuguesa?

Anulará as principaes. Mas não removerá todas. Nem é preciso que as remova. Todas as ortografias têm algumas; mesmo na italiana ha regras que não sendo óbvias, exijem estudo; e essas regras têm excepções. Com os meios disponíveis, servindo-nos apenas do alfabeto latino, completado com as figurações *ç ch lh nh*, sem invenção de símbolos novos, nem emprego de sinaes diacríticos, não é possível atinjir o ideal absoluto de que cada som seja sempre representado pela mesma letra e cada letra represente sempre o mesmo som.

As dificuldades que continuarão a existir na escrita portuguesa, depois de simplificada e regularizada, serão mesmo mais numerosas do que as que existem na italiana e na castelhana, porque resultam (torno a dizê-lo) da fonolojia finíssima da língua, com as suas vogaes abertas,

fechadas e reduzidas, puras e nasaes, com os ditongos, o enfraquecimento das átonas, a metafonia dos nomes e verbos *(ôvo, óvos; dêvo déves; sinto, sentes; receio, receamos; odiar odeio)*, a variedade dos pluraes, produzida em parte pela forma abreviada de muitos termos, em razão da queda de *l*, *n* entre vogaes, — particularidades com as quaes temos de conformar-nos.

Dificuldades comuns ás principaes linguas románicas são o duplo valor de *c g s;* (só em Espanha é que *s* é sempre forte), a escrita *que qui gue gui;* a distinção de *ss* e *ç*, *s* e *z*. Peculiar ao português é a distinção de *x* e *ch;* além d'isso a necessidade de não confundirmos *es* (*s* impuro) e *ex; des* e *dis; em* e *im (en* e *in); per* e *por; pre* e *pro; ou* e *ô; ei* e *ê;* assim como as átonas *o* e *u*, *e* e *i*.

Temos, como todas as línguas, homónimos: vocábulos diferençados quanto á orijem e ao significado, mas apesar d'isso homógrafos e homofónicos *(fiar* de *filare* e de *fidare; teia* de *tela* e *taeda.)* A simplificação da escrita aumentará mesmo um tanto o seu numero *(vale* representará *vallis* e *valet;* pena=*poena* e *penna: pus*=*pus* e *posui).* A par de taes formas converjentes, que empobrecem a língua, mas não causam dificuldades gráficas, ha bastantes que, comquanto sejam homofónicas, se escrevem diferentemente em razão das oríjens diversas e evoluções distintas por que passaram. P. ex. *passo* e *paço; osso* e *ouço; cinto* e *sinto; coser* e *cozer; cela* e *sela; bucho* e *buxo; feixe* e *feche; soar* e *suar; paz* e *pás*. E ha o terceiro grupo de termos, aparentados pela orijem e pelo significado, mas diversos na pronúncia e que eram iguaes na escrita comum, mas serão d'oravante diferençados por meio de acentos gráficos p. ex. *vária* e *varía; fábrica* e *fabríca; ánimo* e *anímo; cópia* e *copía; contínuo* e *continúo; princípio* e *principío; dúvida* e *duvída* (*duvída* é da 7.ª lição da *Cartilha Maternal;* e, sem acento, perturba logo os párvulos.)

Todas estas dificuldades, e outras que não menciono, serão naturalmente definidas no *Manual ortográfico* e rejistadas em sumários práticos, e no *Vocabulário*. Nas aulas de instrução primária os professores terão de ensinar as crianças a reflectirem, resolvendo sósinhas muitos problemas por analojias. Bem ensinadas elas acharão (como até aqui) graça em distinguir, mesmo na escrita, o *coser* das costureiras do *cozer* das cozinheiras; a *sela* do cavaleiro da *cela* do monje, etc., etc.

Comparadas com as incertezas, anomalias e incoerências da ortografia usada até agora, poderemos chamar mínimas as da reformada.

XI — Qual será a maneira mais prática de propagar a reforma?

Ficsada em todos os pormenores, a reforma será aprovada pela Direcção de Instrução Pública, promulgada por lei como oficial, e empregada em todos os documentos que emanem quer do governo, quer de câmaras municipaes. Ensinada nas aulas, cujas *Cartilhas*, *Livros de Leitura* e mais livros de instrução terão de ser, quanto antes, emendados em novas edições (e providos de ampla acentuação gráfica, para que se evitem silabadas), a ortografia simplificada será exijida, ao cabo de certo prazo, em exames e concursos.

Nas tipografias do Estado, e nas particulares, haverá correctores habilitados, incumbidos da revisão de todos os impressos. Habilitados (como os professores) pelo *Vocabulário* a que se refere a portaria de 15 de fevereiro, publicada no *Diario do Governo* de 17, contendo todas as palavras que oferecem dificuldades quanto á maneira como devem ser escritas. Claro que, de fácil consulta, este opúsculo, obra do Reformador principal, aussiliado por todos os membros da comissão, será acompanhado de regras concisas e claras [1].

Conforme digo na carta que particularmente diriji a V. Ex.ª, bom seria que no meio-tempo todos eles fizessem propaganda em Revistas e jornaes, angariando adesões persuasivamente, visto que

NÃO VALEM LEIS SEM COSTUMES,
VALEM COSTUMES SEM LEIS,

como dizia o eremita da Tapada.

Quanto ao público, sei perfeitamente que a muitos, tanto do secso forte como do fraco, repugna modificar a sua escrita, muito embora não lhes repugne alterar dócilmente o penteado e o traje, segundo os mandamentos caprichosos da Moda.

Acham ridículo o tornarem-se a ocupar de coisas elementares, estudadas quando eram párvulos em aulas de instrução primária. Custa-lhes ponderar os argumentos que opomos á inércia do hábito. E imajinam que para pertencer á sociedade culta, devem afastar-se do vulgo, mesmo na maneira de ortografar. Como se a prosa artística dos realmente cultos, que têm o condão do estilo, — o académico sublimado

---

[1] Os Sumários relativos á ortografia alemã constam sempre de regras, ilustradas com exemplos, e de um Vocabulário alfabético, por junto 50 pájinas, que se vendem pelo preço ínfimo de quarenta reis.

de um Sousa-Monteiro ou o popular sublimado de Trindade-Coelho — não se distanciasse do falar chão e símples dos leigos, tanto pela escolha de termos e locuções e pela sintasse artisticamente complecsa como pelo ritmo musical dos periodos; e sobretudo pela nobreza e orijinalidade dos pensamentos.

Por amor não só a seus filhos e netos, mas a todas as crianças portuguesas (tam pouco favorecidas pela sorte quanto aos meios de se instruirem), deveriam largar esse preconceito, e tomar parte na santa cruzada contra o analfabetismo, vencendo a superficial repugnância (como eu a venci), custe o que custar.

Porto, 12 de Março de 1911.

*

O artigo precedente foi já publicado n*O Primeiro de Janeiro*, de 14 á 18 de março de 1911. Com leves alterações aqui o reproduzo, o que faço a pedido do director da *Revista Lusitana* e de alguns lusitanófilos estrangeiros, — e junto-lhe mais o seguinte.

Pouco depois da publicação no periódico portuense, a comissão teve por bem agregar a si vários filólogos de Lisboa, de Coimbra, e do Porto, de competência largamente provada e geralmente reconhecida [1], assim como um jornalista e professor de instrução secundária [2].

Em sessões semanaes, só por vezes interrompidas por causa dos múltiplos afazeres oficiais de alguns dos membros, houve — de 15 de Março em diante — ampla, ponderada e escrupulosa discussão de todos os 115 parágrafos do *Questionário* de Gonçálves Viana, que judiciosamente fôra escolhido para base da reforma.

Os membros ausentes eram consultados quando não havia unanimidade, ou pelo menos grande maioria na votação das propostas.

A 23 de Agosto o *Relatório* estava assinado; aprovado pelo Ministério do Interior a 1 de Setembro; e publicado no *Diário do Govêrno* no dia 12 [3]. Em seguida saíu em opúsculo, cuja parte essencial, o *Formulário Ortográfico conforme o plano de Regularização e Simplificação da Escrita Portuguesa* [4], é precedido dos Documentos oficiais e de

[1] Os Ex.mos Snrs. Dr. António Garcia Ribeiro de Vasconcellos; Dr. A. J. Gonçálves Guimarães; A. Epifánio da Silva Dias (que declinou o encargo); J. J. Núnes; Júlio Moreira.

[2] Manuel Borges Grainha.

[3] No 213.

[4] Exposto em 46 artigos.

uma Introdução relativa ás Bases da reforma; e seguido de um *Prontuário*, ou seja Súmula das principais regras que se hão de observar na escrita [1].

Embora na justa esperança de finalmente verem debelada por uma disciplina racional a anarquia gráfica que dava ares de bárbara á língua portuguesa, os impacientes desejassem ainda maior rapidez, não se pode negar que para um país, em que *todas as coisas são vagarosas, salvo os desgostos da vida*, a Comissão trabalhou com zelo muito louvável. Oxalá que todas as reformas de que carecemos, se realizem assim!

Para os que gostam de se informar do indispensável, com dispêndio diminuto de forças e de tempo, sem a ambição de assimilarem motivações eruditas, real ou aparentemente complicadas, os preceitos do *Formulário* fôram por um dos reformadores condensados em meia dúzia de palavras, isto é, em *Dez Mandamentos*, dispostos numa folha, a modo de mapa [2]. Os interessados, mas inexpertos, quer professores, quer estudantes, quer jornalistas, ou tipógrafos, revisores, etc. poderão consultá-lo com proveito, pregado na parede, á altura dos olhos, ou colado na pasta sobre a qual costumam escrever [3].

Os párvulos que principiam a aprender o *A B C*, tambem já fôram contemplados com uma Cartilha sensata e atraente, refeita em concordância com a Reforma [4].

---

1 *Bases para a Unificação da Ortografia que deve ser adoptada nas Escolas e Publicações Oficiaes*, Lisboa 1911. — Preço 50 reis. — Reimpresso no Porto, em elegante folheto de cerca de 70 pgs. custa 60 rs. (Livraria de Clavel). Claro que a emprego aqui mesmo.

2 *A Reforma Ortográfica em meia-dúzia de palavras.* — Lisboa, Guimarães & C.ª, 1911 — Preço 20 reis, pelo correio 25. — Obra de popularização de Cândido de Figueiredo.

3 Para esse fim aconselharei a reimpressão em cartões. — PS. Esse desejo já está realizado. O Sr. António Barradas fez imprimir cartões, em forma de bilhetes postais com um resumo da *Ortografia portuguesa oficial*. É pena que a matéria não fosse limitada a uma só pagina. O mesmo autor publicou um *Pequeno Vocabulário Ortografico* (Porto, 1911). Contendo apenas os exemplos contidos no *Formulário*, é insuficiente.

4 M. Borges Grainha, — *Método intuitivo legográfico e mecânico para ensinar a ler, escrever e contar.* — 2.ª ed. acomodada á nova ortografia oficial. — O sistema de ensinar a princípio apenas nomes vulgares de coisas concretas que possam ser representadas em gravura é evidentemente muito bom, e agrada ás crianças. Quanto á combinação do ensino da leitura e da escrita, nunca me conformei com ela. Na prática não dá os resultados ambicionados, porque a ordem que racionalmente se deve seguir em ambas as artes é muito diversa, e tambem o tempo que nisso se gasta.

Breve hão de seguir, seguramente, as outras que amo (de João de Deus e Trindade Coelho), remodeladas no mesmo sentido; *Livros de Leitura* como os excelentes do mesmo benemérito, e *Compêndios* de todas as espécies [1].

Já se prepara e anuncia a reedição, alterada segundo as resoluções da Comissão, do *Vocabulário ortográfico e ortoépico* de Gonçálvez Viana, e do *Novo Dicionário* de Cândido de Figueiredo, o benemérito popularizador, que tem continuado a fazer propaganda eficaz a favor das simplificações nas Nótulas sobre *Falar e Escrever*.

Dos diários e periódicos (que poderiam prestar serviços inestimáveis, se a revisão não fosse neles em regra deficientíssima) muitos vão entrando no bom caminho, embora com hesitações.

Do estrangeiro chegam aplausos e adesões entusiásticas. As vindas de além-mar, tendentes á unificação da linguagem literária dos dois países, tem importância particular.

Independentemente dos trabalhos de cá, fôram apresentados em Maio á *Academia Brasileira* umas propostas de emenda da reforma por ela iniciada no ano passado — pautada pela de Gonçálvez Viana, mas com divergência lastimável em alguns pontos capitaes, conforme indiquei [2]. Da sua discussão resultou aderirem ás regras portuguêsas, relativas a consoantes geminadas e aos símbolos *s* e *z*, *ss* e *ç*, [3], de sorte que no futuro só haverá divergências de pouca monta [4], se ela vingar.

Para facilitar a introdução da ortografia simplificada, cá como lá, dentro do triênio de tolerância concedido pelo Govêrno, eu advogo ainda a publicação de um Livrinho barato que seja Sumário e Vocabulário ao mesmo tempo. O Sumário conterá regras, muito singela e claramente expostas, acompanhadas de e x t e n s a s l i s t a s, b e m o r d e n a d a s (e m g r u p o s) d e e x e m p l o s, t i r a d o s d a l i n g u a c o m u m, com inclusão dos termos scientificos mais usados, tanto mais abun-

---

[1] Emquanto se imprimiu este artigo, sairam diversos, conforme vejo na *Educação Nacional* de 18 de Novembro e em vários numeros do *Diário de Notícias*.

[2] As do Snr. Mario de Alencar fôram retiradas por motivos que ignoro, mas renovadas, após curto prazo, por outros Académicos.

[3] Creio que nos espiritos dos contendores actuaram palavras enunciadas por Gonçálves Viana na nova Academia das Sciências de Lisboa, e transmitidas pelo ilustre historiador o Snr. Lúcio de Azevedo. Dissera ele que em nenhuma parte da América hespanhola, a não ser individualmente ou por artificio, se faz hoje em dia na pronúncia a minima destinção entre os sons *s* e *z* (*ss* e *ç*), e não obstante esse facto, a ninguem ocorreu uniformizar as respectivas letras.

[4] Vid. *Jornal do Comércio*, de Rio de Janeiro, de 9 de Julho de 1911.

dantes quanto menos intuitivas essas regras sejam para os leigos: isto é para os que não sabem latim nem castelhano, e por isso não se podem importar de etimologias. Tenho em mente sobre tudo os problemas do *s* e *z*; *ss* e *ç*; *ch* e *x*; *des* e *dis*; *es* e *(h)is*; *o* e *u*; *ô* e *ou*, e dos grupos *ct pt cç ps*, com *c* e *p* ora pronunciados, ora facultativos, ora mudos e meros indicadores da influência que exerceram nas vogaes precedentes.

O Vocabulário, alfabético, queria-o constituido apenas por essas mesmas dições [1] com exclusão das numerosíssimas que não oferecem dificuldades. Um tal livrinho, manuseado constantemente por todos quantos escrevem, e que aos professores dos estabelecimentos de Instrução primária e secundária servisse de matéria-prima para exercícios variadíssimos, prestava seguramente bons serviços, e seria bem aceite pelo público.

O público! Qual foi o acolhimento que fez á Reforma? Naturalmente as opiniões estão divididas. Houve e ha entusiastas; críticos; indiferentes; e adversários.

Reaccionários rombos, avessos a todo e qualquer progresso, aos quais as quarenta e tantas regras mostraram, pela primeira vez, quantas e quais são as dificuldades da ortografia nacional, entendem que fômos nós que as inventamos, baralhando e complicando tudo. Constou mesmo que esses descontentes iam angariar assinaturas afim de reclamar a revogação da portaria de 1 de Setembro.

Outros, veteranos, aprovando benévolamente que para as gerações novas se facilite e democratize a arte de ler e escrever, exigem comtudo tolerância para si próprios, porque não lhes vale a pena mudar hábitos profundamente radicados. Ainda outros decretam que bastava banir os símbolos gregos *y k ph th rh*, e as inúteis consoantes duplas, pretendendo que a comissão excedeu os limites que uma evolução razoável impunha.

Á esquerda figuram avançados que desejariam ir muito mais longe do que nós, fonetizando *á outrance* sem consideração para com a história e as origens dos vocábulos. Comodistas, que aceitando as simplificações se insurgem contra as complicações da acentuação. Aceitando, a custo, o acento agudo para vocábulos esdrúxulos declaram

[1] Na Alemanha, onde tambem houve reformas Ortográficas, toda a gente recorre em casos de dúvida a um Manualzinho publicado por ordem do Ministério de Instrução: *Regeln für die deutsche Rechtschreibung nebst Wörterverzeichnis. — Preis 15 Pfennig.* — Eu possuo a edição de 1902 (Berlin, Weidmaunsche Buchhandlung.

perfeitamente dispensável o circumflexo e o grave, e têm horror sobretudo a dois sinaes diacríticos no mesmo vocábulo [1].

Certos estetas encaram as modificações segundo as suas ideias personalistas de beleza; tremem de indignação, e velam a cara ao ver despidos das suas roçagantes roupagens os *hymnos* helénicos, reduzidos, coitadinhos, á nudez plebeia de *ino* ou *hino* [2]. Não se lembram que a verdadeira culpada, se culpas ha nessas evoluções é a *pronúncia nacional* e que o remédio seria enunciarem todas as cinco letras á grega como fazem os Alemães, irmãos gêmeos de Platão e Píndaro, ou usarem de qualquer sinónimo ou circunlóquio.

Os peritos, familiarizados com a origem e a história d'esta bela língua occidental, fonética e morfológicamente a mais curiosa e delicada d'entre as românicas, reconhecem o alto valor da obra realizada, comquanto lhe notem algumas falhas que no futuro deverão ser sanadas: incoerências e condescendências com usos maus, só por serem muito radicadas.

Sabedores de que a acentuação complicada é conseqùência fatal das subtilezas da fonologia portuguesa, não a censuram, sujeitando-se a ela. Lamentam que se conservasse a combinação *sc* [3]; *ge gi* a par de *je ji*; *h* no principio de palavras, sendo ele banido do interior, de onde resulta *hábil* ao lado de *inábil*, *humano* e *desumano*, *honra* e *desonra*, *heleno* e *fileleno*.

Lamentam principalmente a conservação do *x* com todas as cinco

---

[1] *Lingùistico! seqùência! exeqùivel!*

Só os Franceses teem coisas parecidas *créé — révélé — légèreté — âpreté — déjà*.

Mas o francês é... francês! Ás línguas estrangeiras muita gente dedica esforços afectuosos, que nega ao português.

[2] Será contraveneno eficaz a informação que poetas excelsos como Guerra Junqueiro, Afonso Lópes Vieira e Correia d'Oliveira, escreveram numerosas vezes *hino*, muitos antes da reforma? E a outra: que os ingleses pronunciam *him!* — os Franceses aristocraticos *imn!* — os Castelhanos *imno!* — e que os Italianos, mais coerentes do que todos os outros, porque dispensam *h*, dizem *inno* e escrevem *inno* — sem que os seus olhos e ouvidos, saturados de beleza clássica e romântica, se sintam ofendidos? — Talvez!

[3] Idealistas, de pura agua, pretendem que seria bom transformarmos todos os digramas do alfabeto português em caracteres simples: tanto *qu gu* (com valor de *k* e *g* gutural) como *lh nh ch*, e que além disso seria valiosíssima a transformação incondicional de *c* sibilante em *ç*, apesar de as outras linguas românicas ainda não haverem utilizado esse expediente. — Mas, se em letra redonda a transformação por meio de intima ligação das duas letras, seria fácil (menos em *lh*), não acontece o mesmo com a letra manuscrita. Os caligrafos e tipógrafos deveriam examinar e resolver o problema. Em futuros anos.

funções que exercia na escrita condenada, de sorte que, contra a regra fundamental de todos os vocábulos que se diferençam na fala terem de ser diferençados na escrita, não se distingue na nova ortografia entre *fixe* que eu escrevo *ficse* (subjuntivo de *ficsar*) e o adjectivo popular e substantivo técnico *fixe (fiche)* nem tão pouco entre *axe (acse, axis, eixo)* e o *doe-doe* infantil.

Além disso podiam apontar pequeninas inconsequências: *emtanto emquanto emque* a par de *conquanto contanto* etc.; *mãe* a par de *pai; doi* a par de *põe dispõe* etc.; a acentuação de *ê ô* fechados quando puras, e a de *éi éu ói* abertos, quando nasaes; *ã* ao lado de *em im om um*. Minúcias, mas só em parte defeitos inevitáveis.

Eu pertenço a este número.

Acho todavia que, em suma, devemos congratular-nos por possuirmos agora ortografia muito simplificada, que, respeitando a história da língua e o seu desenvolvimento gradual, dá á grande maioria das palavras, exteriorização gráfica adequada, e irmana em mérito com a castelhana e italiana.

Porto, Novembro de 1911.

CAROLINA MICHAËLIS DE VASCONCELLOS.

Animaes com luzes nos galhos

LENDA POPULAR

A lenda applicada em Portugal aos Franceses, aos Hespanhoes, aos Mouros. — Influencia christã. — Viriato e os Romanos por influencia litteraria. — Animaes que auxiliam os homens na guerra. — A lenda na Italia e na França. — Hannibal. — Os Hyperesianos. — Origem da nossa lenda.

Em varias partes da Beira conta-se que no tempo da guerra dos Franceses os nossos uma noite, reunindo rebanhos de cabras, puseram luzes nos galhos d'ellas, — o que levára o inimigo a cuidar que eram numerosos soldados que lhe iam ao encontro, pelo que debandou immediatamente. Ouvi isto a um homem de Cambres (Lamego); e á mesma tradição me refiro nas *Tradições Populares de Portugal,* Porto 1882, p. 44.

Parallelamente aos Franceses figuram os Hespanhoes, pelo menos em duas narrações respectivas á Guerra da Restauração (1641-1668).

A primeira allude á batalha de Travanca (Alto-Minho), iniciada de 9 para 10 de Agosto de 1662, e que ficára indecisa. Copio-a do valioso livro intitulado *Paredes de Coura,* do Dr. Narciso C. Alves da Cunha, Porto 1909: «Na noute de 9 para 10 appareceram illumina- »das, miraculosamente, as pontas do gado manadio que pascia no »monte e que então costumava ser muito numeroso. O inimigo, obser- »vando o estranho caso, suppôs serem soldados portugueses com lu- »zes; e intimidado com *tamanho exercito,* bateu em retirada no dia 10, »sempre acossado pelos nossos. Foi S. Lourenço, continúa a lenda, que, »por esta fórma, quis assignalar o dia que a Igreja lhe consagra (10 »d'Agosto), manifestando-se a favor dos Portugueses» [1]. — Como o nosso povo, sobretudo no Norte e na Beira, é nimiamente religioso,

---

[1] *Ob. cit.*, p. 60.

não podia, conforme se vê, deixar de admittir em cousas d'estas alguma influencia sobrenatural; e aqui escolheu S. Lourenço, por causa da connexão que estabeleceu entre o lume que aquèceu a grelha em que foi queimado o santo, e as chammas que se mostraram nos galhos do gado. Por motivo analogo se tem geralmente S. Lourenço como advogado dos incendios; e já os romanos consideraram assim tambem Vulcano, por ser deus do fogo [1].

A segunda narração é posta assim por Camillo Castello Branco, com a maxima naturalidade, na boca de um dos personagens dos *Mysterios de Lisboa:* «Andavam as guerras do Sr. rei D. Pedro II com o »rei de Hespanha. Os perros dos Hespanhoes tinham entrado por Cha»ves, e estavam ahi acampados no Val de Aguiar, d'aqui legoa e meia. »Eu, quando o soube, estava-me cozendo cá por dentro, e disse a meu »pae, Deus lhe perdôe: — Vou fazer fugir aquelles diabos. — Puse»ram-se a rir de mim, e vai eu que faço? Vou pelo *povo*, e por outro »que ahi está ao fundo da serra, que se chama Povoa, e pedi as lan»ternas de andar de noite á rega. Ao lusco-fusco, acendi-as e botei »fóra a rês («rebanho de gado lanigero»). Pus-lhe, com sua licença, »nos galhos as lanternas, e disse ao pregureiro: — Anda lá p'ra diante »co'esse gado. Havia cá em casa um tambor de andar co'os entreme»ses de entrudo, botei-o p'ro cachaço, e fui, fui, até avistar o acampa»mento dos perros. Apenas cheguei ao alto, comecei a tocar o tambor, »e as cabras a descer com as lanternas, com sua licença, nos galhos. »Neste comenos, o inimigo toca tambores e cornetas, que parecia um »inferno. E eu a descer pela montanha com a rês... Não lhe digo »nada... Os Hespanhoes não pararam senão em Chaves, e levaram »tapona de criar bicho, porque foram encurralados na praça pelas tro»pas que vinham lá de por ahi abaixo de Guimarães» [2]. — Camillo, apesar de dizer em nota «é verdadeiro e notorio este facto», falou aqui como romancista, e não como historiador, porque não só o rei D. Pedro II não foi entidade que, como tal, pudesse figurar numa lenda chaldeã d'esta especie, mas tambem não se conhece no concelho de Chaves nenhuma povoação ou lugar com o nome de Val de Aguiar. Em todo o caso consta-me que no brasão dos antigos morgados da Tapa e

[1] Comtudo na Beira diz-se que em dia de S. Lourenço arde sempre uma casa (*Ensaios Ethnographicos*, III, 291). Antinomias do povo!

[2] Liv. II, cap. XVI (a p. 244 da 5.ª ed., Lisboa 1878). Devo a indicação d'este trecho á Ex.ma Sr.a D. Maria Angelica Furtado de Mendonça. — Com quanto eu tivesse já lido o romance camilliano, isto foi ha muito, em epocha em que eu me não occupava ainda de Ethnographia, e não me lembrava agora do passo alludido.

Cidadelhe, cujo solar está no concelho de Villa Pouca de Aguiar, figuram dois chavelhos, que os descendentes d'aquelles fidalgos interpretam como allusão a um imaginario pastor seu antepassado, o qual não é senão o de que falla Camillo [1].

Outros applicam a mesma lenda aos Mouros, por exemplo no concelho de Paredes [2]. No do Marco de Canaveses, onde perduram muitas ruinas de oppidos ou *castros* da epoca lusitana e lusitano-romana, a historieta localiza-se em um d'elles: as luzes consistiam em archotes atados aos galhos de cabras, e os Mouros fugiram igualmente cheios de pavor [3]. Em Villar de Figos, concelho de Barcellos, diz o povo que os antigos tomaram aos Mouros o castello da Franqueira: «Tendo os christãos sitiado o castello, e defendendo-se elle obstinada»mente, os habitantes d'esta parochia juntaram certa noite um grande »rebanho de cabras, penduraram-lhes nas pontas velas accesas, e to»mando o caminho de Barcellos, marcharam com grande alarido sobre »o castello, o que animou os sitiantes e determinou os sitiados a ren»derem-se, imaginando que de Barcellos haviam chegado ao acampa»mento dos christãos grandes reforços [4]».

A crença christã que se nos patenteia na narrativa de Coura patenteia-se-nos noutras dos Interamnenses, como é natural. Abra-se o opusculo do P.e Ferreira Caldas, que tem por titulo *Local e gruta-ermida de Nossa Senhora do Carmo da Penha na serra de Santa Catarina, cercanias de Guimarães*, Guimarães 1873, e ahi se lerá o que vou transcrever: «Alguns passos ao sul da capella ha um grupo »de penedos, e a um d'elles, escavado no centro em fórma de pia »irregular, e com buraco numa das paredes, que olha para o poente, »chamam aquelles povos [5] a *Cama de Santa Catharina*, e é nelle que »fundam a seguinte tradição: — Em tempos que já vão longe, contam

---

1 O meu antigo condiscipulo Dr. Arnaldo Torres, medico militar em Chaves, de quem recebi estas noticias, acrescenta que ainda hoje ali, bem como em Villa Pouca de Aguiar e no Porto, ha representantes da familia da Tapa e Cidadelhe. — Os chavelhos já se vê que tem outra origem. Os entendidos em Heraldica poderão dizer alguma cousa do assunto, pois eu por mim só conheço brasões com animaes corniferos (por ex.: cabras nos brasões dos Cabraes, dos Cabreiras, dos Cabritas e dos Rèsendes; touro ou meio touro nos dos Pimenteis e dos Tourinhos; borregos e carneiros nos das familias d'estes nomes); com simples galhos não conheço.

2 Vid. os meus *Ensaios Ethnographicos*, I, 19.

3 Informação do Sr. Dr. João de Vasconcellos.

4 Pinho Leal, *Portugal Antigo e Moderno*, XI, 1210. — Esta informação foi o Sr. Dr. F. de Athaide Oliveira quem m'a ministrou.

5 [Isto é, os povos d'aquellas cercanias].

» elles, que a Santa Virgem [1] pastoreava por aquelles desertos numerosos rebanhos. De dia reclinada á sombra d'aquellas rochas, de noute deitada no seu tosco leito de granito, era atalaya vigilante dos povos christãos contra a *Mourama*, que nessas epocas assolava as nossas terras. Uma noute viu ella que uma numerosa legião de Mouros, illuminada por fachos ardentes, descia raivosa sobre Guimarães, como descem os abutres sobre a presa incauta. As horas eram mortas, e as victimas dormiam a somno solto. — Como preparar uma defesa? Catharina, que era a protectora dos christãos, lembra-se de um plano engenhoso, e com elle esta mulher sòzinha salva os seus protegidos! Ata velas accesas nas pontas das suas cabras, e dirigindo-as com o seu bordão, obriga-as a descer a montanha quasi em fórma. Então os Mouros, já perto das portas de Guimarães, divisando na encosta tão grande numero de luzes, supõem um grande exercito inimigo, e tomados de susto ferem-se e despedaçam-se em retirada vertiginosa, deixando os christãos nas delicias do repouso! — Tal é a fabulosa lenda, que ainda hoje embala o espirito d'aquelles camponeses!» [2]

Sem especificação de Mouros, mas certamente com o pensamento nelles, narrou-me isto um homem de Baião, conforme ao que elle tinha ouvido a velhos: S. Torquato [3] andava em guerra, e o inimigo matou-lhe muita gente; mas por milagre de Deus, appareceram-lhe muitos cabritos com archotes accesos e atados nos galhos, e o inimigo, cuidando que eram tropas do santo, fugiu, e S. Torquato venceu.

Em Mello, concelho de Gouveia, como me contou um aldeão de lá, os Christãos queriam correr com os Mouros para fora da villa. Não sabiam o que haviam de fazer. Lembraram-se então de pôr de noite em cada chavelho de sua cabra uma vela accesa, e tiraram o gado do curral. Os Mouros, assim que viram tanta luz, entraram a ter medo, porque cuidavam que eram soldados inimigos, e abalaram.

Tambem já ouvi attribuir o feito á epoca dos Romanos [4], por infinencia litteraria, pois que o nosso povo não conserva no seu thesouro tradicional a palavra «Romanos». Segundo essa versão, a scena passar-se-hia na Cava, e o autor do estratagema seria nada menos que Viriato, heroe antigo, que não só não temos razão nenhuma historica para dizermos que era beirão, mas cujo nome desappareceu tambem por completo da memoria do vulgo, apesar do que affirmam muitas

---

1 [Isto é, Santa Catharina].

2 *Op. cit.*, pp. 19-20. — Ao meu amigo Abilio Brandão agradeço o ter-me dado noticia d'esta lenda.

3 A pronúncia popular é *S. Tocatre*.

4 Vid. *Tradições Populares de Portugal*, p. 44.

pessoas demasiado crentes em contos, e ao mesmo tempo esquècidas das leis psychologicas que regulam a formação e diffusão das tradições populares [1]. Por ser bastante curiosa, reproduzo na integra a informação que em 1881 me deu por escrito o Sr. José Correia da Silva (Viseu):

«Dos monumentos antigos que ha na cidade de Viseu o mais notavel é a *Cava do Viriato*. Conta-se que no seu tempo os Romanos entraram em Vizeu e fizeram aquelle acampamento: levantaram um monte de terra redondo: pela frente batia com a cidade, e por detrás pegava com umas lages de pedra, as quaes batiam com duas povoações chamadas, uma *Sculca* [2] e outra *S. Tiago*, cujos [3] habitantes eram quasi todos pastores de cabras e vendedores de leite: e para isso tinham, e tem, grandes rebanhos de cabras, carneiros, ovelhas e cordeiros. Viriato, como não podia pôr fora os Romanos, porque não tinha gente bastante para isso, usou de um outro meio: foi ás duas povoações e disse-lhe(s) o que queria, que era isto: em uma noite muito escura deviam juntar todos os rebanhos e pôr em cada chavelho um lampeão acceso, e todos os pastores tocando em buzinas que para isso lhe(s) deu. Assim fizeram na dita noite, e o mesmo fizeram os soldados de Viriato, os quaes se puseram á unica porta que havia do lado da cidade para serviço do acampamento. Os Romanos, que não sabiam nada do que se passava, quando ouviram o toque das buzinas e viram as luzes pela lage fora, começaram a dizer que era o poder de Deus que vinha a expulsá-los d'ali para fóra, e começaram a fugir para a porta; mas Viriato começou a matar nelles, que não deixaram [4] nenhum, e ficaram com tudo o que estava no acampamento, que ainda hoje dura» [5].

*

Ha, em verdade, exemplos de os animaes ajudarem aos homens na guerra: lembrarei, no que toca a tempos antigos, os elephantes, de que se serviram Orientaes, Gregos, Africanos, e Romanos [6], estes

---

[1] Vid. *Poesia amorosa do povo português*, Lisboa 1890, p. 77 sgs, e *Religiões da Lusitania*, III, 116-125, e 156-157; cfr. tambem Borges de Figueiredo na *Revista Archeologica*, IV, 27 sgs., e 62 sgs.

[2] «Esculca».

[3] [No texto está «os quaes»].

[4] [Na mente do narrador estava «Viriato e os seus», por isso usou o plural].

[5] Eu proprio ouvi em Viseu allusões á mesma lenda de Viriato.

[6] *Dict. des antiquités*, de Daremberg & Saglio, s. v. «elephas», p. 537 e sgs.

ultimos até contra o bravo capitão dos Lusitanos, antes citado [1]; e no que toca a tempos modernos o que succedeu na Ilha Terceira, na guerra contra os Felipes: os Portugueses, para em certo apuro se defenderem dos Castelhanos, trouxeram para o campo muito gado vaccum, e espantaram-no sobre o inimigo com aguilhões e fogo de arcabuzes, do que resultou a derrota d'elles [2]. Por outro lado não faltam bem assim noticias de estratagemas organizados com o auxilio do lume [3]. Todavia não padece duvida que a narrativa do nosso povo, tal como acima a apresentei, e de mais a mais com multiplas applicações, pertence á classe das lendas [4]. E nem sequer é lenda original: encontra-se noutros paises, e ascende mesmo á antiguidade classica.

Por informações epistolares que recebi dos illustres folkloristas, italianos os Srs. Giuseppe Pitrè (já citado numa nota antecedente), Stanislao Prato, e Molinaro Dal Chiaro, sei que a lenda corre na Italia propria (Apulia, Romanha, Marcas, Emilia, Umbria, Lombardia, etc.) e na Sicilia.

Tambem corre na França:

a) «L'antique cité de Valcabrère (*Vallis Capraria*) fut prise par »une ruse de guerre:.. l'ennemi se procura un grande troupeau de chè»vres, leur attacha des flambeaux aux cornes et les lâcha sur une des »portes. Les habitants s'y portèrent en foule, laissant dépourvu de

---

1 Appiano, *Iber.*, cap. 67.

2 *Annaes da Ilha Terceira*, I (1850), 223-224. — Foi o Sr. Annibal Fernandes Thomás que me chamou a attenção para este passo.

3 Garibaldi, antes do dia 27 de Maio de 1860, para fazer crer aos soldados borbonicos e ao governo que possuia tropas numerosas, embora ellas fossem pouquissimas, mandou correr pelas montanhas, de tarde e de noite, alguns dos seus voluntarios com fachos accesos (De uma carta que o Dr. G. Pitrè me escreveu).

4 Ás vezes, parallelamente a factos como o que mencionei na nota anterior, e como o da Ilha Terceira, ha outros que são tambem lendarios, por exemplo:

Perto do logarejo dos Geraldos, concelho de Castro Verde, ergue-se o monte de S. Pedro das Cabeças, onde é tradição que foi a batalha do *Campo de Ourique*, e d'onde se avista o monte da Altura das Cachaçudas. Em 1897 andei por esses sitios, e ouvi contar que o rei português ordenára que cada um dos seus soldados accendesse na Altura das Cachaçudas sete fogueiras: assim enganou os Mouros, levando-os a crer que dispunha de muitos combatentes. — Este conto em parte é de origem litteraria, em parte tem elementos populares, por exemplo o numero «sete».

Na *Biblia*, «Juizes», XV, 1-5, narra-se que Samsão, o qual tinha por vezes furias de braveza, resolvêra em uma d'ellas vingar-se de seus inimigos, incendiando-lhes campos, vinhas e olivedos, com trezentas raposas a cujas caudas, unidas duas a duas, ligára fachos accesos. — Cfr. Sulpicio Severo, *Chronica*, I, 27.

»garnison un autre point, des remparts qui livra entrée aux assail»lants» [1].

b) «On racconte aux environs d'Alise Sainte-Reine, que pour s'em»parer de la ville du Mont Auxois, César rassembla tous les bœufs qu'il »put trouver dans le Morvan, leur fit, la nuit, attacher à chaque corne »une chandelle allumée, puis les poussa du côté de la ville: les Gau»lois effrayés de ce spectacle étrange et nouveau, se rendirent» [2]. — Como observa com razão o Sr. Paul Sébillot, a intervenção de Cesar nesta lenda moderna é devida certamente ás excavações archeologicas que se tem feito em Alise, onde muitos suppõem que foi Alesia, cidade tomada por Julio Cesar aos Gallos, commandados por Vercingétorix [3]. É isso comparavel ao que entre nós se passa com Viriato.

c) «Un stratagème analogue contribua à la levée d'un siège: Cer»tains soldats qui gardaient le Chasteau du Marquis de Molaust en »Quercy, pendant les guerres de la Ligue voyans leur place bloquée.. »empescherent de boire leurs vaches l'espace de trois jours, après les»quels ils leur attacherent aux cornes des flambaux ardans: ils les las»cherent ensuite sur la minuit, du costé où les ennemis s'estoient »campez proche de la fontaine, ou le bestail alloit boire avant le siège. »Les bestes y courans à bons et à saults, espouvanterent tellement »les assiegeans, sur la creance que ce fussent des Diables, que quit»tans leurs retranchemens, ils furent battus des assiegez et obligez á »la retraite» [4].

É provavel que a lenda exista noutros paises, principalmente no vizinho reino; no emtanto as informações que a tal respeito pedi aos Srs. Menéndez Pidal (Hespanha), J. Bolte (Allemanha), e Hoffmann-Krayer (Suiça), todos elles bem conhecidos por seus trabalhos neste genero, foram negativas.

Depois de vermos a lenda na actualidade, voltemo-nos para o passado.

A ninguem que possua uns conhecimentos de historia romana escapará que ha um episodio analogo a ella nos fastos de Hannibal (segunda Guerra Punica, sec. III a. C). Conta Polybio que quando o grande general carthaginês andava em luta na Italia com Quinto Fabio Cunctator, aquelle se vira encurralado por este em lugares de difficil

---

1 Fiancette d'Agos, *Études sur la Basilique de Saint-Just et les antiquités de Valcabrère*, 1857, p. 66, apud E. Rolland, *Faune populaire de la France*, t. v, p. 204-205.

2 *Revue des trad. pop.*, t. IX, p. 78.

3 *Folk-lore de France*, IV, 311.

4 P. Sébillot, *Folk-lore de France*, IV, 311.

saída, e que por isso imaginára o estratagema seguinte: mandou fazer á pressa o maior número possivel de archotes de varias especies de lenha sêca, e juntar diante do acampamento cêrca de dois mil bois, dos mais fortes, e habituados á canga, escolhidos de entre toda a sua prêsa; a horas convenientes, alta noite, deu ordem para que se accendessem os archotes, e os bois fossem tangidos pelos lanceiros para as cumeadas da montanha. Entretanto Hannibal, collocando na frente os soldados que levavam armas pesadas, depois d'estes os cavalleiros, em seguida a prêsa, e por fim os Iberos e os Celtas (tropas auxiliares), dirigiu-se para uma portella, a fim de escapar. As centinellas romanas, julgando, ao verem tantas luzes, que Hannibal lhes ia ao encontro, accorreram ás alturas; acercando-se porém dos bois, ficaram embaraçadas acêrca de que seriam as luzes, e pensando que haveria perigo maior do que o que realmente havia. Fabio, por um lado sem saber o que faria, e por outro presumindo cilada, deixou-se estar tranquillo no acampamento, e esperou o dia. Isto facilitou a retirada dos Carthagineses [1]. — O mesmo, pouco mais ou menos, se lê noutros autores: em Tito Livio, *Ab Urbe condita*, XXII, 17, em Plutarcho, *Vida de Fabio*, cap. VI, em Frontino, *Stratagematicon*, I, V, 28; e com ampliações poeticas, em Silio Italico, *Punica*, VII, 311-376, o qual, referindo-se aos animaes, ora diz *boves*, ora *iuvenci*, ora *armenta*. Cornelio Nepote, *Vida de Hannibal*, cap. V, ou segue uma versão um pouco differente da de Polybio, ou a condensa muito, pois escreve que Hannibal accendeu de noite ramos de vides atados aos galhos de novilhos, e espalhou depois o gado, infundindo com isto tamanho terror no exercito romano, que ninguem ousou sair para fóra da estacada. — Tambem Quintiliano allude ao caso na *Institutio oratoria*, cap. XVII.

Não param aqui os parallelos. Os habitantes de Hyperesia, na Achaia, diz Pausanias, como julgassem não se poder medir com os Sicyonios, seus adversarios, juntaram cabras, quantas tinham á disposição na sua terra. Reunindo-as, ataram fachos aos galhos d'ellas, e quando era noite velha, accenderam os fachos. Os Sicyonios, por pensarem que vinham tropas auxiliar os Hyperesienses, e que a chama provinha do lume que essas tropas accendiam, voltaram para a patria, e trocaram á cidade o nome de *Hyperesia* pelo de *Egira*, isto é, Αἴγειρα deduzido do das cabras, visto que «cabra» em grego é αἴξ genetivo αἰγός [2]. — Na sua traducção (inglesa) de Pausanias, põe Frazer uma nota a este lugar, na qual se refere á connexão que Farnell estabelece entre a lenda relatada pelo geographo e o costume que

[1] Polybio, *Hist.*, III, 92-94, ed. de Didot.
[2] *Descripção da Grecie* «Achaia», cap. 26.

os Gregos tinham de atar tochas aos galhos das cabras, no culto de Artemis, e as fazer percorrer os campos, com o fim de, por magia sympathica, se despertar o calor fecundo da terra, á maneira do que na moderna Europa se pratica, segundo o que vem em Mannhardt, *Wald- u. Feldkute*, I, 497, sgs [1].

Mesmo que o estratagema de Hannibal não estivesse revestido de circunstancias extraordinarias, bastava esta diffusão do conto para mostrar que nenhum credito historico merece tal estratagema; é pois fundadamente que Carrion-Nisas o alcunha de «patranha» *(vieille sornette)* [2]. Sem embargo, ainda hoje na Italia (Apulia), como me imforma em carta o Sr. Dr. Stanislao Prato, *i pastori, affine di preservare il greggie dall' assalto dei lupi la notte soglione legare faci ardenti alle corna di montoni; di questo mezzo anche si valgono come di valida protezione dal mal d'occhio, o fascino contro il greggie:* esta superstição é quasi identica á cerimonia que acima citei do culto de Artemis, deusa da caça e dos bosques. O que por uma parte se perpetúa em fórma de lenda, que regala a imaginação e lisonjeia o patriotismo, perpetúa-se por outra parte como alimento de vida religiosa; assim se explica que a historieta, de que me occupo, tenha existencia tão longa e tão dilatada, no tempo e no espaço.

Não creio que a lenda moderna seja de origem literaria, comquanto me pareça muito provavel que na Italia se revivifique constantemente por influencia da leitura escolar dos autores gregos e romanos que tratam d'ella, e porque o que estes contam dos Carthagineses se refere ao proprio solo italiano. Ella, nas versões portuguesas, apresenta mesmo analogia um pouco maior com as dos Hyperesienses, do que com a de Hannibal, quer no effeito que as luzes produzem (aspecto de tropas de refôrço, em vez de annúncio de cilada), quer na qualidade do gado (cabras da região, em vez de bois de prêsa militar). Além disso, do mesmo modo que na Achaia connexionam o nome de Egira com «cabra», tambem em França connexionam Valcabrère: havemos de entender que foram os nomes das povoações que deram motivo a que as fábulas se localizassem.

É curioso que, vogando hoje a lenda na Italia, na França, e na Peninsula Iberica, appareçam precisamente Celtas e Iberos no que Polybio diz dos feitos italianos de Hannibal, de onde alguem se arriscaria a suppor sem difficuldade que os mesmos feitos eram verdadei-

---

[1] Pausanias's *Description of Greece*, IV (1898), 178.

[2] *Essai sur l'histoire générale de l'art militaire*, Paris 1823, t. I, p. 241-242.

ros, e que aos soldados se deve a noticia d'elles, espalhada nas respectivas terras. Ao que já fica ponderado acêrca da inverosimilhança historica da narração antiga, acresce que uma lenda de raizes tão numerosas e tão fundas não se originava em um mero conto de caserna; torna-se necessario admittir contacto demorado de povos, — como aconteceu, por exemplo, depois que os Romanos conquistaram a Gallia e a Iberia. E de facto é á civilização romana que attribuo a origem da lenda portuguesa, vinda de boca em boca, desde o passado até hoje. Apesar de faltarem intermedios medievaes, ninguem negará a vetustez d'ella, ao vê-la corrente no vulgacho montesinho da Beira e do Norte. As versões italiana, francesa, portuguesa; a redação hellenico-latina da façanha hannibalesca; o romance dos Hyperesienses e Sicyonios: tudo, no meu entender, nasceu de fonte commum, sem que uma das narrativas procedesse directamente de qualquer das outras.

Nos Romanos não seria unica a versão que os livros nos transmittiram: a lenda andava nos labios do povo, de certo com multiplas fórmas, e uma d'ellas applicou-se a Hannibal, á semelhança do que entre nós se observa com S. Torquato, S. Lourenço, e os Mouros, na Achaia com Egira, em França com Valcabrère; a uma ventou a fortuna litteraria, por causa do come dourado que se lhe ligava, mas a tradição oral dos Romanos manteve outras que com a conquista voaram por longe. D'este modo se comprehende que, apesar de ser a nossa, como disse, mais parecida com a de Pausanias do que com a dos historiadores da segunda Guerra Punica, a herdassemos do povo-rei. Se as parecenças fossem porém simplesmente fortuitas, e apenas motivadas por circunstancias que na vida das lendas se notam com frequencia, nem por isso nos assiste menor direito de attribuirmos a origem da nossa lenda a uma versão oral romana, igual á que conhecemos pela litteratura classica: em tal caso essa versão alterou-se até tomar a forma actual.

Em vista de se descobrirem na tradição dos povos modernos tantos representantes de contos antigos, como o do rei Midas, de Rampsinite, da Bicha de sete cabeças, de *Jean de l'Ours*, de Amor & Psyche [1], etc., que admira que se conservasse mais um?

Comtudo, fosse qual fosse a origem e a maneira da transmissão, a presente multiforme anecdota coopera para o conhecimento da psychologia do povo, que, fiel repositorio de contos que lhe despertam a

---

[1] Vid.: F. Adolfo Coelho, n*O Positivismo*, I, 74-83; Stanislao Prato, *La legenda del tesoro di Rampsinite*, Como 1882; J. Bédier, *Les Fabliaux*, Paris 1895, p. 108 sgs; H. Gaidoz, in *Mélusine*, III, 395; Bonilla y San Martin, *El mito de Psyquis*, Barcelona 1908.

curiosidade, os adapta a diversas circunstancias, conforme os sentimentos que o agitam, — ora Viriato e os Romanos, acordados de seus sarcophagos por sabedores de antiguidades, ora os Mouros, pela sua magia secular, ora os Hespanhoes, por influencia raiana, ora finalmente os Franceses, por causa da lembrança que até hoje chegou do terror causado nos nossos avoengos por Junot e seus successores.

RESUMO: *A lenda portuguesa, como penso, é de origem popular romana, ou viesse directamente de uma versão diversa da que a litteratura classica nos transmittiu, ou viesse de uma versão igual, mas que no decurso dos tempos se modificasse até tomar a fórma que tem hoje.*

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

O Auto da festa de Gil Vicente

Sobre o *Auto da Festa*, edição critica do sr. Conde de Sabugosa, falou no seu curso de filologia (1906-1907) o sr. dr. Leite de Vasconcellos, e a súmula das considerações que lhe sugeriu esta obra desconhecida de Gil Vicente inseriu-as no seu recente livro, *Lições de Philologia Portuguesa.*

Entre as anotações que apensa ao trabalho do sr. Conde de Sabugosa refere-se o sr. dr. Leite de Vasconcellos a um interessante caso de alteração gráfica que embrulhou o sentido da primeira quintilha da pagina 101.

O auto começa por uma declamação da Verdade, queixando-se do desprêzo a que a votaram:

«quem nunca cuidou que em Portugal
a Verdade andasse tão abatida,
e a mentira honrada . . .»

Entra a seguir um Villão

« . . . de cima da Beira
Lá de junto do Fundão»,

que vem á côrte em uma demanda para se desagravar do juiz da *sua aldeia* que o acusa injustamente. Pede pois conselho á Verdade para saber como ha de ser *bem despachado.* Esta, conhecedora da corrupção dos magistrados, diz-lhe:

«Se tu diante lhe deitas
duas duzias de perdizes
e outras semelhantes penitas,
farás que as varas direitas
se tornem em cousas fritas».

Penitas, anota o sr. Conde de Sabugosa, será talvez *peitas* ou deminutivo de *pennas* no sentido de outras aves semelhantes a perdizes.

O sr. dr. Leite de Vasconcellos confirma a primeira exposição, não só porque assim o pede para a rima a simetria das quintilhas antecedentes e subsequentes, mas tambem pelo sentido do v. 3 de pag. 102:

«Pois não tens que peitar».

O último verso desta quintilha offerece porém um sentido escuro, por causa da expressão *cousas fritas*, embora, como diz o mesmo professor «antes se falle de perdizes que deviam ser cozinhadas». E continúa: «O que ao Villão importava saber era que a *vara de juiz*, a mesma de que Gil Vicente falla em III, 168, se podesse *torcer* como em II, 341, e não que as perdizes se *fritassem* ou cozinhassem». Impõe pois que a expressão tivesse origem numa *gralha* tipográfica: *contadritas* por *contraditas*, que são as «allegações em contrario», «objecções ao dito ou verdade das testemunhas», segundo Fonseca & Roquete. Do *contadritas* da primeira impressão tirou o tipógrafo ou revisôr: *cousas fritas*, por um equívoco de rápida leitura, proveniente dos defeitos e confusões que se estabeleciam entre os caracteres de impressão.

Ha exemplos de alterações gráficas semilhantes nas edições *post-primárias*, muitas por desatenção, outras pelo desejo estulto de o revisôr ou copista corrigir supostas formas erradas.

A edição antiga reproduzida em *fac-simile* pelo sr. Conde de Sabugosa apresenta a uma análise muito superficial vários pontos em que a desatenção do revisôr é manifesta, como adeante procurarei demonstrar.

Admitida a reconstituição lógica da quintilha, tal como o sr. Leite de Vasconcellos a apresenta a pag. 359 das suas *Lições de Philologia Portuguesa*, conforme as considerações que para aqui transcrevi, resta uma objecção que me atreverei a formular.

Segundo a fórmula ou simetria da rima das quintilhas, que vem e segue alternada *(abbab-abaab)* até á 5.ª de pag. 101, é evidente, como bem pondera o snr. dr. Leite de Vasconcellos, que a quintilha de que se trata deveria ter a forma *abaab*. Na edição de Sabugosa, e na emenda, ella apresenta porém: *abaac*, não havendo rima entre o 2.º e o 5.º vv. A suposta relação entre *perdizes* e *contradictas*, fundada na repetição do *é* tónico, não apresenta o aspecto das restantes rimas toantes do auto, algumas das quais o douto filólogo apresenta como exemplos.

Nestes casos de rima toante nota-se a correspondência da mesma vogal tónica, seguindo-se a repetição da vogal átona da sílaba final. Nos exemplos apontados, se exceptuarmos *valha-demanda*, de que

adeante falarei, nota-se esta relação simultânea: *ventura-rua* [1] *(ú-a)*, pag. 108; *mate-farte (á-e)*, pag. 115; *porcos-cachopos-biocos (ó-o)*, pag. 115; *desgosto-tosco-comvosco (ó-o)*, pag. 123.

Passo a registar as outras rimas toantes do auto:

— Pag. 109: *comigo-filho (í-o)*. Cp. o esp. *hijo*.

Na *Ulisipo* (1787), pag. 275: *esfuerça*-(esforça)-*moça*.

— A pag. 111 ha um verso, o 1.º, sem rima:

> «*Parvo.* Quem sois vós?
> *Ianafonso.* Eu sam Ianafonso.
> *Parvo.* Tendes vós algum senhor
> ou senhora de valor?
> *Ianafonso.* Lá ajudo eu ao responso
> ás vezes ao nosso Priol».

No confronto com passo idêntico do *Templo d'Apollo* vê-se que o 1.º e 2.º vv. fazem um só:

> «*Porteiro.* Quien sois
> *Villão.* Ianafonso».

No *Auto da Festa* escreveria o Poeta:

> «*par.* Quem sois vós. *ja.* sam Ianafonso».

e o tipógrafo achando a linha comprida para a composição partiu-a pelas rubricas, como fez ao v. 21 de pag. 119:

> «*ve.*
> Como haveis nome
> *ras* Gil Tibabo.»

—Pag. 112:

> «*Parvo.* Assi lhe has tu de dizer?
> vai-te, vai-te, eramá d'hi.
> *Ianafonso.* Quereis conhecer o ruim
> dá-lhe o officio a servir.»

O sr. dr. Leite de Vasconcellos, notando a falta de rima entre *dizer* e *ruim*, opina pela transposição das palavras do 3.º v., pondo o verbo no fim:

---

[1] Cf. o rifão: «Dá-me ventura, deita-me na rua» *Ulisipo* (1787), pag. 314.

«Quereis o ruim conhecer».

Examinando o passo correspondente no *Templo d'Apollo* [1], vê-se não só que a ordem das palavras no verso é a mesma deste auto, mas tambem que a mecánica da rima é, como aqui, *abba*. O 2.º e 3.º vv. mostram natural correspondência rítmica: *d'hi-ruim*, como os vv. 19 e 22 de pag. 108: *daqui-mim*, e os vv. 17, 18 e 20 de pag. 116: *pari-mim-fim*, em que *mim* poderia ter tomado a fórma *mi*, como nos vv. 11 e 28 de pag. 111.

Quanto á relação consonántica que deveria existir entre o 1.º e 4.º: *dizer-servir*, o mesmo *Templo d'Apollo* nos mostra no 1.º v. em vez de *dizer*, *pedir* que serve á rima e ao sentido dos versos anteriores:

«*Rogarey* a Deos del celo
....................»

e ao do v. 27 de pag. 111:

«Que *quereis* a Deos agora?»

—Pag. 113: *espera-feira (é-a)*.

—Pag. 116: *esfolem-come*, notada tambem pelo sr. dr. Leite de Vasconcellos. É rima semelhante á de pag. 121: *parece-conhecem (é-e)*, consonancia tão natural como a de pag. 108: *daqui-mim*. Cp. *home-homem*, nas rimas populares, como nesta quadra minhôta (Viana do Castelo):

«Dumas minhas calças belhas
Fiz uns calções ó meu *home*.
Cada um é obrigado
A coçar onde le *come*» [2].

—Pag. 118: *vence-parece (é-e)*.

—Pag. 120: *isso Christo (i-o)*:

«*Velha*. Jesu, não m'o digais,
que me fino em ouvir isso
Rascão. A mim me pesa muito mais
pela fé de Jesu Christo».

Em nota observa o snr. Conde de Sabugosa que talvez *isso* esteja em vez de *isto*. A concordância dos demonstrativos raro se altera na

---

[1] V. as notas finaes=*a*.

[2] Vol. II, p. 339.

linguagem popular. E rima toante no genero das anteriores e parêlha da de pag. 124: *essa-besta*, em que o snr. Conde propõe: *esta*, por *essa*, o que é desnecessario.

— Pag. 121: *isso-riso-siso (i-o)*. Na *Farça dos Almocreves*:

« Deixe Vossa Mercê *isso*
pera el Rei nosso senhor
e vós fallae-me de *siso*».

— Pag. 125: *casados-gastado (á-o)*:

« com meus dinheiros gastados »;

mas as rimas de palavras no singular com outras no plural é natural em todos os autos de Gil Vicente. Muitas vezes tambem o tipógrapho cooperava nestas alterações da rima regular, subtraindo letras quando a linha da composição passava alem da craveira da columna. Foi certamente o que se deu com o v. 24 de pag. 107:

« e curo mui pouco de lisongeria »,

em que o Poeta escreveria *lisongerias*, não só por sentido mais vasto, mas tambem pela correspondência ritmica do verso seguinte:

« creo em Deos por todas as vias ».

Nada impedia aqui o Poeta de servir a elegância da rima. Analisando a reproducção da antiga edição do auto, reconhece-se que não havia lugar para o *s* de *lisongerias* na linha de composição, nem era possivel apertar os espaços. Vai daí o tipógrafo, julgou-se no direito de o dispensar. O mesmo poderia ter acontecido ao verso:

« com meu dinheiro gastado »,

que, com mais três *ss* para os plurais, excederia a linha de columna, como se pode verificar.

— Pag. 126: *domingo-digo-comigo (é-o)*.

— Pag. 128: *adevinha-estou*.

Villão. Não muito mal adevinha.
Caterina. Pois qual será a bem lograda?

Velha. Buscades a desposada?
vedes-me aqui onde estou.
Fernando. Deos vos faça descançada!»

Por não haver nenhuma relação consonântica em *adevinha-estou* propõe o sr. Leite de Vasconcellos que se mude o 4.º v. em *Vedes-me* não deveria estar no presente, mas no pretérito:

«Não, mui mal adevinhou»,

ficando assim regular a rima.

Na mesma pagina, quarta quintilha, ha um verso, o 2.º, sem rima aparente:

«mana, levantai-vos ora.
Filipa. Bofas! Já eu vi outro dia
noiva ser mais desenvolta.
Velha. Como sou per cá per fora,
logo são de todo morta».

Segundo as fórmulas ritmicas das 2.ª, 3.ª, 5.ª e 6.ª quintilhas, esta deveria ser: *abaab*, dando a seguinte correspondência: *dia-desenvolta-morta*. *Desenvolta-morta* é toante no género *ó-a*, mas *dia* não tem relação alguma com esta. Suponho que o Poeta teria escrito coisa diferente no 2.º v. que foi substituida, mas não posso aventurar-me a conjecturas arriscadas. Não seria novidade a comprovação de que o verso tivesse sido substituido por um desejo estulto de correcção do copista ou do revedôr.

Passo a referir-me a um ponto em que, no meu parecer, é manifesta a alteração propositada.

Duvidando o Villão do que a Verdade lhe diz sobre a corrupção dos juizes e da justiça dos homens que lhe contrariarão o seu direito, explica-lhe a

« *Verdade.* O que eu te digo é assi,
não duvides nemigalha.
Villão. Ora bem, que Deos vos valha,
encaminhai-me a mi,
como vença esta demanda.»

Nemigalha-valha-demanda poderia ser toante no género *á-a*, embora a nazalação da vogal tónica do terceiro vocábulo quebre a correspondência soante ás vogais abertos das penultimas silabas. Mas seria possivel que o Poeta não encontrasse em tal caso uma rima soante,

sem sair do sentido que tinha em vista? Suponho que não. Em vez de *demanda* Gil Vicente teria escrito *batalha*, que dá a mesma idea de «contenda» e serve naturalmente a rima em relação mais própria com o verbo:

«encaminhai-me a mi
como vença esta batalha.»

onde estou aqui para rimar «com os outros versos que tem *i*». Teriamos pois *adevinha-aqui*, em que a vogal átona final do primeiro não apresenta correspondência no segundo, o que vae contra a fórmula das rimas toantes do auto. Quer-me parecer que a última palavra do primeiro verso não está correcta. A objeção do Villão á suposição de Mecia:

«samicas será aquella»

Vencer a batalha, no sentido de «conseguir os seus fins», vem tambem na 3.ª quintilha da pag. 123:

«Que os homens verdadeiros
não são tidos nũa palha;
os que são mexeriqueiros
mentirosos, lisongeiros,
esses *vencem* a *batalha*».

comenta o Villão, depois de desenganado por não conseguir justiça. Quem quer que copiou ou reviu o auto, entendeu que *demanda* era termo mais juridico e corrigiu o verso sem atender á lógica nem á rima.

Creio, pois, que foi consciente a substituição, mas nada impede tambem de crêr que se desse neste caso uma desatenção do copista. Nas mais cuidadas revisões, ou nas cópias mais meticulosas, escapam ás vezes *gralhas* ou erros de certa importancia. Exemplificarei com um erro de cópia na edição moderna do auto. Está a pag. 99, no v. 17:

«Qu'o *(co)* juiz da *minha* aldea».

Na reprodução da edição antiga lê-se:

«Co juiz da *nossa* aldea».

O snr. Conde de Sabugosa, meticuloso na transcrição, não alterando uma única palavra da edição antiga, a não ser em casos especiais que sempre resalva em nota, não explica a razão da substituição

de *nossa* por *minha* (que aliás era desnecessária) [1], o que faz prever que se deu aqui um erro de cópia.

Voltando á primeira quintilha a que o sr. dr. Leite de Vasconcellos deu sentido, substituindo *cousas fritas* por *contraditas*, vimos que a relação *perdizes-contraditas* não é rima toante no género das restantes rimas do auto, pelo que se pode inferir que *perdizes* será substituição propositada ou casual de outro vocábulo que o Poeta escreveria.

Duas duzias de perdizes é realmente um exagero que não condiz com a facilidade da corrupção dos juizes, tal como a satirizou Gil Vicente, nem era necessário tanto aparato para desvirtuar e empècer o direito de castigo, se o houvesse, em caso de tão pouca monta. Na *Fragoa d'Amor*, o frade que se quer tornar num fidalgo garboso, não se excede tanto:

« E eu peitarei *perdiz*
e dous pares de cruzados,
se me mudais o matiz ».

É possivel que *perdizes* fosse alteração do copista ou revisor, por *penitas*, cujo sentido de suborno já estava dado pelas *perdizes* com a intensidade piturêsca que o vocábulo tinha naquelle tempo. *Duas duzias de penitas* poderia significar o mesmo que *duas mãocheias* dellas ou, em sentido figurado, « duas aves de penna ». Ainda hoje dizemos *meia-duzia* para significar « pequena quantidade ».

Tambem me parece que as *varas dereitas*, simbolizando a justiça, se não poderiam tornar em objeções ou embargos perante o seu proprio juizo, e não seria essa a idêa do Poeta. A acção do verbo não será pois reflexa.

As peitas visam a substituir o direito das partes quando o não ha,

---

[1] Esta maneira de dizer é naturalissima, tanto na ling. popular como na culta. « A *nossa* terra; a *nossa* escola; a *nossa* Academia, diz um individuo fallando com outro ás vezes doutros lugares e referindo-se a si e aos seus conterrâneos ou colegas. No « monólogo do vaqueiro », de Gil Vicente, o aldeão rude que vem á côrte e entra na câmara da rainha diz:

«quiero decir à que vengo
no diga que me detengo
Nuestro concejo y aldea»

O snr. Afonso Lopes Vieira na linda versão que fez deste monólogo, escrito em castelhano, para a lingua portuguesa, conservou, como não podia deixar de ser, esta forma natural:

«quero dizer ao que venho
não diga que me detenho
a *nossa* aldeia já agora ».

e apresentadas ellas, a justiça, ou antes as *varas dereitas*, cuidarão de as tornar em *contraditas*, honestando-as com a razão juridica. Posto isto, parece que no último verso deverá ler-se *as tornem*, em vez de *se tornem*.

Assim teriamos:

Se tu diante lhe deitas
duas dúzias de penitas
e outras semelhantes peitas,
farás que as varas dereitas
as tornem em contraditas.

Ao snr. dr. Leite de Vasconcellos levo estas singelas e despretenciosas considerações que são a homenagem de consideração do mais desvalioso dos seus discipulos.

Azinheira — Barreiro, 1 de Setembro de 1911.

OSCAR DE PRATT.

Nota ao artigo precedente

a — Por occasião das recentes festas bocageanas, em Setúbal, publicou o celebrado *cantador* — *O Calafate* — uma das suas folhas volantes que tenho á vista, dedicada a Bocage. Nella encontro um exemplo desta rima popular:

«Agarrado á poesia,
Correu atraz da ventura;
Se um dia tinha fartura,
Já no outro tinha fome.
Assim morre um grande *homem* . . .
Não foi todo á sepultura».

O *Calafate* é completamente analfabeto. Quem lhe escreveu as cantigas corrigiu a pronúncia popular *home*. A rima adivinha-se correcta.

O. DE P.

Costumes do concelho do Sabugal

1. CASAMENTOS

As bicas — Proclamas, enxovaes e dotes. — O costume de impedir a passagem dos noivos, a que chamam «tapar».

Sem atavios de linguagem, nem preocupações de estilo, tracemos algumas linhas a respeito do casamento no concelho do Sabugal e grande parte do districto da Guarda.

1. O noivo antes de pagar o tributo devido ao Estado e á Egreja, paga o tributo aos rapazes da terra da noiva, o qual consiste em certo numero de cantaros de vinho, costume a que se chama «pagar a patente». Tão incutisado está este uso, que raros terão sido os rapazes que escaparam a tal tributo; e os que escapam, não se livram de vexames, e ás vezes verdadeiras judiarias, como costuma dizer-se, sendo corridos da terra da noiva, até mesmo apedrejados por aquelles que se julgam com direito a tão antigo tributo.

2. **As bicas.** No segundo domingo dos banhos ou proclamas, convida a noiva todas as raparigas da sua idade, e as parentes e os paes convidam os rapazes para assistirem ás bicas. O noivo vae acompanhado de parentes e amigos até á casa da noiva. Então a noiva offerece ao noivo um par de ceroulas, uma camisa e um par de meias, tudo de linho que ella fiára, córara e pusera em obra, bem como um lenço bordado por ella com quadras a linha de varias cores, recebendo em troca um lenço de seda ou algum objecto de ouro ou prata. Depois todos os convidados armados de colheres de pau comem papas feitas de leite e milho meudo ou milho grosso moido em mó manual, e a cuja farinha chamam *carôlo*. As papas são lançadas em grandes taboleiros de madeira forrados de alvissimas toalhas de linho. Em seguida comem pão e queijo, e por vezes pão de ló, e bebem vinho em abundancia. Depois todos dançam animadamente ao som da viola, de pifanos e adufos, até altas horas da noite.

3. Passado o ultimo dia de proclamas, designa-se dia para o casamento, com a maior discrição, a fim de se evitar que se junte muita gente.

Mas o segredo descobre-se, a noticia corre pelo povoado, e os noivos ficam surprehendidos ao verem a egreja cheia de gente para lhes *honrar o casamento*, assistindo á missa, á communhão e depois á cerimonia.

Toda a gente acompanha então os noivos até á casa dos paes, quando não têm casa propria; mas as ruas estão impedidas com caracteristicas barricadas. D'um e outro lado vêem-se cadeiras e bancos com açafates e bandejas cobertas de flores, cujas donas, alegres raparigas, impedem a passagem com fitas de seda ou cordas atravessadas na rua até receberem o imposto de algumas moedas.

Em todo o percurso, desde a egreja até á casa dos noivos ou dos paes, acha-se a rua impedida, tapada; e os que a tapam não deixam passar ninguem, esticando as cordas ou fitas, sem que lhes cáia dinheiro nos açafates ou bandejas, offerecendo elles então flores aos noivos. Todos, noivos, amigos e parentes contribuem alegremente com algumas moedas.

4. Depois de grande demora chegam todos a casa dos noivos, que agradecem «a todas as pessoas que os honraram com a sua companhia».

Segue-se a boda, geralmente abundantissima e variada, ainda que os noivos sejam pobres e tenham de recorrer ao emprestimo. A noiva no Sabugal veste fato preto, e só se veste de gala, depois de chegar a casa.

Á boda assistem parentes e amigos, bem como o parocho da frèguesia. Os noivos depois de acompanharem os padrinhos a suas casas dançam todo o dia.

5. O dote que os noivos recebem, quando os paes são abastados, consiste geralmente em roupas brancas e objectos d'uso domestico, e numa tapada ou terra centieira, e uma horta.

O dote em Valle d'Espinho consiste ordinariamente em tres ou quatro sacas para carvão, num jumento e numa enxada, elementos indispensaveis numa povoação onde quasi todos os homens são carvoeiros, como succede igualmente em Malcata.

2. FUNERAES

Camara ardente. — Esmólas de pão cozido — Offertas á familia enlutada.

Um povo obsequiador, alegre, divertido e sentimental, como é o sabugalense, não podia ficar indifferente, insensivel perante as tristezas e luto dos vizinhos ou perante qualquer desgraça que succede.

Quando falece um vizinho, todos os outros levam para casa d'este candeias de folha ou candieiros de latão, sendo aquellas penduradas numa corda em volta da sala ou compartimento onde está o defunto. Este é velado toda a noite pelos vizinhos, que rezam constantemente e pranteiam e consolam a familia, derramando sempre agua benta sobre o cadaver quando entram, ajoelhando em seguida, e rezando por elle e por todos os parentes falecidos.

Sobre uma mesa está um crucifixo, entre duas velas accesas e algum velador para candeias de folha que não cabem já nas cordas, seguras nas paredes.

Costumam os que entram consolar os parentes, fazendo o elogio do finado, recordando algum facto mais notavel, e os actos bons do falecido, e em longos improvisos, que causam dôr e provocam lagrimas sincéras.

Não faltam carpideiras maliciosas e interesseiras, que dizem quanto lhes occorre para captivarem a familia e obterem grata recompensa.

Em Villa Boa, Quadrasaes, e outras povoações, os que chegam, dirigem-se ao defuncto e encarregam-no de dar visitas (saudades) aos paes, irmãos, ou outros parentes falecidos, e mandando-lhes abraços!

É por vezes difficil retirar o cadaver de casa, porque a familia, os parentes e amigos, em altos gritos, e abraçados ao esquife ou ao caixão, o que é mais raro, obstam por muito tempo ao sahimento, arrancando ás vezes fragmentos da mortalha.

Emquanto estas scenas tocantes se passam, á porta do finado está um vizinho dando grandes pedaços de pão-centeio a todos, ricos e pobres.

Á volta do cemiterio costuma offerecer-se jantar aos pobres e pessoas que de fóra vieram assistir, o que acontece em casa d'um parente ou pessoa d'amizade.

Durante um mês é costume levar á familia enlutada as *offertas*, que consistem em uma porçãozinha de centeio, trigo ou grão de bico, dado pelos parentes, amigos e vizinhos, e que representa o valor de uma missa, ficando a familia do finado obrigada a retribuir a offerta quando morre o offertante ou pessoa da familia d'elle.

As offertas são entregues nos domingos em que ha acompanhamentos, em saquinhos ou taleigos, a uma mulher, encarregada de *offerecer* na egreja, isto é mandar rezar ao parocho os responsos, que paga logo ao preço (*esmóla* se diz), de vinte reis cada um.

A mulher que offerece, vestida de preto e ajoelhada na egreja ao pé de um sirio ou vela accesa, é remunerada pela familia do fallecido.

Alem d'estas cerimonias, ha os acompanhamentos, os officios, o trintario de missas, que constituem o bem d'alma, geralmente bem remunerado, especialmente nas frèguesias do extincto bispado de Pinhel, onde custa trinta e seis mil reis, quando completo.

Caldas da Rainha.

JOÃO MANOEL CORREIA.



DOCUMENTOS DE VAIRÃO

(SECULO XII)

O mosteiro de Vairão continúa ainda a ser o que nos dá os mais antigos documentos em lingua portuguesa, como resultou da pesquisa que no seu cartorio fez, ha mais de um seculo, o Dr. João Pedro Ribeiro.

Em nenhum outro sitio foi até agora registado qualquer documento em português com data anterior á de 1192, o que não é impossivel que venha ainda a dar-se, porque nem todos os cartorios receberam exame demorado.

Consagrei agora algum tempo a examinar os pergaminhos do mosteiro de Vairão, e no decurso desse trabalho depararam-se-me certos documentos muito anteriores ao anno de 1192, onde se encontram palavras e phrases portuguesas que são como um ensaio para escrever no *romance* português. Esta infiltração nos documentos latinos prova só a falta de cultura do escrivão que empregava os vocabulos rusticos ou populares, quando as exigencias do contrato o achavam falto do escasso vocabulario e formulario latinos confiados provavelmente só á memoria.

Os documentos que colligi foram divididos em tres series. A primeira abrange documentos do seculo XII e um de 1205; a segunda limita-se a um só, mas nem por isso deixa de ser valiosa, porque dá a leitura inteiramente nova da *noticia do torto*, que corria impressa de modo completamente ininteligivel; a terceira é constituida por documentos na maior parte latinos que esclarecem a *noticia do torto*, que, alem da sua linguagem, é tambem documento historico valioso.

São nove os documentos que reproduzo agora, sendo só dois completamente em português e já conhecidos pelo prelo, ainda que o primeiro datado de 1192 esteja com incorreções. O mais antigo é datado de 1144, e apesar da sua antiguidade tem algumas palavras portuguesas taes como: *cocto* (couto), *dona, Elluira, Essemea* (Enxamea < Xemena), *Fernando, iherma,* (irmã), *iuntas, Mahior, mamoa, Piindelo e Varzea*. O segundo, datado de 1153, já tem palavras ligadas por proposições como *deuesa do rio* e *bico da deuesa*. O terceiro, datado de 1161, contem uma oração em português: *des lo* rriuolo *ate no rego que uai pora uila*.

O escrivão do documento de 1163 é ainda mais atrevido: *des lo* riuolo *ate no rego que uai pora lagua per los marcos quomo a mandou marcar.* A *lagua* deste documento deve talvez corresponder á *lagona uessada* do documento de 1144.

As povoações mencionadas no documento VI, datado de 1192, que é o mais antigo em português, ficam todas no concelho de Barcellos. São ellas Aguiar, Arguife, Carapeços, Creixomil, Oliveira e Vitorinho (Viiturio < Vulturinu) [1]. *Centegãus* ou Santagões do doc. VII pertence ao concelho de Villa do Conde.

PEDRO D'AZEVEDO.

I

Partilhas de João Paes e D. Elvira Paes com seus irmãos Junho da Era de 1182 (1144)

In Dej nomine. Ego Johannes pelagij et *dona elluira* pellagij mea *iherma* facimus diuisiones cum nostribus fratribus uidelicet cum *fernando* pelagij et M. pelagij et *alfonsso* pelagij et pelagio pelagij et *cō* domina ermessenda pelagij et cum .M. pelagij et tota pelagij et *essemea* pelagij Dōna *Maihor* pelagij Dōna gucina pelagij Tarassia pellagij. Diuissimus hereditatem nostris patris et nostre matris. Ego Johannes pelagij et *eluira* pelagij elegimus in uilarino Cū suo *cocto quomo* partet cū eclesea *piindello* et uadit *a mamoa mourā* [2] et lagona uessada et uenit ad ssazido deinde uenit *uarzea* de léétj [3]. Deinde aquas *iūtas* et in ista participatione ceciderunt tibi duo cassales placialj. Facta carta mensse iunij ĩ tēpore rex alfosus ãriquiz sub Era .M.ª C.ª octagesima .ij.ª Et siquis de nostra progenie uenerit qui hoc factum irūpere uoluerit sit maleditus usque ad perpetuā maleditionē. Et domino terre pectet CC^os aureos. Et quantum pecierit pectet in duplum. Qui testes fuerunt.

Petrus Pelaiz — Menendus [4].

a b c d e f g h i k l m n o p q r s t u x z

---

[1] Contador de Argote — *Memorias para a Historia ecclesiastica do arcebispado de Braga*, tom. III, 1744, pag. 359.

[2] Mourão, na freguesia de Retorta.

[3] Lente, freguesia de Arvore.

[4] Cartorio de Vairão, maço 1, n.º 55.

II

Carta de troca de herdades que fez a abbadessa Ermesinda Mendes com Paio Trotosendes e sua mulher Ismenia Paes. 9 das calendas de fevereiro de 1191 (24 de janeiro de 1153).

In nomine sancte et indiuidue trinitatis patris et filius et spiritus sanctus. Ego flamula dei abbatissa ermesinda menediz una pariter cũ sororibus meis et cũ heredibus meis facio tibi pelagio tructesindiz et uxor uestra *esemea* pelaiz Karta cõtramutationis de ipsa hereditate de fornelo que ganauit dõna pala de marina gunsaluiz et de tota gunsaluiz de .iiija. v.a et in sub audis .iiíí.or *pedacos geiras deuesa do rio* et toto aral quomodo sparte per illa fonte et uadit per illa cortina de menendo *aurifiz* et torna retro arugio per illo amprono et exit de illo fõtano *a bico da deuesa* et fert in illo termino de *uilla uerde* et uadit infesto per illo *termio* usque illa fonte de fornelo quãta hic habet *uairan* cũ suis locis et terminis nouissimis et antiquis cũ quãtum in se obtinet et aprestitum hominis est. Damus a uobis ipsa hereditate pro illa que fuit de sancto simon de trasuar [1] tantum nobis et uobis bene cõplacuit habeatis uos illa firmiter et omnis posteritas uestra cuntis temporibus seculis seculorum. Siquis tamen aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc factum nostrorum irrumpere quesierit pariat ipsa et nos in iuditio deuindicare nõ potuerimus aut noluerimus autorgare pariat ipsa hereditate duplata uel triplata uel quantum fuerit meliorata et uos perpetun habitura. Facta karta contramutationis notum die erit .viiij.o kalendarum februarij. Ego abbatissa ermesinda *mendiz* unacum sororibus et heredibus nostris et illo *capellan* dõno gũsaluo manus a uobis pelagio tructesindiz et uxor uestra *esemea* pelaiz manus uestras roboramvs Era M.a C.a Laxxxx.a. i.a

Gunsaluo testis — pelagio testis — petro testis — Dõnus *alfõso* cõfirmo — Petrus canonicus notuit [2].

[1] Tresval na freguesia de Gião.

[2] Cartorio de Vairão, maço 1, n.o 119.

III

Carta de venda que fez Fernando Soares a Pedro Soares e sua mulher de uma herdade. Calendas de maio de 1199 (1 de maio de 1161).

In dei nomine ego fernando suariz in domino deo eterno salutem amen. Ideo placuit michi per bona pacis et uoluntas ut facio a uobis petro suariz et uxor uestra guluira nuniz karta uendicionis et firmitatis de hereditate mea propria que abeo de parentorum meorum in uilla quos uocitant *uila meia* subtus mons *o castro* discurrente rriuolo cadauo territorio bragalensis. Illa hereditate pronominata in agro qui dicit *segerei* cum toto suo termino *des lo rriuolo ate no rego que uai pora uila* dabo a uobis pro que accepit de uobis iiij.or morabitinos que stant a xx[i] bragales tantum nobis et uobis bene complacuit et de precio apud uos nichil remansit pro dare. Ita ut de hodie die illa hereditate de iuri meo sedeat abrasa et in uestro dominio sit tradita atque confirmata. Et si aliquis homo uenerit de propinquis uel extraneis ad inrumpendum contra hanc karta uenditionis et firmitatis et nos in concilio deuendicare non potuerimus aut autorgare non quesierit quomodo pariemus illa hereditate dublata aut quantum fuerit meliorata in tale loco. Et iudicato. Facta karta uenditionis et firmitatis. Notum die erit kalendas Magii Era M.a C.a lxxxx.a viiij.a Ego fernando suariz a uobis Petro suariz et uxor uestra guluira nuniz in hac karta manus uestras roboramus pro rouora io bragal. Pro testes

Petrus testis — Menendus testis — Suerius testis — Et guncaluo notuit [1].

IV

Carta de venda de uma herdade que fez Fernando Soares a Pedro Soares e mulher. 2 das calendas de março de 1201 (28 de fevereiro de 1163).

In dei nomine ego fernãdo suariz ĩ domino deo eterno semper salutẽ Amen. Ideo placuit michi per bona pacis et uoluntas ut fatio a uobis petro suariz et uxor uestra guluira nuniz Karta ũ di-

---

[1] Cartorio de Vairão, maço 1, n.o 118. Conserva uma estreita tira de pergaminho recortada do proprio documento, na qual provavelmente estava adherente o sello.

tionis et firmitatis de hereditate mea propria que abeo de parentorũ meorũ ĩ uilla quos uocitãt uila mediana subtus mõs castro amorin discurẽte riuo cadauo territorio bragalẽsis Illa hereditate pronominata in agro que dicit trugal cũ toto suo termino *des lo* riuolo *ate no rego que uai pora lagua per los marcos quomo a mãdou marcar* dabo a uobis pro que accepit de uobis .iios morabitinus que stant a xii bragales [c]ũ sua rouora tãtum nobis et uobis bene cõplacuit et de pretio apud uos nichil remansit pro dare. Ita ut de hodie die illa hereditate de iuri meo sedeat abrasa et ĩ uestro dominio sit tradita atque cõnfirmata et si aliquis homo uenerit de propinquis uel extraneis ad inrũpendũ quesierit cõtra hanc Karta uenditionis et firmitatis et nos in cõcilio deuendicare non potuerimus aut autorgare non quesierit quo modo pariemus illa hereditate dublata aut quãtũ fuerit meliorata in tale loco Et iudicato. Facta carta uẽditionis et firmitatis Notum die .ii.o Kalendas Marcii Era M.a CC.a i.a

Ego fernãdo suariz a uobis petro suariz et uxor uestra guluira nuniz in hac Karta manus nostras roboramus Pro testes

Petrus testis — Menendus testis — Suarius testis — et pelagius notuit.

No dorso em letra do sec. XVII: Venda de Fernando Soares a Pedro Soares de huma herdade em villa verde *(sic)* [1].

V

Titulo de doação de herdades que fez Lourenço Gomes e sua mulher Goncina Paes. 10 das kalendas de dezembro de 1215 (22 de novembro de 1177).

In nomine patris et filii et spiritus sancti amen. Igitur Ego *laurenzu* gomex a tibi dulcissime uxori méé Gonzina pelaiz. Placuit michi ut pro amorem honestatis et decus pulcritudinis tue donarem tibi sicut et donaui per hoc titulum dotis. Do a tibi meas hereditates et mea *criazõ* pro tuas arras. Idem illa quintana de *mazaneira* qum quantum ibi habeo et quantum ganauj et alium kasalem *do paumbal* que fuit de petro Katiuo et quantum habeo in euorĩ. Et quantum habeo in randulfi. Et duodecim homines de *criazõ*. Do a tibi illas hereditates et illa *criazon* cum quantum in se obtinet et aprestitum hominis est. Ita ut de hodie die et tempore de

---

[1] *Vairão,* maço sem numero, 1.o pacote, n.o 28.

iuri meo abrasas et in tuo dominio siant traditas atque confirmatas. Et si aliquis homo uenerit uel uenerimus contra hunc factum meum dotis ad inrumpendum et ego in concilio non potuero deuindicare post tua parte tunc habeas tu licentia aprehendere de me illas arras dublatas uel quantum a tibi fuerint melioratas et insuper .d. *soldos*. Facta karta uel dotis die erit .xº. kalendis december. Era .M.ª cc.ª xv.ª Ego laurenzv gomex a tibi vxorij méé Gonzina pelaiz in hanc Kartam uel dotis manus meas roboro. Pro testes

Pelagius testis — Menendus testis — Petrus testis.

No dorso, na mesma letra, a seguinte minuta:

In nomine patris et filij et spiritus sancti amen. Igitur Ego laurencius gomex tibi dulcissime uxori méé goncine pelaiz placuit michi ut pro amore honestatis et decus pulcritudinis tue donarem tibi sicut et donaui per hoc titulum dotis. Do tibi meas hereditates et mea *criazon* pro tuas arras. Idest in uilla agiar de ualpena quantum ibi habeo ego laurencius gomex et in randuffi et in sauegosa quantum ibi habeo et in atanes *(sic)* et in *souto* duos casales in *a penela* et medio in ipso iogial quos ganaui ego de gomice perro et in *macanera* uno casal quem cõparaui de petro tinea et in *pereira* .iij.es casales cum alia quam ego ibi ganaui et ad obitum matris mee exceptis illa hereditate que dederit pro anima sua de alia quam remanserit de meo quinione et iij.as integra.

Et quantum non compleuerit in ipsa hereditate pro xxx.ª casales. *Fiadores Sanchio* petriz. Luppam gomex. *Affonso garcia*.

Em letra mais recente e mal traçada o seguinte rascunho:

In dei nomine. Hec est Karta uendicionis et perpetue firmitudinis quam Ego Johannes suari et uxor mea Tarasia martini et Petrus petri et Tarasia gomize et stephania gomize et uiro meo Petrus garsie de una nostra hereditate iussimus facere uobis M. martini [1] que habemos in balsamir scilicet unam casam cum suo formal et cum suo linar [2]. Uendimus eam uobis totaliter et integliter pro precio quod a uobis accepimos .s. xij. Morabitinos et pro robora una *cabáaza* de uino de .xv. denarios et v. *regeifas*.

---

[1] *Este nome substituido em entrelinha por:* abatisse de *vairam* et omni conventui uestro.

[2] *Em entrelinha:* a casa do maluaz na que e diuisa e per suos marcos.

et Ego Johannes suari et petrus petri concedimus omnia hereditate nostra usque integremus eam de medietate istius case et medietate istius linare de quanta habemus in balsamir [1].

VI

Carta de divisão dos bens paternos entre Rodrigo Sanches, Vasco Sanches, Mem Sanches, e Elvira Sanches. Março da era de 1230 (1192).

In christi nomine amen. Hec est notitia de partiçon e de deuison que fazemos antre nos dos herdamentus e dus coutos e das onrras e dous padruadigos das eygreygas que forum de nossu padre e de nossa madre. en esta maneira que Rodrigo sanchiz ficar por sa particon na quinta do couto de viiturio e na quinta do padroadigo dessa eygreyga en todolos us herdamentus do couto e de fora do couto. Vaásco sanchiz ficar por sa particon na onrra dulueira e no padroadigo dessa eygreyga en todolos herdamentos dolveira e en úú [2] casal de carapezus que chamam [3] da vluar e en outro [4] casal en Agiar que chamam quintáá. Méén sanchiz ficar por sa particon na onrra de carapezus e nus outros herdamentus e nas duas partes do padroadigo dessa eygreyga e no padroadigo da eygreyga de Creysemil [5] e na onrra e no herdamento darguiffi e no herdamento de lauoradas, e no padroadigo dessa eygreyga. Eluira sanchiz ficar por sa particon nos herdamentos de Centegaus e nas tres quartas do padroadigo dessa eygreyga e no herdamento de Creyximil [6] assi us das sestas come u outro herdamento. estas particoens e diuisoes fazemos antre nos que uallam por en secula seculorum amen. Facta Karta Mensse Marcij Era M.ª CC.ª xxx.ª

Vaasco suariz testis — Vermúú ordoniz testis — Meen farripas [7] testis — Gonsaluu uermuiz testis — Gil diaz testis — Dom Martio [8] testis — Martin perez testis — Don Stepham suariz testis — Ego Johanes menendi presbiter Notauit. [9]

---

1 Cartorio de Vairão, maço 1, n.º 127.

2 en nu 3 que chamam *falta* 4 noutro 5 Treysemil 6 Treyxemil 7 Fanrripas 8 Minon.

9 Cartorio de Vairão, Maço 13, n.º 1. Publicado nas *Dissertações* de J. P. Ribeiro, tom. 1, pag. 275 e nos *Documentos para a Historia Portuguesa*, pag. 210. As leituras das notas são devidas a João Pedro Ribeiro.

VII

Testamento de Elvira Sanches. Setembro da era 1231 (1193)

In christi nomine Amen eu Eluira sanchiz offeyro o meu Corpo áás virtudes de sam saluador do Moesteyro de Vayram. e offeyro con o meu corpo todo o herdamento que eu ey en centegãus. e as tres quartas do padroadigo dessa eygleyga, e todo hu herdamento de Crexemil assy us das sestas como todo u outro herdamento. que u aia u Moensteyro de vayram por en *secula seculorum Amen. Facta Karta Mense September.* Era M.ª CC.ª xxx.ª jª.

Menendus sanchiz testis — Stepham suariz Testis — Vermúú ordoniz testis — Sancho diaz testis — Gunsaluũ diaz testis — Ego Gonsaluus petri presbiter Notauit [1].

VIII

Carta de venda de casal que fez Urraca Ourigues a Maria Paes. Junho de 1237 (1199).

In dei nomine. Hec est Karta uenditionis perpetue firmitudinis quam fieri iussimus. Ego *dona orraca oriz.* una cum filijs et filiabus meis. petro. *e maior. ermesenda. e tareiga.* uobis maria pelagij. de uno casale que in uilla uocitant *azeuedo.* sutus mons *crasto de boi.* discurente riuolo aue. territorio portugalensis. Et accepimus a uobis pro eis in precium: scilicet. lx.ª Morabitinos. Tantum enim nobis et uobis bene placuit. et de precio apud uos: nil remansit. Damus et concedimus uobis prefato casale per ubi illo inuenire potueritis. cum aquis et pascuis. cum montibus et fontis cum terminis nouis et antiquis. et cum omni quod in se ad proficuum hominis obtinet. Habeatis que illo firmiter uos: et faciatis ex ei quicquid uolueritis. Si uero aliquis homo uenerit. uel uenerimus. tam de filijs quam de parentibus. tam de propinquis quam de extraneis. qui hoc factum nostrum infringere uoluerit. det ipso casal duplato. et quantum fuerit meliorato. et insuper. D.os solidos domino terre

---

[1] Cartorio de Vairão, maço innumerado, primeiro pacote. Descoberto e publicado pela primeira vez pelo Dr. Leite de Vasconcellos na *Esquisse d'une Dialectologie Portugaise*, 1901, pg. 14.

componat. Deinde sit confusus atque maledictus et cum iuda traditore inferno dampnatus. Facta Karta uenditionis. Mense iunij. Sub Era M.ª CC.ª xxx.ª vii.ª Ego supra . . . Orraca oriz . . . meas. uobis Marie pelagij. hanc Kartam scribere iussimus: proprijs manibus . . . eos firmiter Roboramus

Pro testibus . . . . Menendus Notuit [1].

IX

Carta de venda que fez Egas Moniz e sua mulher a seu irmão de uma erdade. Maio de 1243 (1205).

Ego egas muniiz et uxor mea marina diaz facimus Kartam uenditionis firmiter tibi fafila muníiz frater meo de ipsa hereditate in toto *roussio de monte cerzedeli* pro xx[i] morabitinis quos dedistis nobis in precium et nichil de precio dandum remansit: Habe tu ipsum *roussium* cum omni posteritate tua. et siquis tam de nostris quam de extraneis uoluerit uel uoluerimus hanc cartam irrumpere. pectet tibi mille *soldos*. facta Karta mense maio Era M.ª CC.ª xxxx.ª iij.ª Ego egas muníiz et uxor mea marina diaz roboramus hanc cartam propriis manibus.

Petrus testis — Menendus testis — Pelagius testis — Benedictus frater notuit [2].

---

[1] Cartorio de Vairão, maço 1, n.º 33.

[2] Cartorio de Vairão, maço 7, n.º 113.

POESIAS POPULARES

I

Eu sou de Coimbra

Eu sou de Coimbra,
Cidade linda;
Nem sou muito pobre,
Nem sou muito rica;
Foi desgraça minha,
Tive pouca dita!
Minha mãe se chama
Dona Maria;
Minha rica mãe,
Tanto me queria!
A mim me chamam
Sobrenome Ignacia:
É nome bonito
P'ra minha desgracia!
Olhem no ladrão
P'ra casar me enganou!
Á porta de carro,
Ahi me deixou;
Á porta de carro,
Minha habitação.
Senhores, que me ouvem,
De mim tenham compaixão;
Puxem por dinheiro,
Mettam-me numa religião.

(Granja Nova, do antigo concelho de Mondim da Beira, 1877).

II

Loas num casamento

Ó senhor Francis[co] Fernandes,
Você vem pela ribeira:
Vem colher uma rósa
Que ainda estava na ròseira!

A ròseira que a criou,
E ó leite t'ella deu,
Pra t'a ir metter nas mãos
A quem nunca conheceu!

Ó leite que t'ella deu...
Com bem mimo foi criada...
Quanto ella chorará,
Se a vir mal tratada!

Demorem-se lá, senhores,
Suspendam sua alegria!
Que eu quero dar o ramo,
A quem tanto o merecia.

Demorem-se lá, senhores,
Defronte do loureiro:
Que eu quero dar o ramo,
A quem já não é solteiro.

O laço de fita preta [1]
É uma descortesia,
É signal de nobreza *(sic)*
Da minha pouca alegria.

Eu, queijato [2] não t'o pido,
Dá-lo a tua madrinha:
Que é preciso convidá-la,
Para que te dê a tua pinha [3].

---

[1] O laço preto quer dizer que não gostava que a irmã se casasse.

[2] *Queijato* é um bolo doce para o dia do casamento. É grande e custa 500 réis. Quem pede o queijato, é que se quer casar.

[3] *Pinha*, presente de noivado.

Ó senhor encomendado,
Esta le vou a dizer;
Casamentos e baptizados,
32. Este anno tem que fazer!

(Matella, c. de Vimioso).

Sobre versos nos casamentos, cf. *Uma excursão ao Soajo*, p. 10 seg.—Estes da Matella foram cantados no casamento da irmã de quem m'os ditou.

III

Serão

ELLE

Agora começo eu,
Nossa Senhora m'ajude!
As meninas d'esta rua,
Deus lhe dê boa saúde!

ELLA

Agora começo eu,
Na hora de Deus amen!
Quem na hora de Deus anda,
Sempre lhe succede bem.

ELLE

A's telhas do seu telhado,
E ás pèdricas do seu muro
É que lhe podem explicar
As vezes que a eu procuro.

ELLA

Manda-me la uma fala
Da parede do lameiro:
Darei uma, darei duas,
Fallas não custam dinheiro!

ELLE

Manda-me lá uma falla,
Da parede da cortinha: *(quintal)*
Darei uma, darei duas,
Darei tres, minha menina.

ELLA

Chamas-me pedra cahida,
Da parede derrubada;
Sou tua aborrecida,
D'outro [1] serei desejada.

ELLE

Lá te mando um ramico
De dois cravos e dois goivos:
Quer eis [2] quêram, quer não quêram,
Nós hemos de ser dois noivos!

(Matella, c. de Vimioso).

IV

Maria Augusta

Ó Maria Augusta,
Olha o que te digo,
Olha que o Loureiro
Não casa comtigo!

A'quella janella,
A'quella cimeira,
Está Maria Augusta
Com todo o asseio.

---

1 O m. tinha «outra».
2 «Elles».

A'quella janella,
A'quella mais alta,
Está Maria Augusta
Tocando na flauta.

A'quella janella,
A'quella da borda,
Está Maria Augusta
Penteada da moda.

A'quella janella,
A'quella de cima,
Está Maria Augusta
Tocando bozina.

A'quella janella,
A'quella do fundo,
Está Maria Augusta
Com anel de chumbo.

Com anel de chumbo
Só ella, mais eu;
Olha que o Loureiro
Não é mais do que eu!

(Leomil).

V

Os estudos de Coimbra

Os estudos de Coimbra,
Para te amar, aprendi;
Com penas de te não ver,
Uma carta te escrevi.
— Essa carta, meu amor,
Inda me cá não chegou;
Se queres alguma coisa,
Fala que eu inda aqui 'stou
— Eu falar-te, falarei,
De todo o meu coração:
Só desejára saber
Qual era a tua tenção.

— A minha tenção é boa,
Meu amor, para comtigo:
Para onde quer que eu for,
Hei-de-te levar comigo.
— Olha se eu ia comtigo,
Que diria a minha gente?
Que me levavas desterrada
D'esta terra para sempre.
— Menina, não te assustes,
Não é caso de assustar:
A fama que tu tiveres
Inda t'a hei-de livrar.
— Eu a fama não a tenho,
Mas d'ahi me póde vir:
Fala baixo, não acordes,
Que meu pae está a dormir.
— Se elle está a dormir,
Menina, deixa-o estar;
Se elle por aqui vier
Eu sou que lh'hei-de falar.

(Paredes, 1879)

VI

Amphiguris

1.

Duzentos gallegos
Não fazem um homem,
Porque quando comem
Seu dinheiro, meu dinheiro,
Homem trapaceiro
Arriscado anda,
Porque na demanda
Não fez o que rei mandou;
Já se lhe pagou
A'quelle tonante;
Se elle é estudante,
Alfinete seu amor.
Tenho grande dor

De te ver ausente;
Se tu estás doente,
Meio mundo patarata,
Ai que se arremata
A real fragata!
Anda agora em moda
Quem tem boca vae a Roma;
Haja bem que se coma,
Não se passa fome,
Quem comer, ó homem,
Regala a sua barriga;
Tenho uma bexiga
Para migalheiro.

Meu irmão correndo
Já lá vae para o deserto;
Que te vê, menina,
E um ceu aberto.
De sala em sala,
Da sala para a cozinha,
No meio da sala
Dança a macaquinha.

(Do Norte).

2.

Quando se Belem formou,
Palacio de grande altura,
Muita gente lá penou,
Oitra foi para a sepultura.
Casa rica tem fartura,
Quem doba tem seu sarilho,
A gallinha vae ao milho,
Enche o papo como as mais,
Todo o passaro come e bebe,
Quem paga são nos pardaes;
Mas o burro tem atafaes,
Tambem tem os seus estribos;
Na loja se vendem figos,
Para contentar os rapazes;
No mar ando *alcatraias*,

Tambem se chamam gaivotas;
Tambem se chamam canejos
A quem tem as pernas tortas.
Vão-se as sezões com desejo,
As feridas com ingoentos:
Quem tece a teia é a aranha,
Quem move o moinho é o vento;
Ó que cantiga tamanha,
Sem acabamento nem fim!
Meu raminho de alecrim
Que se dá aos namorados;
As balas são para os soldados,
Os *fófres*, para as caçadas;
Triste de quem tem amores,
Bem ligeiro deve andar!
A gaita é para tocar,
O péinte é para a cabeça;
Menina não endoudeça,
Póde-se dar por feliz.
Quem tem tamanho nariz,
Que lhe chega até ao seio!
Toda a gente se ademira:
Nariz de palmo e meio,
Nariz de tanto rigor,
Já m'o quiseram mercar,
P'ra o banco de um ferrador.
Còradas dão-se ás còradas,
Por cima café com leite:
Mijou-me a mulher na cama,
Não tenho d'onde me deite.

Da tradição oral

(Rèsende).

J. LEITE DE VASCONCELLOS.

Questões de linguagem [1]

I

Casos de fonetica

Nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 224 e seguintes, falei de casos que eu presumo representarem uma pronuncia arcaica do artigo definido, que era proferido com a vogal aberta: *ó*, *á*. Falarei ainda hoje de alguns d'esses casos para os esclarecer.

O povo de Lisboa pronuncia *todòdia* a expressão *todo o dia*, em vez de *todudia*, que é a pronuncia geral e ainda a da gente culta d'aquela cidade. Expliquei esse facto como um exemplo da persistencia da vogal aberta do artigo. Notarei que ha muito tempo ouvira explicá-lo como resultando de uma analogia com *toda a noite*, que se profere *todànoite*. Já depois de eu haver tratado d'este assunto, me foi exposta a mesma explicação. Persisto no entanto em crer que não é acceitavel esse modo de justificar a pronuncia popular de Lisboa. Por isso mesmo que é popular, tem de ser espontanea, e não reflectida, como deveria ser, se fosse analogica, pois que a analogia neste caso suporia um raciocinio complicado, uma proporção ou comparação, inadmissivel no processo psicologico da analogia popular. Esta é a transferencia de um facto gramatical de uma palavra para outra, devida, por assim dizer, a simples imitação, como quando uma criança diz *fazi* em logar de *fiz*, por isso que os preteritos de *comer*, *beber*, etc., são *comi*, *bebi*.

---

[1] [Estes artigos do fallecido e illustre philologo Julio Moreira hão-de ser encorporados no vol. II dos *Estudos da lingua portuguesa*, que por louvavel diligencia da familia se está organizando para o prelo, com elementos deixados por elle. Emquanto o volume não se publica, insiro-os na *Revista Lusitana*, e julgo assim honrá-la. Os treze primeiros transcrevo-os do *Correio do Norte*; o último creio que está inedito. — J. L. DE V.].

Ora, no caso presente seria necessario que o povo estabelecesse a seguinte proporção: *o* + *o* (em *todo o dia*) está para *ó*, como *a* + *a* (em *toda a noite*) está para *á*, isto é, que se deveria dar a crase de dois *oo* como se havia dado a dos dois *aa*. Acresce ainda que para o povo analfabeto o artigo *o*, que geralmente se pronuncia *u*, precedido de outro *o* com o mesmo valor *u*, não poderia sugerir a ideia de um *ó*. Admitir-se-hia, por exemplo, que por analogia com *todànoite* o povo dissesse *todàdia*, mas não *todòdia*, tanto mais que as proprias pessoas cultas, apesar de conhecerem como se escreve aquella expressão, não são arrastadas a essa pronuncia pelo facto de verem ali dois *oo*.

Deve portanto considerar-se o *o* aberto da expressão *todòdia* como um dos casos em que permaneceu a pronuncia arcaica do artigo, a qual durante muito tempo oscilou até se fixar naquela que depois se adoptou geralmente, deixando porem vestigios em determinadas formulas e em certas regiões. De outros casos falei tambem nos logares acima citados, como, por exemplo, nas frases transmontanas «o pae e *ó* filho», «a filha e *á* mãe», em que o *o* artigo tem a vogal aberta, como tambem succede no falar da Galiza.

Factos que mais ou menos se relacionam com estes, são, entre outros, os nossos pronomes pessoaes *nós* e *vós*, que se pronunciam *nus* e *vus*, quando complementos não regidos de preposição; em castelhano a conjunção copulativa *é* e *y*, e a disjuntiva *u* e *o*; em inglês o artigo definido *the* e a particula *to* antes do infinitivo. Em particular notem-se as variantes do nosso adverbio de negação: *não*, *num*, *nu*, *nã*, *na*, segundo as regiões e a situação na frase.

II

Um facto de fonetica

É frequente ouvir-se no falar do povo, principalmente no norte do país, uma locução copulativa que se costuma representar na escrita por *a mais*, *amais* ou, no caso de ser seguida do artigo, por *amai-*, como: «o pai *amai*-lo filho», «tu *amais* eu», etc., sem que se dê explicação do aparecimento d'aquele *a* junto da palavra *mais*. Parece-me que este facto se deve explicar do seguinte modo.

Como se sabe, a conjunção latina *et* está geralmente representada nas linguas romanicas, como por exemplo em francês e italiano, por formas em que permanece o som do *e*, mais ou menos aberto.

Em castelhano ha ainda *é* ao lado de *y*. Em português a pronuncia da conjunção *e* hoje é *i*, mas em antigos tempos deveria ser tam-

bem *é*, como ainda actualmente na Galiza, antes de uma consoante, por exemplo, na frase proverbial: «Inda non asamos *é* xá pingamos».

A copulativa *e* cedo se deve ter juntado o adverbio *mais*, para a reforçar, ainda ao tempo em que essa conjunção se pronunciava *é*, de modo que tal expressão seria proferida *émais*, conservando o povo esta pronuncia por ter perdido a consciencia de que ha nesse vocabulo composto a conjunção *e*, que fóra d'aquele caso pronuncia *i*. E assim tambem que em galego se profere a mesma locução, como: «o rei *é* mais a reina». Com o andar do tempo, a primeira silaba de *émais*, obliterada a sua origem, passaria a pronunciar-se como o *a* inicial do verbo *amar*. Isto fez supôr que effectivamente é essa a vogal com que principiou sempre aquella expressão, o que, no meu entender, não poderá justificar-se satisfactoriamente.

A lingua culta que emprega tambem a combinação *e mais*, distingue os dois elementos e dá ao primeiro o seu valor geral, o de *i*.

Em todos os tempos foi muito usada esta expressão, que se encontra ainda nos mais notaveis monumentos literarios como no seguinte passo de Camões:

Sancho, forte mancebo, que ficára
Imitando seu pae na valentia,
E que em sua vida já se exp'rimentára,
Quando o Betis de sangue se tingia
E o barbaro poder desbaratava
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercárão,
Os golpes de seu braço em si provárão,

Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Silves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava.

Lusiadas, III, 85 e 86.

A mesma locução emprega-se ainda em outra acepção (de que falei em *Estudos da lingua portuguesa*, p. 165), a de «apesar de», como neste exemplo: «Os serviços vão adeantados, *e mais* não se tem podido trabalhar muito com a chuva». Tambem neste caso se nota muitas vezes no falar do povo a pronuncia arcaica «*émais*» ou «*amais*.»

III

O sufixo «-ancus» do latim vulgar

Num artigo publicado no *Correio do Norte*, ficou mencionado mais um dos sufixos que não estão coligidos nas nossas gramaticas, *-anco*. Este sufixo adquiriu, como se disse, valor de deminutivo, significação depreciativa. Citou-se a palavra trasmontana «burranca» que significa «burra fraca». Outro derivado de que se falou foi o vocabulo «molanqueiro» da linguagem do nosso povo e da Galiza, e que significa «individuo muito indole, falto de energia e vigor». E' formado do adjectivo *mole*, com os sufixos *-anco* e *-eiro*. Juntou-se ainda o substantivo «varancada», que supõe «varanca», derivado de *vara* e que significa *varada, vergastada*.

A estas formas podem acrescentar-se as seguintes «potranco», que significa «potro de menos de tres anos», segundo os dicionarios, que dão este termo como brasileiro, infundadamente, embora se admita que seja mais usado no Brasil do que é hoje entre nós.

Em castelhano ha «potranca», que os lexicos definem «yegua que no pasa de tres años». Pertence a este genero de palavras derivadas o substantivo «barranco», com o castelhano *barranca* e *barranco*.

Notarei que ao lado de «molanqueiro» os lexicógrafos registam o aumentativo «molangueirão», e que o *Novo Dicionario* menciona a forma «potrincas», como termo antiquado, com a significação de «homem estanguido, esgrouviado, achacadiço». Parece portanto haver as formas semelhantes, *-anco* e *-ango*, bem como *-anco* e *inco*, com valor identico.

. . . .

Ácerca da representação do sufixo *-ancus* em outras linguas romanicas v. Meyer-Lübke, *Grammaire des langues romanes*, vol. II, § 511.

IV

O prefixo «des» com valor intensivo

a) O nosso prefixo *des*, que na composição das palavras tem varias significações, a principal das quaes designa o contrario do segundo elemento do composto, como em *desfazer*, *desunir*, *desatar*, — *desprimor*, usa-se tambem ás vezes na linguagem popular e familiar para exprimir intensidade da acção ou qualidade designadas pelo vocabulo

a que o prefixo se junta. Assim, o povo emprega frequentemente o adjectivo «desinfeliz», como já no falar corrente se adoptou a forma «desinquieto» com o mesmo sentido de «inquieto», «irrequieto».

b) No *Fragmento de um estudo sobre a linguagem de Camilo*, publicado em *A Revista*, do Porto, em agosto de 1903, falei da palavra «desaustinado», empregada por aquele escritor com a acepção que o povo lhe dá, de *impetuoso, turbulento, desordenado.*

Expliquei esse termo como composto de *des* com valor intensivo e *austinado*, que resultou de *obstinado*, cuja significação aproximada tinha já antigamente, como se vê no seguinte passo de Gil Vicente, edição de Hamburgo, I, p. 252:

> Pode ser mui *austinado*
> E não querer-se arrepender.

c) Os dicionarios consignam o verbo *desadorar* com varios significados, como; *recusar-se a adorar; — abominar, detestar; — reprovar.* Na linguagem popular, pelo menos no Porto, aquele verbo tem ainda o sentido de *rogar, pedir com instancia* como no seguinte exemplo: «tanto me *desadorou* para o acompanhar, que não tive remedio senão fazer-lhe a vontade».

d) *Desadorar* parece dever considerar-se um composto intensivo do verbo *adorar*, tendo sido *adorar* tomado na acepção de *pedir, rogar*, como o era tambem já em latim adorare.

e) *Desgastar*, que quer dizer *gastar pouco a pouco, consumir pelo atrito, corroer*, e que portanto não é o contrario de *gastar*.

f) *Desquebrar*, usado na região vinicola duriense, para exprimir o mesmo que o simples *quebrar, enfraquecer, estragar-se*, em frases como: «o vinho está aqui a *desquebrar*»; — «o vinho aqui *desquebra*; é preciso deitá-lo ao tonel».

g) *Desenxabido* (insulso, insipido), formado de *enxabido*, que tem a mesma significação, e que hoje se usa menos do que antigamente. Camilo empregou o substantivo *desenxabidez.*

h) *Desabusado*, que significa propriamente: o *que abusa escandalosamente* e d'ahi *atrevido, petulante, inconveniente.* E' um dos participios passivos que adquiriram significação activa. Usa-se com frequencia tambem o adverbio *desabusadamente.*

i) *Desabalado*, termo popular e familiar que significa: *precipitado, immoderado, excessivo*, como nas frases: «é um comer *desabalado*»; — «come *desabaladamente*».

V

a) **«Porque» e «por» para designarem «fim»**
b) **Infinitivo activo com significação passiva**

Quando nos *Estudos da lingua portuguesa*, cap. XXVII tratei da circunstancia de fim, expliquei por um antigo emprego da preposição *por*, para designar essa circunstancia, certas expressões ainda correntes na linguagem actual, como «ir *por* alguma coisa», com o sentido de «ir buscar alguma coisa», «estar *por* fazer», que significa «estar para se fazer», isto é, «não estar ainda feito». Ao lado da preposição *por*, que foi depois, neste emprego, substituida por *para*, empregava-se tambem, com o mesmo valor e como conjunção a forma *porque*, em vez da qual modernamente se usa *para que*. Não aduzi então exemplos d'esse antigo emprego da conjunção final *porque*, que hoje quasi não se usa.

Transcreverei aqui a seguinte estancia dos *Lusiadas*, IV, 53, em que tres vezes ocorre aquella palavra:

> Codro, *porque* o inimigo não vencesse,
> Deixou antes vencer da morte a vida;
> Regulo, *porque* a patria não perdesse,
> Quis mais a liberdade ver perdida;
> Este, *porque* se Hespanha não temesse,
> A cativeiro eterno se convida!
> Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
> Nem os Decios leais fizerão tanto.

No seguinte passo do mesmo poema, IV, 60, encontra-se a preposição *por* para denotar a mesma circunstancia:

> Porem despois que a escura noite eterna
> Affonso apousentou no Ceo sereno,
> O Principe que o Reino então governa,
> Foi Joanne segundo e Rei trezeno,
> Este, *por* haver fama sempiterna,
> Mais do que tentar pode homem terreno
> Tentou, que foi buscar da roxa Aurora
> Os terminos que eu vou buscando agora.

*

No primeiro passo transcrito encontra-se o verso: «Deixou antes *vencer da morte* a vida». Ha aqui mais um caso de emprego do infinitivo activo com significação passiva, sendo a expressão «da morte» a determinação do que se chama o *agentè da passiva*. De outros casos do mesmo facto falei já nos *Estudos* e nestes artigos. Terei ainda ocasião de mencionar mais alguns.

VI

a) Uma etimologia popular
b) Nome de logar com origem arabe?

. . . .

No *Portugal Antigo e Moderno* de Pinho Leal, p. 101 do vol. VII, lê-se esta noticia: «Houve aqui (em Gamelas [a 6 quilometros de Pinhel]) uma ermida dedicada a *Nossa Senhora de Magide*, cuja origem, segundo a lenda, foi a seguinte: No seculo XII se reuniram os cristãos d'estas terras, com grande animo e confiados na protecção da Santissima Virgem, e no sitio onde depois se edificou a ermida (que é em um ermo) atacaram uma legião de mouros, á voz de *A virgem me ajude!*—e alcançaram uma grande victoria, expulsando para sempre os arabes, d'este paiz; e, em acção de graças, edificaram a capela, colocando no altar mór (o unico) a imagem de Nossa Senhora, que haviam mandado fazer e á qual deram o titulo de *Nossa Senhora M'Ajude*, que se veio a corromper em *Nossa Senhora de Magide*.»

Ora a palavra *Magide* é sem duvida o nome do logar em que se encontra a ermida, como tambem mostra a proposição *de* na designação «Nossa Senhora *de* Magide», e o pretenso brado de guerra *Nossa Senhora me ajude!* foi inventado para explicar aquele topónimo. Ha uma aldeia no concelho de Famalicão, que se chama *Magide*.

*

A proposito notarei que é possivel que o vocabulo *Magide* corresponda ao arabe *maçgide*, que está representado na nossa lingua tambem por *mezquita*, forma devida a uma pronuncia diferente, que terá resultado de uma transcrição grega, como propôs o snr. David Lopes no seu excelente trabalho *Trois faits de phonétique historique arabico-hispanique*.

Na Estremadura ha um logar chamado *Almagede*, que é por ventura a mesma palavra arabe, precedida do artigo (cf. o estudo citado).

Admitindo-se o étimo que lembro, pode dizer-se que no logar em que se encontra a ermida de Magide, ou proximo, existiu antigamente um pequeno templo arabe, uma *mezquita*.

VII

Nomes de logar

Em um interessantissimo estudo publicado pelo Sr. Dr. Adolfo Coelho na revista *Os Serões*, n.º 46, com o titulo *Origens do Português do Sul*, vejo mencionada a palavra «Terrique», nome de uma rua da cidade de Evora. Lembrarei que em arabe uma das palavras que significam «rua» é «tarique», e que poderia esta designação ter-se aplicado especialmente a uma determinada rua. Comparem-se outros apelativos da mesma especie que em certos casos ficaram sendo nomes de logar, como «Rua», «Aldeia», «Cividade», «Cidadelhe», «Medina», (= «cidade» em arabe).

Em virtude da analogia com a palavra *terra* modificar-se-hia um pouco a pronuncia de «Tarique».

Devo acrescentar que apresento esta aprossimação como mera conjectura, fundada na semelhante, talvez fortuita, de som e de sentido, sendo certo que o eminente glotologo citado relaciona, por ventura com razão, «Terrique» com outros topónimos em que vê formas derivadas por meio do sufixo *ique*: *Amorique*, *Penique*, *Sequinique*, *Manique*, *Totenique*, etc.

*

Em outro logar do mesmo trabalho que, além da sua tese geral, tem importancia para o estudo da nossa toponimia, encontra-se uma longa serie de derivados do latim *planus*: *Chãozinho*, *Chãos*, *Chões*, *Chazinha*, *Chada*, *Achada*, *Achada*, *Achadinha*, *Chainça*, *Chaiça*, *Chaicinha*, *Chainha*, *Cheinho*, *Chaim*, *Cheira* (por *Chaeira*, *Chaneira*), *Cheirinho*, *Chello* (por *Chaello*), *Chellos*, *Chella*, *Chellas*, *Chellinho*, *Chelleiros*, *Chedas*.

A esta lista devem juntar-se ainda outras formas, como *Chan*, *Chans*, e provavelmente o composto *Recheira*, nome de um logar ou herdade no concelho de Santa Marta de Penaguião.

Do nome comum *rechão*, vocabulo da mesma origem, muito fre-

quente em Trás-os-Montes, falei nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 200. Ha tambem a forma feminina *rechan*.

Recheira explica-se como *Cheira*, *Cheiros*, *Cheirinhos* (v. g. *Matos Cheirinhos*), e confirma a explicação d'estas formas indicada pelo Sr. Adolfo Coelho, a cujo valioso estudo mais vezes terei de me referir.

VIII

Nomes de logar

Para determinar a origem da palavra *Ancede*, nome de uma villa do concelho de Baião, conta-se o seguinte: «Havia aqui, no sitio de Ermelo, um convento de cruzios, que pediram a D. Afonso Henriques (ainda principe), para se mudarem, por ser o sitio muito falto de agua. O principe respondeu:— Visto que os conegos *hom sêde*, mudem o mosteiro, que eu os ajudarei».

D'este modo, interpretam o vocabulo *Ancede* pela frase *hom* ou *ham sede*. Aquele nome de logar, todavia, deve representar o genetivo de pessoa, regido de um substantivo como *villa*, *fundus*, *casale*, etc., como muitos outros topónimos de que já aqui falei: *Tagilde*, *Recarei*, *Ariz*.

*

A respeito de *Alijó*, nome de uma povoação de Trás-os-Montes, perto de Villa Real, diz o *Portugal antigo e moderno*: «Parece que *Alijó* vem do hebraico *Azob*, a que os arabes chamam *Azzof*; significa *hisopo*, herva. Os mouros lhe juntaram o seu artigo, e ficou *Alzof* ou *Alzob*, que facilmente se corrompeu para *Alijó*. Se assim é, quer dizer, *terra do hisopo*».

Apesar da facilidade que o autor encontra em todas estas transformações, acrescenta: «Em um manuscrito que possuo, e que trata de muitas antiguidades (mas sem data nem nome de autor) diz-se que esta povoação é do tempo dos romanos, ou, pelo menos, dos godos, e que sendo conquistada pelos arabes, foi senhor d'ella *Ali-Job*, que lhe deu o nome. Acho isto mais verosimil que o tal *Alzof* ou *Alzob*».

Mas refere-se ainda outra explicação para este nome, a qual é devida ao espirito zombeteiro do nosso povo, que raro deixa de vituperar ou satirizar com um apodo as povoações proximas. Nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 176, dei um exemplo d'estes *apodos topicos*. interessante porque pretende caraterizar, num conjunto, muitas freguesias vizinhas.

Eis como se conta a anedota: «Quando o Senhor andava pelo mundo, passou por estes sitios e Job perguntou-lhe onde estavam os ladrões. Cristo respondeu-lhe: — *Ali, Job*».

Ora, *Alijó* deve representar o diminuitivo *lageola*. No Minho ha um logar chamado *Lijó*, forma intermedia *lageola* e *alijó*.

A toponimia portuguesa conserva muitos deminutivos d'esta especie, taes como *Grijó (ecclesiola)*, talvez *Vinhó* e *Vinhós (vineola)*, *Pàçô (palatiolum)*, *Mosteirô (monasteriolum)*.

Alijó significará, portanto, *lage, pedra*. Comparem-se, quanto ao sentido, topónimos compostos com a palavra *pena*, que tem a mesma significação, como *Penaguião* (cujo segundo elemento quer dizer *norte, aquilonem)*, *Penamacor*, *Penalva*, *Pena Ventosa* (no Porto), etc.

IX

Mais nomes de logar

Como se viu no artigo anterior, para a designação de muitos dos nomes de logar aproveitaram-se objectos que melhor os caracterisavam, como certas pedras, casas, arvores, plantações, etc. Assim, além do deminutivo *lageola*, de que deve ter resultado *Lijó* e *Alijó*, como expliquei, encontra-se no onomastico: *Lage, Lages, Pedra, Pedras, Pedra Furada, Pedras Ruivas* ou *Rubras, Pedras Negras, Pedralva (Pedra Alva), Pedras Salgadas; — Pena, Penalva, Penamacor, Penaguião, Pena Ventosa; — Oliveira, Pinheiro, Cedro, Olival, Juncal, Salgueiral; — Fonte, Fontes, Fontelas, Fontelo; — Cabanas, Cabanelas*, etc.

Ha no nosso país, e em outros, muitas propriedades e logares designadas com o nome de *Cabanas*. No concelho de Penaguião, Trás-os-Montes, essa designação aplica-se ao mesmo tempo a um logar e a uma herdade: *Logar das Cabanas*, onde está situada a *Quinta das Cabanas*. Evidentemente nos sitios que tem esta denominação, deve ter havido em tempo umas cabanas ou choupanas por onde se tornaram conhecidos, começando a ser indicados com o nome do objecto que os assinalava.

Ora na propriedade referida existe uma capela, em cujo teto se lê, por entre pinturas, a inscrição «Nossa Senhora de *Copacabana*», e por este motivo algumas pessoas da vizinhança julgam que se deu erradamente á quinta e á localidade o nome de *Cabanas* em vez de *Copacabana*. Mas não é isso exacto.

Em um ponto das margens do vastissimo lago Titicaca, num sitio que se chama *Copacabana*, existe um santuario celebre cujo orago é a

Virgem de Copacabana ou *Senhora de Copacabana*. *Copacabana* significa em lingua aimará, a dos indios d'aquella região, *logar d'onde se vê*, isto é, d'onde se descobre um amplo horizonte e se desfruta um esplendido panorama. E é isto o que realmente sucede naquela especie de miradouro, que domina o famoso lago e parte das maravilhosas terras que o circundam.

Da Bolivia passou para o Brasil o culto da *Senhora de Copacabana*, que tem no Rio de Janeiro um templo em que é venerada.

Ao construir a capela da Quinta das Cabanas, alguem que vinha da America ou que tinha noticia do facto mencionado, por uma associação de ideias que a semelhança dos nomes sugeria, lembrou-se de pôr essa capela sob a invocação da *Senhora de Copacabana*. Não é portanto ali a palavra *Cabanas*, corrupção de *Copacabana*, mas, ao contrario, foi aquele vocabulo que provavelmente provocou o aparecimento de *Copacabana*.

X

O substantivo «prol»

Antigamente era muito usada em português a palavra *prol*, que ainda hoje se emprega na expressão «em prol de», equivalente a: «em defesa de», «em favor de». A este vocabulo deu-se como étimo uma forma latina *prode*, com representação tambem em outras linguas romanicas, como no italiano, provençal, catalão e francês antigo. Veja-se Körting, *Lateinisch-romanisches Wörterbuch*, 2.ª edição, § 7451.

Como notou o sr. J. J. Nunes, na *Revista Lusitana*, vol. X, p. 338, ao analisar um trabalho do sr. Armin Gassner relativo á linguagem de D. Denis, não é facil de explicar a passagem do *d* de *prode* para *l*, *prol*. Ha muito tempo que todavia me parece possivel dar a seguinte explicação para este facto.

Em textos arcaicos encontra-se a expressão «prol li faça», cujo sentido era o d'aquelas que a substituiram e que ainda hoje são frequentes no falar familiar, como: «que lhe faça bom proveito», ou «bom proveito lhe faça», ou abreviadamente «bom proveito». E' provavel que fosse bastante extenso o uso da locução *prol li faça* (depois «prol lhe faça»), a qual resultaria de «*prode* li faça» por assimilação do *d* ao *l* seguinte.

Da mesma expressão resultou o substantivo «*o prolfaça, os prolfaças*», tambem do genero feminino, com a significação de «parabens», o que mostra que essa locução devia ser empregada com muita frequencia.

Da conjectura que exponho agora e que representaria um caso de fonetica sintatica, conto dar brevemente larga documentação.

*

Referi-me acima ao estudo da linguagem de D. Denis *(Die Sprache des Königs Denis von Portugal)* publicado pelo Sr. Dr. Armin Gassner, professor em Innsbruck, Austria. Este valioso trabalho acerca da nossa lingua arcaica, scientificamente estudada, deve ser lido por todos aqueles a quem interessa o conhecimento da historia do nosso idioma. Ao ilustre romanista, que revela mais uma vez o apreço em que os estranjeiros tem o estudo da lingua portuguesa e dos seus monumentos, agradeço aqui o exemplar com que se dignou brindar-me.

XI

Algumas palavras populares

Sabe-se que o nosso grande romancista Camilo Castelo Branco aproveitou para a sua riquissima fraseologia muitissimas expressões da linguagem popular de varias provincias, como tive ocasião de mostrar num trabalho publicado em *A Revista*, do Porto, em 1903, com o titulo de *Fragmento de um estudo sobre a linguagem de Camillo*. O proprio escritor diz em uma nota ao romance *O bem e o mal*: «Eu leio muito pelo diccionario inédito do povo d'aquellas provincias [Trás-os-Montes e Beira-Alta], que sabe a lingua portuguêsa como Fr. Luis de Sousa».

Falarei hoje de alguns vocabulos populares que se encontram nos seus livros.

. . . .

Atortemelado. Este adjectivo é empregado pelo povo com aplicação a pessoas *malfeitas, desajeitadas, de andar vacilante*: — «Os mais velleiros levavam-o esfalfado, cambaleando, *atortemelado*, quando o viram desaparecer de subito entre uma espessa moita de platanos». *Brasileira de Prazins*, p. 62. Parece ser um composto de *torto e melado*. O povo diz frequentemente: «sempre está um *melado*», falando de quem está muito enfraquecido ou adoentado e que por isso tem aspeto repugnante ou desagradavel. A respeito de *melado* consultem-se as preciosas *Apostilas aos dicionarios portugueses*, de Gonçalves Viana, v. II, p. 128.

Banaboia. Significa *leviano, palerma, atoleimado:* — «Valha-te o diabo, *banaboia*». *Corja*, p. 172.

Compare-se o hespanhol *buenaboya*, «remador voluntario, livre e não forçado ou obrigado»; — e a frase antiga *bogar de buena boya*, que os dicionarios explicam por: «bogar como libre y por su salario, no forzado como los galeotes». Que esta palavra nos veio do hespanhol, mostra-o bem a sua primeira parte, *bana*, que representa o adjectivo *buena*. Nos *Autos* de Prestes, p. 117, encontra-se ainda *buena boya:*

Este é que vem cantando
Tão doce de *buena boia*.

Desatremar. Este verbo significa *desacertar, desatinar:* — «Com elle tambem fallava pouco e não *desatremava*»: *Brasileira de Prazins*. Composto de *des* e *atremar*.

Desaustinado. Desordenado e impetuoso, turbulento: — «Aquellas guinadas plethoricas de Barroso, que o propelliam *desaustinado*». *Corja*, p. 197. É termo popular, formado de *des* e *austinado*, que resultou de *obstinado*, cuja significação, aproximada, tinha já antigamente, como se vê pelo seguinte passo de Gil Vicente, I, p. 252:

Pode ser mui *austinado*,
E não querer-se arrepender.

O prefixo *des* dá ao composto valor intensivo, como em *desinquieto* e *desinfeliz*.

Um escritor moderno formou com o mesmo sentido, incorrectamente, o adjectivo *exhaustinado*, em logar de *desaustinado*, por influencia da palavra *exhausto*.

XII

Algumas expressões de Camillo

Aos vocabulos já aqui mencionados, e extraídos das obras de Camilo Castelo Branco, podem acrescentar-se os seguintes:

Gafaria. Os dicionarios até hoje publicados só dão a este termo a significação de *hospital de leprosos.* Camilo empregou-o no sentido de *gafeira, lepra:* — «As *coroas*, penduradas em barbantes ou estendidas em meadas, eram diversas no tamanho e na nomenclatura: As *seraphicas* com sete *mysterios*, e cada mysterio com dez Ave-Marias; as da

Senhora da Conceição com doze *Aves* e tres *mysterios*: — uma certa conta que os missionarios lá graduavam com a *gafaria* espiritual das confessadas». *Brasileira de Prazins*, p. 341.

Gasguita. Pretensiosa no falar e abelhuda; *arrebitada*, como tambem diz o povo: — «Perguntou a velha *gasguita* de Travassos». *Corja*, p. 13. Este vocabulo ainda não ocorre em nenhum dicionario.

Golfos. Com a significação de *golfadas*, *vomitos*: — «Este rapaz de côrte, e da intimidade do rei e das infantas, disputado pelas damas da rainha, era aquelle ebrio encanecido, que, debruçado na janella do seu quarto, fortemente fincado no peitoril de ferro da sacada, revessava ao caminho publico *golfos* aziumados de vinhaça e dizia garotices de lacaio ás raparigas que passavam medrosas e o saudavam». *Br. de Pr.*, p. 78; — «Abriu um sorriso importuno, d'estes que vem de dentro em *golfos* e involuntarios como a nausea de um embarcadiço enjoado». *Ibid.*, p. 358. Com tal acepção ainda não encontrei esta palavra em outros autores, nem a consignam os dicionarios.

Hervecido. Coberto de herva nascente, de verdura; verdejante: — «Abeirando-se á ourela do rio, viram a barretina e a niza de saragoça sobre uns comoros *hervecidos*; e a distancia de dez varas aquelle bebedo immortal atravessava o rio a nado, numa tarde de dezembro, com a espada nos dentes e a banda a tiracolo». *Ibid.*, p. 62. Esta expressão não aparece ainda em nenhum lexico. Em latim havia já *herbescere*, que tinha aproximadamente o mesmo sentido. Os dicionarios citam *herbescentem viriditatem*, de Cicero, e: *ibi campi semper herbescunt* (vicejam); *herbescit ager cum herbam generat*, de escritores posteriores. É um incoativo formado como *florescere*. Em hespanhol ha *erbecer*, que os lexicos definem: «empezar á nacer la yerba».

XIII

Defender «prohibir»

Nos *Estudos da lingua portuguesa*, p. 148, falei do antigo emprego do verbo «defender», com o sentido de *prohibir*, seguido de uma oração integrante negativa, como neste exemplo do *Filodemo*, de Camões, acto I, scena 5.ª:

Pois bem me *defendeo* ella,
Que vos *não* dissesse nada.

Observarei que em francês o verbo *défendre* é ainda hoje usado com igual significação, seguido da preposição *de* com um infinito ou de uma oração integrante introduzida por *que*, mas sem negação, a qual, todavia, se usou antigamente, até ao seculo XVI, tanto com o infinitivo seguido da preposição, como na oração introduzida por *que*.

Aqui darei um exemplo da mesma sintasse com o verbo *vedar*, acompanhado de uma oração integrante negativa.

Com um redondo emparo alto de seda
Nũa alta e dourada astea enxerido
Hum ministro á solar quentura *veda*
Que *não* offenda e queime o rei subido

Lusiadas, II, 96.

Emparo, como ainda hoje o povo diz, está por *amparo* e significa *umbela*, *guardasol*.

XIV

Esbotenar

Esta palavra, muito usada no Porto, está já archivada no supplemento ao *Novo diccionario português*, do Sr. Dr. Candido de Figueiredo. Ahi é-lhe determinada a significação por meio do verbo *esboicelar*, isto é, tirar ou partir as bordas de um vaso de loiça, etc. A etymologia do vocabulo, todavia, não vem indicado no referido diccionario.

Ora eu tenho já ouvido o verbo *esbotenar* applicado a flores em phrases como: «esta rosa está toda *esbotenada*»; «deu-me uma flor toda *esbotenada*». Uma rosa *esbotenada* é uma rosa cujas petalas, principalmente as exteriores, cahiram já, ou estão prestes a cahir. E creio que deve ter sido esta significação a primitiva, da qual proviria facilmente a outra. Assim *esbotenar*, ou antes *esbotonar*, significaria propriamente desfazer-se ou abrir-se o botão de uma flor, até ao ponto de cahirem parte das folhas.

Esta forma *esbotenar* está por *esbotonar*, e será um derivado de *botão*, como *esfolhar* o é de *folha*.

JULIO MOREIRA.

Tradições populares e vocabulario de Vale de Cantaro (Coimbra)

O que hoje apresento na *Revista Lusitana* não é, segundo se infere do mingoado d'estas notas, tudo o que poderia colher-se na linguagem e tradições da aldeia de Val de Cantaro; longe d'isso: representa sómente uma amostra do trabalho que tenciono desenvolver, logo que para isso se offereça ocasião, não só com relação a Vale de Cantaro, mas tambem a outras terras circumvizinhas: Abrunheira, Assafarge, Tilhadela, etc.

As cantigas foram-me ditadas por uma criança, Maria do Carmo, algumas em Setembro de 1910, outras, e a maior parte, em Agosto e Setembro de 1911; os vocabulos colligi-os nas mesmas occasiões.

Com quanto eu não nascesse em Vale de Cantaro, fui lá criado; e por conseguinte conheço bem a fala da localidade.

I. CANTIGAS

1

Ó minha bella menina,
ó minha bella Olaia,
diga-me quanto custou
a barra da sua saia.

2

Se eu tivesse pena de oiro,
comprava papel de prata;
com sangue das minhas veias
eu te escrevia uma carta.

3

Estava p'ra te escrever
á noite depois de ceia,
caiu-me a pena da mão,
apagou-se-me a candeia.

4

Ó minha mãe, quem me dera
o que a minha'alma deseja:
as portas do ceu abertas
como estão as da igreja.

5

Não ha homem como Deus,
nem mulher como Maria,
nem santo como João,
nem luz como a do dia.

6

Nossa Senhora me ajude,
ella me queira ajudar!
Sem a sua santa ajuda
ninguem póde trabalhar.

7

Já morreu a padralhada,
em santos não quero crêr;
quero crêr que há um só Deus,
apesar de nunca o vêr.

8

Oh que linda troca d'olhos
fizeram os dois amantes!
Trocaram dois olhos pretos
por dois azues tão galantes.

9

Os olhos pretos são falsos,
os azues são lisongeiros;
os pretos acastanhados
são os leaes verdadeiros.

10

Tenho um letreiro no peito
chegadinho ao coração:
umas letrinhas que dizem
— morrer sim, deixar-te não!

11

Tenho dentro do meu peito
laranja, jinja, limão;
para ter a fruta toda
falta só teu coração!

12

Já te dei meu coração,
coisa que eu dar não podia;
já te dei a melhor prenda
que no meu peito trazia.

13

Suspirando e dando ais,
anda o amor pela rua;
Suspira quando quiseres,
eu por ora não sou tua!

14

Tenho sêde, amôr, dá-me agua,
não m'a dês pelo asado [1]:
dá-m'a pela tua boca,
que é vaso mais delicado.

15

Eu hei-de te amar, amar,
hei-de te querer, meu bem:
hei-de te tirar de casa
sem saber a tua mãe.

16

Há muito tempo que eu ando,
menina, p'ra te falar:
a vergonha me retira,
e o amor me faz chegar.

17

Já fui cravo, já fui rosa,
já 'stive num alegrete;
agora estou no teu peito
a servir de ramalhete.

18

Cravo, não queiras a rosa,
és mais lindo do que ella;
a rosa está de silveira,
o cravo está de janella.

19

Rosa que estás na roseira,
deixa-te estar fechadinha;
eu cá vou p'r'o Alemtejo,
quando eu vier serás minha.

20

Inda agora reparei
quem andava no terreiro:
era o cravo, era a rosa,
era o ramalhete inteiro.

---

1 Vasilha para agua.

21

O mundo é uma vinha,
cada cepa um christão;
vem a morte, faz vindima,
não procura geração.

22

Ó videira, dá-me um cacho;
ó cacho, dá-me um baguinho:
menina dê-me um abraço,
que eu lhe darei um beijinho.

23

Da palmeira nasce a palma,
da palma nasce o palmito;
da raiz do coração
nasce o amor mais bonito.

24

Toma lá este raminho
que eu no jardim apanhei;
elle vem orvalhadinho
de lagrimas que eu chorei.

25

Ó rosa, ó linda rosa,
ó rosa do malvaisco;
quem te pôs nome de Rosa,
nunca rosas tinha visto.

26

Mangericão á janella
é árvore que não dá fruto;
vem o vento, leva a flôr,
fica a janella de luto.

27

Cravo branco á janella
é signal de casamento:
menina, recolha o cravo,
que o casar inda tem tempo.

28

Mal-me-queres, bem-me-queres
eu tenho no meu quintal;
bem-me-queres é mentira,
mal-me-queres é verdade.

29

É coisa que eu nunca vi,
laranjeira dar limões;
mas tenho á minha janella
sargaços a dar feijões.

30

A verdizela é enleio
que se enleia pelo trigo:
quem me dera ser enleio,
que eu me enleára comtigo!

31

Namorei a tecedeira
pelo buraco do panno;
ella estava truc, truc,
não me dava o desengano.

32

Diga-me, ó minha menina,
da raiz do coração,
diga-me qual é o dia
que vai dar a sua mão.

33

Ó menina cante, cante,
cante, não tenha vergonha;
aqui não está seu amor,
que impedimentos lhe ponha.

34

Arrenego de tal rua,
que nem um retiro tem!
Queria falar comtigo
não posso com tua mãe.

35

Algum dia, meu brinquinho,
o meu regalo era vêr-te;
agora tanto se me dá
achar-te, como perder-te.

36

Hei-de casar para o anno,
ou para o outro que vem:
já tenho tudo arranjado,
só me falta ter com quem.

37

Tu de cá, e eu de lá,
qual de nós canta melhor?
minha fala dobra a tua...
Cala-te lá, rouxinol!

38

Lealdade, lealdade,
bem leal que eu tenho sido!
hei-de sê-lo até á morte,
meu amor, para comtigo.

39

Já me falas em latim,
já te não sei entender;
sou filha de gente pobre,
não me ensinaram a ler.

40

Eu fui a Beja cantar,
á terra dos cantadores;
vim de lá examinado
de letrados e doutores.

41

A rola se vai queixando
que lhe roubaram o ninho:
não o fizesses tu, rola,
tanto á beira do caminho!

42

Maria, tu és o sol,
tua mãe é o calor;
tua mãe derrete a neve,
tu derretes o amôr.

43

Eu não sei ler, nem escrever,
nem tambem tocar viola;
desejava de aprender,
menina, na sua escola.

44

Viva quem agora chega,
mais quem agora chegou!
'Stava para me ir embora,
agora já me não vou.

45

Eu hei de mandar fazer,
que não posso fazer tudo,
um vaso de paciencia
para viver neste mundo.

46

Foste dizer mal de mim
ao rapaz que me namora;
se elle muito me queria,
muito mais me quer agora!

47

Foste dizer mal de mim
a quem m'o veio dizer;
eu com isso não m'*importa*,
mas gostei de o saber.

48

Vai andando, que eu já vou,
espera-me ao alecrim;
eu te quero perguntar
quem te disse mal de mim.

49

Cinco e quatro são nove,
nove e nove são dezoito
com mais seis são vinte e quatro,
com mais quatro são vinte oito.

II. DÉCIMAS

Amphiguris

1.

MOTE

Indo eu por aqui abaixo,
encontrei não sei a quem:
lembra-me e logo me esquece,
pus-me a olhar, não vi ninguem.

GLOSA

No centro duma *junqueira*,
embarquei para a *catraia,*
fui num bote para a Maia,
numa *serra* para a Madeira.
Vi uma pulga brèjeira,
uma mosca a comer um cacho,
eu vi uma sege num macho,
um burro a correr deitado,
um gato no ar parado,
Indo eu por aqui abaixo.

A cavallo num piôlho
fui a Mafra pelo mar,
dei uma topada no ar,
quebrei a unha a um olho.
Eu fui dentro dum repôlho
de Cidra [1] para Belem;
lá ao pé que descansei,
assentei-me com muito gosto,
foi chegado ao sol posto,
encontrei não sei a quem.

Vi um preto encarnado,
calado e a fazer bulha,
um cego a enfiar uma agulha,
andando de pressa assentado
pus-me a rir muito zangado,
só a mim é que acontece...
e um morcego me apparece
dentro duma almotolia,
usou com a cortesia...
lembra-me e logo me esquece.

Vi um caracol a cantar
em casa c'um chapeu armado,
uma lesma de braço dado
numa guitarra a tocar;
Vi um pulga a valsar
para as partes de Belem;
elles eram mais de cem
p'ra fazer um pé de dança,
de Lisboa até á França
pus-me a olhar, não vi ninguem.

2.

MOTE

Estas meninas de agora
não sabem o que hão de usar:
gastam tudo quanto tem,
sòmentes para luxar.

GLOSA

Dão um pasmo a cada passo,
fica um home(m) ad(e)mirado
de ver o luxo tão augmentado
neste anno tão escasso;
tanta fita e tanto laço,
saias com tamanha roda:
dizem que são enfeites da moda
para no mundo aparecer bem;
gastam e ficam sem vintem
estas meninas de agora.

Trajam saias engomadas
com suas rendas por baixo;
trajam chapeu de penacho
com laços de fita a atar;
tambem usam a comprar
um colar para o pescôço,
p'ra enganar um qualquer moço
não sabem o que hão de usar.

1 «Cintra» (Sintra)

Mercam os lenços ás duzias,
ellas não olham ao tempo,
tambem mercam as b(e)lusas
para voarem co'o vento;
ellas todas seu intento
é no mundo trajar bem:
pedem aos paes e ás mães
que as deixem ir onde querem;
se muito dinheiro tiverem,
gastam tudo quanto tem.

Até as proprias casadas
tem brincos de palmo e meio,
que até lhe chegam ao seio
nas orelhas *dependuradas*;
são todas solteiras e casadas
que os bons cordões querem comprar;
estas que não lhe podem chegar
enchem os dedos de aneis,
gastam todos os seus dez reis
sòmentes para luxar.

3.

MOTE

Quero-te, menina, dar
o signal de te querer bem:
tenho medo que alguem veja,
vá dizer a tua mãe.

GLOSA

Tu mal sabes o empenho
que eu tenho em te ver;
tu bem deves (a) saber
a via porque aqui venho;
o gosto maior que tenho
é o teu retrato tirar,
e p'ra te estar a olhar,
p'ra o teu rosto encantador...
mas duas falinhas de amôr
Quero-te, menina, dar.

Se pensas que é falsidade,
põe a mão neste meu peito,
achas um amor perfeito
juntamente com saudade.
Se soubesses a lealdade
que o meu coração te tem,
não o dizias a ninguem,
este segredo capaz:
fala comigo e verás,
o signal de te querer bem.

Eu não sei que sympathia
eu ganhei em te amar.
tudo para mim está a acabar,
minha bella rapariga;
dá-me a certeza um dia
é o que a minha alma deseja;
no centro d'uma igreja
quando fôr ao dar da mão,
dava-te o meu coração,
tenho medo que alguem veja.

Devemos (a) combinar
o sitio onde ha-de ser,
p'ra quando te eu quiser ver
para te lá ir falar;
conversa, amor, de vagar
tudo a nós nos convem;
não venha por ahi alguem
que fique *envergonhada*,
que dê conosco na *ratada*,
vá dizer a tua mãe.

III. VOCABULARIO

A

aboar, por *avoar*, «voar», nesta rima infantil:

Abôa, abôa, joaninha.

acachar, esconder. De *agachar*.

acupada, por «ocupada», «mulher acupada», *pranha* ou ainda *cheia*.

Adolaide, Adelaide.

Agustio, Augusto.

alagão, pedaço de parede «alagado» com o peso da terra.

alègra-cão, etim. pop. em vez de «lègacão».

aleijar, magoar.

alvorar, abalar, partir. É vulgar a

expressão: «F. inda agora aqui estava, mas já *alvorou*». Tambem ouvi: «encontrei a Luisa, ia *desalvorada* por ai abaixo».

amajoado, na expressão: «cai-te alguma pedra em riba, que ficas ai *amajoado*», isto é esmagado».

amardois, ambos dois.

amezidade, amizade.

Antonho, Antonio.

ão-ão, nome por que é designada principalmente pelas crianças a flôr masculina da erva bezerra.

apaijar, apagear. Ouve-se com frequencia: «não estou agora para te *apaijar*».

ereias-gordas, *mandar alguem para as areias gordas* é grave insulto.

àsado, elegante. Usado tambem com fórma deminutiva: «F. é uma rapariga muito *àsadinha*». O opposto e *desàsado*.

Assafarja, nome de uma freguesia: Assafarge.

ataleigar: «*ataleigar* as saias» arregaça-las. Ouvi várias vezes: «*ataleiga-me essas saias*».

àuma, alma. É frequente a vocalização do l, por ex.: *anguidar*, *autar*, *fautar*, *apaupar*. Vid. o seguinte.

ausservar, observar.

Auzira, Alzira.

B

bachachoto, qualidade de figo muito grande; é muito provavelmente um caso de etimologia popular.

bacorinho, outra especie de figo.

badalhoca, na expressão: sua *badalhoca!*

balso, balsamo; v. g. *inguento balso*.

barrégo, quéda ruidosa: «F. deu alli grande barrégo».

batiné, «bata» de criança.

belancia, melancia. A um rapaz de Montemor ouvi *melanciga*.

berindeira, «merendeira».

bolégo, boleo.

bonda, «abonda». Muito usado nas expressões pleonástico-sinónimas: *basta e bonda*, *achega e bonda*.

bosilhão, ? Uma coisa mal parecida, de mau aspecto.

botos, *dentes botos*: embotados.

brajão, varejão, ou vara grande de varejar.

brajar, varejar.

broaça, brôa. Apenas ouvi isto a um individuo, mas usa-se noutras partes tambem.

C

cá, na expressão: *cá* dêlle? correspondente a: que é dêlle?

cabalhadas, corridas de cavallos.

cabo, logar, v. g. na expressão: «tiraram-me o meu cabo», com relação a pessoas que estão sentadas.

cachiné, cache-nez. Chamam assim aos lenços de levar ás festas, e que são geralmente de seda.

cagunço. Qualidade de abrunho.

caje, quasi; tambem *acaje*. Na expressão: é *caje* mei(o)dia.

cajeirada, pancada com cacheira; todavia nunca ouvi *cacheira*, nem mesmo com a forma *cajeira*.

cal, qual; um jogo de crianças com pedrinhas é o «*cal* me dás».

calaço, calaceiro.

caleira (pronunciado com *á*, e não com *ä*), tronco delgado, geralmente de pinheiro escavado, para conduzir agua.

calhuada, pedrada.

candeia, nome que as crianças dão á flor do jarro, a qual se assemelha á candeia de azeite.

canôilo, colmo de fava.

çapatorros, grandes çapatos; vocabulo em sentido depreciativo.

caracódea, casca de pinheiro; tambem usado *cracódia*.

carduêsa, cordovêsa (azeitona).

Carles, Carlos.

Carma, Carmo; com applicação a mulher.

carta-cega (etimologia popular), «cabra-cega» (jogo).

Castelhada, nome de terra; está por

Casa Telhada. Cfr. Leite de Vasconcellos, *Philologia Mirandesa*, I, 445.

cau, na expressão «anda *cau*», em vez de «anda cá», que se ouve igualmente.

cavaletas, está por «cavalitas» na expressão andar ás *cavaletas*.

cocégas, cócegas.

côima, do verbo *comer;* não se diz isto em Val de Cantaro, mas ouvi contar a um velho uma anedota que terminava:

> Coima, coima, seu soldado,
> E tu Maria, levanta o rabo e de alto.

De comĕdat > *cómia.*

combissão, confissão.

còrtão, quartão: vasilha de folha que corresponde á quarta parte dum almude.

corulutos, e tambem *corlutos;* parte mais alta das arvores: «os corulutos».

costeira, encosta.

D

desajudar, é ajudar alguem a tirar qualquer carrêgo da cabeça ou das costas.

deserto, ansioso: «estar *deserto* por que elle venha».

doideira, loucura; v. g. «que doideira!»

dúida, duvida.

E

enchàcarro, na frase: «levas pancada de enchacarro».

enxugar, «enxugar a vida», matar.

Estevo, Estevão.

estrapueiro, estrepeiro ou pilriteiro.

F

facilmente, no sentido de «ser provavel». Por ex.: «estará em casa? *Facilmente* vem a estar.»

fartão, fartadela. Ouvi este termo na frase: «a Maria foi apanhar um *fartão* de agua.»

faxa, feixe de palha, ou de rama de pinheiro; é vulgar a expressão: «faxa de lenha».

feijola, dente grande.

ferra, no jogo das escondidas é o logar onde um dos jogadores fica a *dormir* emquanto os outros se escondem.

fugueiro, fueiro.

fusquetas, fosquinhas, momices.

G

gôlo, gôro (ovo).

H

habituação, hábito.

J

jaral, geral; *jaral* é muito frequente nas cartas do povo, onde se lê muitas vezes: e toda a familia *em jaral*. Vid. *Revista Lusitana*, III, 93.

Jasus, Jesus; «ai Jasus», e tambem como nome de mulher.

Joquim, Joaquim. Vid. Squim.

jum, jejum; «estar em jum»; tambem *juar* jejuar.

L

lámpados, lampos (figos).

lapa, lageà.

lareu, léu: «andar ao lareu».

lijonjeiro, lisonjeiro.

limpaço = limp-aço. Formação similar a *ric-aço*.

Lipundina, Leopoldina; por dissimilação.

liseu, liceu; palavra rara. Talvez por influência litterária de *coliseu*.

lufinho, qualidade de figo.

Luques, Lucas.

luzi-cu, pirilampo.

M

malha, tosa, tunda.

marca, botão do fato.

maroiço, parede. Há tambem *maroiçâo*, paredão.

marreira, lagea colocada a pino para o jogo da péla. O intuito dos jogadores é acertar na lagea, que por isso se marreira.
mêmo, só na expressão: *mêmo assim:* mesmo.
maneirinho = maneir-inho, pequeno.
morar, servir. «Fulana está a morar ou anda a *morar* em casa de F.».
munha, o que fica da espiga de trigo, cevada, etc., depois de separado o grão; cf. a expressão: «se o apanhasse, fazia-o em *munha*».
munho, moinho. Vid. o anterior.
murrinha, chuva miuda; tambem se usa o verbo *murrinhar*.

N

nassenhor, -a, não senhor, -a.
nogão, certa especie de noz grande.
noguito, noz pequena.

P

paz, rapaz; na expressão: «*eh paz!*»; ouve-se sòmente entre os rapazes.
peneirinha, borboleta;
pernegão, a quarta parte da amêndoa da noz.
piscanço, picanço.
poceira, cêsta larga para carretar estrume, lenha etc. Difere inteiramente do *poceiro,* até na materia de que é feita.
poixim, pois sim; poixim < pois sim.
pontarica, ultimos ramos das arvores, franças. Usado principalmente entre as crianças.
pulhas, insultos lançados conjuntamente com vozes de buzina contra alguem no Entrudo.

Q

questã, questão.

R

rebate, soleira da porta.
relampado, relampago.
rolho, açucar num pedaço de pano para as crianças de mama chuparem.

S

santantoninha, santonina.—Etimologia popular.
sapatia, sympathia. Teima, v. g.: «está co'aquella sapatia».
Sdé, José. Tambem na Extremadura.
sei, nesta expressão: sei que sim «equivalente a «parece-me»; ouvi até com surpresa: *sei que sim, não sei*.
selativa, agua *selativa* «sedativa», por etimologia popular.
sobejo, soberbo, escasso, que não dá nada a ninguem.
sòdoiro, suadoiro, por etimologia popular.
Squim, Joaquim.
subucar, sufocar. Existem outras formas como: *ensebocar ensabucar*.

T

tancha, oliveira pequena, proveniente de «tanchão».
tanchoeira, o mesmo que *tancha*.
tauba, táboa.
tifória, tifoide.—Troca de terminação.
tisicar, entisicar.
Tonho, António.
tortura, «tolice», «erro».
trapalhão, mentiroso.

V

vela, «estar á vela», e «dormir á vela»: é estar descoberto na cama. Esta ultima expressão é sobremodo curiosa, havendo manifesta contradição das ideias que encerra; e contudo eu ouvi a uma mulher: «vai *acachar* tua irmã, que está á vela», e a criança dormia a bom dormir.
velhorra, «velha», em sentido depreciativo.
vez, «duma vez», expressão com sentido superlativo que ouvi na frase: «é bonito duma vez».

CARLOS SIMÕES VENTURA.

MISCELLANEA

I

O azar no... céo [1]

A LOTARIA DAS ALMAS NO SECULO XVIII

Parece que a exploração do azar é das *industrias* mais antigas, senão a mais antiga.

Bem que o caso pese aos moralistas de todos os tempos, vê-se que tem acompanhado a humanidade na sua boa ou má travessia.

No entretanto a forma de jogo que vimos denunciar, não deixa de merecer menção especial pela originalidade que inculca.

Além de que a reputamos, em geral, desconhecida.

Esta curiosidade resuma logo do titulo acima escripto — *Lotaria das Almas!*

Mas não tem de que admirar-se.

De facto, quem hoje se der a rebuscar velharias, manuseando as antigas collecções forenses, poderá encontrar nos documentos que porventura restam da mesa do Desembargo do Paço licença para taes lotarias.

Temos presente uma folha avulsa, — que foi distribuida com outras de igual teor no anno de 1797. Reza assim [2]:

«*Aos fieis devotos das boas almas:* Não obstante ser tão grande a multidão de penas, afflicções e trabalhos que o peccado trouxe comsigo ao Mundo; e sendo tão terriveis os tormentos que a astucia do demonio, e a crueldade dos tyrannos inventaram para atormentar os mar-

---

[1] [Por ser bastante suggestivo, extráio este artigo do volume intitulado *Vida litteraria e politica* do Snr. Visconde de Villa-Moura, Porto 1911, p. 131-135].

[2] [O exemplar de que o illustre auctor d'este artigo se serviu, foi-me offerecido por elle; e eu colloquei-o no Museu Ethnologico. — J. L. DE V.].

tyres com Christo, sua cabeça: a tudo é superior e excede incomparavelmente qualquer pena do Purgatorio, ainda a minima de todas as que ahi se padecem: assim o affirmam claramente S. Agostinho e S. Bernardino de Sena. D'aqui se infere, e claramente se conhece, que aquellas Bemditas Almas tem uma necessidade de suffragios tão extrema, que no sentir de S. Boaventura, não póde ser mais extrema. Este o motivo porque com pranto contínuo nos pedem e obrigam a que com o soccorro das boas obras as tiremos de tal abysmo de penas...

«Este he pois o meio mais efficaz para mover a Divina Clemencia ao allivio, e desejada liberdade d'aquellas Bemditas Almas; por elle se tem livrado das vorazes chammas mais de 600 almas.

«Em todos os tempos tem a piedade dos Fieis inventado novas e caritativas industrias, para que não passe dia algum sem que se implore a Divina Misericordia, enviando novos soccorros àquellas santas prisioneiras. Uma d'estas industrias é a presente: ella tem sido praticada em differentes partes com grande proveito das Almas, como asseveram havêl-o experimentado muitos doutos e graves Prègadores Apostolicos. Tomareis pois um numero da caixinha junta, e confrontando-o com os numeros abaixo escriptos, nelle achareis a Alma ou Almas particulares por quem vós ou toda a vossa familia nesse dia, semana ou mez, deveis applicar algumas obras meritorias: v. g. missas, communhões, indulgencias, esmolas, jejuns, mortificações, rosarios ou outras devoções....

«Adverte-se que se deixam em branco dois numeros, para que as pessoas que praticarem esta santa devoção escrevam no numero 13 um Santo ou Santa, e no 66 uma Alma do Purgatorio, conforme a devoção de cada um....»

Seguem os numeros da Lotaria com a indicação da devoção das Almas, e outras caracteristicas, como o logar onde as pessoas a que pertencem moraram, penalidades, padecimentos durante a vida, etc.; e vem depois a nota do deposito da Lotaria [1] e finalmente a explicação de que tudo é feito mediante a licença da mesa do Desembargo do Paço.

*

Tal a transcripção, com pequenos córtes, do curioso documento. Ahi temos o jogo como industria caritativa, segundo a respectiva letra, não á maneira da Lotaria da Santa Casa da Misericordia, mas o que mais é, com effeitos além-tumulo.

---

[1] Casa de João da Silva Brandão. Rua Nova de S. João, Porto.

Andam, ao presente, os nossos ministros açodados na repressão do azar, não se lembrando, decerto, do bom acolhimento que no seculo XVIII teve esta industria por parte da Igreja, de mais a mais escudada em Santo Agostinho e S. Boaventura, afóra as experiencias dos doutos e graves prègadores...

Será para muitos *extraordinaria*, para outros ingenua a *Lotaria das Almas*. Mas certo é que existiu, e d'ahi a noticia que trazemos a público.

VISCONDE DE VILLA-MOURA.

II

«Esopete» no sec. XVII

Em dois trabalhos escritos com tão pouco intervallo, que até se tem atribuido a paternidade de um d'elles ao autor do outro, encontram-se referidas quatro fabulas tiradas do Livro de Esopo, fabulario que desde epocas remotas até hoje tem deliciado gerações successivas. Sob esse nome encontram-se numerosas peças, sendo difficil encontrar collecções inteiramente iguaes. Em Portugal já existia no romance do país no sec. XV uma collecção que foi recentemente descoberta e publicada pelo Dr. Leite de Vasconcellos, que a encontrou em Viena de Austria.

O nome geralmente usado era o de *Esopete*, formação francesa, que nos é dada pela primeira vez por João de Barros e por Camões [1].

É possivel que uma batida em regra na nossa litteratura faça surgir maior numero de referencias ao nome *Esopete*. Eu por agora achei quatro referencias em duas obras contemporaneas uma da outra.

Na *Fastigimia* de Thomé Pinheiro da Veiga, escripta no tempo de Filippe II, recentemente publicada pelo sr. Pereira de Sampaio, incansavel director da Bibliotheca do Porto,—seu autor, depois de se referir á *Ciropedia*, a Homero, ao *Asno de ouro* de Apuleyo [2], diz a pag. 102: «fabulas [são] as de Izopete, mas nellas vemos os varios effeitos humanos»; em seguida refere-se ás «verdadeiras historias» de Luciano, á Utopia de Thomás Moro, a Monsieur de La Mare, a Marco Aurelio e a D. Antonio de Guevara.

A segunda referencia a Esopo acha-se a pag. 230: «Na Corte dizia Ezopete a Solão que ou se não havia de fallar com Princepes, ou

---

1 Estas informações foram bebidas no *Livro de Esopo*, do Dr. Leite de Vasconcellos, pag. 160.

2 Já a pag. 77 se referira a Apuleio.

fallar-lhes á vontade: e respondia Solão, reprehendendo a Cresso, que ou se não havia fallar com elles ou tratar-lhes verdade». No nosso fabulario medieval não se encontra esta peça.

Ainda hoje estamos na ignorancia de quem seja o autor da *Arte de furtar*. Entre os indigitados avoluma-se o nome de Thomé Pinheiro da Veiga, que, como vimos, era leitor de Esopo, nome este que por um acaso muito suspeito é referido tambem na obra que acabo de citar, como mostrarei.

A pag. 84 da edição de 1652 no trecho: «As Republicas conservão-se com fazenda, vassallos, e leys: se a fazenda se desbarata, e os vassallos se offendem, e as leys se quebrão, lá vay quanto Martha fiou [1]; e não lhe resta mais, que fiar em uma roca, quem se fiou tanto de sua fortuna, que arrebentando de farto, não previa, que depois das vaccas gordas viu Pharaó as vaccas magras; como consequencia infallivel de prosperidades mal havidas, que sejão mal logradas, como thezouros encantados, que no melhor desapparecem, deixando carvoens nas mãos do ambicioso, que não contente com se ver farto, himpou de gordo e inchou tanto, que arrebentou como a rãa de Hisopete». Esta conhecida fabula vem no livro de Esopo (edição de Leite de Vasconcellos), a pag. 27.

A pag. 333 da referida *Arte* escreveu-se: como a rapoza de Hisopete, que banqueteou a cegonha com papas estendidas sobre huma lagem para que as não podesse tomar com o bico. Esta fabula está a pag. 22 do Fabulario.

Tambem o habil diplomata Francisco de Sousa Coutinho numa carta datada de Roma em 11 de novembro de 1656 escrevia: «Bem sei que diria a Vossa Magestade quem isto ouvise o que dizia a rapoza de que erão verdes as uvas» [2]. Esta fabula não se encontra no mencionado Fabulario.

Por estes exemplos sobre o fabulario se vê quão recompensados serão do enfado das buscas com o achado de noticias valiosas os que se dedicarem a taes trabalhos.

PEDRO D'AZEVEDO.

---

1 Outras referencias na mesma obra a este ditado: a pag. 284 e 376. Sobre elle vid. *Rev. Lusitana*, I, 306, onde o Dr. Leite põe em relação Martha com *Berta* e com *Diana* (Já). Cfr. ainda o germ. *Mahre* ou *Marte* e o francês *cauche-mar*: Mogk, *Germanische Mythologie*, pag. 38.

2 *Corpo Diplomatico Português*, tom. XIII, pag. 372.

III

Poesias do seculo XVIII

DE ESTILO POPULAR

1.

Huma menina bonita,
Com boquinha de rigor,
Sempre diz que ha de ser minha,
E nunca me faz favor...

Com seu Merlinton, Merlinton, Merlintena,
Com seu Merlinton,
Terentena [1].

2.

Huma menina bonita,
Que tem seu pae no Japão,
Por se ver desemparada,
Diz que quer fazer lehilão.

Do seu Merlinton Merlinton Merlintena,
Do seu Merlinton,
Terentena.

3.

— Menina, das-me hum beginho,
Que eu vos darey hum vintem.
— Não dou bejos por dinheiro
Se não a quem quero bem [2].

---

[1] [Quanto ao estribilho, cfr. o *Mironton, ton-ton, mirontaine* (ou *mironton, mironton, mirontaine*, ou *mirondon, mirondon, mirondaine)* da célebre canção francesa de *Malbrou (Malbrough, Malbrouc, Mal prouc) s'en va-t'en guerre)*, e o *Mirandum, mirandum, mirandela* de uma canção mirandesa, que creio ser adaptação d'aquella. — J. L. de V.].

[2] [Uma cantiga, muito conhecida em Lisboa, diz:

Ó Saloia, dá-me um beijo
Qu'eu te darei um vintem:
Os beijos d'uma Saloia
São poucos, mas sabem bem.

J. L. DE V.]

Com seu Merlinton, Merliton, Merlintena,
com seu Merlinton,
Terentena.

4.º

Se eu quizera, bem pudera
Amar-vos, e querer-vos bem;
Mas eu posso, e não quero,
Não sou de emgar ninguem.

Com seu Merlinton, Merlinton, Merlintena,
com seu Merlinton,
Terentena.

JEOSUAH HABILLO.

(Poesias extrahidas de uma collecção judaico-portuguesa, que foi publicada na *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*, XV, 467. — J. L. DE V.).

IV

Apparente conservação do "*l*" do artigo definido

Quando vou a uma villa, é meu costume, sempre que posso, copiar nas matrizes prediaes da Repartição de Fazenda nomes de sitios. Tendo estado ultimamente em Villa do Conde, ahi copiei muitos, e entre elles o seguinte: *Entre-las-bouças*, que designa um sitio da frèguesia de Mindello.

Ao primeiro aspecto, parece que se conserva ahi a fórma archaica *las* do artigo definido. Todavia, sabendo nós que as fórmas com *l* se conservam só em algumas combinações especiaes, como *todolos* e *alfim*, isto é, em circumstancias onde o *l* ficou protegido por outro *l* que se assimilou a elle (*todolos* = *todollos* «todos los), ou por uma consoante com a qual se encontrou por syncope de uma vogal intermedia (*alfim* < *a la fim)*, — temos razões de sobra para duvidar da conservação de *las*.

Como se explica pois *Entre-las-bouças?*

Devemos entender que *Entre-las-bouças* está por *Tre'-las-bouças*, isto é: *tras* ou *trans las bouças*. Na frèguesia de Fornello ha por exemplo *Trelamouta* «de trás da mouta», e na de Gião ha *Trelavinha* «de trás da vinha».

O povo tomou *tre* por *entre*, do mesmo modo que em algumas localidades diz *entremoços* por *tremoços*.

*

Na frèguesia de Gião ha um sitio chamado *Ante la torre*. A primeira parte não é propriamente a preposição *ante*, mas *antes*, cujo *s* se assimilou ao *l* seguinte: de modo que aquelle nome está em vez de *Antellatorre*, e poderia escrever-se *Ante'la torre*.

J. L. DE V.

V

O fogo eterno nos lagares de azeite

Num grosso tomo de 752 pags. sahiu em 1910 dos prelos da Imprensa Nacional o 2.º vol. do *Relatorio Geral do Congresso de Leitaria, Olivicultura e industria de azeite*, celebrado em 1905. Esse volume diz respeito exclusivamente á cultura da oliveira e do seu producto.

São sempre valiosos para a linguistica e para o estudo das tradições as publicações agricolas: pois nellas se contem quasi sempre referencias a costumes populares e menções das normas ainda não registadas pelos dialectologistas.

No relatorio do agronomo Sousa da Camara referem-se 183 nomes de 15 variedades de oliveiras, em que ha a descontar alguns repetidos e outros que são composições diversas das mesmas palavras.

Outro trabalho, da mão do lagareiro da Casa Real, Antonio do Casal, seria muito valioso, se o seu autor não tivesse pretensões literarias e não enchesse o seu trabalho de referencias mythologicas extrahidas da *Historia Universal* de Antonio Ennes. Nesse estudo intitulado *Como eu faço o azeite* encontra-se alem d'uma breve lista de nomes do concelho, da qual assignalo a denominação do «ribêro de Treme-las-agoas» [1], quatro quadras relativas á oliveira, duas adivinhas, e alguns proverbios. Na apanha da azeitona são empregadas as mulheres de Ribamar, Assenta, Pedra, Barril e Encarnação. Como durante essa operação reina certa liberdade, os habitantes das povoações por onde ellas

---

[1] Pag. 639. [Por *Entre amba'las agoas?* — J. L. DE V.].

passam apodam-nas com liberdade não menor, conforme os espécimes publicados a pg. 646.

Estudo ponderado é o do sr. Antonio Ladislau Piçarra, um dos directores da extinta «*A Tradição*», intitulado *O azeite no concelho de Serpa. Seu fabrico tradicional.*

Delle extrahi o seguinte: «Uma de cousas, que dão logo nas vistas, quando se penetra num lagar, é a existencia de uma «luminaira» — como diz o povo — ardendo constantemente (dia e noite) junto do bocal da tarefa. Essa luminaria, que tem o nome de *juiz*, consiste numa lamparina de barro ostentando uma grande chamma, produzida pela combustão de uma grossa torcida de pano cru embebida de azeite. Outrora, quando essa lamparina se apagava, ou por falta de azeite ou por não ser atiçada, era o mestre lagareiro obrigado a pagar de multa meia canada de vinho. Igual multa se applicava a toda a pessoa que accendesse o cigarro á dita luminaria».

Este rito é evidentemente sobrevivencia do culto que se consagrava á oliveira. O azeite virgem representa tambem papel importante com o nome de *santos oleos* no catholicismo, ao lado do trigo, vinho e agoa.

PEDRO D'AZEVEDO.

VI

Algumas expressões de Alfandega da Fé

1. Vocabulos

A

amofinas (subst.), tribulações, desgostos, pesares.

ancontrar, encontrar.

antrada, entrada.

aro, circulo de lata (ou de madeira de castanho) com alguns furos para espremer os queijos e deixar sair o sôro.

arramar, espalhar, diffundir.

asado, cantaro de asa, caneco.

asqueis, aquelles. *Dasqueis* e *nasqueis* = d'aquelles e naquelles.

asquellas, aquellas. *Dasquellas*, *nasquellas* = d'aquellas, naquellas.

auroso, a, airoso, a.

B

barbeiro, medico.

biseira, bando ou vara de porcos.

bõa, bõas: bôa, bôas.

C

cabrada, rebanho de cabras.

cacho, bocado. Ex: esperar um *cacho*.

chegar, bater, arrumar. Ex: chegou-lhe muitas pancadas.
cudar, cuidar (cf. *descudo*).

D

dêa,-âs,-a etc.: dê, dês, dê, etc.
deixeides, deixeis.
derramar, derrancar, corromper.
descudo, descuido.

E

eis, elles.
ensiar, enjoar, enfastiar. Talvez por *ansiar*.

F

fácel, facil.
froncela, gamela onde se põe os aros com os queijos para se espremerem. Tem uma ranhura por onde sai o sôro que rebenta dos furos dos aros [1].

L

le, lhe.
Lola, Lolinha: Aurora.

M

malhar, bater com força, dar pancadas em alguem. Ex: malharam-lhe muitas.
Marquinha, Mariquinhas.
mentes (adv.), emquanto. Ex: mentes se tem 10 reis, não se está sem dinheiro. — Em mentes eu venho. — Em mentes aqui esteve.
mieira, pessoa encarregada de apascentar e guardar as ovelhas ou cabras, e que tem metade do ganho nos filhos que se venderem.
mofina, desgraça, infelicidade.

P

patela, pau arredondado, mas grosso, no fundo, para mexer e desfazer os fatocos do coalho.
Pêdra, a filha d'um tal Pedro.
petis, petisa: rapazito, rapariguita.
procurar, perguntar.

Q

quaisquera, qualquer. Ex: quaisquera pessôa.

R

recental, carneiro novo para matar.

S

sementar, semear.
soidades, saudades.
summo, muito grande. Ex: tenho um prazer summo. É termo erudito.

T

tocar, fallar de corrida. Ex: já lhe toquei neste negocio, e elle mudou de conversa.

V

virtuóso, virtuôso. É a influencia do accento da forma fem., e das fórmas do pl. na pronúncia do singular.

---

1 [Na Beira-Baixa (Celorico) diz-se *francela*. — J. L. DE V.].

2. DITADOS E FRASES ESTEREOTYPADAS

Arrenego do boi a quem picam e não se sente (dizem as pessoas a quem reprehendem por serem muito sentidas).

Quem lhe doe o dente é que procura o barbeiro.

Nem mais nem ontem.

Nem mais nem para quê.

Eis os poucos elementos que pude colher d'uma criada que me serviu alguns dias, natural de Eucisia, 9 km. a sudoeste de Alfandega da Fé. Sobre tão poucas palavras mal se podem architetar sequer uns rudimentos de phonologia ou morphologia; por isso ahi ficam à espera d'algum benemérito leitor da *Revista Lusitana* que venha completar o quadro.

Porto, abril de 1910.

A. GOMES PEREIRA.

VII

O canto das andorinhas

Nos principios do outono, quando as andorinhas emigram, principiam nas aldeias as lavradeiras a fiar e a dobar, e, quando ellas voltam, na primavera, andam a còrar, na verde relva dos campos, as meadas e e teias, e é por este motivo que o canto das andorinhas, bem interpretado, diz o povo, deve traduzir-se assim:

Fiadeiras que fiastes,
Córadeiras que córastes,
Em quanto fui ao mar
E vim, vim, vim, vim, vim, vim?

Estas lindas avezinhas — tão uteis pela enorme quantidade de insectos que apanham no ar e, por isso voam constantemente com o bico aberto, — correspondem com esta *pipilante saudação* ao apreço em que as tem o povo rural que, quando ellas regressam, lhes faz este carinhoso *cumprimento*:

Andorinhas loucas!
Porque fostes tantas?
Porque vindes poucas? [1]

ABILIO DE MAGALHÃES BRANDÃO.

VIII

Ditado de Paços de Ferreira

MÊS DE FEVEREIRO

1.º A boca t'o dirá
2.º Guardarás
3.º Irás a S. Brás.

Explicação: No primeiro de fevereiro é dia de jejum; no dia 2 é dia santo de guarda (Purificação de Nossa Senhora), e no 3.º é dia de S. Brás, cuja romaria se realiza na freguesia de Frasão, na Capella de S. Brás.

ABILIO DE MAGALHÃES BRANDÃO.

IX

Etymologias

1. Cabaça

Comparando *cabaça* com o hesp. *calabaza*, esperariamos **caabaça* em português archaico, porém o que conheço é *cabaaza* nas *Inquisitiones*, p. 90 e 91. Se em português archaico houvesse aquella fórma, teriamos hoje na lingua popular talvez ainda **càbaça*, e não temos,

---

[1] As *Trad. pop. de port.* do sr. Dr. J. Leite de Vasconcellos, inserem a pags. 157 esta variante:
«Diz-se isto das andorinhas (Minho):

Andorinhas loucas
Ides tantas, vindes poucas».

que eu saiba. Todavia o onomastico do sec. XIII apresenta *Calabaza* e *Calabacinus;* mas como tambem apresenta *Cabaaza*, *Cabaazal*, e *Cabaazos*, concluo que em epocas antigas se disse *calabaça*, d'onde por metathese se fez **cabalaça*, que explica as fórmas *cabaaça*>*cabaça*.

2. Gravo

Num doc. do sec. XVI, publicado no *Archivo Hist. Português*, II, 393, fallando-se de espadas, diz-se: «E as cymquo douradas e lavradas de çimzell, e o campo *gravo;* toda a dita gurniçam dourada per toda».

Gravo: do latim glabru- *(glaber)*, que do sentido de «sem pelos», «calvo», passou ao de «liso».

3. Olharapos e Olhapins

Estas palavras designam na tradição popular portuguesa certos seres sobrenaturaes: homens differentes de nós, antropophagos, com um só olho no meio da testa, e habitadores de um país longinquo. — Vid *Trad. pop. de Portugal*, p. 273.

A crença nestes seres é não só muito espalhada, mas muito antiga, pois com ella se relaciona a dos Ciclópes gregos. Entre a antiguidade e o presente temos a litteratura medieval, que nos falla de gigantes com um só olho na fronte: cfr. Langlois, *Connaisance de la nature et du monde au moyen âge*. Paris 1911, pag. 82 e 213.

Olharapo usa-se, por exemplo, na Beira, e *Olhapim* no Minho. Supponho que a primeira palavra se decompõe em *olh-ar-apo*, isto é, lat. ocularis + suffixo *-apo;* e a segunda em *olh-ap-im*. O suffixo *-apo-* ou *-ap-* é raro, mas apparece tambem em *fiapo*, de *fio;* o suffixo *-im* é deminutivo, como em *espadim*, *patim*. — Outras linguas tem palavras analogas, tambem com suffixos raros, como raros são os personagens: hespanhol dialectal *ojáncano* e *ojanco* (Pidal in *Festgabe f. Mussafia*, p. 392, e Mugica, *Dialectos*, p. 33), e piemontêz *oucioun* (Prato, *Gli ultimi lavori folkl.*, p. 8); em italiano corrente ha *occhiaro* e *occhiaccio* «olho grande».

J. L. DE V.

CHRONICA

Escolas de português na Allemanha — «Do interessante relatorio do sr. dr. Ignacio da Costa Duarte, consul geral de Portugal em Hamburgo, trabalho que occupa 90 paginas do ultimo «Boletim Commercial» da Direcção geral dos negocios commerciaes e consulares, extractamos os seguintes periodos:

E como elle, Allemão, não quer impôr a sua lingua ao cliente de outras nacionalidades, e, por outro lado, achando da maior vantagem dirigir por si proprio os negocios que emprehende, sem dependencia de empregados interpretes, encontram-se a cada passo commerciantes que, além de inglês, conhecem o francês, o russo, o italiano e o espanhol, consoante as exigencias e a geografia das suas operações.

O idioma de Camões não deixa tambem de ser attendido, em razão das importantes relações de commercio com o nosso país e particularmente com o Brasil. Só aqui, no meu districto consular, tenho noticia de haver 17 escolas de commercio e de linguas, onde se ensina o português, além de 9 professores particulares, que são: 2 portugueses; 1 brasileiro; 1 ou 2 hespanhoes, e outros creio que allemães.

Estes cursos de português são frequentados principalmente por empregados de escriptorios, que se habilitam para correspondentes ou para caixeiros-viajantes destinados a operar em Portugal e no Brasil.

Portanto, é pelos meios mais legitimos que o commercio e a industria alcançaram a supremacia que disfrutam».

(Do *Diario de Noticias* de 13-VII-1911).

Um curso de lingua portuguesa na Universidade de Liège — «No dia 20 do corrente realizou-se na sala academica da Universidade de Liège (Belgica) a inauguração solene do curso de lingua portuguesa, fundado sob os auspicios da «Société d'Expansion Belge vers l'Espagne et l'Amérique Latine». Assistiu o encarregado de negocios de Portugal em Bruxelas, sr. José Cordeiro, discursou o presidente da Sociedade, o

ministro do Brasil, sr. dr. Oliveira Lima, e o professor do curso, um belga que viveu 15 annos no Brasil, onde aprendeu português e dirigiu um estabelecimento de ensino e que acaba de publicar, como auxiliar das respectivas lições, um judicioso metodo de ensino, prefaciado por aquelle diplomata. O curso foi inaugurado com 250 alunos, o que mostra as simpatias que se manifestam por ele e denota um movimento de aproximação internacional e de solidariedade humana.

A lingua portuguesa já se ensinava na Belgica, no Institut Supérieur de Commerce de Saint Ignace, em Antuerpia, na Abbaye de Saint André de Bruges, e na Universidade de Bruxellas, sob os auspicios do Cercle Polyglotte, da mesma cidade».

(Do *Diario de Noticias*, de 2-XI-1911).

Ensino da lingua portuguesa em Inglaterra — O nosso consul em Liverpool, sr. Quilinan Machado, comunicou ao sr. ministro dos estrangeiros que a «Education Committee», repartição dependente da «Liverpool Corporation», abriu em setembro um curso para o ensino da lingua portuguesa na «School of Commerce».

Não obstante a importancia que o português está tomando na Inglaterrra, ainda ali não era ensinado, havendo, porém, cursos de francês, italiano, russo, etc.

Para a criação d'aquele curso concorreu com todo o seu esforço, instando sem descanso junto da aludida Escola, o nosso compatriota sr. Augusto Furtado.

(Do *Diario de Noticias*, 30-XI-1911).

BIBLIOGRAPHIA

I

LIVROS

Os Lusiadas de Luis de Camões, commentadas por Augusto Epiphanio da Silva Dias: Porto, Magalhães & Moniz, 1910, 2 volumes de XL — 316 e 350 paginas.

Vem a pêlo falhar-lhes d'uma obra no Porto editada, e que merece, a meu vêr, uma noticia especial. Refiro-me aos *Lusiadas*, — commentados por Augusto Epiphanio da Silva Dias. Trata-se evidentemente d'um trabalho de vasta erudição, e, ai de mim! não irei embrenhar-me na floresta densa que é a obra do eminente professor, porque não sei, nem posso. Uma critica minuciosa aos volumes não é tampouco para uma carta *à la diable* d'uma gazeta; mas afigura-se-me de justiça lembrar um trabalho arduo, consciencioso, sem duvida largamente meditado, e que honra a bibliographia erudita de Portugal.

Devo notar aos varios corrilhos do panegyrico nacional, que nem de vista conheço o auctor dos commentarios. Apontando esta edição da nossa grande epopeia, cumpro um dever: eis tudo. Os competentes que a discutam — e que se vão preparando para o estudo das annotações do mestre, que não é tarefa, com saber e consciencia, para leituras escoteiras e faceis.

Se até agora, entre os varios exegetas dos *Lusiadas*, sobresáe Manoel de Faria e Sousa, parece-nos que, juntando-se-lhe a presente edição do sr. Epiphanio, já nada poderá haver que offereça dúvida nos passos do poema. O nosso primeiro grammatico esgotou magistralmente o assunto. Ao percorrer-lhe os commentarios, temos a segurança de que o grande latinista e hellenista devia ter gasto largos serões em varios annos nesse trabalho valioso e exhaustivo, em que a somma de conhecimentos é assombrosa. Como sabem, entrelaçam-se nos hendecasyllabos as noções mais variadas, que o Poeta naturalmente crystalliza, e que o annotador precisa de destrinçar, de explicar, de corrigir, desde a mythologia

classica, desde as dissecções do texto, ás vezes deturpado, até ás noções de cosmographia, de geographia e de sciencias varias, que o Poeta mais ou menos conhecia.

Tudo isso é feito com singular penetração de anatomista — e com lucidez juvenil. E o sr. Epiphanio já não deve ser novo. O meu velho mestre de latim, Emilio Dantas, que dava gargalhadas que pareciam de Jupiter, referia-se ás vezes ao commentador dos *Lusiadas*. Annos antes, já o sr. Epiphanio havia feito uma revolução no ensino humanistico. A sua latinidade trazia um barrete phrygio revolucionario; a sua «Grammatica elementar portugueza» — a mais original e mais notavel que ainda se publicou entre nós, — contribuira tambem para que unissem fileiras as hostes em grande parte fradescas dos pedagogos nacionaes. Foi uma balburdia. Houve então um ruidoso fechar de caixas de rapé, rouquejou um grito de rebate, semelhante ao que haveria nos velhos burgos, quando o invasor triumphal apontava nos cerros...

Muitos deixaram de se pitadear com estridor voluptuoso: mordiam o beiço, com insoffridas ganas de rachar de lés a lés com a palmatoria de buxo o revolucionario abstruso. Alguns, mais emotivos (que liam a «Grinalda»), limparam ao lenço de ramagens uma lagrima esquiva, em que ia a saudade dos *in-folios* roidos pela traça, — que em todos os tempos foi a satyra mais viva á vaidade dos homens...

— Ah! senhoras — dizia o Marcollino, que fôra egresso, e que ensinára humanidades o mais deshumanamente possivel —, isto são lérias que não prestam p'ra nada. Patacuadas! Eu ensinei sempre de outra maneira, — e no meu tempo sabia-se!

De feito, o Marcollino tinha ensinado sempre varias gerações de humanistas — a murro.

Felizmente os rapagões de Entre-Douro-e-Minho eram nesse tempo de tal modo rijos, que o processo pedagogico do sôco era de certo um emolliente therapeutico; e os discipulos do ex-frade, que escaparam ao traumatismo, aprenderam a declinar razoavelmente. E deram bons abbades. O Marcollino, que eu ainda avistei uma tarde a discutir com Amorim Vianna a existencia da alma — morreu de uma indigestão de ameijoas.

*

Falar dos *Lusiadas* deve ser sempre grato a todos nós, que para todos o poema é motivo de incomparavel gloria; mas, abstrahindo do seu significado patriotico e dos seus valores multipli-

ces, elles são ainda certamente uma obra de verdadeira poesia humana. Digam o que disserem cavalheiros mais ou menos *snobs* — «que nunca puderam lêr, por archaico, senão um ou outro episodio» — como se fosse preciso que elles o lêssem, para que o poema fosse uma maravilha immortal, — os *Lusiadas* são sempre para mim, em grande parte, leitura deleitosa e cheia de alma.

Apesar da *bontade* de Castilho, de baixo da olaia, de que raras estrophes se salvavam, como technica; apesar do vergonhoso ensino que em tempos se fazia por elles á pequenada chilreante das primeiras lettras, que ficava quasi sempre a aborrecê-los em logar de os amar, atordoada e maçada, diante d'aquella bicha de sete cabeças (eu ainda apanhei varios cantos, e cuidei sempre que Neptuno era o professor); apesar de tudo, os *Lusiadas*, se nos não commovem como as lyricas, guardam inalteravelmente a frescura e a graça das obras vividas, e por isso mesmo eternas. São um monumento enorme — cujas naves estão cheias do perfume de flores que não fenecem...

E como lhes passa nos versos a melopeia dos ventos do mar alto, o cheiro acre das ondas! Dir-se-hia que as cordas d'aquella lyra excelsa são por vezes as proprias cordas dos galeões errantes onde a procella estruge. O mesmo maravilhoso é humano e vivo: as deusas, as nymphas, não são olympicas como as de Rubens — são lindas mulheres amantes, de carne e osso, embora de carne admiravel e divina. Não obstante a machina do poema, e a jaula epica em que se metteu o poeta, sente-se sempre o grande namorado ardente e sem ventura, o contemplador nostalgico e commovido da Natureza, para quem o mar fundo e o céu immenso tinham mysterio e sonho... Não é necessario ver Camões «ao reflexo das auroras e luares theatraes»; pelo contrário, elle está alli inteiro e eterno como a Patria — cavalleiroso, namorado, melancolico...

Nas proprias falas do Adamastor soluça um homem, um Prometheu d'outro genero, sempre immensamente amoroso e desgraçado. Com elle soluçam a terra e as agoas bravas, nessa integração sublime a mais não ser, e tão profundamente dramatica como o melhor de Shakspeare.

Podiamos citar passos e passos. Mas para quê, se o thema é inexhaurivel, e se esta carta vae longa?

(Do *Diario Popular*, n.º 12, de 23—III—1911).

JULIO BRANDÃO.

Magie & Religion dans l'Afrique du Nord, par Edmond Doutté, Alger, 1908, 617 pag.

A obra do professor ou Escola Superior de Letras de Argel tem por fim dar a razão sociologica e psychologica da magia e religião no mundo muçulmano do norte de Africa. O assunto é a formação da ideia do magico e do sagrado com abstracção da personificação.

Como succede nas sociedades primitivas, a vida religiosa na forma do mahometanismo invadiu todas as manifestações da actividade do norte de Africa. O espirito civil ou laico é quasi completamente desconhecido. Comecemos a nossa relação pelo pessoal magico. Entre os barbaros a predicção do futuro e adivinhação estava, e ainda está em parte, nas mãos de mulheres, pois já Procopio, *De bello vandalico,* II, 8, se refere a ellas. O mesmo succede em Portugal: cfr. a pithonisa que aconselhava D. Sancho I, a celebre bruxa da Arruda, etc.

O feiticeiro africano, como a nossa bruxa tambem pratica a medicina, não sendo facil separar esta da feitiçaria. O curandeiro, como o seu collega de Portugal tambem tem por vezes certa influencia politica. O barbeiro cura lá como cá, bem como o ferreiro, substituido entre nós pelo ferrador. O ferreiro africano trata como o nosso algebrista dos entorses. Os poderes dos magicos mouros são exactamente os mesmos das bruxas e dos lobis-homens: tem poder sobre as forças da natureza (chuva, sol, etc.), e a faculdade de se tornarem invisiveis, os de fazerem viagens rapidas, de se metamorphosearem em animaes, etc. A nossa feiticeira não se confunde tanto com o santo como no norte de Africa, o que se percebe que provem do estado moral ser mais adiantado e differenciado entre nós, do que ali. As bruxas modernas, ao revés das antigas feiticeiras, procedem quasi sempre em nome de Deus. A transmissão dos poderes nos mouros é pela graça de Deus ou *Karâma,* vocabulo derivado do grego; entre nós é pelo celebre *novelo.*

No capitulo II, consagrado aos ritos magicos, encontram-se alguns semelhantes a certos usos de Portugal e que provavelmente se estendem a outras regiões da Europa.

Os encantamentos ou ritos oraes constituem um capitulo em que ha a notar certas praticas que entram no quadro geral das tradições de todos os povos, taes como o caracter magico da poesia, as narrativas magicas de certos heroes ou santos, empregadas

em casos especiaes e de occasião, e o uso de nomes tirados de linguas estranhas.

Ao lado dos encantamentos temos o capitulo consagrado aos talismans ou ritos figurados, em que se trata da influencia que exercem as imagens sobre as doenças. Um uso da Africa encontra-se tambem entre nós em estado de proverbio: *curar a ferida com o pelo do mesmo cão.* Tambem neste capitulo achamos o que os antigos portugueses chamavam *nominas* ou orações escritas em papel ou pergaminho e trazidas ao pescoço dentro de saquinhos, sós ou acompanhadas de varios objectos. O sino-saimão e o numero sete, cujas virtudes se celebram em um livro arabe são aqui descritos.

O capitulo V, sobre os fins praticos da magia, é preenchido com receitas de tudo o que pode cair debaixo da alçada da magia, inclusivè o descobrimento de thesouros, que a nossa gente do campo põe á guarda das *mouras*. Os ligamentos, castigados pelas nossas Ordenações, ainda são empregados pelos habitantes do norte de Africa.

Á magia, sciencia e religião consagra o A. um capitulo em que trata das relações entre aquellas tres ordens de conhecimentos, exemplificando-as com o *mau olhado*, que é minuciosamente tratado. Em principio não ha distincção entre milagres e feitiçaria.

A differença é que por uma serie de causas historicas a feitiçaria passou a ser condemnada e perseguida.

Em dois capitulos (VII e VIII) occupa-se o A. da advinhação inductiva e intuitiva. Pela primeira estendem-se os presagios (agoiros, espirros, bocejo, sortes, etc.); pela segunda as apparições de figuras mais ou menos phantasticas que prognosticam casamentos ou outros casos importantes da vida. É aqui que tem cabimento a necromancia, a adivinhação pelos espelhos, a hydromancia, os sonhos, as visões e a incubação, quasi semelhante ás vigilias medievaes dos santos.

No capitulo IX são descritas as forças sagradas e a transmissão dellas, taes como julgam os africanos, encadeadas no uso do lançamento de pedras em certos logares onde foi commettido algum assassinato ou por motivos desconhecidos, costume identico ao da construcção de cruzeiras entre nós; nas arvores sagradas; nas reliquias, cabellos, pedras e *ex-votos*.

Na investigação sobre os sacrificios (cap. X) encontra-se o derramamento de sangue, como nos cilicios dos nossos antigos ascetas; ahi se trata da utilidade de existirem em todas as casas

animaes; da morte de certos animaes em dias festivos (cabrito, perú, etc.), e dos banquetes equivalentes ás nossas bodas.

No norte de Africa, com mais intensidade nuns pontos que noutros, celebra-se a dez do primeiro mês do anno muçulmano a festa chamada de *'àchoûrâ*, analoga ao entrudo. Ha mascarados, scenas comicas, danças e cortejos. Neste mês é que são celebrados os casamentos nalgumas localidades, sendo isto tambem analogo ao augmento de casamentos entre nós antes do entrudo, porque durante a quaresma a Igreja não concede as bençãos. Parece ser a festa um resto do culto agricola.

Alem da festa acima mencionada, os habitantes do norte de Africa ainda celebram outras. Temos a de *Ennair, Jennar* (Januarius) correspondente á do nosso Anno Bom ou das calendas, com ritos pouco diversos dos nossos. Uma outra festa celebrada pelo muçulmano é a de *ancera*, em 24 de junho, dia de S. João no calendario catholico. O verso português que diz que os mouros da Mourama festejam aquelle dia é de completa exactidão. Nessa noite ardem fogueiras por cima das quaes salta quem quiser, e tomam-se banhos. Neste capitulo (XII), que é o ultimo, trata o A. dos diversos ritos destinados a obter chuva, os quaes tem similares entre nós. A religião oficial muçulmana tem tambem como o catholicismo uma prece para alcançar a chuva.

O A. procura neste seu trabalho, não compilar todos os ritos e todas as ideias que praticam e possuem os indigenas do norte de Africa, mas pelo contrario chegar á origem da magia em geral, por meio do exame numa sociedade. A sua obra é dominada pelo pensamento superior de analise psycologica; por isso deixa pouca margem para a comparação do nosso *folk-lore* com o africano. A leitura deste bello estudo dá-me a impressão de que essa sociedade ainda hoje viva, representa a nossa do seculo XVI e XVII, não a dos livros, mas a que se encontra nas folhas corcomidas dos processos inquisitoriaes. O sr. Doutté não se serve só da tradição, vae até as fontes literarias; assim nós, para comprehendermos o exiguo e deformado material magico que os *folk-loristas* tem armazenado nos ultimos decenios, precisamos de recuar no passado e buscar nos depoimentos e confissões do Santo Officio a chave de muitos usos enigmaticos.

Talvez, tambem, se explique — em parte — por esta forma a noção magica dos mouros ainda reinante entre nós. Os escravos mouros não eram raros, em Portugal, e a elles e aos negros se devem attribuir muitos usos.

Em conclusão: entendo que a *Magie & Religion dans l'Afrique du Nord* deve ser consultada pelos amigos das nossas tradições, tanto pela feição philosophica dada á obra, como pela relativa abundancia de materiaes compilados nella.

PEDRO A. D'AZEVEDO.

Fragmento de un nuevo códice gallego de las «Partidas», por Andrés Martínez Salazar. La Coruña (1910).

No *Boletín de la Real Academia Gallega* (n.os 31 e 321) e depois em *separata* publicou o snr. D. Andrés Martínez Salazar, um *Fragmento de un nuevo códice gallego de Las Partidas*, fragmento que se encontra em poder do snr. Marcelo Paumán, e que, na opinião competentissima d'aquelle illustre paleografo, data do ultimo terço do seculo XIII. Compreende elle o final da lei Xa — titulo XIX — da Partida 1.a e as *leis* Ia *a* IVa e parte da Va do *titulo* XX da mesma Partida.

A sua linguagem é a mesma que se encontra nos documentos da epoca, quer de proveniencia gallega, quer portuguesa, pois é sabido que as duas linguas então quasi nada divergiam uma da outra; apenas no texto de que me occupo ocorrem algumas fórmas e vocabulos castelhanos, o que não é de estranhar, visto ser elle tradução deste ultimo idioma: taes me parecem *aiuna*, *complido* e *complidamente*, *ellos*, *escrivir*, *esquilmos*, *justicia*, *mantengan*, *miismo*, *perrochial*, *seglar*, *sennaladamente*, *sirven*, *sobervia*, *tollío*, *vencío* [1], *vivimos e vivissen*.

Essa quasi completa identidade que então existia entre o gallego e o português do Norte de Portugal, pois é este que conhecemos pelos escritos da epoca, que são os documentos emanados dos cartorios, as composições poeticas dos trovadores, obras asceticas, na sua maioria traduções do latim, e alguns ensaios historicos, em quanto a linguagem do Sul apenas pelo onomastico nos é revelada — essa quasi identidade, repito, melhor resaltará do brevissimo estudo que passo a fazer do alludido *Fragmento*, sob os tres aspectos gramaticaes, fonético, morfologico e sintático.

---

1 Assim era a pronúncia destes dois vocabulos no antigo castelhano; o moderno, porém, deslocou o acento tónico do *i* para o *o* final. Vide Menéndez Pidal, *Gram. Hist. Esp.*, pag. 218.

Como em português, o ĭ átono está representado por *e:* vê-se isso, entre outros exemplos, em *dereito, dezemar*, etc.; ocorrem, porém, as formas *sirvir, sirviço* (ao lado de *sirvicio* que deve ser castelhana) e *sintidos;* é de crer que o *i* átono provenha do tónico por assimilação. O *e* tónico, que entre nós, quando seguido de *a* ou *o* finaes, se ditongou posteriormente, para evitar o hiato, no gallego continuava e continúa ainda hoje, como em hespanhol; assim por exemplo, *area, cea, colmea*, etc. A condensação do ditongo em vogal que se deu no português em *igreja*, observa-se já neste documento, mas, a par dessa forma, parece que existia tambem a portuguesa *eigreja*, pois o actual gallego ainda a conserva juntamente com *eireja;* tambem lá aparece condensado o ditongo *ou* em *confirmo-o*, em vez de *confirmou-o; cativo*, porem, é talvez lapso em lugar de *cautivo*, como se dizia na nossa lingua arcaica e se ouve ainda em hespanhol. A forma *maesteiral*, que lá ocorre por *meesteiral*, se não é tambem devida a *lapsus calami*, resultará de dissimilação ou de influencia de *maestre*. Esta e aquella forma, alem de outras, taes como *aviinça, beeito*, etc., revelão-nos que ainda não era completa a fusão das vogaes ao menos na escrita, embora a preposição *a* e o artigo *a* estejão por vezes contraídos. Ao lado de *maestre* ou *mestre*, comum ao gallego e português, e que pelo seu *e* final revela proveniencia estrangeira, de certo francesa ou provençal, possue aquella lingua a fórma *mestro* e *mayestro*, que correspondem perfeitamente á latina *magistru-*. O *a* protésico, tanto da predilecção do povo, nota-se já em *achegados*. A queda do *l* intervocalico observa-se ainda no substantivo-plural *maes*, que na nossa lingua assim era tambem, sendo depois refeito sobre o latim. A resonancia nasal mantem-se como em português; termos se encontram, porem, em que evidentemente se omittiu o sinal indicador della, isto é, um traço horizontal, equivalente ao actual til, ou o *n*, como se nota tambem em documentos nossos dessa epocha; estão neste caso *bees* e *ordees*, que tambem aparecem escritos *beẽs* e *ordẽs*, mas, como o gallego levou mais longe a supressão da resonancia, por vezes fica-se em duvida se ella já tinha desaparecido realmente; estão neste caso o substantivo *pedença* (no texto *pêêdenza*) e o verbo *perteescer* que no português de então soavão *pendença* e *perteẽcer;* ao contrario esse signal acha-se em *despensas* onde de certo a resonancia já se não fazia ouvir, tendo sido alli posta sem duvida como reminiscencia literaria, e persiste ainda em *pessõas pessõal;* tambem o adverbio *como* aparece escrito sempre *cômo;* effectivamente na linguagem popular portuguesa de hoje assim se ouve em geral esta particula. Formas

estranhas são *escomayo* e *empeyrador;* na primeira, a que talvez falte o sinal da resonancia nasal, o *a*, se não está em vez de *o*, por descuido de quem escreveu, poderá explicar-se por dissimilação (cf. o pop. *escamongado*); na segunda é provavel que o escrevente pensasse em *rei*, ao lança-la no pergaminho; a não ser assim ou descuido, não encontro explicação para aquelle *i*.

Na morfologia nota-se que ainda, como em português, o substantivo *linhagem* tinha o genero masculino; que o artigo ou pronome *o* tomam as formas *lo* ou *no*, quando precedidos de *r*, *s* ou *n*, letras que, depois de assimiladas, caem: assim *todolos*, *ennas* ou *enas*, *ena*, e por analogia *eneste;* apenas a preposição *con* conserva a forma *los* por excepção. Entre os pronomes demonstrativos, do mesmo modo que em português, figuram *ele* (mas *elles*), *aquel* e *aquello;* nos indefinidos *todo*, no sentido de *tudo*, que só depois surgiu na nossa lingua; o dativo do pronome pessoal da terceira pessoa do singular só uma vez apenas tem a forma *les*, mas é de presumir que tal forma seja castelhana ou que nella se omittiu o *l*. O pronome possessivo da terceira pessoa, alem da forma *seu*, feita por analogia com *meu*, tem tambem a regular *sou*, que vive ainda no mirandês e se ouve em Chaves [1]. Á semelhança do português, o pronome archaico *nostro*, que já então fôra substituido por *nosso*, continuava a usar-se na especie de frase esteriotipada *nostro señor*. Como na nossa lingua de então, e ainda hoje no mirandês e em varios dialectos do Norte, a terceira pessoa do singular do verbo *ser* era igual á primeira, isto é, *foi* [2]. O verbo *dar*, a par de *deu*, tem, em igual pessoa do mesmo tempo, *dou*, forma que ainda vive no gallego, em mirandês e na linguagem de Tras-os-Montes [3] e deve ascender a uma latina *daut* (por *davit*), formada por analogia com os verbos regulares ou fracos da primeira conjugação. Na mesma pessoa e tempo, os verbos *dizer* e *querer* apresentam as fórmas *disso* e *quiso*, que já occorrem nos trovadores e subsistem ainda, alem do gallego, em português dialectal [4]. Do verbo *valer* encontrão-se no *Fragmento* os formas *valrria* e *valvesse*, que se encontram tambem nos escritores portugeses

---

[1] Vide Dr. Leite de Vasconcellos: *Estudos de phil. mir.* I; pag 365, *Dialectologie*, pag. 131.

[2] Idem, ibid., vol. I pag. 417; ibid., pag. 140.

[3] Idem, ibid., I pag. 430; ibid., pag. 138, e snr. Garcia de Diego, *Gram. Hist. gallega*, pag. 140.

[4] Vide snr. Garcia de Diego, *Gram. Hist. gallega*, pag. 138 e 143; Dr. Leite de Vasconcellos, *Phil. Mir.* I 438 e 441, e *Dialectologia*, pag. 140.

da época, e resultaram, a primeira da sincope do *-e-* pretónico, e a segunda da consonantização da semi-vogal, se é que o *u* se pronunciava *v*, como parece. A terceira pessoa do plural termina sempre em *om;* o mesmo se dava no português desta epoca e se observa na lingua do povo de hoje. No verbo *aver*, com a significação de existir, o adverbio *i*, que depois como na nossa lingua literaria e popular, lhe foi proposto e soldado, era ainda inseparavel, e collocado antes delle, tal qual sucede no francês. Emquanto a preposição *ante* conserva esta unica fórma, ao lado de *depois*, como aconteceu na nossa lingua, aparece tambem *despois*.

Na sintaxe observam-se fenómenos que no português tambem se davam, taes são a dupla negativa: ex.: «de *nenhum* destes *non* devem os clerigos a receber»; a repetição da conjunção integrante *que*, facto que se nota ainda na lingoagem do nosso povo: ex.; «mandou *que* todas estas cousas... *que* fossem scriptas ena ley; dizendo aos judeos *que* macar dezemavan. ...*que* non deven leyxar, etc.»; o emprego do artigo definido antes do pronome *un*, como em francês ainda se usa: ex.: «Deus criou duas ordes dangios et porque *a una* dellas caijo per soberva, etc.»; a concordancia do verbo com o complemento que designa o todo, e do participio, num tempo composto, com o complemento directo que o precede: ex.: «merescan (os õmes) herdar aquel lugar que a dezena orden dos angios perderon; herdades que avian gaannadas, etc.»; a collocação de uma palavra entre o pronome átono e o verbo cuja significação elle completa: ex.: «se o non fazen; et que bees veen aos õmes por dezemar ben et que maes se o mal fazen, etc.»; na expressão *qualquer que* a interposição entre *qual* e *quer* do substantivo a que se refere, dizendo: «de *qual* natura, sciencia *quer* que seian»; mas: «as (herdades) que depoys gaannaron [ou] por qual quer maneira gaannassen, etc.»; e finalmente o emprego da preposição *a* depois do verbo *dever* e antes do complemento directo de pessoa: ex.: «non *deven* os clerigos *a* rreceber; esto se *deve* a entender, etc.; husaron os õmees de sirvir *a* Deus, etc».

Na ortografia o *l* e *n* molhados são indicados por estas letras dobradas, como ainda se usa em hespanhol com o primeiro fonema, mas, como nesta lingoa, ocorre já o *n* com o traço sobreposto, assim: *concello, lle, sennorio, connoscendo*, a par de *señor;* o *j* e *c* são tambem representados por *gi* e *c*, como noutros documentos, por exemplo, o testamento de D. Affonso II (*Rev. Lusit.* VIII, pag. 80). A collocação do *n*, como sinal de resonancia, está por vezes feita de modo que pode induzir a leitura falsa; dá se

isso em *una, teenen, graandas,* que, a meu ver, devem ler-se *ũa, teem* e *grãadas*. O *i* dos ditongos descendentes desta subjuntiva é indicado por *y;* unica excepção é *lee,* que tambem se acha escrito *ley*. Nos verbos incoativos o grupo *sc,* que antes de *e* ou *i* se reduziu a *c,* acha-se escrito sempre da mesma maneira; isso não obstante, penso que a sua pronuncia antes das mencionadas vogaes seria a do *c* em identicas circunstancias, tendo-se escrito o *s* em obediencia á etimologia.

Numa breve introdução ao fragmento aparecido e agora publicado, descreve o snr. Salazar a folha de pergaminho em que se acha escrito esse resto da tradução gallega das *Partidas de Affonso X,* estudando minuciosamente a sua letra e grafia. A copulativa *e,* segundo nos diz o benemerito editor, está sempre representada por *et,* quando maiuscula, de certo por costume tradicional, julgo eu, pois a sua pronuncia, na lingoa vulgar, devia ser pouco mais ou menos a que hoje tem; quando minuscula, usavão indicá-la por *Ꝛ*, que era o sinal com que se representava a dita conjunção em textos latino

A seguir ao *Fragmento* encontra-se um *Glossario* no qual o mesmo snr. incluiu unicamente as palavras gallegas, com indicação da pagina e linha em que ocorrem, e respectiva correspondencia em castelhano, o que muito facilita o estudo do documento; dalgumas dellas occupo-me noutro logar desta *Revista,* procurando-lhes as origens e evoluções nas duas lingoas — o gallego e o português.

J. J. NUNES.

II

PERIODICOS

— Na ***Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos,*** anno XIV, Nov.-Dez. de 1910, começou a publicar-se um artigo de Camille Pitollet acerca de uns versos hespanholes e portugueses do Judeu português Jeosuah Habillo, com muitos extractos e noticias. Vid. supra, pag. 296.

— Na ***Zeitschrift für romanische Philologie,*** XXXV, 192 (fasciculo 2.º) começou Leo Spitzer um artigo com observações estilistico-syntacticas deduzidas do romanceiro hispano-português (emprêgo de uns tempos por outros, asymetria no uso dos artigos e

das preposições). Ás vezes ha exemplos demasiados do mesmo phenomeno, mas está ahi accumulada muita materia que dava para varios e bons artigos. — Continúa noutros fasciculos.

— No ***Bulletin Hispanique,*** XIII, 375 a 378 (n.º 3), inseriu o Prof. G. le Gentil uma noticia da obra de Leite de Vasconcellos intitulada *o Doutor Storck e a Litteratura portuguesa,* e faz bello retrato litterario do lusitanophilo allemão.

J. J. NUNES.

III

VARIA QVAEDAM

— ***Paredes de Coura*** (no Alto Minho), por Narciso C. Alves da Cunha, Porto, 1909, 556 pag., com estampas. Contém valiosas noticias ethnographico-dialectologicas.

— ***Raças, usos e costumes de Inhambane*** — por Augusto Cabral, Lourenço Marques 1910. — Ha um exemplar na Bibliotheca da Academia das Sciencias de Lisboa.

— ***Sobrevivencias, typos e costumes,*** relativos especialmente á Beira Baixa, I: As *queijeiras* redondas de Castello Branco e as *cabanas* da Serra da Estrella. Por F. de Tavares Proença Junior.

— Collecção de manuscritos ineditos da Bibliotheca Municipal do Porto:

I. ***O Livro da Côrte Imperial,*** Porto, 1910;
II. ***O Livro da Virtuosa Bemfeitoria,*** Porto, 1910;
III. ***Fastigimia,*** Porto, 1911.

— ***Fabordão,*** — por João Ribeiro, Rio de Janeiro e Paris, 1910.

— ***Os Arabes nas obras de Alexandre Herculano*** (Notas marginaes de lingua e historia portuguêsa), — por David Lopes, Lisboa, 1911.

J. L. DE V.

NECROLOGIA

CONSIGLIERI PEDROSO

Em «Sintra, para onde ia todos os annos veranear, falleceu hontem [1] ao cabo de algumas semanas de soffrimento, o professor Consiglieri Pedroso. Desapparece assim, prematuramente — comquanto a sua carreira brilhantissima já fosse longa e cheia de serviços nos diversos campos da actividade intellectual e patriotica — uma das mais prestigiosas figuras portuguesas do nosso tempo. Depois de haver consagrado á propaganda democratica o enthusiasmo da juventude, Consiglieri Pedroso, nos ultimos annos da sua existencia, dedicára-se, quasi exclusivamente, a estudos predilectos, como os historicos e philologicos, á sua cadeira de lente do Curso Superior de Lettras, de que era director, e ainda á Sociedade de Geographia de Lisboa, cuja presidencia acceitou no proposito de muito contribuir para que a benemerita instituição entrasse numa nova era de uteis e esplendidos trabalhos.

Não lhe foi consentido vêr coroada de exito a iniciativa que, como presidente da Sociedade, com tamanho alvoroço e tão apaixonado empenho tomára no anno anterior: — a d'uma aproximação ou accordo luso-brasileiro para o estreitamento mais intimo das relações entre os dois povos irmãos. Foi já no leito da morte que Consiglieri Pedroso recebeu a visita dos seus collegas da Sociedade de Geographia, que, como representantes d'esta, se encontram agora no Brasil.

Na hora d'aquellas despedidas — que deviam ser para sempre — a amargura do saudoso apartamento teve, decerto, no emtanto, a dulcificá-la a ideia de que o seu projecto de alliança internacional havia avançado um grande passo . . .

Consiglieri Pedroso, victimado pelas consequencias d'um anthraz, expirou cêrca das 10 horas e 45 minutos da noite.

Nascera em Lisboa a 10 de março de 1852, filho do dr. Zofimo Pedroso da Silva, fallecido ha poucos annos. Pelo lado materno tinha costella italiana e d'ahi o appellido Consiglieri. Frequentando ainda o

[1] [3 de Setembro de 1910].

Curso Superior de Lettras, começou a dedicar-se ao jornalismo e a trabalhos litterarios de merecimento. Em 1873 era o redactor principal d'um diario intitulado *A Republica*. Ser-se republicano nesse tempo era ainda um acto de coragem civica.

O ardor politico não apagou nem sequer arrefeceu em Consiglieri o seu vivo amor ás coisas litterarias e scientificas. O folk-lore nacional, a mytographia, e superstições populares tiveram nelle um investigador e um analysta que em publicações portuguesas e estrangeiras deixou documentos de incontestavel valor.

O seu concurso para uma cadeira no Curso Superior de Lettras, em que defendeu uma these sobre *A constituição da familia primitiva*, conquistou-lhe admirações e louvores de todo o ponto merecidos.

Os lavores historicos e litterarios succederam-se desde então, salientando-se na sua não pequena bibliographia os seguintes, entre outros:

Compendio de historia universal, *Manual de historia universal*, *Estudos de mythographia portugueza*, *Contribuições para uma mytologia popular portugueza*, *Tradições populares portuguezas*, *Contribuições para um cancioneiro e romanceiro popular portuguez*, *De quelques formes du mariage populaire en Portugal*, *Paginas dos vinte annos* (litteratura e politica), *Ensaios criticos*, *Compendio de historia dos povos orientaes*, *Evolução historica do commercio universal*, *As grandes epocas da historia universal*, *Influencia dos descobrimentos portuguezes na historia da civilização*, *Contos de fadas*.

Do mesmo passo que se absorvia no estudo da historia, Consiglieri não descurava o das linguas, paixão que o acompanhou até á morte. Conhecia todos os idiomas europeus, e as litteraturas do norte apreciava-as nos trabalhos originaes. Depois do russo, uma das ultimas linguas que estudou e que falava correntemente, familiarizara-se com o japonês.

A traducção da historia monumental de Oncken, em via de publicação, estava sendo por elle dirigida e revista, constituindo o trabalho litterario mais importante que actualmente trazia entre mãos. Redigia tambem as chronicas internacionaes do *Brasil-Portugal*.

Consiglieri Pedroso, como dissemos, madrugou para os combates em prol dos ideaes republicanos. Aos 23 annos era um dos assiduos frequentadores da Livraria Internacional, na Rua do Arsenal, foco de propaganda democratica de onde saiu uma colleção de opusculos sob o titulo de *Bibliotheca demòcratica* e que teve por director o homem notavel hontem fallecido, que nella affirmou as suas qualidades de escriptor, conceituoso na essencia e elegante no estilo.

Após o centenario de Camões, constituiram-se os republicanos em

partido politico, e entre elles Consiglieri Pedroso distinguia-se pela vivacidade do seu espirito, pela lucidez do seu talento e pelo ardor das suas convicções. A sua voz eloquente fez-se ouvir nos comicios e o seu nome tornou-se popular. Foi eleito deputado ás côrtes, onde, entrando em todas as discussões e apresentando valiosos projectos de lei, honrou nobremente o mandato que lhe conferiram. Por duas vezes Lisboa o elegeu, de 1887 a 1890. Os seus principaes discursos acham-se publicados.

Como jornalista, Consiglieri Pedroso fundou com Alves Correia, o diario da tarde intitulado *Os Debates*, que foi supprimido dias depois da revolta de 31 de janeiro de 1891, e ao qual succedeu a *Vanguarda*. Consiglieri pertenceu a antigos directorios do partido republicano e fez parte, como vereador, de uma camara municipal republicana de Lisboa.

Socio da Academia Real das Sciencias, presidente da Sociedade de Geographia e director do Curso Superior de Lettras, como já referimos, presidente da Liga Nacional de Instrucção, Consiglieri Pedroso, que muito deu do seu cerebro e do seu coração ao partido a que pertenceu sempre, nunca deixou de se affirmar um sincero democrata e de se regozijar pela assombrosa expansão dos ideaes republicanos que elle ajudou a radicar. O galhardo combatente d'outr'ora, dando repouso á actividade politica, apenas o fez quando viu que os soldados intrepidos eram muito numerosos, e que saberiam adoptar e honrar o exemplo que lhes legaram os primeiros heroicos pelejadores, em cujo numero se inscreve o nome do extincto de ontem».

(Extr. d'*O Seculo* de 4 de Setembro de 1910)

*

Consiglieri Pedroso, pelo vasto conhecimento que possuia das lingoas modernas da Europa, — romanicas, germanicas, e eslavicas, — e pela sua orientação scientifica, de mais a mais professor de Historia no Curso Superior de Lettras, estava no caso de poder ser, á hora da morte, um dos mais notaveis ethnographos da actualidade, se tivesse persistido no campo de estudos a que com tanto ardor começou a dedicar-se em 1878, ou pouco antes; mas o seu espirito, vivo e curioso, não o deixava fixar-se num ponto, como é vulgar nos Portugueses: e Pedroso, após haver dado as primeiras e bellas provas de saber e de sagacidade, deixou o *folk-lore*, e preferiu divagar, embora sempre com brilho, por outras espheras da actividade, como se viu da transcripção que acima fiz.

O seu volume de *Contos populares*, publicado ultimamente, já depois da morte, contem materiaes colhidos havia muitos annos; e a intro-

ducção é a reproducção de um dos antigos opusculos folkloricos, como no prologo se declara.

A *Revista Lusitana* não póde deixar de tomar parte no luto que cobre as letras patrias com o desapparecimento de Consiglieri Pedroso, visto que tambem o contou entre os seus mais preclaros collaboradores.

J. L. DE V.

SOUSA VITERBO

« Medico, poeta, archeologo, historiador, espirito de extrema lucidez e alma da mais cristallina transparencia, poucos tem deixado atrás de si rasto de mais honesto e valioso labor. Hontem mesmo, no proprio dia da sua morte, completava elle sessenta e tres annos, e ninguem preencheu melhor, com mais probidade, com mais escrupulo, com mais patriotismo, a sua missão na terra. Não ha um só conhecimento humano que a sua excepcional cerebração não tivesse versado.

Encyclopedico na sciencia, simples na maneira de expôr, vernaculo na concepção, classico na fórma, erudito no fundo, equilibrado no criterio, cortês na discussão, fazia parte d'essa pleiade de jornalistas e de escriptores de hontem, que cada dia rareiam mais.

Nestes ultimos annos, além da cegueira que lhe cerrára para sempre as visões mais carinhosas, o excesso do trabalho, a que se entregava ainda mais por devoção que por obrigação, aggravára-lhe outras doenças que lhe não permittiam sair de casa, e quasi apenas lhe consentiam transitar da cama para uma poltrona. Mas se a enfermidade lhe alquebrára o corpo, a alma continuava joven e ardente, enthusiastica e generosa. Ler as suas doutrinas dava-nos a illusão de que o cerebro que as concebêra, e a penna que as explanára eram de um rapaz no florir da idade, e de um crente que nenhuma contrariedade desilludira.

Francisco Márques de Sousa Viterbo nascêra no Porto a 29 de Dezembro de 1846. Passava hontem, portanto, — dia da sua morte — o seu anniversario natalicio! Oriundo de familia modesta, mas honrada, tinham-no destinado primeiro para a vida ecclesiastica. Concluiu o curso de seminario, porque o estudo para elle era o maior dos prazeres, sem que, todavia, se lhe modificasse a vocação, muito differente dos ascetismos e das exigencias theologicas. A sua aspiração constante voltava-se para os problemas da sciencia e da arte, para o que ellas possuem mais sublime, mais util e mais seductor para a humanidade. Em 1876 obtinha o seu diploma de medico pela Escola de Lisboa. Serviu por algum tempo na armada, mas ainda ahi não attingira o seu ideal,

sonho apenas esboçado de toda a sua existencia. Trocou o logar de facultativo pelo de professor de archeologia na Academia de Bellas-Artes. Alcançára o seu objectivo, e nelle se celebrizou em Portugal e no estrangeiro. Antes de entrar no campo que sempre o seduzira, estreou-se no Porto como jornalista e como poeta. Na primeira d'essas occupações era tão brilhante e pundonoroso, que as suas doutrinas fizeram escola, e morreu, como soldado na brecha, escrevendo quasi até o ultimo dia da sua existencia. Como poeta, as suas obras são sentidas, inspiradas, e revelam um estro subtil e delicado.

Não nos é possivel citar de memoria em quantos jornaes collaborou, quantos dirigiu! Era, por assim dizer o maior numero esmiuçar, das folhas periodicas, litterarias, politicas e scientificas de Lisboa e Porto.

A sua tenacidade de investigador estonteia os mais estudiosos e obstinados. Em se lhe apresentando um problema para resolver, por mais intrincado e difficil que fosse, Sousa Viterbo não o largava sem o escalpelizar, sem pôr em evidencia toda a verdade. Nesse ponto não se sabe que mais admirar, se a sua paciencia, se a sua erudição. Antes de o patentear ao publico, antes de lhe permittir que corresse mundo, exauria-o em todas as suas phases, desde a origem, da génese, até á conclusão, até o derradeiro argumento.

Em 1906 a Associação dos Architectos Civis, tendo á sua frente o presidente sr. Augusto José da Cunha, prestou a Sousa Viterbo justissima homenagem. Foi a sua casa entregar-lhe, depois da leitura de uma mensagem honrosissima, a medalha de prata que essa mesma Associação resolvêra conferir-lhe pelos serviços prestados á archeologia e á historia da architectura. A este preito associaram-se outras corporações, como a Escola das Bellas Artes, a Sociedade das Sciencias Medicas, etc.

Finou-se, desappareceu para sempre, tão alto espirito, tão illustre sabio, tão leal companheiro, extremoso e exemplar chefe de familia.

As nossas mais respeitosas e sinceras condolencias a sua amoravel esposa, a cujos extremos de dedicação ainda ante-hontem lhe ouviramos a elle fazer as mais agradecidas referencias, e áquella que foi o encanto de toda a sua vida, á sr.ª D. Sophia de Sousa Viterbo, a qual para o queridissimo morto não foi só uma filha cheia de carinhos e disvelos, mas ainda uma collaboradora prestimosissima e uma secretária, que ficará como um symbolo de inexcedivel amor filial.

*

Sousa Viterbo era socio correspondente da Academia de Sciencias de Lisboa; socio benemerito da Associação dos Archeologos Portugueses; Gabinete Port. de Leitura, de Pernambuco; Instituto de Coimbra;

Academia de Sciencias de Portugal; Sociedade Archeologica Tarragonense; Sociedade de Sciencias Medicas de Lisboa, socio e membro da commissão redactora; socio fundador da Associação dos Jornalistas e Escriptores Portugueses; da Sociedade de Geographia de Lisboa; da Sociedade Archeologica da Figueira; Association littéraire Internationale de Paris; da Real Academia de la Historia, Madrid; Academico de merito da Academia de Bellas Artes, e professor da Escola de Bellas Artes».

(Extr. do *Diario de Noticias* de 30 de Dezembro de 1910).

*

O Director da *Revista Lusitana*, fazendo suas as palavras precedentes, pois que o Dr. Sousa Viterbo collaborou por vezes, e com muita erudição, neste periodico, accrescenta que a lista das obras do illustre finado, onde ha bastantes de Ethnographia e Historia litteraria, está publicada no citado numero do *Diario de Noticias*.

J. L. DE V.

JULIO MOREIRA

Para a maioria do nosso publico, que apenas conhece os homens que na politica se distinguem pelos seus *trucs* mais ou menos engenhosos, passava Julio Moreira por um desconhecido, não assim para a pequena minoria que entre nós presta culto á sciencia; essa devotava-lhe o preito a que o seu saber e vasta erudição davam jus.

Contando apenas 54 annos, e portanto quando muito havia ainda a esperar da sua robusta intelligencia, finou-se no Porto ha pouco o distinto professor que, ao mesmo tempo que honrou a sciencia, illustrou a classe do magisterio de que foi brilhante ornamento.

Dum desejo insaciavel de saber, não contente com possuir as principais linguas vivas, o francês, o inglês e o allemão, deu-se Julio Moreira tambem ao estudo dos idiomas semiticos, em especial o arabe, em que chegou a obter segura competencia. As linguas mortas tambem o attrairam sobremaneira; na predilecção que votava ao latim e do profundo conhecimento que d'elle alcançára são testemunho bem evidente as edições que nos deixou de Cesar, Nepos e Vergilio. Tomando por norma os melhores trabalhos publicados lá fóra, onde se presta aos estudos classicos verdadeira attenção, e orientando-se pelos mais aperfeiçoados methodos de ensino, Julio Moreira não só nos deu daquelles

autores o texto mais cuidado, estabelecido pela critica moderna, mas tambem acompanhou-o de um commentario no qual, soccorrendo-se do que ha melhor publicado em França e principalmente na Allemanha, esclarece os passos que ao estudioso poderião offerecer duvidas e embaraços de interpretação, chegando o seu escrupulo, quando a phrase se pode prestar a mais de uma interpretação, a ponto tal que enumera ao lado as mais universalmente seguidas. E ainda para com maior facilidade tornar accessivel ao estudante a complicada e difficil syntaxe latina, fazendo-o pelo exemplo penetrar no labyrintho das suas multiplas regras, sempre que o ensejo se lhe offerece, remette para o respectivo lugar da optima Grammatica Latina de Madvig que o abalisado professor snr. Epiphanio Dias verteu ha annos para português, no louvavel intento, infelizmente sem grande exito, de reformar entre nós o ensino do latim. Emfim, nada do que possa esclarecer o texto, quer no que toca a factos mythologicos ou historicos, quer no que diz respeito a usos e costumes, Julio Moreira omittiu nas suas edições escolares daquelles escriptores, facultando d'este modo aos que com a segurança desejão interpretar aquelles autores um auxiliar imprescindivel e não inferior ao que sobre o assunto existe mais valioso no estrangeiro.

Na mesma orientação publicou tambem uma excellente Grammatica Inglesa, que conta já seis edições, e foi officialmente adoptada para o ensino desta lingua.

Mas não foram só as linguas estranhas que o attrahiram, a lingua patria tambem lhe mereceu attenção especial. Perfeitamente a par dos modernos processos, e em dia com as acquisições da philologia, os seus estudos sobre o português revelão-nos em Julio Moreira um conhecedor profundo da lingua nos seus mais reconditos segredos e nas suas phases archaica e moderna e feições popular e erudita, para o que sem duvida contribuiu não só o conhecimento dos escriptores antigos e modernos, mas tambem a observação escrupulosa do fallar do povo, o que tudo nos mostra o seu magnifico livro *Estudos da lingua portuguesa* de que já aqui (vol. XI, pag. 356) o snr. Alvaro de Azeredo fez uma apreciação critica, e no qual reuniu alguns artigos publicados em revistas de especialidade, como esta.

Desde muito novo que o seu espirito investigador, especialmente no que concerne á lingua patria, se revelou, pois logo no primeiro anno da *Revista Lusitana* figura o nome do estudioso professor a assinar artigos sobre *etymologias, prolepse phonetica* e *notas de ethnologia*. Desde então quasi não ha volume em que não appareção estudos seus nos quaes sob o modesto titulo de *Notas philologicas* versa com mão de mestre alguns dos muitos e variados problemas que sugere o estudo da lingua.

Propunha-se o indefesso estudioso continuar os seus *Estudos de lingua portuguesa*, e para isso, segundo nos consta, tinha accumulado materiaes apreciaveis; com um zelo muito digno de louvor, já para com a memoria do illustre finado, já pela utilidade que de ahi advirá de certo aos que se entregão a estes assuntos, os seus herdeiros encarregaram de os rever, e prepara-los para o prelo, o snr. dr. Leite de Vasconcellos. Ninguem mais competente, pela muita amizade que votava ao fallecido e pelos conhecimentos especiaes que tem da materia. Aguardamos, pois, com legitima ansiedade a publicação dos escritos que deixou, na esperança, que de certo não será illudida, de ahi colhermos novos ensinamentos, e na illusão de que o seu espirito continua ainda ao lado dos que em vida como nós, souberam aprecia-lo no seu devido merecimento.

J. J. NUNES.





INDICE DO VOL. XIV

ARTIGOS DESENVOLVIDOS:

[1] Por erro typographico o artigo sahiu assignado por «João Manoel Correia» em vez de o ser por «Joaquim Manoel Correia». Pedimos desculpa ao nosso illustre collaborador.

MISCELLANEA:

CHRONICA:

BIBLIOGRAPHIA:

Livros:

Periodicos:

Varia qvaedam:

NECROLOGIA: